deus

não é Grande

como a religião envenena tudo

Christopher Hitchens

BEST-SELLER DO *THE NEW YORK TIMES*
MAIS DE 300 MIL EXEMPLARES VENDIDOS

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.site*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

deus

não é

Grande

God is not Great

como a religião envenena tudo

Christopher Hitchens

Tradução de:
Alexandre Martins

Ediouro

Para Ian McEwan.
Em serena lembrança de *La Refulgencia*

Ó, enfadonha condição da humanidade,
Nascida sob uma lei, a outra presa,
Vaidosamente gerada, apesar da vaidade proibida,
Criada doente, ordenada a ser sadia.

Fulke Greville, *Mustapha*

E vocês acham que a tipos como vocês
Um bando caprichoso, faminto, fanático
Deus deu um segredo e o negou a mim?
Bem, bem o que importa? Acreditem nisso também!

Omar Khayyam, *Rubaiyat*

Em paz eles morrerão, em paz irão expirar em nosso nome, e além-túmulo encontrarão apenas a morte. Mas guardaremos o segredo, e para sua própria felicidade os seduziremos com uma recompensa celestial e eterna.

O Grande Inquisidor a seu "Salvador" em Dostoievski, *Os irmãos Karamázov*

Sumário

Agradecimentos

1. Pegando Leve
2. Religião mata
3. Breve digressão sobre o porco; ou por que o céu odeia presunto
4. Uma nota sobre a saúde, à qual a religião pode ser prejudicial
5. As alegações metafísicas da religião são falsas
6. Argumentos do projeto
7. Revelação: o pesadelo do "Velho" Testamento
8. O "Novo" Testamento supera a maldade do "Velho"
9. O Corão parte dos mitos judaicos e cristão
10. O falso brilho dos milagres e o declínio do inferno
11. "A marca de sua origem inferior": o começo corrompido da religião
12. Coda: como as religiões acabam
13. A religião faz as pessoas se comportarem melhor?
14. Não há uma solução "oriental"
15. A religião como pecado original
16. A religião é abuso infantil?
17. Uma objeção antecipada: o "argumento" desesperado contra o secularismo
18. Uma tradição melhor: a resistência do racional
19. Para concluir: a necessidade de um novo Iluminismo

Referências Bibliográficas
O Autor
Créditos

Agradecimentos

Eu tenho escrito este livro a minha vida inteira, e pretendo continuar a fazê-lo mas teria sido impossível produzir esta versão sem a extraordinária colaboração entre agente e editor — quero dizer, entre Steve Wasserman e Jonathan Karp. Todos os autores merecem ter amigos e aliados tão cuidadosos e cultos. Também merecem ter agentes tão astutos e determinados quanto Windsor Mann.

Meu velho amigo de escola Michael Prest foi a primeira pessoa a deixar claro para mim que, embora as autoridades pudessem nos obrigar a ir às orações, não podiam nos forçar a orar. Sempre me lembrarei de sua postura ereta enquanto outros hipocritamente se ajoelhavam ou curvavam, e também do dia em que decidi me juntar a ele. Todas as posturas de submissão e rendição devem ser parte de nossa pré-história.

Eu tive a sorte de ter muitos tutores morais, formais e informais, muitos dos quais tiveram de passar por um considerável julgamento moral e demonstrar grande coragem para romper a fé de suas tribos. Alguns deles ainda correrão alguns riscos se eu os identificar, mas tenho de reconhecer minha dívida com o dr. Israel Shahak, que me apresentou Spinoza; Salman Rushdie, que bravamente de monstrou razão, humor e linguagem em uma época muito negra; Ibn Warraq e Irfan Khawaja, que também sabem qual é o preço do bilhete; e o dr. Michael Shermer perfeito modelo do cristão fundamentalista reformado e recuperado. Dentre os muitos outros que mostraram que vida, inteligência e questionamento começam exatamente no ponto em que a fé termina, devo saudar Penn e Teller, além do impressionante caçador de farsantes e mitos James Randi (o Houdini de nossa época), e Tom Flynn, Andrea Szalanski e todo o resto da equipe da revista *Free Inquiry*. Jennifer Michael Hecht me deixou em grande dívida ao me enviar um exemplar de seu extraordinário *Dúvida uma história*.

A todos aqueles que eu não conheço e que vivem em mundos nos quais a

superstição e a barbárie ainda dominam, e em cujas mãos eu espero que este livrinho possa cair, ofereço o encorajamento modesto de uma sabedoria mais antiga. Na verdade é isto, e não uma pregação arrogante, que o redemoinho nos trás: *Die Stimme der Vernunft ist leise*. Sim, "A voz da razão é suave". *Mas é muito persistente.* Nisso, e nas vidas e nas mentes de combatentes conhecidos e desconhecidos, depositamos nossas grandes esperanças.

Durante muitos anos estudei essas questões com Ian McEwan, cuja obra de ficção demonstra uma extraordinária capacidade de elucidar o numinoso sem qualquer concessão ao sobrenatural. Ele sutilmente demonstrou que o natural é suficientemente espantoso para qualquer um. Foi em conversas com lan, primeiramente naquela remota costa uruguaia em que Darwin tão corajosamente desembarcou e coletou amostras e depois em Manhattan, que senti este ensaio começar a brotar. Tenho muito orgulho de ter pedido e recebido sua autorização de dedicar a ele as páginas seguintes.

1. Pegando leve

Se o pretenso leitor deste livro quiser ir além de sua discordância com seu autor e tentar identificar os pecados e as deformações que o levaram a escrevê-lo (e eu certamente percebi que aqueles que defendem publicamente a caridade, a compaixão e o perdão frequentemente tendem a seguir esse caminho), estará não apenas discutindo com o criador desconhecido e inefável que supostamente escolheu me fazer assim. Também estará profanando a memória de uma mulher boa, sincera e simples, de fé sólida e decente, chamada sra. Jean Watts.

A missão da sra. Watts, quando eu era um garoto de cerca de 9 anos e frequentava a escola na periferia de Dartmoor, no sudoeste da Inglaterra, era me dar aulas sobre a natureza e também sobre as Escrituras. Ela levava meus colegas e a mim para caminhadas em uma região especialmente adorável de meu belo país natal e nos ensinava a distinguir os diferentes pássaros, árvores e plantas uns dos outros. A variedade impressionante encontrada em uma sebe; a maravilha de um punhado de ovos descoberto em um ninho intrincado; a forma como, quando as urtigas irritavam suas pernas (nós tínhamos de usar bermudas), havia à mão uma suavizante folha de labaça: tudo isso ficou na minha cabeça, assim como o "museu do guarda-florestal", onde os camponeses expunham cadáveres de ratos, doninhas e outros animais nocivos e predadores, supostamente fornecidos por uma divindade menos gentil. Se você ler os eternos poemas rurais de John Clare, vai captar a ideia que eu estou tentando transmitir.

Em aulas posteriores nós recebíamos uma folha de papel impressa intitulada "Busque as Escrituras", que era enviada para a escola por qualquer que fosse a autoridade nacional que supervisionava o ensino de religião. (Isso, juntamente com as orações diárias, era obrigatório e cobrado pelo Estado.) A folha continha um único versículo do Velho ou do Novo Testamento, e a tarefa era olhar a folha e depois contar à turma ou à professora, oralmente ou por escrito, qual era a história e a moral. Eu costumava adorar o exercício, e era muito bom nele, de modo que (como Bertie Wooster) frequentemente era o "melhor" da turma de Escrituras. Foi minha primeira experiência com crítica prática e literária. Eu lia

todos os capítulos que levavam àquele versículo, e todos os que se seguiam a ele, para estar certo de que tinha chegado ao "ponto" do mistério original. Eu ainda consigo fazer isso, para grande aborrecimento de alguns de meus inimigos, e ainda tenho respeito por aqueles cujo estilo é algumas vezes desprezado como sendo "meramente" talmúdico, corânico ou "fundamentalista". E um exercício mental e literário bom e necessário.

Mas chegou o dia em que a pobre sra. Watts se superou. Tentando ambiciosamente fundir seus dois papéis — de instrutora da natureza e professora da Bíblia —, ela disse: "Então vocês veem, crianças, quão poderoso e generoso é Deus. Ele fez todas as árvores e a grama verdes, que é exatamente a cor mais repousante a nossos olhos. Imaginem se em vez disso toda a vegetação fosse roxa ou laranja, como seria horrível."

Agora, vejam o que aquela velha idiota devota tinha tentado. Eu gostava da sra Watts: ela era uma afetuosa viúva sem filhos que tinha um velho *sheepdog* amistoso batizado de Rover e nos convidava para lanches depois da escola em sua velha casa meio arruinada perto da linha do trem. Se Satanás a escolheu para me levar ao erro, ele era muito mais inventivo do que a cobra insinuante do Jardim do Éden. Ela nunca ergueu a voz ou foi violenta — o que não pode ser dito de todos os meus professores — e, em geral, era uma daquelas pessoas cujo túmulo está em *Middlemarch*(1), das quais se pode dizer que, se "as coisas não estão tão ruins entre mim e você como poderiam estar", isso "em parte se deve ao número dos que levaram fielmente uma vida oculta e repousam em túmulos não visitados".

Contudo, fiquei sinceramente horrorizado com o que ela disse. Minhas pequenas sandálias presas nos tornozelos se contorceram de constrangimento por ela. Aos 9 anos de idade eu ainda não tinha uma concepção do conceito do projeto inteligente, ou da evolução darwiniana em oposição a ele, ou da relação entre fotossíntese e clorofila. Na época o segredos do genoma estavam tão escondidos de mim quanto de todos os outros. Eu ainda não tinha visitado cenas da natureza em que praticamente tudo era hediondamente indiferente ou hostil à vida humana, quando não à própria vida. Eu simplesmente sabia, quase como se tivesse acesso privilegiado a uma autoridade superior, que minha professora tinha conseguido estragar tudo com apenas duas frases. Os olhos dela estavam ajustados à natureza, não o contrário.

Não vou fingir que me lembro de tudo perfeitamente, ou em sequência, depois dessa epifania, mas em um tempo relativamente curto eu também comecei a perceber outras esquisitices. Se Deus era o criador de todas as coisas,

por que deveríamos "louvá-lo" de forma incessante por fazer o que para ele tinha sido tão natural? Isso, além de qualquer outra coisa, parecia servil. Se Jesus podia curar um cego que tinha conhecido, por que não podia curar a cegueira? O que havia de maravilhoso em expulsar demônios para que eles pudessem entrar em um rebanho de porcos? Aquilo parecia sinistro: parecia mais magia negra. Apesar de todas aquelas orações constantes, por que não havia resultados? Por que eu deveria continuar a dizer publicamente que era um miserável pecador? Por que o tema do sexo era considerado tão venenoso? Desde então eu descobri que essas objeções vacilantes e pueris eram extremamente comuns, em parte porque nenhuma religião consegue oferecer uma resposta satisfatória a elas. Mas também se apresentou uma outra, ainda maior. (Eu digo "se apresentou" em vez de "ocorreu a mim" porque essas objeções são, além de insuperáveis, inescapáveis.) O diretor, que conduzia os serviços religiosos e as orações diárias e tomava conta do Livro, era um sádico e um homossexual enrustido (que desde então eu perdoei porque ele despertou meu interesse por história e me emprestou meu primeiro exemplar de P. G. Wodehouse), e certa noite falou uma coisa absurda. "Talvez vocês não vejam sentido em toda essa fé hoje", disse ele, "mas verão um dia, quando começarem a perder entes queridos". Mais uma vez eu experimentei uma pontada de pura indignação, bem como de descrença. Isso era como dizer que a religião podia não ser verdade, mas não ligue, pois era possível contar com ela para conseguir consolo. Quão desprezível. Eu tinha então quase 13 anos e estava me tornando um intelectualzinho insuportável. Eu nunca tinha ouvido falar em Sigmund Freud — embora ele pudesse ter sido muito útil a mim para compreender o diretor —, mas eu tinha acabado de ter um vislumbre de seu ensaio *O futuro de uma ilusão*.

Estou infligindo tudo isso a vocês porque não sou daqueles cuja possibilidade de uma crença sólida foi destruída por abuso infantil ou doutrinação violenta. Eu sei que milhões de seres humanos tiveram de suportar essas coisas e não acho que as religiões possam ou devam ser absolvidas por terem imposto tais sofrimentos. (No passado recente nós vimos a Igreja de Roma desonrada por sua cumplicidade com o pecado imperdoável do estupro de crianças, ou como poderia ser dito, "nenhuma retaguarda preservada".) Mas outras organizações não-religiosas cometeram crimes semelhantes ou ainda piores.

Permanecem quatro objeções irredutíveis à fé religiosa: (1) ela representa de forma inteiramente equivocada a origem do homem e do cosmos; (2) por causa de seu erro original ela consegue combinar o máximo de servidão com o máximo de solipsismo; (3) ela é ao mesmo tempo resultado e causa de uma perigosa

repressão sexual; (4) e ela, em suma, se baseia em pensamento positivo.

Não acho que seja arrogância minha dizer que já tinha descoberto essas quatro objeções (assim como percebido o fato mais vulgar e óbvio de que a religião é utilizada por aqueles em postos temporais para adquirir autoridade) antes de mudar de voz. Eu tenho a certeza moral de que milhões de outras pessoas chegaram a conclusões semelhantes basicamente da mesma forma, e em dezenas de países diferentes. Muitas delas nunca acreditaram, e muitas delas abandonaram a fé depois de uma luta difícil. Algumas delas tiveram ofuscantes momentos de falta de convicção que foram tão instantâneos, embora talvez menos epiléticos e apocalípticos (e posteriormente mais racional e moralmente justificados), quanto o de Saulo de Tarso na estrada para Damasco. E esse é o ponto — sobre mim e os que pensam como eu. Nossa crença não é uma crença. Nossos princípios não são uma fé. Nós não nos baseamos unicamente na ciência e na razão, porque esses são fatores mais necessários que suficientes, mas desconfiamos de tudo o que contradiga a ciência ou afronte a razão. Podemos diferir em muitas coisas, mas respeitamos a livre investigação, a mente aberta e a busca do valor das ideias. Não sustentamos nossas convicções de forma dogmática: a divergência entre o professor Stephen Jay Gould e o professor Richard Dawkins acerca da "evolução pontual" e das lacunas na teoria pós-darwinista é bastante grande e igualmente profunda, mas iremos solucioná-la com base nas provas e no raciocínio, não por excomunhão mútua. (Minha própria irritação com os professores Dawkins e Daniel Dennett por causa de sua proposta aviltante de que os ateus deveriam afetadamente chamar a si mesmos de "brilhantes" é parte de uma longa discussão.) Não somos imunes à sedução do encanto, do mistério e do assombro: temos arte e achamos que os sérios dilemas éticos são mais bem abordados por Shakespeare, Tolstoi, Schiller, Dostoievski e George Eliot do que pelas histórias morais míticas dos livros sagrados. É a literatura, e não as Escrituras, que sustenta a mente e — como não há outra metáfora — também a alma. Não acreditamos em céu ou inferno, mas nenhuma estatística irá revelar que sem essas promessas e ameaças nós cometemos menos crimes de ganância e violência que os fiéis. (Na verdade, caso pudesse ser feita uma correta pesquisa estatística, tenho certeza de que ela indicaria o contrário.) Estamos resignados a viver apenas uma vez, a não ser por intermédio de nossos filhos, para os quais estamos muito felizes de perceber que devemos abrir caminho e ceder lugar. Nós especulamos que seria pelo menos possível que, assim que as pessoas aceitassem o fato de que suas vidas são curtas e duras, se comportassem melhor com os outros, e não pior. Acreditamos com grande dose

de certeza que é possível levar uma vida ética sem religião. E acreditamos devido a um fato que o corolário demonstra ser verdade — que a religião fez com que incontáveis pessoas não apenas não se comportassem melhor do que outras, mas concedeu a elas a permissão de se comportarem de modos que fariam ruborizar um proxeneta ou um defensor da limpeza étnica.

Talvez ainda mais importante seja que nós, infiéis, não precisamos de qualquer mecanismo. Somos os que Blaise Pascal levou em conta quando escreveu àquele que diz: "Sou de tal forma que mal posso acreditar." Na aldeia de Montaillou, durante as perseguições medievais, os inquisidores pediram que uma mulher dissesse de quem tinha tirado suas dúvidas heréticas sobre inferno e ressurreição. Ela deveria saber que corria o terrível perigo de uma morte lenta nas mãos dos devotos, mas respondeu que não as tinha tirado de ninguém, e sim chegado a elas por conta própria. (Você frequentemente ouve os crentes louvarem a simplicidade de seu rebanho, mas não no caso dessas espontâneas e conscientes sanidade e lucidez, cujos autores foram reprimidos e queimados em número maior do que somos capazes de imaginar).

Não temos a necessidade de nos reunir todos os dias, ou a cada sete dias, ou em qualquer dia elevado e auspicioso, para proclamar nossa retidão ou rastejar e chafurdar em nossa miséria. Nós, ateus, não precisamos de sacerdotes, ou de alguma hierarquia deles, para policiar nossa doutrina. Sacrifícios e cerimônias são abomináveis para nós, assim como relíquias e a adoração de qualquer imagem ou objeto (inclusive na forma de uma das mais úteis inovações do homem: o livro encadernado). Para nós, nenhum ponto da Terra é ou pode ser "mais sagrado" que outro, ao absurdo ostentatório da peregrinação ou ao absoluto horror de matar civis em nome de algum muro, gruta, templo ou pedra sagrados, contrapomos uma caminhada relaxada ou apressada de um lado da biblioteca ou da galeria ao outro, ou um almoço com um amigo agradável, em busca de verdade ou beleza. Algumas dessas excursões à prateleira, ao restaurante ou à galeria obviamente irão, se forem sérias, nos colocar em contato com crença e crentes, dos grandes pintores e compositores devocionais às obras de Agostinho, Aquino, Maimônides e Newman. Esses grandes estudiosos podem ter escrito muitas coisas maldosas ou muitas coisas tolas, e ter pateticamente ignorado a teoria dos germes para a doença ou a posição do globo terrestre no sistema solar, quanto mais no universo, e essa é a simples razão pela qual não há mais deles hoje, e por que não haverá mais deles amanhã. A religião disse suas últimas palavras inteligíveis, nobres ou inspiradoras há muito tempo: ou isso ou se transformou em um humanismo admirável mas nebuloso como no caso,

digamos, de Dietrich Bonhoeffer, um bravo pastor luterano enforcado pelos nazistas por se recusar a colaborar com eles. Não teremos mais os profetas ou os sábios do passado, e é por isso que as devoções hoje não passam de ecos de ontem, algumas vezes transformados em gritos para disfarçar o terrível vazio.

Embora alguma apologia religiosa seja magnífica em sua forma limitada, poder-se-ia citar Pascal — e alguma dela seja lúgubre e absurda — não podemos deixar de apontar C. S. Lewis —, os dois estilos têm algo em comum, especificamente a impressionante carga de tensão que precisam suportar. Quanto esforço é necessário para afirmar o inacreditável! Os astecas tinham de abrir uma cavidade peitoral humana todo dia simplesmente para garantir que o sol iria nascer. Monoteístas devem importunar sua divindade mais vezes que isso, pois talvez ela seja surda. Quanta vaidade precisa ser dissimulada — sem grande eficácia — de modo a fingir que alguém é o objeto pessoal de um plano divino? Quanto amor-próprio precisa ser sacrificado para que alguém possa sofrer continuamente na consciência do próprio pecado? Quantas suposições inúteis são precisas e quanta ginástica é necessária para receber cada nova descoberta da ciência e manipulá-la de modo que se ajuste às palavras reveladas de antigas divindades criadas pelo homem? Quantos santos, milagres, concílios e conclaves são necessários para que primeiramente seja possível estabelecer um dogma e depois — após infinita dor, perda, absurdo e crueldade — seja necessário abandoná-lo? Deus não criou o homem à sua imagem. Evidentemente foi o contrário, e essa é a explicação para a profusão de deuses e religiões e o fratricídio entre religiões e no interior delas que vemos ao nosso redor e que tanto têm adiado o desenvolvimento da civilização.

Atrocidades religiosas passadas e presentes acontecerão não porque somos maus mas pelo fato de a espécie humana ser, biologicamente, apenas parcialmente racional — o que é um fato da natureza. A evolução determinou que nossos lobos pré-frontais sejam pequenos demais, nossas glândulas suprarrenais grandes demais e nossos órgãos reprodutivos aparentemente projetados por uma comissão; uma receita que, isolada ou combinada, certamente leva a alguma infelicidade e desordem. Mas que diferença quando colocamos de lado os crentes esforçados e pegamos o trabalho não menos árduo de, digamos, um Darwin, um Hawking ou um Crick. Esses homens são mais iluminados quando estão errados, ou quando revelam suas inevitáveis tendenciosidades, que qualquer pessoa de fé falsamente modesta tentando em vão produzir a quadratura do círculo e explicar como ela, uma mera criatura do Criador, poderia saber o que o Criador pretende. Nem todos concordamos em

questões estéticas, mas nós, humanistas seculares, ateus e agnósticos, não desejamos privar a humanidade de suas maravilhas e de seus consolos. De modo algum. Se você dedicar algum tempo para estudar as impressionantes fotografias tiradas pelo telescópio Hubble, estará investigando coisas que são muito mais espantosas, misteriosas e belas — e mais caóticas, esmagadoras e proibitivas — do que qualquer história da criação ou do "final dos tempos". Se você ler Hawking sobre o "horizonte de eventos", aquela teórica borda do "buraco negro" sobre a qual seria possível se debruçar e ver o passado e o futuro (a não ser pelo fato de que não se teria, lamentavelmente e por definição, "tempo" suficiente), ficarei surpreso se você ainda se interessar por Moisés e seu pouco interessante "arbusto em chamas". Se você estudar a beleza e a simetria da dupla hélice e tiver seu próprio genoma completamente analisado, ficará impressionado de que tal fenômeno quase perfeito esteja no cerne do seu ser e verá reafirmado (espero) que você tem muito em comum com outras tribos da espécie humana — com "raça" tendo ido para a lixeira juntamente com a "criação" —, e ainda mais fascinado ao descobrir o quanto você também é parte do reino animal. Agora você pelo menos pode ser adequadamente humilde face a seu criador, que se revela não um "quem", e sim um processo de mutação com muito mais elementos aleatórios do que nossa vaidade gostaria. Isso já é mistério e maravilha suficientes para qualquer mamífero: a pessoa mais educada do mundo agora tem de admitir — eu *não* quero dizer confessar — que sabe cada vez menos, mas pelo menos sabe cada vez menos sobre cada vez mais.

Como consolo, já que as pessoas religiosas frequentemente insistem em que a fé atende a essa suposta necessidade, eu digo simplesmente que aqueles que oferecem falso consolo são falsos amigos. De qualquer modo, os críticos da religião não simplesmente negam que ela tenha um efeito analgésico. Em vez disso, eles fazem um alerta contra o placebo e a garrafa de água colorida. Provavelmente a mais popular citação equivocada dos tempos modernos — certamente a mais popular nesta discussão — é a afirmação de que Marx descartou a religião como sendo "o ópio do povo". Ao contrário, esse filho de uma linhagem rabínica levava muito a sério a crença, e escreveu assim em sua contribuição à *Critica da filosofia do direito de Hegel*:

> A inquietação religiosa é ao mesmo tempo expressão de inquietação real e o protesto contra a inquietação real. A religião é o suspiro da criatura oprimida, o coração de um mundo sem coração, assim como é o alento de uma situação desalentada. É o ópio do povo.
> A abolição da religião como felicidade ilusória do povo é necessária para sua felicidade real. A necessidade de abrir mão das ilusões sobre sua condição é a necessidade de abrir mão de uma condição que precisa de ilusões. A crítica da religião, portanto, está no cerne da crítica ao adeus

> aos sofrimentos, cujo halo é a religião. A crítica retirou as flores imaginárias da corrente não para que o homem use a corrente sem fantasia ou consolo, mas para que ele se livre da corrente e colha a flor viva.

Assim, a famosa citação equivocada não é tanto uma "citação equivocada", e sim uma tentativa muito grosseira de distorcer o argumento filosófico contra a religião. Aqueles que acreditaram que os padres, os rabinos e os imãs contam a eles sobre o que os não crentes pensam e sobre como eles pensam, terão outras dessas surpresas a partir de agora. Eles provavelmente passarão a desacreditar do que é dito a eles — ou passarão a não "ter fé", que é o problema inicial.

Marx e Freud, é preciso admitir, não eram médicos ou profissionais de ciências exatas. É melhor vê-los como grandes e falíveis ensaístas criativos. Em outras palavras, quando o universo intelectual se modifica, não sou suficientemente arrogante para me eximir de autocrítica. E fico contente em pensar que algumas contradições continuarão contraditórias, alguns problemas nunca serão solucionados pelo equipamento mamífero do córtex cerebral humano e algumas coisas são indefinidamente não passíveis de conhecimento. Se o universo se revelar finito ou infinito, qualquer das descobertas será igualmente paralisante e impenetrável para mim. E, embora tenha conhecido muitas pessoas mais sábias e mais inteligentes que eu, não conheço ninguém que seja sábio e inteligente o bastante para dizer o contrário.

Assim, a crítica mais suave à religião também é a mais radical e devastadora. A religião é criação do homem. Mesmo os homens que a criaram não conseguem concordar sobre o que seus profetas, seus redentores ou seus gurus realmente disseram ou fizeram. Muito menos podem esperar nos explicar o "significado" de descobertas e desenvolvimentos posteriores que foram, quando de seu surgimento, obstruídos por suas religiões ou denunciados por elas. E ainda assim os crentes insistem em alegar que sabem! Não apenas sabem, sabem *tudo*. Não apenas sabem que Deus existe e que criou e supervisionou toda a empreitada, mas também sabem o que "ele" exige de nós — de nossa dieta a nossas obrigações, passando por nossa moral sexual. Em outras palavras, em uma vasta e complicada discussão na qual sabemos cada vez mais sobre cada vez menos, mas ainda podemos esperar por alguma luz durante o processo, uma das facções — ela mesma composta de facções mutuamente rivais — tem a enorme arrogância de nos dizer que já temos todas as informações de que necessitamos. Tal estupidez, combinada com tal vaidade, deveria ser, por si, suficiente para excluir a "crença" do debate. A pessoa que tem certeza, e que alega mandato divino para sua certeza, pertence à infância de nossa espécie. Pode ser uma

despedida demorada, mas ela começou e, como todas as despedidas não deve ser adiada.

Eu acredito que se você me conhecesse não necessariamente saberia que este é o meu ponto de vista. Eu provavelmente passei mais tempo com amigos religiosos do que de outro tipo. Esses amigos frequentemente me irritam dizendo que eu sou um "*seeker*" [2], o que eu não sou, ou pelo menos não do modo como eles pensam. Se eu voltasse a Devon, onde fica o túmulo não visitado da sra. Watts, certamente me veria sentado silenciosamente no fundo de alguma velha igreja celta ou saxônica. (O adorável poema de Philip Larkin, "*Church-going*", é um retrato perfeito de minha própria postura.) Escrevi um livro sobre George Orwell, que poderia ter sido meu herói se eu tivesse heróis, e fiquei incomodado com sua insensibilidade para com o incêndio de igrejas na Catalunha em 1936. Sófocles mostrou, muito antes da ascensão do monoteísmo, que Antígona falou pela humanidade em sua reação à dessacralização. Eu deixo a cargo dos fiéis queimar as igrejas, as mesquitas e as sinagogas uns dos outros, algo que sempre podemos confiar que eles farão. Quando eu vou à mesquita, tiro meus sapatos. Quando eu vou à sinagoga, cubro minha cabeça. Eu certa vez segui até mesmo a etiqueta de um *ashram* na Índia, embora tenha sido um suplício para mim. Meus pais não tentaram impor nenhuma religião: eu provavelmente fui feliz por ter um pai que não apreciava particularmente sua rígida criação batista/calvinista e uma mãe que preferia a assimilação ao judaísmo de seus antepassados. Eu hoje conheço o suficiente sobre todas as religiões para saber que sempre seria um infiel em todas as épocas e em todos os lugares, mas meu ateísmo particular é um ateísmo protestante. É da esplêndida liturgia da Bíblia do rei James e do livro de orações de Cranmer — liturgia que a tola Igreja da Inglaterra negligentemente descartou — que eu discordo em primeiro lugar. Quando meu pai morreu e foi enterrado em uma capela debruçada sobre Portsmouth — a mesma capela na qual o general Eisenhower rezou pelo sucesso na noite anterior ao Dia D, em 1944 — eu falei do púlpito e escolhi como texto um versículo da Epístola de Saulo de Tarso (mais tarde chamado de "São Paulo") aos Filipenses (capítulo 4, versículo 8):

> Finalmente, irmãos, ocupai-vos de tudo o que é verdadeiro, nobre, justo, puro, amável, honroso, virtuoso ou que de qualquer modo mereça louvor.

Eu o escolhi por causa de seu caráter obsessivo e ardiloso — que estará comigo na hora final —, por sua injunção essencialmente secular e porque ele se destacou na terra arrasada de conversa fiada, queixas, absurdo e intimidação que

o cerca.

O questionamento da fé é a base e a origem de todos os questionamentos, porque é o começo — mas não o fim — de todas as discussões sobre filosofia, ciência, história e natureza humana. É também o começo — mas de modo algum o fim — de todos os debates sobre a vida boa e a cidade justa. A fé religiosa é, exatamente *porque* somos criaturas em evolução, não-erradicável. Ela nunca morrerá, ou pelo menos não enquanto não superarmos nosso medo da morte, do escuro, do desconhecido e dos outros. Por essa razão eu não a proibiria, mesmo se pudesse. Muita generosidade de minha parte, você poderia dizer. Mas os religiosos seriam tão indulgentes comigo? Pergunto isso porque há uma verdadeira e séria diferença entre mim e meus amigos religiosos, e os amigos reais e sérios são suficientemente honestos para admiti-la. Eu ficaria bastante contente de ir aos *bnei mitzvah* de seus filhos, de me encantar com suas catedrais góticas, de "respeitar" sua crença em que o Corão foi ditado, embora exclusivamente em árabe, a um profeta analfabeto, ou de me interessar por lenitivos wicca, hindu e jainistas. E continuaria a fazer isso sem insistir na educada condição recíproca — que é *que eles por sua vez me deixem em paz*. Mas isso a religião é absolutamente incapaz de fazer. Enquanto eu escrevo estas palavras e enquanto você as lê, pessoas de fé estão, de suas diferentes formas, planejando a sua e a minha destruição, e a destruição de todas as difíceis conquistas humanas que me cercam. A religião envenena tudo.

---

(1) Cidade fictícia do romance de mesmo nome, de autoria de George Eliot, pseudônimo de Mary Ann Evans (1819-1880). (N. do E.)

(2) Grupo religioso dissidente do protestantismo que surgiu na Inglaterra do século XVII e que é tido como antecessor dos Quacres. Os seekers consideravam corruptas todas as organizações religiosas da época. (N. do E.)

2. Religião mata

> Sua aversão à religião, no sentido que o termo normalmente tem, era do mesmo tipo daquele de Lucrécio: ele a via com a sensação de que era não uma mera fraude mental, mas um grande mal moral. Ele a via como o maior inimigo da moralidade: primeiramente, por estabelecer padrões artificiais — crença em credos, sentimentos devocionais e cerimônias não ligados ao bom do homem — e determinar que estes fossem aceitos como substitutos para a verdadeira virtude; mas acima de tudo, por viciar de forma radical o padrão moral; isso consiste em fazer as vontades de um ser com o qual esbanja todas as frases de louvor, mas que na verdade ela retrata como sendo eminentemente odioso.
>
> John Stuart Mill sobre seu pai, em *Autobiografia*

> *Tantum religio potuit suadere malorum.*
> (A tais alturas do mal os homens são levados pela religião.)
>
> Lucrécio, *Sobre a natureza das coisas*

Imagine que você pode realizar um feito do qual eu sou incapaz. Imagine, em outras palavras, que você pode criar a imagem de um criador infinitamente bondoso e todo-poderoso, que o concebeu, depois o fez e moldou, o colocou no mundo que ele tinha feito para você e agora o supervisiona e cuida de você mesmo quando você está dormindo. Imagine ainda mais: que se você seguir as regras e os mandamentos que ele amorosamente estabeleceu, irá se qualificar para uma eternidade de bem-aventurança e tranquilidade. Não digo que invejo sua crença (pois para mim soa como desejar uma forma horrível de ditadura benevolente e imutável), mas tenho uma pergunta sincera. Por que tal crença não deixa felizes os que nela creem? Deve parecer a eles que estão de posse de um segredo maravilhoso, do tipo que podem a ele se aferrar mesmo nos momentos de extrema adversidade.

Superficialmente, algumas vezes esse parece ser o caso. Eu fui a serviços

evangélicos, em comunidades negras e brancas, em que todo o acontecimento era um longo brado de exaltação sobre ser salvo, amado e assim por diante. Muitas cerimônias, em todas as denominações e entre quase todos os pagãos, são projetadas exatamente para evocar celebração e festa comunal, e é exatamente por isso que eu suspeito delas. Mas também há momentos mais contidos, sóbrios e elegantes. Quando eu era membro da Igreja Ortodoxa Grega, podia sentir, mesmo que nelas não pudesse acreditar, as palavras de contentamento trocadas entre os crentes na manhã da Páscoa: *"Christos anesti!"* (Cristo ascendeu!), *"Alethos anesti!"* (Ele de fato ascendeu!). Devo acrescentar que eu era membro da Igreja Ortodoxa Grega por uma razão que explica por que muitas pessoas professam uma filiação externa. Eu ingressei nela para satisfazer meus cunhados gregos. O arcebispo que me recebeu em sua comunhão no mesmo dia em que celebrou meu casamento, dessa forma embolsando duas taxas em vez da única habitual, posteriormente se tornou um entusiasmado torcedor e levantador de fundos para seus colegas ortodoxos sérvios assassinos em massa Radovan Karadzic e Ratko Mladic, que encheram incontáveis covas coletivas por toda a Bósnia. No meu casamento seguinte, celebrado por um rabino judeu reformado com tendências einsteinianas e shakespearianas, eu tinha um pouco mais em comum com o celebrante. Mas mesmo ele estava consciente de que sua longa homossexualidade era, em princípio, condenada como crime capital punido pelos fundadores de sua religião com o apedrejamento. Quanto à Igreja Anglicana, na qual fui originalmente batizado, pode parecer uma patética ovelha balindo, mas, como descendente de uma igreja que sempre recebeu subsídios estatais e teve um relacionamento íntimo com a monarquia hereditária, ela teve uma responsabilidade histórica pelas Cruzadas, pela perseguição a católicos, judeus e dissidentes, e pelo combate à ciência e à razão.

O nível de intensidade varia de acordo com o tempo e o lugar, mas é possível afirmar como sendo verdade que a religião não se satisfaz, a longo prazo não pode se satisfazer, com suas próprias alegações maravilhosas e garantias sublimes. Ela *precisa* tentar intervir na vida dos não-crentes, dos hereges ou dos que professam outras crenças. Ela pode falar sobre a bem-aventurança do próximo mundo, mas quer o poder neste. E isso é de se esperar. Afinal, ela foi inteiramente feita pelo homem. E não tem confiança em suas variadas pregações para sequer permitir a coexistência entre diferentes crenças.

Basta um exemplo, de uma das mais reverenciadas figuras produzidas pela religião moderna. Em 1996, a República da Irlanda realizou um referendo sobre uma questão: se sua Constituição ainda deveria proibir o divórcio. A maioria dos

partidos em um país cada vez mais secular convocou os eleitores a aprovar a mudança na lei. Eles o fizeram por duas ótimas razões. Já não era considerado correto que a Igreja Católica Romana impusesse sua moralidade a todos os cidadãos. E era obviamente impossível esperar uma eventual reunificação irlandesa se a grande minoria protestante do Norte continuasse a ser afastada pela possibilidade de controle clerical. Madre Teresa voou de Calcutá para participar da campanha, juntamente com a Igreja e seus linhas duras, em defesa do voto "não". Em outras palavras, uma mulher irlandesa casada com um bêbado incestuoso e agressor de mulheres nunca deveria esperar algo melhor e podia colocar sua alma em perigo caso pedisse um novo começo, enquanto os protestantes podiam escolher as bênçãos de Roma ou permanecer inteiramente afastados. Nem sequer foi sugerido que os católicos poderiam seguir os mandamentos de sua própria Igreja sem impô-los a todos os outros cidadãos. E isso nas Ilhas Britânicas, na última década do século XX. O referendo acabou emendando a Constituição, embora por uma pequena margem. (No mesmo ano Madre Teresa concedeu uma entrevista dizendo que esperava que sua amiga, a princesa Diana, fosse mais feliz após ter escapado do que obviamente era um casamento infeliz, mas não surpreende ver a Igreja impor leis mais severas aos pobres ou oferecer indulgências aos ricos.)

Uma semana antes dos acontecimentos de 11 de setembro de 2001 eu participei de um debate com Dennis Prager, um dos mais conhecidos radialistas religiosos dos Estados Unidos. Ele me desafiou publicamente a responder o que classificou de uma "simples pergunta sim ou não", e eu concordei alegremente. Muito bem, disse ele. Eu deveria me imaginar em uma cidade estranha ao anoitecer. Eu deveria imaginar que um grande grupo de homens vinha em minha direção. Então: eu me sentiria mais seguro ou menos seguro sabendo que eles estavam apenas vindo de uma cerimônia religiosa? Como o leitor verá, essa não é uma pergunta que permita uma resposta sim ou não. Mas eu era capaz de responder a ela como se não fosse hipotética. "Apenas para ficar na letra 'B', eu de fato já passei por essa experiência em Belfast, Beirute, Bombaim, Belgrado, Belém e Bagdá. Em todos os casos eu posso dizer não com convicção, e posso apresentar os motivos pelos quais me sentiria imediatamente ameaçado se pensasse que o grupo que se aproximava de mim no escuro estava vindo de um encontro religioso."

Eis aqui um rápido resumo da crueldade de inspiração religiosa que eu testemunhei nesses seis lugares. Em Belfast, eu vi ruas inteiras incendiadas por uma guerra sectária entre diferentes seitas cristãs, e entrevistei pessoas que

tiveram parentes e amigos sequestrados, assassinados ou torturados por esquadrões da morte de religiões rivais, frequentemente por nenhum outro motivo além de filiação a outra confissão religiosa. Há uma velha piada irlandesa sobre o homem que é parado em uma barreira na rua e tem de responder qual é sua religião. Quando ele responde que é ateu, ouve a pergunta: "Ateu protestante ou católico?" Acho que isso mostra como a obsessão se entranhou até mesmo no lendário senso de humor local. Seja como for, isso realmente aconteceu a um amigo meu, e a experiência decididamente não foi divertida. O pretexto apresentado para essa violência é o de nacionalismos opostos, mas a língua das ruas usada pelas tribos rivais em combate consiste em termos insultuosos para a outra confissão ("*Prods*" e "*Teagues*"). Durante muitos anos o *establishment* protestante quis que os católicos fossem segregados e eliminados. De fato, na época em que o Estado do Ulster foi fundado, o lema era: "Um Parlamento prestante para um povo protestante." O sectarismo convenientemente replica a si mesmo, e sempre é possível contar com ele para evocar um sectarismo recíproco. Na questão principal a liderança católica estava de acordo. Ela desejava escolas administradas pelo clero e bairros segregados, a melhor forma de exercer o controle. Assim, em nome de Deus, os antigos ódios foram cravados nas novas gerações de alunos, e ainda estão sendo cravados. (Mesmo a simples palavra "cravar" me causa náuseas, furadeiras elétricas eram frequentemente utilizadas para destruir as patelas daqueles que se tornavam presas das gangues religiosas.)

Quando eu fui pela primeira vez a Beirute, no verão de 1975, ela ainda podia ser reconhecida como "a Paris do Oriente". Mas aquele paraíso aparente estava infestado de um grande número de serpentes. Ele sofria de uma grande oferta de religiões, todas elas "acomodadas" por uma constituição federal sectária. Por lei, o presidente tinha de ser um cristão, normalmente um católico maronita; o presidente do Parlamento, um muçulmano, e assim por diante. Isso nunca funcionou bem, porque institucionalizava diferenças de crença, bem como de casta e etnia (os muçulmanos xiitas estavam na base da pirâmide social, os curdos eram inteiramente despossuídos).

O principal partido cristão era na verdade uma milícia católica chamada Phalange, ou "Falange", fundada por um libanês maronita chamado Pierre Gemayel, que havia ficado muito impressionado quando visitou as Olimpíadas da Berlim de Hitler em 1936. A Falange mais tarde conquistou fama internacional com o massacre de palestinos nos campos de refugiados de Sabra e Chatila em 1982, quando agiu sob as ordens do general Sharon. Pode parecer grotesco um general judeu colaborar com um partido fascista, mas eles tinham

um inimigo muçulmano em comum, e isso era suficiente. A invasão do Líbano por Israel naquele ano também deu força ao nascimento do Hezbollah, modestamente batizado de "Partido de Deus", que mobilizou os despossuídos xiitas e gradualmente os colocou sob a liderança da ditadura teocrática que havia assumido o poder no Irã três anos antes. Foi também no adorável Líbano que, tendo aprendido a dividir o negócio de sequestros com o crime organizado, os fiéis evoluíram para nos apresentar a beleza dos homens-bomba. Ainda posso ver a cabeça arrancada na rua em frente à embaixada francesa semidestruída. Em geral eu tendia a atravessar a rua quando os grupos de orações apareciam.

Bombaim também costumava ser considerada uma pérola do Oriente, com seu colar de luzes ao longo da estrada da montanha e sua magnífica arquitetura colonial britânica. Era uma das cidades mais diversificadas e plurais da Índia, e suas muitas camadas tinham sido inteligentemente exploradas por Salman Rushdie — especialmente em *O último suspiro do mouro* — e pelos filmes de Mira Nair. É verdade que tinha havido lutas intercomunais na época, entre 1947 e 1948, em que o grande movimento histórico pela autogestão da Índia estava sendo arruinado pelas exigências muçulmanas de um Estado separado e pelo fato de que o Partido do Congresso era liderado por um hindu devoto. Mas provavelmente tantas pessoas buscam refugio em Bombaim durante aquele momento de sede de sangue quanto as que foram expulsas ou fugiram de lá. Instalou-se uma forma de coexistência cultural, como frequentemente ocorre quando as cidades são expostas ao mar e às influências externas. Os parses — antigos zoroastristas que tinham sido perseguidos na Pérsia — eram uma minoria importante, e a cidade também abrigava uma comunidade historicamente significativa de judeus. Mas isso não era suficiente para satisfazer o sr. Bal Thackeray e seu movimento nacionalista hindu Shiv Sena, que nos unos 1990 decidiu que Bombaim deveria ser governada por e para seus correligionários, e que soltou nas ruas um bando de capangas e sicários. Apenas para mostrar do que era capaz, ele ordenou que a cidade fosse rebatizada de "Mumbai", e em parte por isso eu a incluo na lista com seu nome tradicional.

Até a década de 1980, Belgrado tinha sido a capital da Iugoslávia, ou a terra dos eslavos do Sul, significando que por definição era a capital de um Estado multiétnico e multiconfessional. Mas um intelectual croata secular certa vez me fez um alerta que, como em Belfast, assumiu a forma de uma piada amarga. "Se eu digo às pessoas que sou ateu e croata, elas me perguntam como eu posso provar que não sou sérvio", disse ele. Em outras palavras, ser croata é ser católico romano. Ser sérvio é ser cristão ortodoxo. Na década de 1940 isso significava um

Estado-fantoche nazista instalado na Croácia e patrocinado pelo Vaticano, que naturalmente queria exterminar todos os judeus da região, mas também promoveu uma campanha de conversão forçada dirigida à outra comunidade cristã. Consequentemente, dezenas de milhares de cristãos ortodoxos foram massacrados ou deportados e um enorme campo de concentração foi instalado perto da cidade de Jasen. O regime do general Ante Pavelic e seu partido Ustashe era tão desagradável que até mesmo muitos oficiais alemães protestaram por terem de se associar a ele.

Na época em que eu visitei o local do campo de Jasenovacs em 1992, a bota de certa forma estava no outro pé. As cidades croatas de Vukovar e Dubrovnik tinham sido brutalmente bombardeadas pelas forças armadas da Sérvia, então comandadas por Slobodan Milosevic. A cidade majoritariamente muçulmana de Sarajevo tinha sido cercada e estava sendo bombardeada continuamente. Em outras regiões da Bósnia-Herzegovina, especialmente ao longo do rio Drina, cidades inteiras eram pilhadas e massacradas no que os próprios sérvios classificaram de "limpeza étnica". Na verdade, "limpeza religiosa" estaria mais perto da verdade. Milosevic era um ex-burocrata comunista que tinha se transformado em nacionalista xenófobo, e sua cruzada antimuçulmana, que era um disfarce para a anexação da Bósnia a uma "Grande Sérvia", era em grande medida levada a cabo por milícias não-oficiais operando sob seu controle "não assumido". Essas gangues eram compostas de radicais religiosos, frequentemente abençoadas por padres e bispos ortodoxos, e algumas vezes reforçadas por "voluntários" ortodoxos da Grécia e da Rússia. Eles fizeram um esforço especial para destruir todos os vestígios de civilização otomana, como no caso particularmente atroz da dinamitação de vários minaretes históricos em Banja Luka, o que foi feito durante um cessar-fogo, e não como resultado de uma batalha.

O mesmo é verdade, como frequentemente é esquecido, no caso de seus equivalentes católicos. As formações Ustashe foram revividas na Croácia e fizeram uma tentativa criminosa de tomar a Herzegovina, como tinham feito durante a Segunda Guerra Mundial. A bela cidade de Mostar também foi bombardeada e sitiada, e a mundialmente famosa Stari Most, ou "Ponte Velha", datada da época turca e considerada pela Unesco local cultural de importância mundial, foi bombardeada até desmoronar rio abaixo. De fato, as forças extremistas católicas e ortodoxas estavam unidas em uma divisão e em uma limpeza sangrentas da Bósnia-Herzegovina. Elas foram, e em grande medida ainda são, poupadas dessa vergonha pública porque a mídia mundial preferiu a

simplificação de "croata" e "sérvio" e só mencionou religião quando se referia a "os muçulmanos". Mas a tríade de termos "croata", "sérvio" e "muçulmano" é desigual e enganadora, no sentido de que equaciona duas nacionalidades e uma religião. (A mesma confusão é feita de forma diferente na cobertura do Iraque, com o trio "sunita-xiita-curdo"). Havia pelo menos dez mil sérvios em Sarajevo durante o cerco, e um dos principais comandantes da defesa, um oficial e cavalheiro chamado general Jovan Divjak, cuja mão tive orgulho de apertar sob fogo, também era sérvio. A população judaica da cidade, que datava de 1492, em sua maioria também se identificava com o governo e a causa da Bósnia. Teria sido muito mais correto se a imprensa e a televisão tivessem dito que "hoje as forças cristãs ortodoxas retomaram o bombardeio de Sarajevo" ou "ontem a milícia católica conseguiu derrubar a Stari Most". Mas a terminologia confessional era reservada exclusivamente aos "muçulmanos", mesmo que seus assassinos se dessem o trabalho de usar grandes cruzes ortodoxas sobre as bandoleiras ou colar imagens da Virgem Maria nas coronhas dos rifles. Assim, mais uma vez, a *religião envenena tudo*, incluindo nossa própria capacidade de discernimento.

Quanto a Belém, acho que estaria disposto a admitir ao sr. Prager que em um bom dia eu me sentiria seguro o bastante para ficar do lado de fora da igreja do Santo Sepulcro ao anoitecer. Foi em Belém, não distante de Jerusalém, que muitos acreditam que, com a cooperação de uma virgem que concebeu imaculada, Deus teve um filho.

A origem de Jesus Cristo foi assim: Maria, sua mãe, comprometida em casamento com José, antes que coabitassem, achou-se grávida pelo "Espírito Santo." Sim, e o semideus grego Perseu nasceu quando o deus Júpiter visitou a virgem Danae na forma de um banho de ouro e a engravidou. O deus Buda nasceu através de uma abertura no lado do corpo de sua mãe. Coatlicue, a serpente, pegou uma pequena bola de plumas do céu e a escondeu em seu seio, e assim o deus asteca Huitzilochtli foi concebido. A virgem Nana pegou uma romã da árvore banhada pelo sangue do assassinado Agdistis, colocou-a em seu seio e deu à luz o deus Attis. A filha virgem de um rei mongol acordou certa noite e se viu banhada por uma luz grandiosa, que fez com que ela desse à luz Gêngis Khan. Krishna nasceu da virgem Devaka. Horus nasceu da virgem Ísis. Mercúrio nasceu da virgem Maia. Rômulo nasceu da virgem Rhea Silvia. Por alguma razão, muitas religiões se obrigam a pensar no canal de nascimento como uma rua de mão única, e até mesmo o Corão trata a Virgem Maria com reverência. Contudo, isso não fez diferença durante as Cruzadas, quando um exército papal partiu para

retomar Belém e Jerusalém dos muçulmanos, incidentalmente destruindo muitas comunidades judaicas e saqueando a cristã herética Bizâncio no caminho, e promoveu um massacre nas ruas estreitas de Jerusalém, onde, de acordo com cronistas histéricos e encantados, o sangue jorrava até a brida dos cavalos.

Algumas dessas tempestades de ódio, intolerância e sede de sangue passaram, embora novas estejam sempre se formando nessa região, mas enquanto isso a pessoa pode se sentir relativamente não perturbada nos arredores ou na praça da Manjedoura, que é o centro, como o nome diz, de uma armadilha para turistas de tal mau gosto que é capaz de envergonhar Lourdes. Quando visitei essa cidade deplorável pela primeira vez, ela estava sob o controle nominal de uma municipalidade fundamentalmente cristã palestina ligada a uma dinastia política específica, identificada com a família Freij. Nas vezes em que voltei a vê-la desde então, geralmente foi sob um violento toque de recolher imposto pelas autoridades militares israelenses — cuja presença na margem ocidental em si não está desvinculada da crença em determinadas profecias das Escrituras, embora nesse caso com uma promessa diferente feita por um deus diferente a pessoas diferentes. Agora é a vez de mais outra religião. As forças do Hamas, que afirmam que toda a Palestina é uma *waqf* islâmica de ordenamento santo consagrada ao islamismo, começaram a ganhar espaço entre os cristãos de Belém. Seu líder, Mahmoud al-Zahar, anunciou que todos os habitantes do Estado Islâmico da Palestina deverão obedecer à lei muçulmana. Há agora em Belém a proposta de que não-muçulmanos estejam sujeitos ao imposto *al-Jeziya*, a taxa histórica imposta aos *dhimmis*, ou não-crentes, sob o antigo Império Otomano. Funcionárias da prefeitura são proibidas de cumprimentar visitantes do sexo masculino com apertos de mão. Em Gaza, uma jovem chamada Yusra al-Azami foi morta a tiros em abril de 2005 pelo crime de se sentar sozinha em um carro com seu noivo. O jovem escapou apenas com um espancamento. Os líderes do esquadrão de "vício e virtude" do Hamas justificaram esse caso banal de assassinato e tortura dizendo que havia "suspeita de comportamento imoral". Em uma Palestina que um dia foi secular, maltas de jovens sexualmente reprimidos são alistados para bisbilhotar carros estacionados, podendo fazer o que quiserem.

Eu certa vez assisti em Nova York a uma palestra do falecido Abba Eban, um dos mais refinados e educados diplomatas e estadistas de Israel. Ele disse que a primeira coisa que chamava a atenção no conflito israelense-palestino era a facilidade da solução para ele. Depois desse início irresistível, ele disse, com a autoridade de ex-ministro do Exterior e representante na ONU, que o ponto fundamental era simples. Dois povos de tamanho aproximadamente equivalente

disputavam a mesma terra. A solução obviamente era criar dois Estados lado a lado. Algo tão óbvio não podia ser percebido pelos homens? E teria sido assim, décadas atrás, se os rabinos e os mulás messiânicos tivessem sido deixados de fora. Mas as alegações de autoridade exclusiva dada por Deus feitas por clérigos histéricos dos dois lados — e reforçadas por cristãos fixados no Armagedom que esperavam produzir o Apocalipse (precedido pela morte ou conversão de todos os judeus) — tornaram a situação insuportável e colocaram toda a humanidade na posição de refém de uma rixa que hoje inclui a ameaça de uma guerra nuclear. *A religião envenena tudo*. Além de uma ameaça à civilização, ela se tornou uma ameaça à sobrevivência humana.

E para terminar, Bagdá. É um dos maiores centros de aprendizado e cultura na história humana. Foi ali que algumas das obras perdidas de Aristóteles e outros gregos ("perdidas" porque as autoridades cristãs queimaram algumas, proibiram outras e fecharam as escolas de filosofia sob a alegação de que não poderia haver reflexões úteis sobre a moralidade antes da pregação de Jesus) foram preservadas, traduzidas e transmitidas, através da Andaluzia, de volta para o ignorante Ocidente "cristão". As bibliotecas, os poetas e os arquitetos de Bagdá eram renomados. Muitas essas realizações se deram sob califas muçulmanos, que algumas vezes permitiam e da mesma forma frequentemente reprimiam sua expressão, mas Bagdá também apresenta traços da antiga cristandade caldeia e nestorianista, e foi um dos muitos centros da diáspora judaica. Até o final da década de 1940, era lar de tantos judeus quanto os que viviam em Jerusalém.

Não vou aqui elaborar uma posição sobre a derrubada de Saddam Hussein em abril de 2003. Direi apenas que aqueles que consideravam seu regime "secular" estão se enganando. É verdade que o Partido Baath foi fundado por um homem chamado Michel Aflag, um cristão sinistro simpático ao fascismo, e também é verdade que a filiação ao partido era livre para todas as religiões (embora eu tenha todos os motivos para acreditar que a filiação de judeus era limitada). Contudo, pelo menos desde a sua calamitosa invasão do Irã em 1979, que levou a furiosas acusações da teocracia iraniana de que ele era um "infiel", Saddam Hussein estabeleceu que seu governo — que de qualquer modo era baseado na minoria tribal sunita — era de devoção e jihad. (O Partido Baath sírio, também baseado em uma parcela confessional da sociedade ligada à minoria alawita, teve igualmente um longo e hipócrita relacionamento com os mulás iranianos.) Saddam colocou na bandeira iraquiana as palavras "Allahuh Akhbar" — "Deus é grande". Ele financiou uma gigantesca conferência internacional de guerreiros santos e mulás, e manteve relações calorosas com o

outro grande Estado financiador da região, o governo genocida do Sudão. Ele construiu a maior mesquita da região e a batizou de "Mãe de todas as batalhas", com direito a um Corão escrito com sangue que ele alegava ser seu. Quando iniciou sua própria campanha de genocídio contra o povo (majoritariamente sunita) do Curdistão — campanha que envolveu o uso contínuo de armas químicas e o assassinato e a deportação de centenas de milhares de pessoas —, ele escolheu o nome de "Operação *Anfal*", conseguindo com esse termo uma justificativa corânica — "Os despojos" da sura 8 — para a espoliação e a destruição de não-crentes. Quando as forças da coalizão cruzaram a fronteira do Iraque, encontraram exército de Saddam se dissolvendo como um cubo de açúcar em chá quente, mas se depararam com uma resistência tenaz de um grupo paramilitar chamado Fedain Saddam, reforçado por jihadistas estrangeiros. Uma das tarefas do grupo era executar qualquer um que aplaudisse publicamente a intervenção ocidental, e alguns enforcamentos e mutilações públicos logo foram registrados em vídeo para que todos vissem.

No mínimo todos podem concordar que o povo iraquiano suportara muito nos 35 anos anteriores de guerra e ditadura, que o regime de Saddam não poderia durar para sempre como um sistema à margem da lei internacional e que, portanto — quaisquer que sejam as objeções ao verdadeiro significado de "mudança de regime" —, a sociedade como um todo precisava de tempo para respirar e refletir sobre reconstrução e reconciliação. Não foi permitido nem um só minuto para respirar.

Todos conhecem as consequências. Os financiadores da Al-Qaeda, liderados por um criminoso jordaniano chamado Abu Musad al-Zarqawi, lançaram uma campanha frenética de assassinato e sabotagem. Eles não apenas assassinaram mulheres sem véu, jornalistas e professores seculares. Eles não apenas colocaram bombas em igrejas cristãs (talvez chegue a dois por cento a população cristã do Iraque) e mataram ou mutilaram cristãos que produziam e vendiam álcool. Eles não apenas fizeram um vídeo de um fuzilamento em massa e da decapitação de um contingente de operários nepaleses, que eram supostamente hindus e portanto não mereciam qualquer consideração. Essas atrocidades podem ser consideradas mais ou menos rotineiras. Eles dirigiram a parcela mais cruel de sua campanha de terror contra seus colegas muçulmanos. As mesquitas e os cortejos fúnebres da maioria xiita longamente oprimida foram explodidos. Peregrinos que percorriam longas distâncias para os templos recém acessíveis de Karbala e Najaf estavam sob risco de vida. Em uma carta a seu líder Osama bin Laden, Zarqawi deu duas razões principais para essa política

extraordinariamente malévola. Em primeiro lugar, como ele escreveu, os xiitas eram hereges que não seguiam a trilha certa da pureza salafista. Eles, portanto, eram uma presa perfeita para os verdadeiramente santos. Em segundo lugar, caso fosse possível induzir uma guerra religiosa na sociedade iraquiana, os planos dos "cruzados" do Ocidente seriam prejudicados. A esperança óbvia era deflagrar a reação dos próprios xiitas, que lançaria os árabes sunitas nos braços de seus "protetores" osamistas. E, apesar de alguns nobres apelos à contenção feitos pelo grande aiatolá xiita Sistani, não se mostrou muito difícil incitar tal reação. Depois de algum tempo, esquadrões da morte xiitas, frequentemente trajando uniformes policiais, estavam matando e torturando a esmo membros fiéis da fé sunita árabe. A influência sub-reptícia da "república islâmica" vizinha do Irã não era difícil de identificar, e em algumas regiões xiitas também se tornou um tanto perigoso ser uma mulher sem véu ou uma pessoa secular. O Iraque pode se orgulhar de uma história bastante longa de casamentos exógamos e de cooperação intercomunal. Mas alguns poucos anos dessa dialética de ódio logo conseguiram criar uma atmosfera de infelicidade, desconfiança, hostilidade e política baseada em seitas. Mais uma vez, *a religião envenenou tudo*.

Em todos os casos que mencionei,houve aqueles que protestaram em nome da religião e que tentaram se opor à maré montante do fanatismo e do culto à morte. Eu consigo me lembrar de um punhado de padres, bispos, rabinos e imãs que colocaram a humanidade acima de sua própria seita ou seu próprio credo. A história oferece muitos outros exemplos assim, que discutirei posteriormente. Mas esse é um elogio ao humanismo, não à religião. No que diz respeito a isso, essas crises também me levaram, e a muitos outros ateus, a protestarem em prol de católicos discriminados na Irlanda, muçulmanos bósnios enfrentando o extermínio nos Bálcãs cristãos, afegãos e iraquianos xiitas passados no fio da espada por jihadistas sunitas e vice-versa, e incontáveis outros casos. Adotar tal postura é uma obrigação elementar de um humano que se respeita. Mas a relutância geral das autoridade clericais a proclamar uma condenação clara, seja o Vaticano no caso da Croácia ou líderes sauditas ou iranianos no caso de suas respectivas confissões, é uniformemente lamentável. Assim como a disposição de cada "rebanho" de retornar a um comportamento atávico à menor provocação.

Não, sr. Prager, eu descobri que não é uma regra prudente buscar ajuda quando o encontro de orações termina. E isso, como eu disse, apenas na letra "B". Em todos esses casos, qualquer um preocupado com a segurança ou a dignidade humana precisaria de uma esperança fervorosa em um surto massivo de secularismo democrático e republicano.

Eu não preciso viajar para todos esses lugares exóticos de modo ver o veneno em ação. Muito antes do dia fatídico de 11 de setembro de 2001 eu já podia sentir que a religião estava voltando a desafiar a sociedade civil. Quando não estou atuando como correspondente estrangeiro ocasional e amador, levo uma vida bastante tranquila e ordeira: escrevo livros e ensaios, ensino meus alunos a amar a literatura inglesa, frequento agradáveis conferências literárias, participo das discussões efêmeras que surgem no mercado editorial e na academia. Mas mesmo essa existência bastante protegida tem sido sujeita a ultrajes, invasões, insultos e desafios. No dia 14 de fevereiro de 1989, meu amigo Salman Rushdie foi vítima de sentenças simultâneas de morte e de vida pelo crime de ter escrito uma obra de ficção. Para ser mais preciso, o chefe teocrático de um Estado estrangeiro — o aiatolá Khomeini do Irã — publicamente ofereceu dinheiro em seu próprio nome para instigar o assassinato de um romancista que era cidadão de outro país. Aqueles que foram encorajados a levar a cabo esse plano de assassinato por encomenda, que se estendia a "todos os envolvidos na publicação" de *Os Versos Satânicos*, recebiam a oferta não apenas do dinheiro vivo, mas também de uma passagem de graça para o paraíso. Era impossível imaginar afronta maior aos valores da liberdade de expressão. O aiatolá não tinha lido, e provavelmente não podia ler, e de qualquer forma proibiu todos de ler o romance. Mas ele conseguiu produzir lamentáveis demonstrações entre muçulmanos na Inglaterra, bem como no mundo todo, onde multidões queimaram o livro e gritaram pedindo que o autor também fosse lançado às chamas. Esse episódio — em parte horrível, em parte grotesco — teve suas origens, claro, no mundo material ou "real". O aiatolá, tendo desperdiçado a vida de centenas de milhares de jovens iranianos em uma tentativa de prolongar a guerra que Saddam Hussein iniciara, desse modo a transformando em uma vitória própria de sua ideologia reacionária, tinha pouco antes sido obrigado a reconhecer a realidade e aceitar a resolução da ONU de cessar-fogo a que dissera preferir beber veneno a assinar. Em outras palavras, ele precisava de um "assunto". Um grupo de muçulmanos reacionários da África do Sul que integrava o parlamento-marionete do regime do *apartheid* tinha anunciado que o sr. Rushdie seria morto se comparecesse a uma feira do livro em seu país. Um grupo fundamentalista no Paquistão tinha derramado sangue nas ruas. Khomeini tinha de provar que não seria superado por ninguém.

Há algumas afirmações supostamente feitas pelo profeta Maomé que

dificilmente se ajustam aos ensinamentos muçulmanos. Estudiosos do Corão tentaram provar a quadratura do círculo sugerindo que nesses casos o Profeta estava acidentalmente recebendo orientações de Satanás, e não de Deus. Essa artimanha — que não faria feio em comparação com a sinuosa escola da apologia cristã medieval — se mostrou uma excelente oportunidade para um romancista explorar o relacionamento entre as Escrituras sagradas e a literatura. Mas a mente literal não entende a mente irônica e sempre a identifica como fonte de perigo. Mais ainda, Rushdie tinha sido criado como muçulmano e compreendia o Corão, de fato significando que ele era um apóstata. E a "apostasia" de acordo com o hadith, é punível com a morte. Não existe o direito de mudar de religião, e todos os Estados religiosos sempre insistiram em penas duras para aqueles que tentassem fazer isso.

Várias tentativas sérias de matar Rushdie foram feitas por esquadrões da morte religiosos apoiados por embaixadas iranianas. Seus tradutores italiano e japonês foram violentamente atacados - em um dos casos, aparentemente pela crença absurda de que o tradutor pudesse saber do seu paradeiro — e um deles foi selvagemente mutilado enquanto morria, seu editor norueguês recebeu vários tiros nas costas disparados por um rifle de repetição e foi deixado à morte na neve, mas sobreviveu de forma impressionante. Poderíamos pensar que tal homicídio arrogante financiado pelo Estado, dirigido contra um indivíduo solitário e pacífico que levava uma vida dedicada à linguagem, iria produzir uma condenação generalizada. Mas não foi o caso. Em declarações refletidas, o Vaticano, o arcebispo de Canterbury e o rabino-chefe sefardita de Israel assumiram uma postura de simpatia para com...o aiatolá. Assim como o cardeal-arcebispo de Nova York e muitas outras figuras religiosas menores. Embora eles normalmente empregassem algumas poucas palavras para deplorar o recurso à violência, todos esses homens afirmaram que o principal problema levantado pela publicação de *Versos Satânicos* não era o assassinato por mercenários, mas a blasfêmia. Alguns personagens públicos não pertencentes a ordens religiosas, como o escritor marxista John Berger, o historiador conservador Hugh Trevor Roper e o decano dos autores de histórias de espionagem John Le Carré, também se pronunciaram dizendo que Rushdie era autor de seus próprios problemas, e os tinha atraído para si "ofendendo" uma grande religião monoteísta. Não parecia nada de mais para essas pessoas que a polícia britânica tivesse de defender um cidadão nascido na Índia, ex-muçulmano, de uma orquestrada campanha para tirar sua vida em nome de Deus.

Protegida como costuma ser minha própria vida, eu tive um gostinho dessa

situação surreal quando o senhor Rushdie foi a Nova York no fim de semana de Ação de Graças de 1993 para um encontro com o presidente Clinton e passou uma noite ou duas em meu apartamento. Foi necessária uma enorme e proibitiva operação de segurança para que isso fosse possível, e ao final fui convidado a fazer uma visita ao Departamento de Estado. Lá fui avisado de que tinham interceptadas "conversas" confiáveis expressando intenções de vingança contra mim e minha família. Fui aconselhado a mudar de endereço e de número de telefone, o que pareceu uma forma improvável de evitar o revide. Isso, contudo, deixou claro para mim o que eu já sabia. Para mim não é possível dizer: "Bem, vocês perseguem seu sonho xiita de um imã oculto e eu continuo meus estudos de Thomas Paine e George Orwell, e o mundo é grande o bastante para nós". O verdadeiro crente não pode descansar enquanto o mundo inteiro não ajoelhar. Não é óbvio para todo todo, diz o devoto, que a autoridade religiosa está acima de todas e que aqueles que se recusam a reconhecer isso abrem mão do direito de existir?

Como costuma ser, foram os assassinos do xiismo que chamaram a atenção do mundo para esse ponto alguns anos atrás. Foi tão horripilante o regime talibã no Afeganistão, que massacrou a população xiita hazara, que o próprio Irã considerou a hipótese de invadir o país em 1999. E tão grande foi o vício talibã em profanação que ele metodicamente bombardeou e destruiu um dos maiores artefatos culturais do mundo — as estátuas gêmeas de Buda em Bamiyan, que em sua magnificência mostravam a fusão do estilo helenista e outros no passado afegão. Mas, sendo indubitavelmente pré-islâmicas, as estátuas eram um claro insulto ao Talibã e a seus convidados da Al-Qaeda, e a redução de Bamiyan a pó e escombros antecipou a destruição de duas outras estruturas gêmeas, bem como de quase três mil pessoas no centro de Manhattan no outono de 2001.

Todos têm sua própria história de 11 de setembro: eu poderia pular a minha, a não ser para dizer que alguém que eu conhecia superficialmente foi arremessado contra a parede do Pentágono, tendo conseguido telefonar para o marido e dar uma descrição de seus assassinos e suas táticas (e tendo sabido por ele que não era um sequestro e que ela iria morrer). Do teto de meu prédio em Washington eu podia ver a fumaça se erguendo do outro lado do rio, e desde então nunca passei pelo Capitólio ou pela Casa Branca sem pensar no que poderia ter acontecido se não fossem a coragem e a capacidade dos passageiros do quarto avião, que conseguiram derrubá-lo em um campo da Pensilvânia a apenas vinte minutos de seu destino.

Bem, como eu consegui responder em uma réplica posterior a Dennis Prager,

agora você tem sua resposta. Os 19 assassinos suicidas de Nova York, Washington e Pensilvânia eram, sem dúvida alguma, os crentes mais sinceros naqueles aviões. Talvez possamos ouvir um pouco menos sobre como as "pessoas de fé" têm vantagens morais que as outras só podem invejar. E o que aprender com o júbilo e a propaganda extasiada com que esse grande feito de fé foi louvado no mundo islâmico? Na época os Estados Unidos tinham um procurador-geral chamado John Ashcroft que afirmara que os Estados Unidos "não tinham rei que não Jesus" (uma afirmação que era exatamente três palavras longa demais). Havia um presidente que queria entregar o tratamento aos pobres a instituições "baseadas na fé". Esse não seria o momento de dar algum valor à luz da razão e à defesa de uma sociedade que separa Igreja e Estado e valoriza a liberdade de expressão?

Para mim a decepção foi, e continua a ser, pungente. Em algumas horas os "reverendos" Pat Robertson e Jerry Falwell anunciaram que a imolação das criaturas que eram seus pares era um julgamento divino de uma sociedade que tolerava o homossexualismo e o aborto. No serviço fúnebre solene pelas vítimas, realizado na bela Catedral Nacional de Washington, foi permitido um pronunciamento de Billy Graham, um homem cujo registro de oportunismo e antissemitismo é em si uma pequena desgraça nacional. Seu sermão absurdo buscou afirmar que todos os mortos estavam no céu e não voltariam a nós nem se pudessem. Eu digo absurdo porque é impossível, mesmo nos termos mais complacentes, acreditar que um bom número de cidadãos pecadores não tivesse sido assassinado naquele dia pela Al-Qaeda. E não há por que acreditar que Billy Graham conhecesse o paradeiro de suas alma quanto mais seus desejos póstumos. Mas também havia algo sinistro em ouvir alegações detalhadas de conhecimento do céu, do mesmo tipo que o próprio Bin Laden estava fazendo em benefício dos assassinos.

As coisas continuaram a piorar no intervalo entre a remoção do Talibã e a derrubada de Saddam Hussein. Um graduado funcionário militar chamado general William Boykin anunciou que tivera uma visão quando servia durante o fiasco na Somália. Aparentemente, o rosto do próprio Satanás tinha sido detectado por alguma fotografia aérea de Mogadiscio, mas isso serviu apenas para aumentar a confiança do general de que seu deus era mais forte do que a divindade malévola da oposição. Foi revelado na Academia Militar da Força Aérea dos Estados Unidos que cadetes judeus e agnósticos estavam sendo perversamente atormentados por um grupo de impunes alunos "renascidos", que insistiam em que apenas aqueles que aceitavam Jesus como seu salvador eram

qualificados para o serviço militar. O vice-comandante da academia enviou e-mails defendendo um dia nacional de oração (cristã). Uma capelã chamada Melinda Morton, que se queixou dessa histeria e intimidação, foi repentinamente transferida para uma base distante no Japão. Enquanto isso, o multiculturalismo alienado também deu sua contribuição, entre outras formas garantindo a distribuição de edições baratas e em grande escala de edições sauditas do Corão para uso no sistema penitenciário americano. Esses textos wahabitas chegavam ainda mais longe que o original ao recomendar a guerra santa contra todos os cristãos, os judeus e os secularistas. Observar tudo isso era testemunhar uma espécie de suicídio cultural: um "suicídio assistido" que crentes e não-crentes estavam preparados para oficiar.

É preciso destacar de imediato que esse tipo de coisa, além de antiético e não profissional, era também absolutamente inconstitucional e antiamericano. James Madison, o autor da Primeira Emenda à Constituição, que proíbe qualquer lei referente ao estabelecimento de uma religião, também foi um dos autores do Artigo IV, que afirma de forma inequívoca que "nenhum teste religioso poderá ser exigido como qualificação para qualquer posto ou cargo público". Seu *Detached Memoranda* posterior deixa absolutamente claro que ele, para começar, se opunha à nomeação de capelães, tanto nas Forças Armada quanto nas cerimônias de instalação do Congresso. "O estabelecimento do posto de capelão no Congresso é uma clara violação dos direitos iguais, bem como dos princípios da Constituição." Quanto à presença de clérigos nas Forças Armadas, Madison escreveu: "O objetivo disso é sedutor, o motivo é louvável. Mas não é mais seguro aderir a um princípio correto e confiar em suas consequências do que confiar no raciocínio, por mais ilusório que seja, em favor de um errado? Observe os exércitos e marinhas do mundo e diga se o que está sendo mais contemplado na nomeação de seus ministros de religião é o interesse espiritual dos rebanhos ou o interesse pessoal do pastor." Qualquer um que citasse Madison hoje muito provavelmente seria considerado subversivo ou insano, mas sem ele e Thomas Jefferson, coautores do Estatuto da Virgínia sobre Liberdade Religiosa, os Estados Unidos teriam continuado a ser o que eram — com os judeus proibidos de ocupar cargos em alguns estados, católicos em outros e protestantes em Maryland: este último era um estado em que "palavras profanas referentes à Santíssima Trindade" eram passíveis de punição com tortura, marcação a ferro e na terceira oportunidade, "morte sem o benefício de um clérigo". A Geórgia poderia ter continuado a insistir que sua fé estadual oficial era o "protestantismo" — quaisquer que pudessem ser os muitos híbridos de Lutero.

Com o debate sobre a intervenção no Iraque se tornando mais acalorado, rios de absurdos escorrem dos púlpitos. A maioria das igrejas se opôs ao esforço para remover Saddam Hussein, e o papa se desgraçou inteiramente fazendo um convite pessoal ao criminoso de guerra procurado Tariq Aziz, homem responsável pelo assassinato de crianças pelo Estado. Aziz foi não apenas recebido no Vaticano como principal membro católico de um partido fascista governante (não tendo sido a primeira vez que tal indulgência tinha sido concedida), como foi levado a Assis para uma sessão pessoal de oração no santuário de São Francisco, que aparentemente costumava fazer palestras para pássaros. Ele deve ter pensado que tudo aquilo era fácil demais. Do outro lado do arco confessional, alguns, mas não todos, evangélicos americanos se entusiasmaram com a perspectiva de conquistar o mundo muçulmano para Jesus. (Eu digo "alguns, mas não todos', porque uma dissidência fundamentalista desde então passou a fazer manifestações nos funerais de soldados americanos mortos no Iraque, dizendo que o assassinato deles era punição de Deus pelo homossexualismo americano. Um cartaz especialmente saboroso, agitado em frente aos rostos dos enlutados, é "Graças a Deus pelas IEDs", as bombas colocadas ao lado das estradas pelos fascistas muçulmanos igualmente antigays. Não é problema meu decidir qual teologia calvinista é a correta: eu diria que as chances de qualquer uma estar certa são aproximadamente as mesmas. Charles Stanley, cujos sermões semanais na Primeira Igreja Batista de Atlanta são assistidos por milhões de pessoas agiu como qualquer imã demagógico quando disse: "Devemos nos oferecer para participar do esforço de guerra de qualquer forma possível. Deus combate as pessoas que se opõem a ele, lutam contra ele e seus seguidores." O serviço de notícias de sua organização, o Baptist Press, publicou um artigo de um missionário, exultante pelo fato de a "política externa americana e o poderio militar terem aberto uma oportunidade para o evangelho na terra de Abraão, Isaac e Jacó". Não querendo ser superado, Tim LaHaye foi ainda mais longe. Mais conhecido como coautor da série de romances baratos recordista de vendas *Deixados para trás*, que prepara o americano médio para o "arrebatamento" e depois para o Armagedom, ele identificou o Iraque como "ponto central de acontecimentos de final dos tempos". Outros entusiastas bíblicos tentaram ligar Saddam Hussein ao iníquo rei Nabucodonosor da antiga Babilônia, uma comparação que o próprio ditador provavelmente teria aprovado, em função de sua reconstrução das antigas muralhas de Babilônia com tijolos que tinham, todos eles, seu nome gravado. Assim, em vez de uma discussão racional sobre a melhor forma de conter e derrotar o fanatismo

religioso, o que havia era o fortalecimento mútuo de duas manifestações dessa mania: o ataque jihadista invocou o espectro tingido de sangue dos cruzados.

Nesse sentido, a religião não é diferente do racismo. Uma versão dela inspira e provoca a outra. Certa vez armaram outra armadilha para mim, ligeiramente mais investigativa que a de Dennis Prager, concebida para revelar meu grau de preconceito latente. Você está em uma plataforma de uma estação deserta do metrô em Nova York, tarde da noite. De repente surge um grupo de 12 negros. Você fica onde está ou se encaminha para a saída? Eu mais uma vez pude responder que já tinha passado exatamente por essa experiência. Esperando sozinho o trem, bem depois de meia-noite, de repente vi uma equipe de operários que deixava o túnel com ferramentas e luvas de trabalho. Todos eram negros. Eu instantaneamente me senti mais seguro e me encaminhei na direção deles. Eu não tenho ideia de qual era a filiação religiosa deles. Mas em todos os outros casos que citei, a religião foi um tremendo multiplicador de suspeita tribal e ódio, com membros de um grupo falando com os de outro usando exatamente a entonação do intolerante. Cristãos e judeus comem carne de porco contaminada e bebem álcool venenoso: budistas e muçulmanos do Sri Lanka culparam os festejos natalinos embalados por vinho de 2004 pelo tsunami que imediatamente se seguiu. Católicos são sujos e têm filhos demais. Muçulmanos procriam como coelhos e limpam os fundilhos com a mão errada. Judeus têm piolhos nas barbas e querem o sangue de crianças cristãs para dar sabor e tempero ao matzá da Páscoa. E assim por diante.

3. Breve digressão sobre o porco; ou por que o céu odeia presunto

Todas as religiões têm a tendência de apresentar alguma determinação ou proibição alimentar, seja a hoje ignorada determinação católica de comer peixe às sextas-feiras, a adoração pelos hindus da vaca como animal sagrado e invulnerável (o governo da Índia chegou mesmo a se oferecer para importar e proteger todo o gado ameaçado de abate como resultado da encefalopatia espongiforme bovina, o "mal da vaca louca", praga que varreu a Europa na década de 1990), ou a recusa por alguns outros cultos orientais de consumir qualquer carne de animal ou de ferir qualquer outra criatura, seja ela um rato ou uma pulga. Mas o mais antigo e resistente de todos os fetiches é o ódio e mesmo o medo do porco. Ele surgiu na Judeia primitiva, e durante séculos foi uma das formas — sendo a outra a circuncisão — pelas quais os judeus podiam ser identificados.

Embora a sura 5.60 do Corão condene particularmente os judeus, mas também outros não-crentes, como tendo sido transformados em porcos e macacos — um tema muito presente na pregação muçulmana salafista recente — e o Corão descreva a carne de suíno como impura ou mesmo "abominável", os muçulmanos parecem não ver nenhuma ironia na adoção desse tabu especificamente judaico. Um verdadeiro horror aos suínos se manifesta em todo o mundo islâmico. Um bom exemplo é a manutenção da proibição do *A revolução dos bichos*, de George Orwell, uma das mais encantadoras e úteis fábulas do mundo moderno, uma leitura da qual os alunos muçulmanos são privados. Eu acompanhei algumas das solenes proibições escritas por ministros da Educação árabes, que são tão estúpidos que não conseguem perceber o papel malévolo e ditatorial desempenhado pelos porcos na própria história.

Orwell de fato não gostava dos porcos, em consequência de seu fracasso como pequeno fazendeiro, e essa aversão é partilhada por muitos adultos que tiveram de trabalhar com esses animais difíceis. Apertados em chiqueiros, os porcos tendem a agir porcamente, como era de esperar, e a ter lutas barulhentas e

nojentas. Não é incomum eles comerem as próprias crias e mesmo o próprio excremento, enquanto sua tendência a uma vida amorosa libertina é frequentemente dolorosa para olhos mais delicados. Mas frequentemente foi observado que porcos deixados à própria conta, e com espaço suficiente, se mantêm bastante limpos, preparam pequenos nichos, criam famílias e interagem socialmente com outros porcos. As criaturas também apresentam muitos sinais de inteligência, e foi calculado que a proporção crucial — entre peso do cérebro e peso do corpo — é quase tão alta nelas quanto nos golfinhos. O porco é altamente adaptável a seu ambiente, como testemunham javalis e "porcos selvagens" em oposição aos plácidos leitões brincalhões de nossa experiência mais próxima. Mas o casco fendido se tornou sinal do diabo para os tementes, e ouso dizer que é fácil inferir o que surgiu primeiro — o diabo ou o porco. Seria meramente tedioso e estúpido especular como o criador de todas as coisas concebeu uma criatura tão versátil e então ordenou que sua maior criação mamífera a evitasse completamente ou corresse o risco de sua insatisfação eterna. Mas muitos mamíferos em outros aspectos inteligentes adotam a crença de que o céu odeia presunto.

Espero que agora você já tenha percebido aquilo que sabemos — que esse belo animal é um de nossos primos mais próximos. Ele partilha conosco boa parte do DNA, e já foram feitos transplantes bem-sucedidos de pele, válvulas cardíacas e rins de porcos para humanos. Se — o que eu espero de todo coração que não aconteça — um novo dr. Moreau pudesse corromper os recentes avanços na clonagem e criar um híbrido, em geral teme-se que um "homem porco" seria o resultado mais provável. Enquanto isso, quase tudo no porco é útil, de sua carne nutritiva e deliciosa até sua pele bronzeada como couro e seus pelos na forma de escovas. Na *graphic novel* de Upton Sinclair do matadouro de Chicago, *The Jungle*, é angustiante ler sobre o modo como os porcos são transportados pendurados em ganchos, gritando quanto suas gargantas são cortadas. Mesmo os nervos mais fortes dos trabalhadores mais calejados são abalados pela experiência. Há algo no guincho...

Para reforçar um pouco mais, pode-se notar que crianças que não são perturbadas por rabinos e imãs sentem grande atração pelos porcos, especialmente os filhotes, e que em geral bombeiros não gostam de comer porco grelhado ou torresmo. A palavra vernácula bárbara para humano tostado em Nova Guiné e em outras regiões era "grande porco": eu pessoalmente nunca tive essa relevante experiência gastronômica, mas parece que nós, comidos, temos um gosto muito parecido com o dos porcos.

Isso ajuda a tornar absurdas as habituais explicações "seculares" da proibição judaica original. Argumenta-se que a proibição era inicialmente racional, dado que em climas quentes a carne de porco se torna rançosa e desenvolve os vermes da triquinose. Essa objeção — que provavelmente se aplica ao caso de mariscos não-kosher — é absurda quando aplicada às atuais condições. Primeiramente, a triquinose é encontrada em todos os climas, e na verdade ocorre mais nos frios do que nos quentes. Em segundo lugar, antigos assentamentos judaicos na terra de Canaã podem ser facilmente identificados pelos arqueólogos pela ausência de ossos de porcos nos depósitos de lixo, em oposição à presença desses ossos nos monturos de outras comunidades. Em outras palavras, os não-judeus não adoeciam e morriam por comerem porco. (Afora qualquer outra coisa, se eles tivessem morrido por essa razão, não haveria a necessidade de que o deus de Moisés insistisse em que fossem massacrados pelos que não comem porco.)

Portanto, deve haver outra resposta para o enigma. Eu considero minha própria solução original, embora sem a ajuda de James Frazer e do grande Ibn Warraq eu talvez não tivesse chegado a ela. De acordo com muitas autoridades antigas, a postura dos antigos semitas em relação aos suínos era tanto de reverência quanto de desgosto. Comer carne de porco era considerado algo especial, até mesmo privilegiado e ritualístico. (Essa confusão louca entre o sagrado e o profano é encontrada em todos os credos em todas as épocas.) A simultânea atração e repulsão derivavam de uma raiz antropomórfica: o olhar do porco, o gosto do porco, os gritos de agonia do porco e a evidente inteligência do porco lembravam de forma excessivamente desconfortável o humano. Assim, a porcofobia — e a porcofilia — provavelmente teve origem em uma noite de sacrifício humano e mesmo canibalismo da qual os textos sagrados frequentemente dão mais que um vislumbre. Nada opcional — da homossexualidade ao adultério — pode ser punido a não ser que aqueles responsáveis pela proibição (e que estabelecem as terríveis punições) tenham um desejo reprimido de participar. Como mostrou Shakespeare em Rei Lear, o policial que açoita a prostituta tem um forte desejo de usá-la para o mesmo crime pelo qual ele brande o açoite.

A porcofilia também pode ser utilizada para objetivos opressivos e repressivos. Na Espanha medieval, onde judeus e muçulmanos eram compelidos pela dor da morte e da tortura a se converterem ao cristianismo, as autoridades religiosas adequadamente suspeitaram que muitas das conversões não eram sinceras. De fato a Inquisição foi fruto em parte do medo santo de que infiéis disfarçados estivessem assistindo às missas — nas quais, claro, e de modo ainda

mais desagradável, eles fingiam comer carne humana e beber sangue humano na pessoa do próprio Cristo. Entre os hábitos surgidos como consequência estava o oferecimento, na maioria dos acontecimentos formais e informais, de um prato de salsichas e linguiças. Aqueles que já tiveram a felicidade de visitar a Espanha ou qualquer bom restaurante espanhol conhecem o gesto de hospitalidade: literalmente dezenas de pedaços de porco diferentemente curados e cortados. Mas a terrível origem disso é um esforço constante de identificar a heresia, e estar completamente atento a uma expressão de desgosto não disfarçada. Nas mãos de ansiosos fanáticos cristãos, até mesmo o delicioso *jamón* ibérico podia ser empregado como forma de tortura.

Hoje a antiga estupidez se abate novamente sobre nós. Muçulmanos fanáticos na Europa estão exigindo que *Os Três Porquinhos*, *Miss Piggy*, o bacorinho de *Ursinho Pooh* e outros tradicionais animais de estimação e personagens sejam afastados do olhar inocente de seus filhos. Os tristes frutos da *jihad* provavelmente não leram o bastante para conhecer a Imperatriz de Blandings ou o infinitamente renovado prazer do Conde de Emsworth nas esplêndidas páginas do incomparável autor sr. Whiffle em *The Care of the Pig*, mas haverá problemas quando eles chegarem a esse ponto. Uma velha estátua de um javali em um jardim botânico no interior da Inglaterra já foi ameaçada de um irracional vandalismo islâmico.

No microcosmo, esse fetiche aparentemente banal mostra como a religião, a fé e a superstição distorcem nossa noção geral do mundo. O porco é tão próximo de nós e tem sido tão útil a nós de tantas formas que humanistas agora defendem a tese de que ele não deveria ser criado em fazendas que parecem fábricas, confinado, separado da prole e obrigado a viver em meio a seu próprio estrume. Deixando de lado todas as outras considerações, a carne rosada e mole resultante *é* um tanto repulsiva. Mas essa é uma decisão que podemos tomar à luz da razão e da compaixão, que se estende a criaturas irmãs e parentes, não como resultado de sortilégios de acampamentos da Idade do Ferro, onde crimes muito piores eram festejados em nome de Deus. "Cabeça de porco em uma vara", diz o nervoso mas valente Ralph frente ao ídolo supurando e coberto de moscas (primeiramente morto depois idolatrado) criado por alunos cruéis e assustados em *O senhor das moscas*. "Cabeça de porco em uma vara." E ele estava mais certo do que sabia e era mais sábio que os mais velhos e os calouros delinquentes.

4. Uma nota sobre a saúde, à qual a religião pode ser prejudicial

> Nas eras negras as pessoas são mais bem guiadas pela religião, assim como em uma noite escura um cego é o melhor guia; ele conhece as estradas e trilhas melhor que um homem que consegue enxergar. Porém, quando o dia nasce, é tolice usar um velho cego como guia.
>
> Heinrich Heine, *Gedanken und einfalle*
> [Pensamento e ideia]

No outono de 2001, eu estava em Calcutá com o magnífico fotógrafo Sebastião Salgado, um gênio brasileiro cujos estudos com a câmera tornaram vivas as vidas de migrantes, vítimas da guerra e daqueles trabalhadores que sofrem para extrair produtos primários de minas, pedreiras e florestas. Naquela oportunidade ele atuava como enviado do Unicef e defendia sua causa como cruzado — no sentido positivo do termo — contra o flagelo da poliomelite. Graças ao trabalho de cientistas inspirados e iluminados como Jonas Salk, hoje é possível imunizar crianças contra essa doença terrível a um custo mínimo: os poucos centavos necessários para administrar duas gotas de uma vacina oral na boca de um bebê. Os avanços da medicina conseguiram eliminar o medo da varíola, e havia a confiança de que mais um ano faria o mesmo em relação à poliomelite. A própria humanidade estava aparentemente unida em relação a essa ideia. Em vários países, incluindo El Salvador, combatentes em guerra tinham proclamado cessar-fogo de modo a permitir que as equipes de vacinação se movimentassem livremente. Países extremamente pobres e arrasados tinham reunido os recursos para levar a boa notícia a todas as aldeias: não havia mais por que crianças serem mortas, tornadas imprestáveis ou miseráveis por aquela doença terrível. Em Washington, onde naquele ano muitas pessoas ainda permaneciam em casa assustadas depois do trauma de 11 de setembro, minha filha mais nova ia corajosamente de porta em porta no Halloween dizendo "Gostosuras ou travessuras para a Unicef" e curando ou salvando, com cada

punhado de moedas, crianças que ela nunca conheceria. Era a rara sensação de estar tomando parte de uma empreitada inteiramente positiva.

As pessoas de Bengala, particularmente as mulheres, eram entusiasmadas e inventivas. Eu me recordo de uma reunião de comissão em que dedicadas donas de casa de Calcutá planejavam sem embaraços se juntar às prostitutas da cidade para levar informações a todos os setores da sociedade. Levem seus filhos, não serão feitas perguntas, e deixem que eles tomem duas gotas. Alguém sabia de um elefante nas redondezas da cidade que podia ser alugado para abrir um desfile publicitário. Tudo estava correndo bem: em uma das cidades mais pobres de um dos estados mais pobres do mundo haveria um recomeço. Então começamos a ouvir um boato. Em alguns locais distantes, muçulmanos conservadores estavam espalhando a história de que as gotas eram um complô. Se você tomasse aquele sinistro remédio ocidental, teria impotência e diarreia (uma combinação proibida e deprimente).

Esse era um problema, porque as gotas tinham de ser administradas duas vezes — a segunda para reforçar e confirmar a imunização —, e porque bastava que restassem algumas poucas pessoas não-imunizadas para que a doença sobrevivesse e voltasse a se espalhar pelo contato direto e pela água. Como no caso da varíola, a erradicação precisa ser ilimitada e completa. Ao deixar Calcutá eu pensava se Bengala ocidental conseguiria cumprir o cronograma e se declarar livre da poliomelite até o final do ano seguinte. Isso deixaria apenas alguns bolsões no Afeganistão e em uma ou outra região inacessível, já devastada pelo fervor religioso, antes que pudéssemos dizer que outra antiga tirania da doença tivesse sido decididamente derrubada.

Em 2005 eu tomei conhecimento de um resultado. No norte da Nigéria — país que anteriormente tinha sido considerado provisoriamente livre da poliomelite — um grupo de religiosos islâmicos lançou uma proclamação, ou *fatwa*, declarando a vacinação contra a poliomelite uma conspiração dos Estados Unidos (e, surpreendentemente, das Nações Unidas) contra a fé muçulmana. Aqueles mulás diziam que as gotas eram projetadas para esterilizar os verdadeiros crentes. O objetivo e o efeito eram genocidas. Ninguém deveria tomá-las ou administrá-las aos bebês. Em alguns meses a poliomelite tinha retornado, e não apenas no norte da Nigéria. Viajantes e peregrinos nigerianos já a tinham levado até Meca e a espalhado novamente para vários outros países livres da poliomelite, incluindo três africanos e também o distante Iêmen. A pedra teria de ser novamente rolada até o topo da montanha.

Você pode dizer que esse é um caso "isolado", o que seria uma forma

terrivelmente hábil de colocar as coisas. Mas você estaria errado. Você gostaria de ver meu vídeo do conselho dado pelo cardeal Alfonso Lopes de Trujillo, presidente do Conselho Pontifício para a Família, do Vaticano, cuidadosamente alertando sua plateia de que todos os preservativos são secretamente feitos com muitos furos microscópicos pelos quais o vírus da aids pode passar? Feche os olhos e tente imaginar o que você diria caso tivesse a autoridade de infligir o maior sofrimento possível com o menor número de palavras. Pense no dano que tal dogma causou: presumivelmente esses furos permitem também a passagem de outras coisas, o que para começar elimina o sentido de um preservativo. Fazer tal afirmação em Roma já é perverso o bastante. Mas traduza a mensagem para o idioma dos países pobres e assolados e veja o que acontece. Durante o carnaval no Brasil, o bispo auxiliar do Rio de Janeiro, Rafael Llano Cifuentes, disse em um sermão à sua congregação que "a Igreja é contra o uso de preservativos. As relações sexuais entre um homem e uma mulher devem ser naturais. Eu nunca vi um cachorrinho usando um preservativo durante o intercurso sexual com outro cão". Clérigos em altos postos em diversos outros países — o cardeal Obando y Bravo da Nicarágua, o arcebispo de Nairóbi, no Quênia, o cardeal Emmanuel Wamala, de Uganda — também disseram a seus rebanhos que os preservativos transmitem a aids. De fato, o cardeal Wamala opinou que as mulheres que morrem de aids deveriam, em vez de empregar proteção de látex, ser consideras mártires (embora presumivelmente esse martírio deva acontecer nos limites do casamento).

As autoridades islâmicas não se saíram melhor, e algumas vezes foram ainda piores. Em 1995, o Concílio de Ulemás, na Indonésia, insistiu em que os preservativos só estivessem disponíveis para casais casados, e com receita médica. No Irã, um trabalhador HIV-positivo pode perder o emprego, e médicos e hospitais tem o direito de recusar tratamento para pacientes com aids. Um funcionário do Programa de Controle da Aids do Paquistão disse à revista *Foreign Policy* em 2005 que o problema era menor em seu país por causa dos "melhores valores sociais e islâmicos". Isso em um Estado em que a lei permite que uma mulher seja *sentenciada* a ser estuprada por um bando, de modo a expiar a "vergonha" de um crime cometido por seu irmão. É a velha combinação religiosa de repressão e negação: uma praga com a aids não deve ser mencionada porque os ensinamentos do Corão são em si suficientes para inibir o intercurso antes do casamento, o uso de drogas, o adultério e a prostituição. Mesmo uma rápida visita, digamos, ao Irã irá demonstrar o contrário. São os próprios mulás que lucram com a hipocrisia, ao licenciarem "casamentos temporários", nos quais

certidões de casamento estão disponíveis por algumas horas, algumas vezes em casas especialmente estabelecidas, com uma declaração de divórcio à mão na conclusão do negócio. Você quase poderia chamar de prostituição... Na última vez em que me fizeram tal oferta eu estava exatamente em frente ao feio templo do aiatolá Khomeini no sul de Teerã. Mas se espera que mulheres cobertas de véus, infectadas com o vírus por seus maridos, morram em silêncio. É certo que em todo o mundo outras pessoas inocentes e decentes irão morrer, de forma terrível e desnecessariamente, como resultado desse obscurantismo.

A postura da religião em relação à medicina, assim como em relação à ciência, sempre é necessariamente problemática, e com muita frequência necessariamente hostil. Um crente moderno pode dizer, e até mesmo acreditar, que sua fé é totalmente compatível com a ciência e a medicina, mas o fato incômodo continuará a ser que as duas coisas tendem a quebrar o monopólio da religião, e frequentemente enfrentaram forte resistência por essa razão. O que acontece com o curandeiro pela fé e o xamã quando um cidadão pobre pode ver todo o efeito de remédios e cirurgia administradas sem cerimônias ou mistificação? Basicamente o mesmo que acontece ao fazedor de chuva quando surge o climatologista ou ao adivinho dos céus quando professores conseguem telescópios básicos. As pestes da antiguidade eram consideradas uma punição dos deuses, o que foi muito útil para fortalecer o controle dos sacerdotes e encorajar a morte na fogueira para infiéis e hereges, que eram responsabilizados — em uma explicação alternativa — por espalhar a doença por intermédio de bruxaria ou então envenenando as fontes.

Podemos fazer concessões às orgias de estupidez e crueldade aceitas antes que a humanidade tivesse uma noção clara da teoria dos germes para a doença. A maioria dos "milagres" do Novo Testamento tem a ver com curas, o que tinha grande importância em uma época em que mesmo uma pequena doença muitas vezes podia ser o fim. (O próprio Santo Agostinho disse que não teria acreditado no cristianismo se não fosse pelos milagres.) Críticos científicos da religião como Daniel Dennett foram suficientemente generosos para destacar que rituais de cura aparentemente inúteis podiam ajudar as pessoas a melhorar, uma vez que sabemos como o moral é importante para ajudar o corpo a combater ferimentos e infecções. Mas isso seria uma desculpa disponível apenas retrospectivamente. Na época em que o dr. Jenner descobriu que uma vacina de varíola bovina podia eliminar a varíola humana, a desculpa se tornara inútil. Mas Timothy Dwight, presidente da Universidade de Yale, e até hoje um dos mais respeitados "teólogos" dos Estados Unidos, se opôs à vacinação contra a varíola porque a

considerava uma interferência contra os desígnios de Deus. E essa mentalidade ainda é muito presente, muito depois de seu pretexto e sua justificativa na ignorância humana terem desaparecido.

É interessante e sugestivo que o bispo auxiliar do Rio de Janeiro faça sua analogia com cães. Eles não se incomodam em colocar um preservativo: quem somos nós para discutir com sua fidelidade à "natureza"? Na recente divisão ocorrida na Igreja Anglicana quanto à homossexualidade e ordenação, vários bispos destacaram o ponto vazio de que a homossexualidade é "antinatural" porque não ocorre em outras espécies. Deixe de lado o absurdo fundamental dessa observação: os humanos são parte da "natureza" ou não? Ou, caso eles sejam homossexuais, são criados à imagem de Deus ou não? Deixe de lado o fato bem comprovado de que inúmeros tipos de pássaros, mamíferos e primatas realizam jogos homossexuais. Quem são os clérigos para interpretar a natureza? Eles se mostraram bastante incapazes disso. Um preservativo é, muito simplesmente, um meio necessário, mas não suficiente, para evitar a transmissão da aids. Todas as autoridades qualificadas, incluindo aquelas que afirmam que a abstinência é ainda melhor, estão de acordo quanto a isso. A homossexualidade está presente em todas as sociedades, e sua incidência parece ser parte do "projeto" humano. Precisamos forçosamente enfrentar esses fatos quando os descobrimos. Hoje sabemos que a peste bubônica não era espalhada pelo pecado ou por desvios morais, e sim por ratos e pulgas. Durante a célebre "Peste Negra" de Londres em 1665, o arcebispo Lancelot Andrewes percebeu com desconforto que o horror se abatia sobre aqueles que oravam e mantinham a fé tanto quanto sobre aqueles que não o faziam. Ele chegou perigosamente perto de tropeçar na verdadeira questão. Enquanto eu escrevia este capítulo, começou uma discussão na minha cidade, Washington, D. C. Sabe-se há muito tempo que o papilomavírus humano (HPV) é uma infecção sexualmente transmitida que, no pior dos casos, pode causar câncer de colo de útero em mulheres. Já está disponível uma vacina — hoje as vacinas são desenvolvidas cada vez mais rapidamente —, não para curar a doença, para imunizar as mulheres contra ela. Mas há forças no governo que se opõem à adoção da medida com base em que ela não desencoraja o sexo antes do casamento. Aceitar a disseminação do câncer do colo do útero em nome de Deus não é diferente, moral ou intelectualmente, de sacrificar essas mulheres em um altar de pedra e agradecer à divindade por nos dar impulso sexual e então condená-lo.

Não sabemos quantas pessoas morreram ou morrerão na África por causa do vírus da aids, que foi isolado e se tornou tratável, em um grande feito da pesquisa

científica humana, pouco depois de ter feito sua aparição letal. Por outro lado, nós sabemos que fazer sexo com uma virgem — uma das "curas" locais mais populares — de fato não impede ou elimina a infecção. E também sabemos que o uso de preservativos pode pelo menos contribuir, como uma forma de profilaxia, para a limitação e a contenção do vírus. Não estamos lidando, diferentemente do que os antigos missionários podem ter gostado de acreditar, com médicos feiticeiros e selvagens que resistem às dádivas trazidas pelos missionários. Estamos, ao contrário, lidando com o governo Bush, que, em uma república supostamente secular do século XXI, se recusa a dar uma parcela de seu orçamento de ajuda externa a instituições de caridade e clínicas que trabalham com planejamento familiar. Pelo menos duas grandes religiões estabelecidas, com milhões de fiéis na África, acreditam que a cura é muito a que pior que doença. Elas também acalentam a crença de que a praga da aids é de alguma forma um veredicto dos céus sobre os desvios sexuais — particularmente sobre a homossexualidade. Um único golpe da poderosa navalha de Ockham eviscera essa selvageria inconsistente: homossexuais femininas não contraem aids (exceto se tiverem azar com uma transfusão ou uma agulha), e elas também são muito mais livres de *todas* as doenças venéreas que até mesmo os heterossexuais. Mas as autoridades religiosas teimosamente se recusam a ser honestas até mesmo sobre a existência das lésbicas. Agindo assim, elas comprovam mais uma vez que religião continua a ser uma ameaça urgente à saúde pública.

Uma questão hipotética. Como homem de cerca de 57 anos de idade, eu sou flagrado chupando o pênis de um bebê. Peço que você imagine seu próprio ultraje e sua náusea. Ah, mas eu tenho minha explicação pronta. Eu sou um *mohel*: um circuncidador oficial e removedor de prepúcio. Minha autoridade provém de um antigo texto, que determina que eu pegue o pênis do bebê em minha mão, corte ao redor do prepúcio e complete o ato colocando seu pênis em minha boca, sugando o prepúcio e cuspindo o pedaço amputado juntamente com um punhado de sangue e saliva. Essa prática foi abandonada pela maioria dos judeus, por causa de sua natureza anti-higiênica ou suas associações perturbadoras, mas ainda resiste entre os fundamentalistas hassídicos, que esperam que o Segundo Templo seja reconstruído em Jerusalém. Para eles, o rito primitivo do *peri'ah metsitsah* é parte do acordo original e irrevogável com Deus. Descobriu-se que em Nova York, no ano de 2005, o ritual, realizado por um *mohel* de 57 anos de idade, transmitiu herpes genital a vários meninos e causou a morte de pelo menos dois deles. Em circunstâncias normais a revelação teria levado o Departamento de Saúde Pública a proibir a prática e o prefeito a

denunciá-la. Mas, na capital do mundo moderno na primeira década do século XXI, não foi o caso. Em vez disso, o prefeito Bloomberg ignorou os relatórios de respeitados médicos judeus que alertavam para o perigo do costume e determinou à sua burocracia sanitária que adiasse qualquer veredicto. A questão fundamental, disse ele, era assegurar que a livre prática da religião não estivesse sendo infringida. Ouvi a mesma coisa em um debate público com Peter Steinfels, o católico liberal "editor de religião" do *New York Times*.

Por acaso era ano de eleição para prefeito em Nova York, o que frequentemente explica muito. Mas esse padrão se repete em outras doutrinas, outros estados e cidades, bem como em outros países. Em uma grande região da África animista e muçulmana, meninas são submetidas ao inferno da circuncisão e da infibulação que consiste na retirada do clitóris e dos lábios, frequentemente com uma pedra amolada, e depois na costura da abertura vaginal com uma corda forte que só pode ser removida ao ser rompida pela força do macho na noite de núpcias. Enquanto isso, a compaixão e a biologia permitem que seja deixada uma pequena abertura para a passagem do sangue menstrual. O mau cheiro, a dor, a humilhação e o sofrimento consequentes excedem qualquer coisa facilmente imaginável e inevitavelmente resultam em infecção, esterilidade, vergonha e a morte de muitas mulheres e crianças no parto. Nenhuma sociedade iria tolerar tal agressão a suas mulheres e portanto, a sobrevivência, se essa prática abjeta não fosse sagrada e santificada. Mas, então, nenhum nova-iorquino permitiria atrocidades contra recém-nascidos se não pelos mesmos motivos. Pais que disseram acreditar nas alegações absurdas da "ciência cristã" foram acusados, mas nem sempre condenados, por negar cuidados médicos urgentes a seus filhos. Pais que se imaginam "testemunhas de Jeová" recusaram permissão para que seus filhos recebessem transfusões de sangue. Pais que imaginam que um homem chamado Joseph Smith foi guiado a um conjunto de placas de ouro enterradas casaram suas filhas "mórmons" menores de idade com tios e cunhados que algumas vezes já tinham esposas mais velhas. Os fundamentalistas xiitas do Irã reduziram a idade de "consenso" para 9 anos, talvez em uma emulação admirada da idade da "esposa" mais jovem do "profeta" Maomé. Meninas noivas hindus na Índia são açoitadas, e algumas vezes queimadas vivas, se o dote patético que elas trazem é considerado pequeno demais. Apenas na década passada o Vaticano e sua vasta rede de dioceses foram obrigados a admitir cumplicidade em um enorme número de casos de estupro e tortura de crianças, principalmente, mas de modo algum exclusivamente, homossexuais, em que pederastas e sádicos conhecidos eram protegidos da lei e transferidos para paróquias onde a colheita

de inocentes e indefesos frequentemente era melhor. Apenas na Irlanda — antes fiel discípula da Santa Madre Igreja — estima-se hoje que as crianças *não* molestadas nas escolas religiosas são muito provavelmente a minoria.

A religião professa um papel especial na proteção e na formação de crianças. "Desgraçado aquele que fere uma criança", diz o Grande Inquisidor em *Os irmãos Karamázov*, de Dostoiévski. No Novo Testamento, Jesus nos informa que alguém tão culpado estaria melhor no fundo do oceano, e com uma pedra no pescoço acrescentaria. Mas na teoria e na prática a religião usa os inocentes e indefesos com o objetivo de experiências. Tente fazer com que um judeu adulto praticante permita ter seu pênis em carne viva colocado na boca de um rabino. (Isso seria legal, pelo menos em Nova York.) Tente fazer mulheres adultas que cuidam de seu clitóris ou de seus lábios permitirem que eles sejam arrancados por alguma outra adulta desgraçada. Tente fazer Abraão se oferecer para cometer suicídio de modo a provar sua devoção ao Senhor ou sua crença nas vozes que estava ouvindo dentro de sua cabeça. Tente fazer pais devotos negarem a si mesmos a ajuda da medicina ao sentirem dor aguda e perturbação. Tente — pelo que sei — fazer um padre aferrado ao celibato ser um homossexual promiscuo. Tente fazer uma congregação que acredita em expulsar o demônio a chicotadas escolher um novo pecador adulto toda semana e açoitá-lo até sangrar. Tente fazer alguém que acredita em criacionismo instruir seus colegas nos intervalos para almoço. Mas o recrutamento de crianças desprotegidas para esses propósitos é algo que até mesmo o secularista mais dedicado pode com segurança descrever como um pecado.

Eu não me apresento como um exemplo moral, e seria facilmente desmascarado se o fizesse, mas, se fosse suspeito de estuprar uma criança, torturar uma criança, infectar uma criança com uma doença venérea ou vender uma criança como escrava, sexual ou não, pensaria em cometer suicídio, fosse culpado ou não. Se eu realmente tivesse cometido o crime, aceitaria a morte de qualquer forma que ela tivesse. Essa náusea é inata em qualquer pessoa saudável, e não precisa ser ensinada. Como a religião se provou exclusivamente delinquente na única questão em que a autoridade moral e ética pode ser considerada universal e absoluta, acho que temos direito a pelo menos três conclusões provisórias. A primeira é que a religião e as igrejas são fabricadas, e que esse fato evidente é óbvio demais para ser ignorado. A segunda é que a ética e a moralidade independem de fé, e não podem derivar dela. A terceira é que a religião é — porque alega ter uma imunidade especial e divina para suas práticas e crenças — não apenas amoral, mas imoral. O psicopata ou o ignorante violento

que trata mal seus filhos deve ser punido, mas pode ser compreendido. Aqueles que alegam ter um mandato divino para a crueldade foram corrompidos pelo mal, e também constituem um perigo muito maior.

Na cidade de Jerusalém, há uma ala especial no hospital psiquiátrico para aqueles que representam perigo especial para si mesmos e para os outros. Esses pacientes delirantes sofrem da "Síndrome de Jerusalém". Policiais e seguranças são treinados para reconhecê-los, embora suas manias estejam frequentemente escondidas sob uma máscara de enganosa calma beatífica. Eles foram para a cidade santa a fim de se anunciarem como o messias ou redentor, ou para proclamar o fim dos tempos. A ligação entre fé religiosa e perturbação mental é, do ponto de vista dos tolerantes e dos "multiculturalistas", bastante óbvia e definitivamente não deve ser mencionada. Se alguém mata os filhos e depois diz que Deus ordenou que o fizesse, devemos considerá-lo inocente por motivo de insanidade, mas ele ainda assim será encarcerado. Se alguém vive em uma caverna e alega ter visões e sonhos proféticos, podemos deixá-lo em paz até que se descubra que ele está planejando, de uma forma não fantasmagórica, o prazer do terrorismo suicida. Se alguém se anuncia como escolhido por Deus e começa a estocar refresco em pó e armas e a desfrutar das esposas e das filhas de seus acólitos, erguemos uma sobrancelha um pouco mais que cética. Mas, se essas coisas são pregadas sob a proteção de uma religião estabelecida, espera-se que demos valor a elas. Todos os três monoteísmos, apenas para usar os exemplos mais claros, louvam Abraão por estar disposto a ouvir vozes e depois levar seu filho Isaac para uma caminhada longa e bastante insana e sombria. Então, o capricho pelo qual sua mão assassina é finalmente detida é descrito como misericórdia divina.

Sabe-se hoje que a relação entre saúde física e saúde mental tem uma forte ligação com função, ou disfunção, sexual. Será então uma coincidência que todas as religiões aleguem ter o direito de legislar em matéria de sexo? A principal forma pela qual os crentes afetam a si mesmos, uns aos outros ou aos não-crentes sempre foi sua alegação de monopólio nessa área. A maioria das religiões (com exceção dos poucos cultos que o permitem ou encorajam) não tem de se preocupar muito em reforçar o tabu sobre o incesto. Como o assassinato e o roubo, isso normalmente se revela repugnante para os humanos sem maiores explicações. Mas simplesmente pesquisar a história do medo sexual e da proscrição como codificada pela religião é encontrar uma ligação muito perturbadora entre extrema lascívia e extrema repressão. Quase todos os

impulsos sexuais tiveram um momento de proibição, culpa e vergonha. Sexo manual, sexo oral, sexo anal, sexo em diversas posições: basta pensar para encontrar uma proibição medrosa a ele. Mesmo nos Estados Unidos modernos e hedonistas, vários estados definem legalmente a "sodomia" como algo que não é voltado para uma procriação heterossexual face a face.

Isso levanta enormes objeções à discussão do "projeto", escolhamos ou não classificá-lo de "inteligente". A espécie humana é claramente projetada para fazer experiências com o sexo. Esse fato é não menos claramente bem conhecido pelos sacerdotes. Quando o dr. Samuel Johnson concluiu o primeiro verdadeiro dicionário da língua inglesa, recebeu a visita de uma delegação de senhoras respeitáveis que queria parabenizá-lo por não ter incluído nenhuma indecente. Sua resposta — que foi a de que ele achava interessante que as damas tivessem procurado por elas — contém quase tudo que precisa ser dito sobre a questão. Judeus ortodoxos podem não manter relações através de um orifício no lençol, mas submetem suas mulheres a banhos rituais para limpar a nódoa da menstruação. Muçulmanos submetem adúlteras a castigos públicos com um açoite. Cristãos costumavam lamber os lábios enquanto examinavam mulheres em busca de sinais de bruxaria. Eu não preciso continuar: qualquer leitor deste livro conhece um exemplo claro, ou simplesmente irá adivinhar o que eu quero dizer.

Uma prova consistente de que religião é criada pelo homem e é antropomórfica também pode ser encontrada no fato de que normalmente também criada pelo "homem" no sentido de masculino. O livro sagrado em uso há mais tempo — a Torá — ordena ao praticante agradecer a seu criador todos os dias por não ter nascido mulher. (Isso mais uma vez levanta uma questão insistente: quem além de um escravo agradeceria a seu mestre pelo que ele decidiu fazer sem se dar o trabalho de consultá-lo?). O Velho Testamento, como os cristãos o chamam com condescendência, apresenta a mulher como sendo clonada do homem para seu uso e conforto. O Novo Testamento apresenta São Paulo expressando temor e desprezo pelas mulheres. Ao longo de todos os textos religiosos há um medo primitivo de que metade da raça humana seja simultaneamente corrompida e impura, e ainda assim uma tentação ao pecado ao qual é impossível resistir. Isso poderá explicar o culto histérico à virgindade e a uma Virgem, e a ameaça da forma feminina e das funções reprodutivas femininas? Talvez haja alguém que consiga explicar a crueldade sexual e outras crueldades dos religiosos sem fazer qualquer referência à obsessão pelo celibato, mas esse alguém não sou eu. Eu me limito a rir quando leio o Corão, com suas

intermináveis proibições relativas ao sexo e sua promessa corrupta de infinita devassidão na próxima vida: é como ver através do "vamos fingir" de uma criança, mas sem a indulgência presente em assistir aos inocentes brincando. Os lunáticos homicidas — ensaiando para serem lunáticos genocidas — de 11 de setembro talvez fossem tentados por virgens, mas é muito mais revoltante pensar que eles, como tantos de seus colegas jihadistas, *eram* virgens. Como os monges de antigamente, os fanáticos são afastados cedo de suas famílias, ensinados a desprezar suas mães e irmãs e chegam à idade adulta sem nunca haverem tido uma conversa normal quanto mais um relacionamento normal, com uma mulher. Isso, por definição, é doença. O cristianismo é reprimido demais para oferecer o sexo no céu — de fato, ele nunca conseguiu desenvolver um céu tentador — mas tem sido pródigo em sua promessa de punição sádica e eterna para os transgressores sexuais, o que é quase tão revelador para comprovar o mesmo ponto, só que de uma forma diferente.

Um subgênero especial da literatura moderna são as memórias de um homem ou uma mulher com educação religiosa. O mundo moderno é hoje suficientemente secular para que alguns desses autores tentem ser engraçados sobre o que se passou com eles e sobre aquilo em que se esperava que eles acreditassem. Contudo, tais livros tendem necessariamente a ser escritos por aqueles com força suficiente para sobreviver à experiência. Não temos como avaliar os danos produzidos por dizer a dezenas de milhões de crianças que a masturbação as deixará cegas, que pensamentos impuros levarão a uma eternidade de tormentos, que fiéis de outras crenças, incluindo membros de sua própria família, irão queimar ou que doenças venéreas são transmitidas por beijos. Nem podemos esperar avaliar o dano produzido por instrutores santos que aplicam em casa essas mentiras e as fazem acompanhar de açoitamento, estupros e humilhação pública. Alguns daqueles que "descansam e túmulos esquecidos" podem ter contribuído para o bem do mundo, mas aqueles que pregaram ódio, o medo e a culpa e que destruíram incontáveis infâncias deveriam ser gratos pelo fato de o inferno que eles pregavam ser apenas uma de suas muitas terríveis falsificações e que eles não tenham sido mandados para apodrecer lá.

Violenta, irracional, intolerante, aliada do racismo, do tribalismo e do fanatismo, baseada na ignorância e hostil à livre reflexão, depreciativa das mulheres e coerciva para com as crianças: a religião organizada tem muito em

sua consciência. Há mais uma acusação a ser acrescentada à lista de indiciamentos. Com uma boa parte de sua mente coletiva, a religião espera a destruição do mundo. Com isso eu não quero dizer "espera" simplesmente no sentido escatológico de antecipar o fim. Na verdade quero dizer que ela, aberta ou disfarçadamente, deseja que o fim aconteça. Talvez meio consciente de que seus argumentos por si sós não são totalmente convincentes, e talvez desconfortável com sua própria acumulação gananciosa de poder temporal e riqueza, a religião nunca deixou de proclamar o Apocalipse e o Dia do Juízo. Tem sido um tropo constante desde que os primeiros médico-feiticeiros e xamãs aprenderam a prever eclipses e a usar seu conhecimento celestial sem consistência para aterrorizar os ignorantes. Isso se estende das epístolas de São de Paulo, que claramente acreditava que estava chegando ao fim o tempo da humanidade e esperava por isso, passando pelas fantasias delirantes do Livro do Apocalipse, que pelo menos foi escrito de forma memorável pelo suposto São João, o Divino, na ilha grega de Patmos, até a série de ficção barata best-seller *Deixados para trás* que, ostensivamente "escrita" por Tim LaHaye e Jerry B. Jenkins, parece ter sido gerada pelo velho expediente de deixar dois orangotangos soltos com um processador de texto.

> O sangue continuou a subir. Milhões de pássaros voaram para lá e se banquetearam nos restos. (...) e a prensa de vinho foi colocada do lado de fora da cidade, e sangue saiu da prensa, até a brida dos cavalos, por 1600 furlongs.(1)

Isso é puro prazer maníaco temperado com meias citações. Algo mais reflexivo, mas dificilmente menos lamentável, pode ser encontrado em "*Battle Hymn of the Republic*", de Julia Ward, que se demora na mesma prensa de vinho, e no murmúrio de Robert Oppenheimer ao ver a primeira detonação nuclear em Alamogordo, Novo México, e se ouvir citando o épico hindu *Bhagavad Gita*: "Eu me tornei a Morte, o destruidor de mundos". Uma das muitas ligações entre a crença religiosa e a infância sinistra, mimada e egoísta de nossa espécie é o desejo reprimido de ver tudo esmagado, destruído e reduzido a nada. Essa necessidade de cólera se soma a dois outros tipos de "alegria culpada" ou, como os alemães dizem, *Schadenfreude*. Primeiramente, a morte de alguém é cancelada — ou talvez quitada ou compensada — pela obliteração de todas as outras. Em segundo lugar, é sempre possível esperar de maneira egoísta que alguém seja pessoalmente poupado, se recolha satisfeito ao recesso do exterminador em massa e observe de um lugar seguro o sofrimento daqueles com menos sorte. Tertuliano, um dos muitos pais da Igreja que acharam difícil dar um relato

convincente do paraíso, talvez tenha sido inteligente ao buscar o mínimo denominador comum e prometer que um dos prazeres mais intensos da outra vida seria contemplar eternamente as torturas dos condenados. Ele estava sendo mais verdadeiro do que sabia ao evocar a característica humana da fé.

Como em todos os casos, as descobertas da ciência são muito mais espantosas do que a grandiloquência divina. A história do universo começa, se podemos usar a palavra "tempo" com algum significado, há cerca de 12 bilhões de anos. (Se usarmos a palavra "tempo" equivocadamente, terminaremos com o cálculo infantil do festejado arcebispo James Ussher de Armagh, que calculou que a Terra — "a Terra" sozinha, veja bem, não o universo — nasceu no sábado, 22 de outubro de 4004 a C., as seis da tarde. Essa datação foi endossada por William Jennings Bryan, ex-secretário de Estado dos Estados Unidos e duas vezes candidato democrata à presidência, em testemunho em tribunal na terceira década do século XX.) A verdadeira idade do Sol e dos planetas que orbitam em torno dele um deles destinado a abrigar vida e os outros condenados à falta de vida é talvez de 4,5 bilhões de anos, sujeita a revisões. Esse sistema solar microscópico em especial muito provavelmente tem mais ou menos o mesmo prazo para seguir seu rumo: a expectativa de vida de nosso sol é solidamente de mais cinco bilhões de anos. Porém, marque em seu calendário. Mais ou menos nesse momento ele vai emular milhões de outras estrelas e se transformar de modo explosivo em uma inchada "gigante vermelha", fazendo com que os oceanos da Terra fervam e extinguindo qualquer possibilidade de vida. Nenhuma descrição de qualquer profeta ou visionário chegou perto de retratar a aterradora intensidade e irrevogabilidade desse momento. É possível pelo menos ter uma razão lamentavelmente egoísta para não ter medo de passar por isso: segundo as atuais projeções, a biosfera muito provavelmente será destruída por tipos distintos e mais lentos de aquecimento nesse ínterim. Como espécie na Terra, de acordo com muitos especialistas otimistas, não temos muitos éons à frente.

Portanto, com que desprezo e suspeita devem ser vistos aqueles que não estão dispostos a esperar e que se divertem e aterrorizam os outros com horrendas visões do Apocalipse, seguido por um duro julgamento por parte daquele que, para começo de conversa, supostamente nos colocou nesse dilema do qual não é possível escapar? Hoje podemos rir dos pregadores hidrófobos de inferno e danação que adoravam atormentar almas jovens com descrições pornográficas de tortura infernal, mas esse fenômeno reapareceu de forma mais problemática com a santa aliança entre os crentes e o que eles conseguem pegar emprestado ou roubar da ciência. Eis Pervez Hoodbhoy, distinto professor de física nuclear e de

altas energias da Universidade de Islamabad, Paquistão, escrevendo sobre a mentalidade assustadora que prevalece em seu país — um dos primeiros Estados do mundo a definir sua própria nacionalidade a partir da religião:

> Em um debate público às vésperas dos testes nucleares paquistaneses, o ex-chefe do exército paquistanês, general Mirza Aslam Beg, disse: "Podemos dar um primeiro golpe, um segundo, e até mesmo um terceiro." A perspectiva de uma guerra nuclear não o abalou. "Você pode morrer atravessando a rua ou pode morrer em uma guerra nuclear", disse. "De qualquer maneira, você irá morrer algum dia." (...) Índia e Paquistão são sociedades fundamentalmente tradicionais, em que a estrutura de crença fundamental exige que você se enfraqueça e se renda a forças superiores. A crença hindu fatalista de que as estrelas acima de nós determinam nosso destino ou a crença muçulmana equivalente no *kismet*(2) certamente são parte do problema.

Em um debate público às vésperas dos testes nucleares paquistaneses, o ex-chefe do exército paquistanês, general Mirza Aslam Beg, disse: "Podemos dar um primeiro golpe, um segundo, e até mesmo um terceiro A perspectiva de uma guerra nuclear não o abalou. "Você pode morrer atravessando a rua ou pode morrer em uma guerra nuclear" disse. "De qualquer maneira, você irá morrer algum dia Índia e Paquistão são sociedades fundamentalmente tradicionais estrutura de em que a crença fundamental exige que você se enfraqueça e se renda a forças superiores. A crença hindu fatalista de que a estrelas acima de nós determinam nosso destino ou a crença muçulmana equivalente no kismet certamente são parte do problema.

Não vou discordar do valoroso professor Hoodbhoy, que ajudou a nos alertar para o fato de que vários dos burocratas do programa nuclear paquistanês secretamente apoiavam Bin Laden e que também denunciou os fanáticos no interior do sistema que esperavam usar o poder dos míticos *djinns*, ou demônios do deserto, com objetivos militares. Em seu mundo, os inimigos são principalmente muçulmanos e hindus. Mas também no mundo "judaico-cristão" há aqueles que gostam de fantasiar um conflito final e embelezam a visão com nuvens em forma de cogumelo. É uma ironia trágica e potencialmente letal que aqueles que mais desprezam a ciência e o método de livre investigação tenham sido capazes de surrupiá-lo e incorporar os produtos sofisticados dele a seus sonhos doentios.

O desejo de morte, ou algo não muito diferente disso, pode estar secretamente presente em todos nós. Na virada do ano 1999 para 2000 muitas pessoas educadas disseram e publicaram infinitos absurdos sobre uma série de possíveis calamidades e dramas. Não era nada além de numerologia primitiva: na verdade era um pouco pior, já que 2000 era apenas um número nos calendários

cristãos, e mesmo os mais teimosos defensores da história da Bíblia hoje admitem que, caso Jesus tenha nascido, isso não aconteceu antes de pelo menos 4 d.C. A oportunidade não passou de um hodômetro para idiotas, que sonhavam com a emoção barata do julgamento iminente. Mas a religião legitima tais impulsos, e alega ter o direito de oficiar no final da vida, assim como espera monopolizar as crianças no início da vida. Não pode haver dúvida de que o culto à morte e a insistência nos presságios do fim sejam fruto de um desejo oculto de vê-lo acontecer e acabar com a ansiedade e a dúvida que sempre ameaçam o controle da fé. Quando há o terremoto, o tsunami inunda ou as Torres Gêmeas explodem, você consegue ver e ouvir a secreta satisfação dos fiéis. Eles dizem alegremente: "Veja, é isso o que acontece quando você não nos ouve!" Com um sorriso melífluo eles oferecem uma redenção que não cabe a eles conceder e, quando questionados, adotam a expressão ameaçadora que diz: "Ah, então você recusa nossa oferta de paraíso? Bem, nesse caso temos um outro destino guardado para você." Quanto amor! Quanta preocupação!

O elemento do desejo de obliteração pode ser visto sem disfarces nas seitas milenaristas de nossos dias, que traem seu próprio egoísmo, bem como seu niilismo, anunciando quantos serão salvos da catástrofe final. Nesse caso os extremistas protestantes são quase tão ruins quanto os muçulmanos mais histéricos. Em 1844 houve um dos maiores "renascimentos" religiosos americanos, liderados por um lunático semianalfabeto chamado George Miller. O senhor Miller conseguiu lotar o alto das montanhas dos Estados Unidos com tolos crédulos que (tendo vendido todos os seus bens por muito pouco) foram persuadidos de que o mundo iria terminar no dia 22 de outubro daquele ano. Eles se retiraram para terreno elevado — que diferença eles achavam que isso faria? — ou para os tetos de seus galpões. Quando o final não veio, a escolha de palavras de Miller foi bastante sugestiva. Foi, anunciou ele, "A Grande Decepção". Em nossa época, o senhor Hal Lindsey, autor do best—seller *A agonia do Planeta Terra*, traiu a mesma sede de extinção. Com o apoio de importantes conservadores americanos e respeitosamente entrevistado na TV, o sr. Lindsay datou o começo da "Tribulação" — um período de sete anos de luta e terror — para 1988. Isso teria produzido o próprio Armagedom (o final da "Tribulação") em 1995. O senhor Lindsey pode ser um charlatão, mas é verdade que ele e seus seguidores sofrem de uma persistente sensação de anticlímax.

Porém, há anticorpos para o fatalismo, o suicídio e o masoquismo, e são igualmente inatos a nossa espécie. Há uma famosa história da Massachusetts puritana no final do século XVIII. Durante uma sessão do legislativo estadual, o

céu de repente ficou escuro e carregado na metade do dia. Seu aspecto ameaçador — escuridão ao meio-dia — convenceu muitos legisladores de que o acontecimento que estava em suas mentes confusas era iminente. Eles pediram que os trabalhos fossem suspenso e pudessem ir para casa morrer. o presidente da assembleia, Abraham Davenport, conseguiu manter o equilíbrio e a dignidade. "Cavalheiros, ou o Dia do Juízo Final está aqui ou não. Se não está, não é motivo para alarme e lamentos. Se, porém, for o caso, eu gostaria de ser encontrado cumprindo minhas obrigações. Portanto apresento a moção para que sejam trazidas velas". Em sua própria época limitada e supersticiosa, era o melhor que o sr. Davenport podia fazer. Ainda assim, eu apoio sua moção.

---

(1) Medida de distância nos EUA e Grã-Bretanha. Um furlong equivale a 201,17 metros. (N. do E.)
(2) Destino. (N. do E.)

5. As alegações metafísicas da religião são falsas

Sou um homem de um só livro.

Santo Tomás de Aquino

Sacrificamos o intelecto a Deus.

Inácio da Loyola

A razão é a meretriz do Diabo, que nada faz a não ser difamar e corromper tudo o que Deus diz e faz.

Martinho Lutero

Erguendo os olhos para as estrelas, eu sei muito bem
Que por elas, eu posso ir para o inferno.

W H. Auden, "*The more loving one's*"

Eu escrevi que nunca mais teríamos de enfrentar a fé comovente de um Aquino ou de um Maimônides (em oposição à fé cega de seitas milenaristas ou absolutistas da qual aparentemente temos um estoque ilimitado e infinitamente renovável). Por uma simples razão. Aquele tipo de fé que pode resistir pelo menos um pouco em confronto com a razão é hoje absolutamente impossível. Os primeiros pais da fé (eles se asseguraram de que não haveria mães) viviam em uma época de enorme ignorância e medo. Maimônides não incluiu em *O guia dos perplexos* aqueles que ele escreveu como não valendo o esforço: os "turcos", negros e povos nômades cuja "natureza é como a natureza de animais mudos". Aquino acreditava um pouco em astrologia e estava convencido de que o núcleo

completamente formado (não que ele conhecesse a palavra como nós a conhecemos) de um ser humano estava contido dentro de cada espermatozoide isolado. É de lamentar todas as palestras melancólicas e idiotas sobre abstinência sexual de que poderíamos ter sido poupados caso esse absurdo tivesse sido denunciado antes do que foi. Agostinho era um fantasista egocêntrico e um ignorante geocêntrico: ele estava culpadamente convencido de que Deus se importava com seu roubo banal de algumas pereiras sem importância e persuadido — por um solipsismo análogo — de que o Sol girava em torno da Terra. Ele também criou a ideia louca e cruel de que as almas de crianças não batizadas eram mandadas para o "limbo". É possível imaginar a carga de infelicidade que essa "teoria" doentia lançou sobre milhões de pais católicos ao longo dos anos até sua revisão envergonhada e apenas parcial pela Igreja em nossa própria época? Lutero era aterrorizado por demônios e acreditava que os doentes mentais eram uma obra do diabo. Maomé, segundo seus discípulos, teria acreditado, assim como Jesus, que o deserto estava coalhado de *djinns*, espíritos maus.

É preciso deixar claro. A religião vem de uma época da pré-história humana em que ninguém — nem mesmo o grandioso Demócrito, que concluiu que toda a matéria era feita de átomos — tinha a menor ideia do que estava acontecendo. Vem da infância assustada e chorosa de nossa espécie e é uma tentativa infantil de atender a nossa inescapável necessidade de conhecimento (bem como de conforto, garantia e outras necessidades infantis). Hoje, o menos informado de meus filhos sabe muito mais sobre a ordem natural que qualquer dos fundadores da religião, e é bom pensar — embora a ligação não seja plenamente demonstrável — que é por isso que eles parecem tão pouco interessados em enviar colegas humanos para o inferno.

Todas as tentativas de conciliar a fé com a ciência e a razão estão condenadas ao fracasso e ao ridículo exatamente por essas razões. Eu li, por exemplo, sobre algumas conferências ecumênicas de cristãos que querem mostrar como são abertos e convidam físicos a participar. Mas sou compelido a me lembrar do que sei — que, para começar, não haveria igrejas se a humanidade não tivesse temido o clima, o escuro, a peste, o eclipse e todas as outras coisas hoje facilmente explicáveis. E também se a humanidade não tivesse sido compelida, com uma dor de consequências atrozes, a pagar os exorbitantes dízimos e impostos que ergueram os imponentes edifícios da religião.

É verdade que algumas vezes os cientistas foram religiosos, ou pelo menos supersticiosos. *Sir* Isaac Newton, por exemplo, era um espiritualista e alquimista

de tipo particularmente risível. Fred Hoyle, o astrônomo de Cambridge que cunhou o termo "big bang", foi um ex-agnóstico que se apaixonou pela ideia de "projeto". (Ele se saiu com essa frase tola, por acaso, em uma tentativa de desacreditar o que hoje é a teoria aceita das origens do universo. Foi uma daquelas difamações que por assim dizer, saíram pela culatra, já que, como "Tory", "impressionistas" e "suffragette", acabou adotada por aqueles aos quais era dirigida.) Stephen Hawking não é um crente e, quando convidado a ir a Roma se encontrar com o falecido Papa João Paulo II, pediu para ver os registros do julgamento de Galileu. Mas ele fala sem embaraços da oportunidade de a física "conhecer o rosto de Deus", e hoje isso parece bastante inofensivo como metáfora, como, por exemplo, quando os Beach Boys cantam ou eu digo "Só Deus sabe..."

Antes de Charles Darwin revolucionar todo o conceito de nossas origens e Albert Einstein fazer o mesmo pelo nascimento de nosso universo, muitos cientistas, filósofos e matemáticos assumiram o que poderia ser chamado de posição omissa e professaram uma ou outra versão de "teísmo", sustentando que a ordem e a previsibilidade do universo de fato pareciam indicar um projetista, embora não necessariamente um projetista que tivesse qualquer papel ativo nas questões humanas. Essa solução era lógica e racional para a época, e teve especial influência entre os intelectuais da Filadélfia e da Virgínia, como Benjamin Franklin e Thomas Jefferson, que conseguiram se valer de um momento de crise e inseriram os valores do Iluminismo nos documentos fundadores dos Estados Unidos da América.

Como São Paulo disse de forma inesquecível, quando a pessoa é criança, fala e pensa como criança. Mas, quando se torna adulta, coloca de lado as coisas infantis. Não é possível identificar o momento exato em que os homens informados pararam de tirar cara ou coroa entre um criador e um processo longo e complexo ou pararam de tentar resolver a diferença "teísta", mas a humanidade começou a crescer um pouco nas últimas décadas do século XVIII e nas primeiras do século XIX. Charles Darwin nasceu em 1819, exatamente no mesmo dia de Abraham Lincoln, nao há dúvidas de qual deles se revelou o maior "emancipador"). Caso se quisesse emular a tolice do arcebispo Ussher e tentar dar a data exata em que a moeda conceitual caiu solidamente com um dos lados para cima, seria o momento em que Pierre Simon de Laplace foi convidado a se encontrar com Napoleão Bonaparte.

Laplace (1749-1827) foi o brilhante nobre francês que levou o trabalho de Newton um passo à frente e mostrou, por intermédio de cálculos matemáticos,

como o funcionamento do sistema solar era o de corpos sistematicamente se revolvendo no vácuo. Quando ele depois voltou sua atenção para as estrelas e nebulosas, postulou a ideia de colapso gravitacional e implosão, ou o que nós hoje chamamos lepidamente de "buraco negro". Ele a apresentou em uma obra em cinco volumes intitulada *Mecânica celeste* e, como muitos homens de sua época, também ficou intrigado com um planetário, um modelo móvel do sistema solar visto, pela primeira vez, *de fora*. Eles hoje são comuns, mas na época eram revolucionários e o imperador pediu para se encontrar com Laplace de modo a ganhar uma coleção dos livros ou (os relatos divergem) uma versão do planetário. Eu, pessoalmente, suspeito de que o coveiro da Revolução Francesa queria mais o brinquedo que os livros: ele era um homem com pressa e tinha conseguido fazer a Igreja batizar sua ditadura com uma coroa. Seja como for, de seu modo infantil, exigente e imperioso, ele queria saber por que a imagem de Deus não aparecia nos cálculos reveladores de Laplace. E vem a resposta serena, altiva e refletida: "*Je n'ai pas besoin de cette hypothèse*." Laplace era marquês hereditário e talvez possa ter dito mais modesta mente: "Funciona bastante bem sem essa ideia, Sua Majestade." Mas ele simplesmente afirmou que não precisava dela.

Nem nós. A decadência, o colapso e o descrédito da adoração a Deus não começam em nenhum momento dramático, como a afirmação histriônica e contraditória de Nietzsche de que Deus estava morto. Nietzsche não podia saber disso ou supor que Deus tinha estado vivo mais do que um padre médico-feiticeiro poderia declarar que conhecia a vontade de Deus. Na verdade o fim da adoração a Deus se revela no momento, que é de certa forma mais gradualmente revelado, em que ela se torna *opcional*, ou apenas uma dentre muitas crenças possíveis. E preciso insistir em que durante a maior parte da existência humana na verdade não havia essa "opção". Sabemos, pelos muitos fragmentos de seus textos e suas confissões queimados e mutilados, que sempre houve seres humanos que não estavam convencidos. Mas desde a época de Sócrates, condenado à morte por espalhar um ceticismo pernicioso, foi considerado arriscado seguir seu exemplo. E a questão simplesmente não se apresentou a bilhões de pessoas ao longo das eras. Os devotos do barão Samedi do Haiti desfrutavam do mesmo monopólio, baseado na mesma coerção brutal, que os de João Calvino em Genebra ou Massachusetts: eu escolhi exemplos esses porque eles aconteceram ontem em termos de tempo humano. Hoje muitas religiões se apresentam a nós com sorrisos insinuantes e mãos estendidas, como um comerciante melífluo em um mercado. Elas oferecem consolo, solidariedade e

elevação, competindo no mercado. Mas temos o direito de lembrar como elas foram bárbaras quando eram fortes e estavam fazendo uma oferta que as pessoas não podiam recusar. E se por acaso esquecermos como deve ter sido, só precisamo observar aqueles estados e aquelas sociedades em que o clero ainda tem o poder de estabelecer os termos. Os vestígios patéticos disso ainda podem ser vistos, nas sociedades modernas, nos esforços feitos pela religião para assegurar o controle sobre a educação, para conseguir isenção de impostos ou aprovar leis proibindo as pessoas de insultar sua divindade onipotente e onisciente, ou mesmo seu profeta.

Em nossa nova condição semissecular e medíocre, mesmo os religiosos falarão constrangidos da época em que teólogos discutiam sobre proposições fúteis com intensidade fanática: medindo o comprimento das asas dos anjos, por exemplo, ou definindo quantas dessas criaturas míticas podiam dançar na cabeça de um alfinete. Claro que é horrível lembrar quantas pessoas foram torturadas e mortas e quantas fontes de conhecimento lançadas às chamas em discussões espúrias sobre a Trindade, o *hadith* muçulmano ou a chegada de um falso Messias. Mas é melhor não cairmos no relativismo ou no que E. P. Thompson chamou de "a enorme condescendência da posteridade". Os escolásticos obsessivos da Idade Média estavam fazendo o melhor que podiam com base em informações lamentavelmente limitadas, o constante medo de morte e julgamento, uma expectativa de vida muito baixa e uma plateia de analfabetos. Vivendo com um frequentemente legítimo medo de errar, eles estenderam suas mentes o máximo possível e desenvolveram impressionantes sistemas de lógica e a dialética. Não é culpa de homens como Pedro Abelardo que eles tivessem de trabalhar com fragmentos e trechos de Aristóteles, que teve muitos de seus escritos perdidos quando o imperador cristão Justiniano fechou as escolas de filosofia, mas que foram preservados em tradução para o árabe em Bagdá e depois retransmitidos para uma Europa ignorante a partir da Andaluzia judia e moura. Quando eles tiveram acesso ao material e admitiram com relutância que tinha havido uma discussão inteligente da ética e da moralidade antes do suposto advento de Jesus, tentaram ao máximo produzir a quadratura do círculo. Não temos muito a aprender com o *que* eles pensaram, mas muito a aprender com *como* eles pensaram.

Um filósofo e teólogo medieval que continua a falar de forma eloquente através das eras é William Ockham. Algumas vezes conhecido como William de Ockham (ou Occam), e supostamente conhecido pelo nome de sua aldeia natal em Surrey, Inglaterra, que ainda é chamada assim, ele nasceu em data ignorada e

morreu — provavelmente em grande agonia e medo, e provavelmente da horrível Peste Negra — em Munique em 1349. Ele era franciscano (em outras palavras, um acólito do já mencionado mamífero que teria pregado aos pássaros), portanto condicionado a uma abordagem radical da pobreza, o que o levou a um choque com o papado em Avignon em 1324. A divergência entre o papado e o imperador acerca da divisão de poderes seculares e eclesiásticos é irrelevante para nós agora (já que no final os dois lados "perderam"), mas Ockham foi obrigado a buscar a proteção do imperador em face do mundanismo do papa. Confrontado com acusações de heresia e a ameaça de excomunhão, ele teve a coragem de responder que o próprio papa era herege. Ainda assim, e como ele sempre debateu dentro do limitado quadro de referências cristão, mesmo as autoridades cristãs mais ortodoxas admitem que foi um pensador original e corajoso.

Ele estava interessado, por exemplo, nas estrelas. Sabia muito menos sobre as nebulosas do que nós ou Laplace. Na verdade, não sabia nada sobre elas. Mas as utilizou para uma interessante especulação. *Supondo* que Deus pode nos fazer sentir a presença de uma entidade não existente, e depois *supondo* que ele não precisa ter esse trabalho se o mesmo efeito puder ser produzido em nós pela presença real dessa entidade, Deus ainda poderia, caso quisesse, nos fazer acreditar na existência das estrelas sem que elas realmente estivessem presentes. "Todo efeito que Deus gera por intermédio de uma causa secundária ele mesmo pode produzir imediatamente." Contudo, isso não significa que precisamos acreditar em qualquer coisa absurda, já que "Deus não pode nos gerar um conhecimento de que algo visto como estando evidentemente presente seja considerado ausente, pois isso envolve uma contradição." Antes de começar a tamborilar os dedos com essa enorme tautologia, como acontece com tanta teologia e teodiceia, pense no comentário do padre Coplestone, o eminente jesuíta:

> Se Deus tivesse aniquilado as estrelas, ele ainda assim poderia gerar em nós o ato de ver o que tinha existido, na medida em que o ato é considerado subjetivamente, assim como ele pode nos dar uma visão do que será no futuro. Os dois atos seriam uma apreensão imediata, no primeiro caso, daquilo que foi e no segundo, daquilo que será.

Isso realmente é muito impressionante, e não apenas para sua época. Nós levamos várias centenas de anos desde Ockham para perceber que, quando olhamos para as estrelas, muito frequentemente *estamos* vendo a luz de corpos distantes que deixaram de existir ha muito. Não tem particular importância o

fato de o direito de olhar por telescópios e especular sobre o resultado tenha sido barrado pela Igreja: não é uma falha de Ockham, e não há uma lei geral que obrigue a Igreja a ser tão estúpida. E, partindo do inimaginável passado interestelar que envia através da distância uma luz que esmaga nossos cérebros, descobrimos que também sabemos algo sobre o futuro de nosso sistema, incluindo a taxa de sua expansão e a noção de seu eventual fim. Porém, e fundamentalmente, nós hoje podemos fazer isso dispensando (ou mesmo, caso você insista, mantendo) a ideia de um deus. Mas, qualquer que seja o caso, *a teoria funciona sem essa suposição*. Você pode acreditar em um manipulador divino se quiser, mas não faz diferença alguma, e entre astrônomos e físicos a crença se tornou privada e bastante rara.

Em verdade, foi Ockham que preparou nossas mentes para essa conclusão indesejável (para ele). Ele concebeu um "princípio de economia", popularmente conhecido como "navalha de Ockham", que se baseia em descartar suposições desnecessárias e aceitar a primeira explicação ou causa suficiente. "*Não multiplique entidades além do necessário*." O princípio se estende. "Tudo que se explica afirmando algo diferente do ato de compreender pode ser explicado sem afirmar essa coisa diferente", escreveu ele. Ele não temia seguir sua própria lógica até onde ela o levasse, e antecipou o surgimento da verdadeira ciência ao concordar em que era possível conhecer a natureza das coisas "criadas" sem qualquer referência a seu "criador". De fato, Ockham afirmou que não pode ser decididamente provado que Deus, se definido como um ser que possui as qualidades de supremacia, perfeição, singularidade e infinidade, existe. Contudo, se alguém quer identificar uma primeira causa da existência do mundo, pode escolher chamar isso de "deus", mesmo que não conheça a precisa natureza da primeira causa. E mesmo que a primeira causa tenha suas dificuldades, já que uma causa pode em si precisar de outra. Ele escreveu: "É difícil uma infinita regressão ou impossível contestar os filósofos em que não pode haver nas causas do mesmo tipo, que uma pode existir sem a outra." Assim, o postulado de projetista ou criador apenas levanta a questão irrespondível de quem projetou o projetista ou criou o criador. Religião, teologia e teodiceia (agora sou eu falando, não Ockham) têm constantemente fracassado em superar essa objeção. O próprio Ockham simplesmente teve de recuar para a posição desesperançada de que a existência de Deus só pode ser "demonstrada" pela fé.

Credibe est, quia ineptum est, como disse o "pai da Igreja" Tertuliano, conciliadora ou irritantemente, dependendo de suas preferências. "Sua própria improbabilidade torna-a crível." É impossível discutir seriamente tal visão. Se é

preciso ter fé para acreditar em algo, então a probabilidade de esse algo ter qualquer verdade ou valor é consideravelmente reduzida. O trabalho duro de investigar, provar e demonstrar é infinitamente mais recompensador, e revelou a nós descobertas muito mais "milagrosas" e "transcendentes" que qualquer teologia.

De fato, o "salto da fé" — para usar a expressão memorável que Sören Kierkegaard criou para isso — é uma impostura. Como ele mesmo destacou, não é um "salto" que possa ser dado uma vez e definitivamente. É um salto que precisa ser dado continuamente, apesar do volume de provas em contrário. Esse esforço na verdade é demais para a mente humana e leva a ilusões e manias. A religião compreende perfeitamente bem que o "salto" está sujeito a um retorno cada vez menor, e é por isso que frequentemente não confia verdadeiramente na "fé", e sim corrompe a fé e ofende a razão oferecendo evidências e apontando para "provas" forjadas. Essas evidências e essas provas incluem argumentos de projeto, revelações, punições e milagres. Agora que o monopólio da religião foi quebrado, está ao alcance de qualquer ser humano ver essas evidências e provas como as invenções pusilânimes que são.

6. Argumentos do projeto

> Todo o meu ser moral e intelectual é penetrado por uma convicção inabalável de que o que quer que caia sobre o domínio de nossos sentidos deve estar na natureza e, mesmo que excepcional, não pode diferir em essência de todos os outros efeitos do mundo visível e tangível do qual somos uma parte autoconsciente. O mundo dos vivos contém maravilhas e mistérios suficientes como já é — maravilhas e mistérios que agem sobre nossas emoções e nossa inteligência de formas tão inexplicáveis que quase justificariam a concepção da vida como um estado encantado. Não, eu sou firme demais em minha consciência da maravilha para ser fascinado pelo meramente sobrenatural, que (entenda como quiser) não passa de um artigo fabricado, a fabricação de mentes insensíveis às íntimas delicadezas de nossa relação com os mortos e os vivos, em suas multidões incontáveis; uma violação de nossas lembranças mais ternas, uma ofensa a nossa dignidade.
>
> Joseph Conrad, nota do autor a *A linha de sombra*

Há um paradoxo central no cerne da religião. Os três grandes monoteísmos ensinam as pessoas a pensar em si mesmas de forma abjeta, como pecadoras infelizes e culpadas prostradas frente a um deus raivoso e ciumento que, de acordo com relatos divergentes, as fez de poeira, barro ou um coágulo de sangue. As posições para oração normalmente são cópias do servo suplicante frente um monarca mal-humorado. A mensagem é de continua submissão, gratidão e medo. A vida em si é algo pobre: um intervalo durante o qual a pessoa deve se preparar para a vida seguinte ou o advento — ou segundo advento — do Messias.

Por outro lado, ou em compensação, a religião ensina as pessoas a serem extremamente autocentradas e preocupadas consigo mesmas. Ela assegura que Deus se preocupa com elas individualmente e alega que o universo foi criado tendo-as especificamente em mente. Isso explica a expressão altiva nos rostos daqueles que praticam a religião ostensivamente: desculpe minha modéstia e minha humildade, mas eu por acaso estou ocupado cumprindo a missão de Deus.

Como os seres humanos são naturalmente solipsistas, todas as formas de superstição desfrutam do que poderia ser chamado de vantagem natural. Nos

Estados Unidos nos dedicamos a aperfeiçoar prédios altos e aviões a jato de alta velocidade (duas realizações que os assassinos de 11 de setembro de 2001 colocaram em violenta oposição), e depois, pateticamente, nos recusamos a dar a eles andares ou filas de poltronas com o desimportante número 13. Eu sei que Pitágoras contestou a astrologia simplesmente apontando que gêmeos idênticos não têm o mesmo futuro, sei também que o zodíaco foi concebido muito antes que vários dos planetas de nosso sistema solar fossem detectados e, claro, compreendo que não posso conhecer meu futuro imediato ou a longo prazo sem que essa descoberta altere o resultado. Milhares de pessoas consultam seus "astros" nos jornais todos os dias, e depois têm ataques cardíacos ou acidentes de trânsito não previstos. (O astrólogo de um tabloide de Londres certa vez foi demitido por uma carta de editor que começava assim: "Como você certamente previu.") Em seu *Minima Moralia*, Theodor Adorno identificou o interesse em contemplar as estrelas como o auge da debilidade mental. Certa manhã, porém, vendo as previsões para Áries, como fiz para descobrir que "um membro do sexo oposto está interessado e irá demonstrar", eu fiquei sabendo que é difícil conter um pequeno surto de excitação idiota, que em minha memória sobreviveu ao posterior desapontamento. Então, sempre que eu saio de meu apartamento não há sinal de ônibus, enquanto sempre volto a ele um ônibus está surgindo. Quando estou de mau humor, digo a mim mesmo "que sorte", embora parte do meu cérebro de um quilo ou um quilo e meio me lembre de que o cronograma do transporte coletivo de Washington é projetado e colocado em prática sem qualquer preocupação com meus movimentos. (Digo isso para o caso de isso depois se tornar importante: se eu for atropelado por um ônibus no dia em que este livro for publicado, certamente haverá pessoas que dirão que não foi acidente.)

Então, que eu iria passar por cima de W. H. Auden e acreditar que o firmamento é, de alguma forma misteriosa, organizado em meu benefício? Ou, reduzindo algumas ordens de grandeza, que as variações da minha própria sorte seriam de enorme interesse para um ser superior? Uma das muitas falhas em meu projeto é minha propensão a acreditar ou desejar isso, e embora, como muitas pessoas, eu tenha educação suficiente para perceber a falácia, devo admitir que isso é inato. Certa vez, no Sri Lanka, eu estava viajando de carro com um grupo de tâmeis em uma expedição de ajuda humanitária a uma região tâmil na costa que tinha sido atingida por um ciclone. Todos os meus companheiros eram membros da seita de Sai Baba, que é muito forte no sul da Índia e no Sri Lanka. O próprio Sai Baba alegou ser capaz de ressuscitar os mortos e faz uma

apresentação especial ao vivo produzindo cinzas sagradas nas palmas das mãos nuas. (Eu costumava pensar por que razão eram cinzas.)

De qualquer forma, a viagem começou com meus amigos quebrando cocos em uma pedra para garantir uma viagem segura. Isso evidentemente não funcionou, porque a meio caminho através da ilha nosso motorista acertou em cheio um homem que cruzou na nossa frente quando estávamos correndo, rápido demais, através de uma aldeia. O homem ficou gravemente ferido e — sendo aquela uma aldeia sinhala — a multidão que imediatamente se formou não estava bem-disposta para com aqueles intrusos tâmeis. Era uma situação muito difícil, mas eu consegui amenizá-la um pouco por ser um inglês vestindo um terno branco tipo Graham Greene e por ter credenciais de imprensa emitidas pela Polícia Metropolitana de Londres. Isso impressionou suficientemente o policial local para que ele nos libertasse temporariamente, e meus companheiros, que tinham estado muito assustados, ficaram muito gratos por minha presença e por minha capacidade de falar rapidamente. De fato, eles telefonaram para a sede de seu culto para anunciar que o próprio Sai Baba tinha estado conosco temporariamente na forma de minha pessoa. A partir de então eu literalmente fui tratado com reverência, e não tive a permissão de carregar nada nem de preparar minha própria comida. Enquanto isso, ocorreu a mim conferir o que tinha acontecido ao homem que tínhamos atropelado: ele tinha morrido dos ferimentos no hospital. (Fico pensando no que seu horóscopo previra para aquele dia.) Assim, eu pude ver em miniatura como um mero mamífero humano — eu — pode de repente começar a atrair olhares de espanto e encanto, e como o humano — nossa infeliz vítima — pode ser de alguma forma irrelevante aos desígnios benignos de Sai Baba.

"Vai, pela graça de Deus", disse John Bradford no século XVI ao ver infelizes levados para a execução. O que essa observação de aparente compaixão realmente significa — não que ela realmente "signifique" algo — é: "Pela graça de Deus vai outra pessoa." Enquanto escrevia este capítulo houve um terrível acidente em uma mina de carvão na Virgínia Ocidental. Treze mineiros sobreviveram à explosão mas ficaram presos no subsolo, cativando a atenção do país em uma grande cobertura da imprensa, até ser anunciado, com enorme alívio, que eles tinham sido localizados e estavam bem e em segurança. A boa notícia se revelou precipitada, o que foi uma insuportável angústia adicional para as famílias, que já tinham começado a comemorar e agradecer antes de descobrir que todos os colegas de trabalho, menos um, tinham sufocado sob as pedras. Foi um constrangimento para os jornais e os boletins de notícias que haviam

noticiado cedo demais o falso consolo. E você consegue imaginar qual foi a manchete daqueles jornais e boletins? Claro que consegue. "Milagre!" — com ou sem ponto de exclamação — foi a única escolha, debochadamente sobrevivendo impressa e na lembrança para intensificar a dor dos parentes. Parece não ter sido escrita nenhuma palavra para descrever a ausência de a intervenção divina nesse caso. Mas o desejo humano de considerar coisas boas milagrosas e a colocar as coisas ruins em outra conta é aparentemente universal. Na Inglaterra, o monarca é o chefe hereditário da Igreja, assim como chefe hereditário do Estado: William Cobbett certa vez destacou que os próprios ingleses concordavam com esse absurdo servil se referindo a "Tesouro Real", mas a "Dívida Nacional". A religião dá o mesmo golpe, da mesma forma, bem em frente a nossos olhos. Em minha primeira visita a Sacré Coeur em Montmartre, igreja construída para celebrar a libertação de Paris dos prussianos e a Comuna de 1870-1871, eu vi um painel em bronze que apresentava o padrão exato em que uma chuva de bombas aliadas, lançada em 1944, tinha poupado a igreja e explodido a vizinhança.

Dada a gigantesca tendência à estupidez e ao egoísmo em mim mesmo e em nossa espécie, é um tanto surpreendente descobrir que a luz da razão esteja presente. O brilhante Schiller estava errado em seu *Joana d'Arc* quando disse que "contra a estupidez os próprios deuses lutam em vão". Na verdade é por intermédio dos deuses que tornamos nossa estupidez e nossa culpabilidade algo inefável.

Os argumentos a favor do "projeto", que são frutos desse mesmo solipsismo, assumem duas formas: macro e micro. Eles foram resumidos por William Paley (1743-1805) em seu livro *Teologia natural*. Ali encontramos o exemplo grosseiro do humano primitivo que se depara com um relógio de pulso em funcionamento. Ele pode não saber para o que é, mas pode identificar que não é uma pedra ou um vegetal, e que foi produzido, e até mesmo produzido com algum objetivo. Pale queria estender essa analogia à natureza e ao homem. Sua complacência e seu equívoco foram bem percebidos por J. G. Farrell em seu retrato de um teólogo vitoriano ao estilo de Paley em *The Siege of Krishnapur*:

> Como você explicaria o mecanismo sutil do olho, infinitamente mais complexo que o simples telescópio que a infeliz humanidade conseguiu inventar? Como você explica o olho da enguia, que pode ser danificado quando ela se entoca na lama ou em pedras, e, portanto, é protegido por uma capa córnea transparente? Por que a íris do olho de um peixe não se contrai? Ah, pobre jovem mal orientado, é porque o olho do peixe foi projetado por Aquele que está acima de tudo para se ajustar à luz fraca na qual o peixe passa sua vida! Como você explicaria o javali indiano? gritou ele. Como você justifica seus dois dentes curvos, com um metro de comprimento, crescendo para cima a partir de seu maxilar superior?

— Para se defender?

— Não, jovem, para esse objetivo ele tem duas presas que saem do maxilar inferior como os de um javali comum. (...) Não, a resposta é que o animal dorme de pé, e para sustentar a cabeça ele prende as presas nos galhos das árvores. (...) pois o Projetista do Mundo pensou até mesmo no cochilo do javali.

(Paley não se deu o trabalho de explicar como o Projetista do Mundo resolveu ordenar que tantas de suas criaturas humanas tratassem o dito javali como se fosse um demônio ou um leproso.) De fato, ao pesquisar a ordem natural, John Stuart Mill chegou muito mais perto do ponto ao escrever:

> Se uma décima parte do esforço feito para descobrir sinais de um deus benevolente todo-poderoso tivesse sido empregada para reunir provas para sujar o caráter do criador, o que não teria sido encontrado no rei animal? Ele é dividido em devoradores e devorados, a maioria das criaturas dotada de instrumentos para atormentar suas presas.

Agora que os tribunais protegeram os americanos (pelo menos por enquanto) de serem inculcados com estupidez obrigatória nas salas de aula, podemos repetir aquele outro grande vitoriano, lorde Macaulay, e dizer que "toda criança sabe" que Paley colocou seu carro rangedor e com vazamentos à frente de seu cavalo velho ofegante arruinado. Peixes não têm nadadeiras porque precisam delas para a água mais do que os pássaros são equipados com asas de modo que possam se encaixar na definição do dicionário de "ave". (Afora tudo isso, há muitas espécies de pássaros que não voam.) É exatamente o contrário: um processo de adaptação e seleção. Que ninguém duvide do poder da ilusão original. Em seu livro arrasador *Witness*, Whittaker Chambers lembra o primeiro momento em que abandonou o materialismo histórico, desertou mentalmente da causa comunista e iniciou a carreira de desfazer o stalinismo nos Estados Unidos. Foi na manhã em que percebeu a orelha de sua filha pequena. As belas dobras e depressões desse órgão externo o convenceram, em uma revelação súbita, de que a coincidência não poderia tê-lo criado. Um pedaço de carne de tão profunda beleza tinha de ser divino. Bem, eu também me encantei com as lindas orelhinhas de minha filha, mas nunca sem perceber que (a) elas sempre precisavam de uma limpeza; (b) que elas pareciam produzidas em série, mesmo quando comparadas com orelhas inferiores das filhas de outras pessoas, (c) que à medida que as pessoas envelhecem as orelhas se tornam cada vez mais absurdas quando vistas de trás; e (d) que animais bastante inferiores, como gatos e morcegos, têm orelhas muito mais fascinantes, adoráveis e poderosas. De fato, repetindo Laplace, eu diria que há muitos argumentos persuasivos contra idolatrar Stalin, mas que o caso contra Stalin tem plena validade sem a suposição

baseada em orelhas do senhor Chambers.

Ouvidos são previsíveis e uniformes, e as orelhas são igualmente adoráveis quando a criança nasce surda. O mesmo não é verdade, da mesma forma, para o universo. Nele há anomalias, mistérios e imperfeições — para usar os termos mais simples — que nem sequer apresentam adaptação, quanto mais seleção. Na velhice, Thomas Jefferson gostava da analogia do relógio aplicada ao seu caso, e escrevia a amigos que perguntavam sobre sua saúde dizendo que a mola estava quebrada e uma engrenagem desgastada. Isso, claro, levanta a desagradável (para os crentes) ideia da falha interna que nenhum mecânico pode consertar. Isso também deve ser considerado parte do "projeto"? (Como de hábito, aqueles que assumem o crédito por uma parte ficam em silêncio e começam a tergiversar quando passamos para a outra coluna.) Mas, no que diz respeito ao deserto rodopiante e uivante do espaço sideral, com suas gigantes vermelhas, anãs brancas e buracos negros, suas explosões titânicas e extinções, só podemos modesta e tremulamente concluir que "projeto" ainda não foi imposto e pensar se foi assim que os dinossauros se "sentiram" quando os meteoros atravessaram a atmosfera da Terra e deram um fim à inútil rivalidade de urros nos pântanos primitivos.

Mesmo o que primeiro se soube sobre a simetria comparativamente consoladora do sistema solar, ainda que com sua clara tendência à instabilidade e à entropia, incomodou *sir* Isaac Newton o bastante para que propusesse a intervenção imediata de Deus para devolver estabilidade às órbitas. Isso o expôs a provocações de Leibniz, que perguntou por que Deus não podia ter feito a coisa certa desde o começo. De fato, é apenas pela assustadora vacuidade do resto que estamos propensos a ficar impressionados com as condições aparentemente únicas e belas que permitiram o surgimento de vida inteligente na Terra. Mas então, como somos vaidosos, ficaríamos impressionados, não? Essa vaidade nos permite negligenciar o fato implacável de que, apenas em relação aos corpos de nosso sistema solar, o restante é frio demais para suportar qualquer coisa reconhecível como vida, ou quente demais. O mesmo é verdade em nosso próprio lar planetário azul e redondo, onde o calor enfrenta o frio para tornar grandes áreas dele uma terra arrasada inútil e onde descobrimos que vivemos, e sempre temos vivido, no fio de uma navalha climática. Enquanto isso, o Sol está se preparando para explodir e devorar seus planetas dependentes como algum chefe ciumento ou divindade tribal. Que projeto!

Chega da dimensão macro. E quanto à micro? Desde que foram obrigados a participar dessa discussão, o que fizeram com grande relutância, os religiosos

tentaram repetir o alerta de Hamlet a Horácio de que há mais coisas entre o céu e a terra do que supõem os meros humanos. Nosso lado concede a eles de boa vontade este ponto: estamos preparados para descobertas futuras que irão chocar nossas faculdades ainda mais que os enormes avanços no conhecimento que chegaram a nós desde Darwin e Einstein. Contudo, essas descobertas chegaram a nós da mesma forma — por intermédio de uma investigação paciente, escrupulosa e (esperamos que desta vez) livre. Enquanto isso, também temos de melhorar nossas mentes com o exercício laborioso de refutar a última tolice concebida pelos devotos. Quando os ossos e animais pré-históricos começaram a ser descobertos e estudados no século XIX, houve aqueles que disseram que os fósseis tinham sido colocados na rocha por Deus, para testar nossa fé. Isso não pode ser negado. Como não pode minha teoria predileta de que, em função dos padrões de comportamento que podem ser observados, podemos deduzir um projeto que faz do planeta Terra, sem que saibamos, uma colônia penal e um manicômio utilizado como vazadouro por civilizações distantes e superiores. Contudo, eu fui educado por *sir* Karl Popper a acreditar que uma teoria irrefutável é uma teoria fraca.

Hoje estão nos dizendo que características impressionantes, como o olho humano, não podem ser resultado de, digamos, combinação "às cegas". Como de hábito, a facção do "projeto" escolheu um exemplo que não pode ser contestado.

Hoje sabemos muito sobre o olho, e sobre quais criaturas têm e quais não, e por quê. Preciso abrir aqui espaço para meu amigo dr. Michael Shermer:

> A evolução também determina que *organismos modernos devem mostrar uma variedade de estruturas desde as simples até as complexas, refletindo mais uma história evolucionária que uma criação instantânea*. O olho humano, por exemplo, é resultado de um caminho longo e complexo que remonta a centenas de milhares de anos. Inicialmente um simples ocelo com um punhado de células sensíveis à luz, ele se desenvolveu em um ocelo recuado no qual uma pequena superfície endentada cheia de células sensíveis à luz fornecia dados adicionais sobre a direção da luz; depois em um ocelo profundo, em que novas células a uma profundidade maior ofereciam informações mais precisas sobre o ambiente; depois para um olho de diafragma que é capaz de focalizar uma imagem no fundo de uma camada profunda de células sensíveis à luz, depois para uma lente de diafragma que é capaz de focalizar a imagem; depois para um olho complexo encontrado em mamíferos modernos como os humanos.

Todos os estágios intermediários desse processo foram identificados em outras criaturas, e foram desenvolvidos sofisticados modelos de computador que testaram a teoria e mostraram que ela realmente "funciona". Há mais uma prova da evolução do olho, como destaca Shermer. E a inadequação de seu "projeto".

> De fato, a anatomia do olho humano apresenta em seu projeto tudo menos "inteligência". Ele é

> construído de cabeça para baixo e para trás exigindo que os fótons de luz atravessem córnea, lente, fluido aquoso, vasos sanguíneos, células ganglionares, células amácrinas, células horizontais e células bipolares antes de atingirem os bastonetes e os cones fotossensíveis que transformam o sinal de luz em impulsos neurais — que são então enviados para o córtex visual no do fundo cérebro para serem processados em padrões significativos. Para produzir uma visão ótima, por que um projetista construiria um olho de cabeça para baixo e para trás?

É por termos evoluído de uma bactéria sem visão — que descobrimos partilhar nosso DNA — que somos tão míopes. E através dessa mesma ótica mal projetada, com direito a um ponto cego retiniano deliberadamente "projetado", que antigos humanos alegaram ter "visto" milagres "com seus próprios olhos". Nesse caso o problema estava localizado em outro ponto do córtex, mas nunca podemos nos esquecer da conclusão de Charles Darwin de que mesmo o mais evoluído de nós continuará a carregar "a marca indelével de sua origem inferior".

Eu acrescentaria a Sherman que, embora seja verdade que somos os animais mais elevados e mais inteligentes, as águias-pescadoras têm olhos que calculamos ser sessenta vezes mais potentes e sofisticados que os nossos, e que a cegueira frequentemente causada por parasitas microscópicos que são eles mesmos milagres de engenhosidade, é uma das mais antigas e trágicas desordens conhecidas pelo homem. E por que dar um olho superior (ou, no caso do gato ou do morcego, também o ouvido) a espécies inferiores? A águia-pescadora consegue dar um bote preciso em um peixe nadando rapidamente que ela detectou sob a água vários metros abaixo, ao mesmo tempo fazendo manobras com suas asas extraordinárias. As águias quase foram exterminadas pelo homem, enquanto você pode nascer cego como um verme e ainda assim se tornar um metodista devoto e praticante, por exemplo.

"Supor que o olho", escreveu Charles Darwin,

> com todos os seus inimitáveis expedientes para ajustar o foco a diferentes distâncias, receber diferentes volumes de luz e para corrigir as aberrações esféricas e cromáticas, possa ter surgido por seleção natural parece, admito livremente, absurdo no mais alto grau possível.

Ele escreveu isso em um ensaio intitulado "Órgãos de extrema perfeição e complexidade". Desde essa época a evolução do olho se tornou quase uma área de estudo distinta. E por que não deveria? É imensamente fascinante e recompensador saber que pelo menos quarenta diferentes conjuntos de olhos, e possivelmente sessenta conjuntos, evoluíram de formas bastante diferentes e paralelas, se é que são comparáveis. O dr. Daniel Nilsson, talvez a maior autoridade no tema, descobriu, entre outras coisas, que três grupos de peixes inteiramente diferentes desenvolveram de modo independente *quatro* olhos.

Uma dessas criaturas do mar, o *Bathylychnops exilis*, tem um par de olhos voltado para fora, e outro par (colocado na parede dos dois principais) que se volta para baixo. Isso seria um estorvo na maioria dos animais, mas tem algumas vantagens óbvias em um animal aquático. E é muito importante notar que o desenvolvimento embrionário do segundo conjunto de olhos não é uma cópia ou miniatura do primeiro, e sim uma evolução inteiramente diferente. Como diz o dr. Nilsson em uma carta a Richard Dawkins: "Essa espécie reinventou a lente apesar do fato de que já tinha uma. Isso serve como um bom reforço à tese de que não é difícil as lentes evoluírem." Para começar, uma divindade criativa, claro, provavelmente teria duplicado o complemento ótico, o que não nos deixaria nada sobre o que pensar ou descobrir. Ou como Darwin continua a dizer no mesmo ensaio:

> Quando foi dito pela primeira vez que o Sol permanecia parado e o mundo girava ao redor dele, o senso comum da humanidade declarou a doutrina falsa; mas o velho ditado de *vox populi, vox Dei*, como sabe todo filósofo, não pode ser levado em conta na ciência. A razão me diz que, se for possível mostrar que há muitas gradações de um olho imperfeito e simples para um perfeito e complexo, cada um desses graus sendo útil a seu detentor, o que certamente é o caso; se, ainda mais, o olho sempre varia ligeiramente, e a variação pode ser herdada, como certamente é o caso; e se tais variações podem ser úteis a qualquer animal passando por mudanças na condição de vida, então a dificuldade de acreditar que um olho perfeito e complexo pode ser produzido pela seleção natural, embora insuperável para nossa imaginação, não pode ser considerada real.

Talvez possamos sorrir quando percebemos que Darwin escreve sobre o céu permanecer parado e quando percebemos que ele fala da "perfeição" do olho, mas apenas porque somos suficientemente felizes de saber mais do que ele sabia. O que é importante notar, e guardar, é seu uso adequado da sensação do que é maravilhoso.

O verdadeiro "milagre" é que nós, que partilhamos genes com a bactéria original que deu início à vida no planeta, tenhamos evoluído tanto quanto evoluímos. Outras criaturas não desenvolveram olhos, ou os desenvolveram muito fracos. É um paradoxo interessante: a evolução é cega, mas pode criar olhos. O brilhante professor Francis Crick, um dos descobridores da dupla hélice, tem um colega chamado Leslie Orgel, que apresentou esse paradoxo de uma forma mais elegante do que eu sou capaz: "A evolução é mais inteligente que você", disse ele. Mas esse cumprimento à "inteligência" da seleção natural não é de forma alguma uma concessão à ideia idiota de "projeto inteligente". Alguns dos resultados são altamente impressionantes, como tendemos a pensar em nosso próprio caso. ("Que obra é um homem!", exclama Hamlet antes de se contradizer de certa forma ao descrever o resultado como a "quintessência do

pó", tendo as duas afirmações o mérito de serem verdade.) Mas o processo pelo qual o resultado é obtido é lento e infinitamente laborioso, e nos deu uma "cadeia" de DNA que é abarrotada de lixo inútil e que tem muito em comum com criaturas muito inferiores. A marca da origem inferior é encontrada em nosso apêndice, na hoje inútil cobertura de pelos que ainda produzimos (e depois descartamos) após cinco meses no útero, em nossos joelhos facilmente desgastáveis, nossos vestígios de rabos e nos muitos caprichos de nossa disposição urogenital. *Por que* pessoas continuam dizendo que "Deus está nos detalhes"? Ele não está nos nossos, a não ser que seus criacionistas caipiras queiram assumir o crédito por sua inabilidade, seu fracasso e sua incompetência.

Aqueles que se renderam, não sem luta, às provas esmagadoras da evolução estão agora tentando dar a si mesmos uma medalha pela aceitação da derrota. A própria grandiosidade e variedade do processo, gostam de dizer hoje, indica uma mente condutora e orientadora. Eles assim escolhem transformar seu pretenso deus em um tolo desajeitado e apresentá-lo como um consertador, um experimentador e um parvo que precisou de éons para moldar alguns poucos exemplares utilizáveis e que no processo produziu um depósito de lixo repleto de refugo e fracassos. Eles não tem um pouco mais de respeito pela divindade? Eles dizem de forma nada sábia que a biologia evolucionária é "apenas uma teoria", o que trai sua ignorância significado da palavra "teoria", bem como do significado da palavra "prova". Um "teoria" é algo que evolui — com o perdão da palavra — para se ajustar a fatos conhecidos. É uma teoria de sucesso se ela sobrevive à introdução de fatos até então desconhecidos. E se torna uma teoria aceita se consegue fazer previsões acuradas sobre coisas ou acontecimentos que ainda não foram descobertos ou que ainda não aconteceram. Isso pode levar tempo, e também está sujeito a uma versão do procedimento de Ockham. Os astrônomos do faraó no Egito podiam prever eclipses, embora acreditassem que a Terra fosse plana: apenas exigia deles muito mais trabalho desnecessário. A previsão de Einstein do exato instante em que um eclipse iria acontecer na costa oeste da África foi muito mais elegante e confirmou sua "teoria" da relatividade.

Há muitas divergências entre os evolucionistas sobre como se deu esse processo complexo, e mesmo sobre como começou. Francis Crick chegou mesmo a flertar com a teoria de que a vida teria sido "inseminada" na Terra por bactérias lançadas por um cometa de passagem. Mas todas essas divergências, quando ou se forem resolvidas, o serão por intermédio de métodos científicos e experimentais de eficácia comprovada. Por outro lado, o criacionismo, ou "projeto inteligente" (não passa de esperteza essa tentativa furtiva de rebatizar a si

mesmo), *não é sequer uma teoria*. Em toda a sua propaganda muito bem financiada, ela nunca sequer tentou mostrar como uma única peça do mundo natural seria mais bem explicada pelo "projeto" do que pela competição evolucionária. Um dos "questionários" enviados pelos criacionistas se apresenta como uma lista de perguntas do tipo "sim ou não", como:

> *Você conhece algum prédio que não tenha um construtor?*
> *Você conhece alguma pintura que não tenha um pintor?*
> *Você conhece algum carro que não tenha um fabricante?*
> *Se você respondeu SIM a alguma das perguntas, dê detalhes.*

Sabemos a resposta em todos esses casos: essas são invenções trabalhosas (também por tentativa e erro) da humanidade, foram obra de muitas mãos e ainda estão "evoluindo". Essas são as asneiras produzidas pelo sarcasmo ignorante criacionista, que compara a evolução a um redemoinho que passa por um depósito de ferro-velho e se sai com um jato jumbo. Para começar, não há peças espalhadas esperando ser reunidas. E o processo de aquisição e descarte de "peças" (principalmente asas) é muito diferente de um redemoinho. O tempo necessário é muito mais o de um glaciar que o de uma tempestade. Além disso, jatos jumbo não estão repletos de "peças" supérfluas ou não-funcionais inutilmente herdadas de aeronaves menos eficazes. Por que concordamos tão facilmente em chamar essa velha não-teoria detonada por seu novo disfarce astuciosamente escolhido de "projeto inteligente"? Definitivamente não há nada de "inteligente" nele. É a mesma velha conversa fiada.

Os aviões estão, de sua forma projetada pelo homem, "evoluindo". Nós também estamos, mas de um modo bastante diferente. No início de abril de 2006 a revista *Science* publicou um longo estudo da Universidade de Oregon. Com base na reconstrução de antigos genes de animais extintos, os pesquisadores conseguiram mostrar que a não-teoria da "complexidade irredutível" era uma piada. Eles descobriram que moléculas de proteína se valeram lentamente de tentativa e erro, reutilizando e modificando partes existentes para operar em um esquema de chave e fechadura, e "ligar" e "desligar" hormônios discrepantes. Essa marcha genética foi iniciada cegamente há 450 milhões de anos, antes que a vida saísse dos oceanos e antes da evolução dos ossos. Hoje sabemos coisas sobre a natureza que os fundadores da religião não tinham sequer começado a supor e que teriam calado suas línguas demasiadamente confiantes caso soubessem. Mais uma vez, assim que são eliminadas as suposições supérfluas, a especulação sobre quem nos projetou para sermos projetistas se torna tão estéril e irrelevante

quanto a questão de quem projetou esse projetista. Aristóteles, cujo raciocínio acerca do movente imóvel e da causa não-causada é o início desta discussão, concluiu que a lógica necessitaria de 47 ou 55 deuses. Certamente, mesmo um monoteísta deveria ser grato pela navalha de Ockham em relação a isso. De uma pluralidade de moventes primários, os monoteístas barganharam para ficar com apenas um. Grosso modo, eles estão chegando cada vez mais perto da verdade.

Também precisamos enfrentar o fato de que a evolução é, além de mais inteligente que nós, infinitamente mais insensível e cruel, e também caprichosa. A pesquisa dos registros fósseis e dos registros de biologia molecular nos mostra que aproximadamente 98% de todas as espécies que surgiram na Terra foram extintas. Houve períodos de uma extraordinária explosão de vida invariavelmente seguidos por grandes "desaparecimentos". Para que a vida tomasse conta de todo um planeta que esfriava, ela primeiramente precisou ocorrer com uma profusão fantástica. Temos um microvislumbre disso em nossas pequenas vidas humanas: os homens produzem um volume infinitamente maior de líquido seminal do que é necessário para gerar uma família humana, e são torturados — de forma não inteiramente desprazerosa — pela necessidade urgente de espalhá-lo pelo lugar todo ou se livrar dele. (As religiões aumentaram desnecessariamente a tortura condenando vários mecanismos simples de aliviar essa pressão supostamente "projetada"). A variedade exuberantemente abundante de insetos, ou de pardais, salmão ou bacalhau é um desperdício gigantesco que garante, em alguns casos, mas não em todos, que haverá um número suficiente de sobreviventes.

Os animais superiores não estão isentos desse processo. As religiões que conhecemos também — por motivos óbvios — surgiram de povos que conhecemos. E na Ásia, no Mediterrâneo e no Oriente Médio o registro humano remonta a um período impressionantemente longo e contínuo. Porém, mesmo os mitos religiosos mencionam períodos de trevas, pestes e calamidades, quando parecia que a natureza tinha se voltado contra a existência humana. A memória popular, hoje confirmada pela arqueologia, torna bastante provável que enormes inundações tenham ocorrido quando o mar Negro e o Mediterrâneo foram formados, e que esses acontecimentos ameaçadores e aterrorizantes tenham continuado a impressionar os contadores de histórias da Mesopotâmia. Todos os anos os cristãos fundamentalistas fazem expedições ao monte Ararat, na moderna Armênia, convencidos de que um dia irão descobrir os restos da Arca de Noé. Esse esforço é fútil e não provará nada mesmo se for bem-sucedido, mas,

se essas pessoas tivessem acesso ao que provavelmente aconteceu, se veriam confrontadas com algo muito mais memorável do que o relato banal da enchente de Noé: uma repentina e enorme muralha de água escura arremetendo através de uma planície altamente povoada. Esse acontecimento "Atlântico" teria se implantado na memória pré-histórica, certo, como de fato acontece com a nossa.

Contudo, não temos uma memória enterrada ou mal relatada do que aconteceu com a maioria de nossos colegas humanos nas Américas. Quando os conquistadores cristãos católicos chegaram ao hemisfério ocidental no início do século XVI d.C, se comportaram com crueldade e destrutividade tão indiscriminadas que um deles, Bartolomeu de las Casas, chegou mesmo a propor uma renúncia formal e um pedido de desculpas, e o reconhecimento de que toda a empreitada tinha sido um equívoco. Por mais bem-intencionado que fosse, ele baseou sua consciência pesada na ideia de que os "índios" viviam em um Éden não perturbado, e que Espanha e Portugal tinham perdido a oportunidade de redescobrir a inocência que antecedera à queda de Adão e Eva. Era baboseira desejosa — e também uma enorme condescendência: os olmecas e outras tribos tinham seus próprios deuses — aplacados principalmente com sacrifícios humanos — e também haviam desenvolvido elaborados sistemas de escrita, astronomia, agricultura e comércio. Eles escreveram sua história e conceberam um calendário de 365 dias que era mais preciso que seus equivalentes europeus. Uma sociedade em especial — a maia — também havia conseguido desenvolver o belo conceito de zero, ao qual já me referi, sem o qual o cálculo matemático é muito difícil. Pode ser significativo que o papado da Idade Média sempre tenha resistido à ideia de "zero" como sendo estranha e herética, talvez por causa de sua suposta origem árabe (na verdade sânscrita), mas talvez também por que contivesse uma possibilidade assustadora.

Um pouco se conhece sobre as civilizações do istmo americano, mas até muito recentemente ignorávamos as enormes cidades e redes viárias que um dia se espalharam pela Bacia Amazônica e por algumas regiões dos Andes. Mal começou o estudo sério dessas sociedades impressionantes, que cresceram e floresceram quando o Moisés, Abraão, Jesus, Maomé e Buda eram reverenciados, mas que não tiveram nenhum papel naquelas discussões e não foram incluídas nos cálculos da fé monoteísta. É certo que esses povos também tinham seus mitos de criação e suas revelações da vontade divina, com todo o bem que isso fez a eles. Mas eles sofreram, triunfaram e expiraram sem nunca terem estado em "nossas" orações, e eles morreram com a amarga consciência de que não haveria ninguém para se lembrar de como eles tinham sido, ou mesmo *do quê* tinham

sido. Todas as suas "terras prometidas", profecias, lendas acalentadas e cerimônias poderiam muito bem ter ocorrido em outro planeta. A história humana é arbitrária assim.

Parece haver pouca ou nenhuma dúvida de que esses povos foram aniquilados não apenas pelos conquistadores humanos, mas por microrganismos dos quais nem eles nem os invasores tinham conhecimento. Os germes podiam ser nativos ou importados, mas o efeito foi o mesmo. Mais uma vez se vê a gigantesca falácia criada pelo homem que molda nossa história do "Gênesis". Como é possível provar em um parágrafo que esse livro foi escrito por homens ignorantes e não por qualquer deus? Porque o homem recebeu o "domínio" de todas as bestas, as aves e os peixes. Mas não são especificados dinossauros, plessiosauros ou pterodáctilos, porque os autores não sabiam de sua existência, quanto mais de sua criação supostamente e imediata. Também não é mencionado nenhum marsupial, porque a Austrália — a outra candidata a "novo Éden" depois da Mesoamérica — não estava em nenhum mapa conhecido. Mais importante ainda, no Gênesis o homem não recebe o controle de germes e bactérias porque a existência dessas criaturas necessárias mas perigosas não era conhecida ou compreendida. E, se fosse conhecida ou compreendida, teria ficado imediatamente claro que essas formas de vida tinham "domínio" sobre nós, e continuariam a desfrutar dele sem contestação até os padres serem colocados de lado e a pesquisa médica finalmente ter uma oportunidade. Mesmo hoje, o equilíbrio entre o *Homo sapiens* e o "exército invisível" de micróbios de Louis Pasteur não foi de modo algum resolvido, mas o DNA pelo menos nos permitiu sequenciar o genoma de nossos rivais mortíferos, como o vírus da gripe aviária, e descobrir o que temos em comum.

Provavelmente a tarefa mais assustadora que enfrentamos como animais parcialmente racionais com glândulas suprarrenais grandes demais e lobos pré-frontais que são pequenos demais é avaliar nosso próprio peso relativo no esquema geral. Nosso lugar no universo é tão inimaginavelmente pequeno que não podemos, com nosso lamentável quinhão de matéria cinzenta, pensar nisso por muito tempo. Não é menos difícil perceber que também podemos ser muito fortuitos como presenças na Terra. Podemos ter aprendido sobre nossa posição modesta na escala, sobre como prolongar nossas vidas, nos curar de doenças, aprendido a respeitar e a nos valer de outras tribos e outros animais e utilizar foguetes e satélites para facilitar as comunicações; mas então a consciência de que nossa morte está próxima e será sucedida pela morte da espécie e pela morte quente do universo é de pouco consolo. Mas pelo menos não estamos na posição

daqueles humanos que morreram sem sequer terem a chance de contar sua história ou que estão morrendo hoje, neste momento, após alguns poucos minutos secos e sofridos de uma existência dolorosa e assustada.

Em 1909 foi feita uma descoberta de enorme importância nas montanhas rochosas Canadenses, na fronteira da Colúmbia Britânica. É conhecida como folhelho Burgess e, embora seja uma formação natural e não tenha propriedades mágicas, é quase como uma máquina do tempo ou uma chave que nos permite visitar o passado. Um passado muito remoto: essa fonte de informações calcária surgiu há 570 milhões de anos, como parte do que os paleontólogos chamam de "explosão cambriana". Assim como houve grandes "mortes" e extinções no tempo evolucionário, também houve momentos de energia em que a vida de repente foi novamente profusa e variada. (Um "projetista" inteligente poderia ter dispensado esses episódios caóticos de explosão e contração.)

A maioria dos animais modernos sobreviventes tem sua origem nesse grandioso desabrochar cambriano, mas até 1909 éramos incapazes de vê-los em algo que fosse seu habitat original. Até então nós também tínhamos de nos basear principalmente nas provas oferecidas por ossos e conchas, ao passo que o folhelho Burgess contém muita "anatomia mole" fossilizada, incluindo o conteúdo dos sistemas digestivos. E uma espécie de Pedra de Roseta para a decodificação de formas de vida.

Nosso próprio solipsismo, frequentemente expresso na forma de diagrama ou cartum, normalmente representa a evolução como uma espécie de escada progressiva, com um peixe engasgando na costa no primeiro quadro, figuras curvadas e prognatas nos seguintes, e depois, em lentos graus, um homem ereto de terno acenando com o guarda-chuva e gritando "Táxi!" Mesmo aqueles que identificaram o padrão "denteado" de flutuação entre surgimento e destruição, posterior emergência e posterior destruição, e que já mapearam o final do universo, em geral concordam que há uma teimosa tendência a uma progressão para cima. Isso não é uma grande surpresa: criaturas ineficientes morrerão ou serão destruídas por aquelas mais bem-sucedidas. Mas o progresso não nega a ideia de aleatoriedade, e quando foi estudar o folhelho Burgess, o grande paleontologista Stephen Jay Gould chegou à conclusão mais incômoda e perturbadora de todas. Ele estudou os fósseis e seu desenvolvimento com enorme cuidado e se deu conta de que, se essa árvore pudesse ser replantada ou a sopa colocada novamente a ferver isso muito provavelmente não reproduziria os resultados que hoje "conhecemos".

Talvez seja bom notar que essa conclusão não foi mais agradável a Gould do

que é para você ou para mim: na juventude ele tinha assimilado uma versão do marxismo, e o conceito de "progresso" era bastante real para ele. Mas ele era um acadêmico escrupuloso demais para negar provas tão claras, e, embora alguns biólogos evolucionários estejam dispostos a dizer que o processo milimétrico e impiedoso tem uma "direção" no sentido de nossa forma de vida inteligente, Gould se afastou de sua companhia. Ele determinou que se as inúmeras evoluções do período cambriano pudessem ser gravadas e rebobinadas, e depois a fita fosse exibida novamente, não havia certeza de que tudo aconteceria da mesma forma. Vários ramos da árvore (uma analogia melhor seria com pequenos brotos em um arbusto muito denso) acabam não dando em nada, mas em um outro "começo" eles poderiam ter brotado e florescido, assim como alguns que brotaram e floresceram poderiam muito bem ter secado e morrido. Todos gostamos de que nossa natureza e nossa existência sejam baseadas no fato de sermos vertebrados. O mais antigo vertebrado conhecido (ou "cordado") achado no folhelho Burgess é uma criatura de cinco centímetros bastante elegante chamada, em função de uma montanha próxima e de sua beleza sinuosa, de *Pikaia gracilens*. Ela foi original e equivocadamente classificada como um verme (nunca se deve esquecer quão recente realmente é nosso conhecimento), mas, dados seus segmentos, os músculos e a flexibilidade do cordão dorsal, é necessariamente um ancestral que ainda assim não exige idolatria. Milhões de outras formas de vida pereceram antes que o período cambriano acabasse, mas esse pequeno protótipo sobreviveu. Citando Gould:

> Rebobine a fita do tempo até a época de Burgess e a exiba novamente. Se *Pikaia* não sobreviver na repetição, estaremos eliminados da história futura — todos nós, do tubarão ao orangotango, passando pelo tordo. E eu não acredito que algum apostador, dado o conhecimento que temos hoje de Burgess, arriscaria muito na persistência da *Pikaia*.

Assim, caso você queira fazer a mais antiga das perguntas — por que os humanos existem? —, a maior parte da resposta, no que diz respeito aos aspectos da questão que a ciência pode abordar, deve ser: porque *Pikaia* sobreviveu ao massacre de Burgess. Esta resposta não cita uma só lei da natureza; ela não incorpora nenhuma afirmação sobre caminhos evolucionários previsíveis, nenhum cálculo de probabilidades baseado em regras gerais de anatomia ou ecologia. A sobrevivência *Pikaia* foi uma contingência de "pura história". Eu não acho que possa ser dada qualquer resposta mais "elevada" e não consigo imaginar qualquer resolução mais fascinante. Somos filhos da história, e precisamos definir nossos próprios caminhos neste que é o mais diversificado e interessante

dos universos concebíveis — um que é indiferente ao nosso sofrimento, portanto nos oferece o máximo de liberdade para prosperar, ou fracassar, da forma como escolhermos.

Uma forma "escolhida", é preciso acrescentar, dentro de limites extremamente definidos. Essa é a voz serena e verdadeira de um cientista e humanista dedicado. De uma forma indefinida, nós já sabíamos disso. A teoria do caos nos familiarizou com a ideia do bater de asas imprevisto da borboleta que, iniciando um pequeno zéfiro, acaba gerando um tufão devastador. De forma perspicaz, a Augie March de Saul Bellow estabeleceu o corolário singelo de que "se você detém uma coisa, detém a adjacente". E o livro perturbador, mas revelador, de Gould sobre o folhelho Burgess é intitulado *Vida maravilhosa*, uma piada de duplo sentido com um dos preferidos entre todos os filmes sentimentais americanos. No clímax desse filme envolvente mas inescrutável, Jimmy Stewart gostaria de nunca ter nascido, mas então um anjo mostra a ele como o mundo seria caso seu desejo fosse atendido. Uma plateia mediana tem então uma visão indireta de uma versão do princípio da incerteza de Heisenberg: qualquer tentativa de medir algo terá o efeito de imediatamente alterar aquilo que está sendo medido. Apenas recentemente definimos que uma vaca é mais próxima de uma baleia do que de um cavalo: outras maravilhas certamente estão a nossa espera. Se nossa presença aqui, em nossa forma atual, realmente é aleatória e casual, então pelo menos podemos conscientemente esperar a posterior evolução de nossos pobres cérebros e estupendos avanços na medicina e na duração da vida, derivados do trabalho em nossas células-tronco elementares e nossas células de cordão umbilical.

Seguindo os passos de Darwin, nos últimos trinta anos Peter e Rosemary Grant, da Universidade de Princeton, foram às Ilhas Galápagos, viveram em condições difíceis na pequena ilha de Daphne Maior e realmente observaram e mediram a forma como tentilhões evoluíram e se adaptaram às mudanças no ambiente. Eles mostraram de forma conclusiva que o tamanho e a forma dos bicos dos tentilhões se ajustaram à seca e à falta de alimento, se adaptando ao tamanho e às características de diferentes sementes e besouros. Não apenas o bando original com três milhões de anos de idade mudou de uma só forma, como, se a situação de besouros e sementes retornar ao que era, os bicos podem acompanhar. Os Grant acompanharam, *viram* acontecer e publicaram suas descobertas e suas provas para todos verem. Estamos em dívida com eles. A vida deles foi difícil, mas quem poderia desejar que em vez disso eles tivessem se mortificado em uma gruta santificada ou no alto de em pilar sagrado?

Em 2005, uma equipe de pesquisadores da Universidade de Chicago realizou um trabalho sério em dois genes, conhecidos como microcefalina e ASPM, que quando desativados causam a microcefalia. Bebês que nascem com essa condição têm um córtex cerebral reduzido, muito provavelmente um vestígio da época em que o cérebro humano era muito menor do que é hoje. Em geral acreditava-se que a evolução dos humanos tinha sido concluída há cerca de cinquenta ou sessenta mil anos (um instante em tempo evolucionário), mas aqueles dois genes aparentemente têm evoluído mais rapidamente nos últimos 37 mil anos, levantando a possibilidade de que o cérebro humano seja um *work in progress*. Em março de 2006, outro trabalho da mesma universidade revelou que há cerca de setecentas áreas do genoma humano em que os genes foram modificados pela seleção natural nos últimos cinco mil a quinze mil anos. Entre esses genes estão alguns responsáveis por nossas "sensações de paladar e olfato, digestão, estrutura óssea, cor da pele e função cerebral". (Um dos grandes resultados emancipadores do estudo do genoma é mostrar que todas as diferenças "raciais" e de cor são recentes, superficiais e enganadoras). É uma certeza moral que entre o momento em que eu termino de escrever este livro e o momento de sua publicação serão feitas muitas outras descobertas fascinantes e reveladoras nesse campo em expansão. Talvez seja cedo demais para dizer que todo progresso é positivo ou "para cima", mas o desenvolvimento humano ainda esta se processando. Isso é demonstrado no modo pelo qual adquirimos imunidades e também no modo pelo qual não adquirimos. Os estudos do genoma identificaram antigos grupos de europeus do norte que aprenderam a domesticar gado e adquiriram um gene específico para "tolerância à lactose", enquanto algumas pessoas de ascendência africana mais recente (todos somos originários da Africa) são mais sujeitas a uma forma de anemia falciforme que, embora problemática em si, resulta de uma mutação anterior que dava proteção contra a malária. E tudo isso será posteriormente esclarecido se formos modestos e pacientes o bastante para compreender os blocos de armar da natureza e a marca inferior de nossa origem. Não é necessário um plano divino, muito menos uma intervenção angelical. *Tudo funciona sem essa suposição*.

Assim, embora eu não goste de discordar de um grande homem, Voltaire foi simplesmente ridículo quando disse que, se Deus não existisse, seria necessário inventá-lo. A invenção humana de Deus é o primeiro problema. Nossa evolução tem sido estudada "retrospectivamente", com a vida temporariamente superando a extinção, e o conhecimento agora sendo pelo menos capaz de revisar e explicar a ignorância. É verdade que a religião ainda tem a enorme, embora embaraçosa e

desajeitada, vantagem de ter surgido "primeiro". Mas, como Sam Harris destaca com grande precisão em *O fim da fé*, se perdêssemos todo o nosso conhecimento conseguido com dificuldade, todos os nossos arquivos e toda nossa ética e moral em uma espécie de amnésia coletiva ao estilo Márquez, e tivéssemos de reconstruir do nada tudo o que é fundamental, seria difícil imaginar o momento em que precisaríamos relembrar ou garantir a nós mesmos que Jesus nasceu de uma virgem.

Crentes ponderados também podem encontrar algum consolo. O ceticismo e as descobertas os libertaram do fardo de ter de defender seu deus como um cientista louco tolo, desajeitado e primário, e também de ter de responder a perguntas perturbadoras sobre quem infligiu ao homem o bacilo da sífilis, determinou a lepra ou a criança idiota ou concebeu os tormentos de Jó. Os fiéis estão dispensados disso: já não temos nenhuma necessidade de um deus para explicar o que não é mais misterioso. O que os crentes farão agora que sua fé é opcional, particular e irrelevante é problema deles. Não devemos nos importar, desde que eles não façam novas tentativas de inculcar a religião por qualquer forma de coerção.

7. Revelação: o pesadelo do "Velho" Testamento

Outra forma pela qual a religião se trai e tenta fugir à simples confiança na fé oferecendo "provas" no sentido em que o termo normalmente é compreendido é com o argumento da revelação. Em certas oportunidades muito especiais, afirma-se, a vontade divina é revelada por contato direto com seres humanos escolhidos ao acaso, aos quais supostamente são outorgadas leis inalteráveis que podem então ser repassadas aos menos favorecidos.

Há que se fazer algumas objeções bastante óbvias a isso. Em primeiro lugar, várias dessas revelações teriam ocorrido, em diferentes momentos e locais, a profetas ou médiuns altamente discrepantes. Em alguns casos — especialmente o cristão — uma revelação aparentemente não é suficiente e precisa ser reforçada por aparições sucessivas, com a promessa de uma posterior e definitiva. Em outros casos acontece a dificuldade oposta, e a instrução divina é dada uma primeira e única vez a um personagem obscuro cuja menor palavra passa então a ser lei. Como todas essas revelações, muitas delas lamentavelmente inconsistentes, não podem, por definição, ser simultaneamente verdadeiras, consequentemente algumas delas são falsas e ilusórias. Também em consequência, apenas uma delas seria autêntica, mas em primeiro lugar isso parece dúbio, e em segundo lugar parece carecer de uma guerra religiosa para decidir qual revelação é a verdadeira. Uma outra dificuldade é a aparente tendência do Onipotente a se revelar apenas a indivíduos analfabetos e a semi-históricos, em regiões do deserto do Oriente Médio que havia muito eram terra de veneração a ídolos e de superstição, e em muitas oportunidades já coalhadas de profecias anteriores.

A tendência sincrética do monoteísmo e a ancestralidade comum das histórias na verdade significam que refutar uma delas é refutar todas. Por mais horrenda e odiosamente que eles tenham combatido uns aos outros, os três monoteísmos alegam partilhar descendência pelo menos do Pentateuco de Moisés, e o Corão classifica os judeus como o "povo do livro", Jesus como um profeta e uma virgem como sua mãe. (Curiosamente, o Corão não culpa os

judeus do assassinato de Jesus como faz um dos livros do Novo Testamento cristão, mas isso apenas porque faz a alegação bizarra de que outra pessoa foi crucificada em seu lugar pelos judeus.)

A história fundadora das três crenças se refere ao suposto encontro entre Moisés e Deus, no cume do monte Sinai. Isso, por sua vez, levou à entrega do Decálogo ou Dez Mandamentos. A história é contada no segundo livro de Moisés, conhecido como Livro do Êxodo, nos capítulos 20-40. Grande atenção foi dada ao capítulo 20, onde aparecem os próprios mandamentos. Não deveria ser necessário resumi-los e apresentá-los, mas o esforço é válido.

Para começar, os chamados mandamentos não aparecem como uma lista organizada de ordens e proibições. Os três primeiros são variações do mesmo, nos quais Deus insiste em seu próprio primado e sua exclusividade, proíbe a produção de imagens esculpidas e proíbe dizer seu nome em vão. Esse pigarro prolongado é acompanhado de alguns alertas muito sérios, incluindo um aviso terrível de que os pecados dos pais serão lançados sobre seus filhos "até a terceira ou quarta geração". Isso nega a ideia moral e razoável de que as crianças são inocentes dos crimes de seus pais. O quarto mandamento insiste na obediência a um dia sabático santificado e proíbe todos os crentes — seus escravos e empregados domésticos — de realizar qualquer trabalho nesse dia. Acrescenta que, como dito no Gênesis, Deus fez todo o mundo em seis dias e descansou no sétimo (abrindo espaço para especulações sobre o que ele fez no oitavo dia). O ditado então se torna mais conciso. "Honra teu pai e tua mãe" (não pelo seu valor em si, mas a fim de que "se prolonguem os dias na terra que o Senhor Deus te dá"). Apenas então vêm os famosos "nãos", que proíbem explicitamente assassinato, adultério, roubo e falso testemunho. Finalmente, há um veto à cobiça, proibindo o desejo por casa, escravo, escrava, boi, jumento e outros bens do "teu próximo".

Seria difícil encontrar maior prova de que a religião é criação do homem. Há, para começar, um rosnado monárquico sobre respeito e medo, acompanhado de duro alerta sobre a onipotência e a vingança ilimitada, do tipo que um imperador babilônico ou assírio teria ordenado que os escribas usassem para iniciar uma proclamação. Há depois uma recomendação direta de continuar a trabalhar e relaxar apenas quando o absolutista determinar. Seguem-se algumas poucas recomendações legais bem definidas, uma das quais normalmente é mal apresentada porque o hebraico original na verdade diz "Não cometereis assassinato". Porém, por mais que se menospreze a tradição judaica, certamente é insultuoso ao povo de Moisés pensar que ele teria chegado até aquele ponto com

a impressão de que assassinato, adultério, roubo e perjúrio eram permissíveis. (A mesma questão irrespondível pode ser levantada de modo diferente em relação à suposta pregação posterior de Jesus: quando ele conta a história do Bom Samaritano naquela estrada de Jericó, está falando de um homem que agiu de um modo humano e generoso sem, obviamente, ter ouvido falar de cristianismo, quando mais ter seguido os ensinamentos impiedosos do deus de Moisés, que nunca menciona de modo algum solidariedade e compaixão.) Nenhuma sociedade conhecida falhou em se proteger de crimes óbvios como os supostamente definidos no monte Sinai. Finalmente, em vez de uma condenação de atos maldosos, há uma condenação estranhamente elaborada de pensamentos impuros. Também é possível dizer que isso é um produto humano do suposto tempo e lugar, porque coloca a "mulher" juntamente com as outras propriedades, animais, humanas e materiais, do próximo. Mais importante ainda, ele exige o impossível: um problema recorrente de todos os éditos religiosos. A pessoa pode ser contida em relação a atos iníquos, ou ser impedida de cometê-los, mas proibir as pessoas de contemplá-los é demais. É particularmente absurdo esperar banir a inveja dos bens e da sorte das outras pessoas, no mínimo porque o espírito de inveja pode levar a emulação e ambição, e ter consequências positivas. (Parece improvável que os fundamentalistas americanos, que desejam ver os Dez Mandamentos entronizados em todas as salas de aulas e tribunais — quase como uma imagem esculpida —, fossem tão hostis ao espírito do capitalismo.) Se Deus realmente quisesse que as pessoas fossem libertadas de tais pensamentos, deveria ter tido o cuidado de inventar uma espécie diferente.

Depois, há a questão bastante importante do que os mandamentos *não* dizem. Seria moderno demais perceber que não há nada acerca da proteção das crianças contra a crueldade, nada sobre estupro, nada sobre escravidão e sobre genocídio? Ou seria rigorosamente "no contexto" perceber que alguns desses crimes são quase positivamente recomendados? No versículo 2 do capítulo imediatamente posterior, Deus diz a Moisés para instruir seus seguidores sobre as condições nas quais eles podem comprar ou vender escravos (ou trespassar suas orelhas com um furador), as regras referentes à venda de suas filhas. Isso é seguido por regulamento loucamente detalhado sobre bois que chifram e são chifrados, incluindo os famosos versos estabelecendo "vida por vida, olho por olho, dente por dente". A microadministração de disputas agrícolas é momentaneamente interrompida com o versículo abrupto (22-18) "Não deixarás viver a feiticeira". Esse foi durante séculos o mandato para a tortura e a morte na fogueira, pelos cristãos, de mulheres que não se conformaram. Eventualmente há

injunções que são morais e também (pelo menos na adorável versão do rei James) memoravelmente redigidas: "Não tomarás o partido da maioria para fazeres o mal" foi ensinado a Bertrand Russel por sua avó, e permaneceu toda a vida com o velho herege. Contudo, há poucas palavras simpáticas aos esquecidos e apagados hivitas, cananeus e hititas, todos supostamente parte da criação original do Senhor, que devem ser impiedosamente expulsos de seus lares para abrir espaço para os ingratos e rebeldes filhos de Israel. (Essa suposta promessa de Deus é a base para a alegação irredentista do século XIX de direito à Palestina que nos deu infinitos problemas até hoje.)

Depois, 74 dos anciãos, incluindo Moisés e Aarão, se encontraram face a face com Deus. Vários outros capítulos são dedicados a minuciosas determinações sobre as enormes e prodigas cerimônias de sacrifício e propiciação que o Senhor espera de seu povo recém-adotado, mas tudo isso termina em lágrimas e ainda por cima com o cenário desmoronando: Moisés retorna de sua sessão particular no alto da montanha para descobrir que o efeito de um encontro imediato com Deus tinha desaparecido, pelo menos em Aarão, e que os filhos de Israel tinham feito um ídolo com suas joias e quinquilharias. Vendo aquilo, ele impetuosamente esmaga as duas tábuas do Sinai (que, portanto, parecem ter sido feitas pelo homem, e não por Deus, e que precisam ser apressadamente refeitas em um capítulo posterior) e ordena o seguinte:

> "Cingi, cada um de vós, a espada sobre o lado, passai e tornai a passar pelo acampamento, de porta em porta, e matai, cada qual, a seu irmão, a seu amigo, a seu parente." Os filhos de Levi fizeram, seguindo a palavra de Moisés, e naquele dia morreram do povo uns três mil homens.

Um pequeno número quando comparado com as crianças egípcias que já tinham sido massacradas por Deus para que as coisas chegassem até aquele ponto, mas isso ajuda a defender a tese do antiteísmo. Com isso eu quero dizer que deveríamos ficar felizes por nenhum dos mitos religiosos ser verdade. A Bíblia pode ter, e de fato tem, um mandato para tráfico de humanos, limpeza étnica, escravidão, preço das noivas e massacre indiscriminado, mas não somos obrigados a nada disso, porque foi produzido por mamíferos humanos incultos.

Não é preciso dizer que nenhum dos acontecimentos medonhos e desordeiros descritos no Êxodo jamais se deu. Os arqueólogos israelenses estão entre os mais profissionais do mundo, mesmo que seu estudo tenha sido algumas vezes infectado por um desejo de provar que o pacto entre Deus e Moisés teve algum fundamento. Nenhum grupo de escavadores ou acadêmicos trabalhou mais duro ou com maior expectativa que os israelenses que vasculharam as areias

do Sinai e de Canaã. O primeiro deles foi Yigael Yadin, cujo trabalho mais conhecido foi realizado em Massada e que foi encarregado por David Ben-Gurion de desenterrar os "pequenos documentos" que justificariam a reivindicação por Israel da Terra Prometida. Até há pouco tempo, esses esforços evidentemente politizados tiveram alguma plausibilidade superficial. Mas depois foi realizado um trabalho muito mais abrangente e objetivo, apresentado principalmente por Israel Finkelstein, do Instituto de Arqueologia da Universidade de Tel-Aviv, e seu colega Neil Asher Silberman. Esses homens consideravam bela a "Bíblia Hebraica", ou Pentateuco, e viam a história da moderna Israel como uma grande inspiração no que diz respeito a um humilde apelo à diferença. Mas a conclusão deles é definitiva, e ainda mais confiável por colocar as provas acima do interesse pessoal. Não houve fuga do Egito, ninguém vagou pelo deserto (muito menos durante o inacreditável período de quatro décadas mencionado no Pentateuco), nem houve a conquista dramática da Terra Prometida. Tudo foi, muito simplesmente e de forma muito incompetente, inventado em uma época muito posterior. Também não há nenhuma crônica egípcia que mencione esse episódio, mesmo que de passagem, e o Egito foi a grande potência militar em Canaã e na região do Nilo em todas as épocas. Na verdade, boa parte das provas indica o contrário. A arqueologia *confirma* a presença de comunidades judaicas na Palestina há muitos milhares de anos (isso pode ser deduzido, entre outras coisas, pela ausência de ossos de porco nos monturos e vazadouros) e mostra que havia um "reino de Davi", embora modesto, mas todos os mitos mosaicos podem ser fácil e seguramente descartados. Não acho que esta seja o que os críticos amargos da fé algumas vezes chamam de conclusão "reducionista". É possível extrair um grande prazer do estudo da arqueologia e dos textos antigos, e também aprender muito. E isso sempre nos leva mais perto da verdade. Por outro lado, isso mais uma vez levanta a questão do antiteísmo. Em *O futuro de uma ilusão*, Freud destaca o ponto óbvio de que a religião sofria de uma deficiência incurável: era excessivamente fruto de nosso próprio desejo de fugir da ou sobreviver à morte. Essa crítica ao pensamento positivo é forte e irrespondível, mas ela na verdade não lida com os horrores, as crueldades e as loucuras do Velho Testamento. Quem — com exceção de um antigo sacerdote tentando conseguir poder se valendo do recurso testado e aprovado do medo — poderia *desejar* que essa trama lamentavelmente tecida de fábula contivesse qualquer verdade?

Bem, os cristãos se entregaram à mesma tentativa esperançosa de "provar" muito antes de a escola sionista de arqueologia começar a trabalhar. A Epístola

de São Paulo aos Gálatas transmitiu aos cristãos a promessa de Deus aos patriarcas judeus, como um patrimônio inviolado, e do século XIX ao início do século XX era difícil jogar uma casca de laranja na Terra Santa sem acertar um escavador fervoroso. O general Gordon, o fanático bíblico posteriormente massacrado pelo Mahdi(*) em Cartum, estava muito à frente. William Albright, de Baltimore, estava constantemente confirmando a Jericó de Josué e outros mitos. Alguns desses escavadores, dadas as técnicas primitivas da época, foram mais levados a sério do que considerados meros oportunistas. Também moralmente sérios: o arqueólogo dominicano francês Roland de Vaux se mostrou refém da sorte dizendo que "se a fé histórica de Israel não é baseada na história, essa fé é equivocada, e, portanto também a nossa". Uma observação bastante admirável e honesta, pela qual o bom padre merece o crédito.

Muito antes de a pesquisa moderna, as difíceis traduções e as escavações terem nos iluminado, as pessoas que pensam já podiam ver que a "revelação" no Sinai e o resto do Pentateuco eram uma ficção mal realizada, concebida bem depois dos não-acontecimentos que ela não consegue descrever convincentemente ou mesmo de forma plausível. Alunos inteligentes têm perturbado seus professores com perguntas inocentes mas irrespondíveis desde a instituição do estudo da Bíblia. O autodidata Thomas Paine nunca foi refutado desde que escreveu, quando era vítima de uma terrível perseguição de jacobinos franceses fanáticos, para mostrar

> que esses livros são espúrios e que Moisés não é seu autor; ainda mais, que eles não foram escritos na época de Moisés, e sim várias centenas de anos depois, que eles são uma tentativa de construir uma história da ida de Moisés e da época em que ele teria vivido; e também de épocas anteriores, escritos por alguns embusteiros muito ignorantes e idiotas vários anos depois da morte de Moisés; como hoje os homens escrevem histórias de coisas que aconteceram, ou supostamente aconteceram, há várias centenas ou vários milhares de anos.

Para começar, os livros intermediários do Pentateuco (Êxodo, Levítico e Números; Gênesis não o menciona) se referem a Moisés na terceira pessoa, como em "o Senhor falou a Moisés". Poder-se-ia dizer que ele preferia falar de si mesmo na terceira pessoa, embora esse ato seja hoje bem relacionado à megalomania, mas isso produziria citações risíveis, como Números 12:3, em que lemos: "Ora, Moisés era um homem *muito humilde*, o mais humilde dos homens que havia na terra." Afora o absurdo de alegar ser humilde de modo a afirmar superioridade em humildade acima de todos os outros, temos de recordar a forma absolutamente autoritária e sanguinária pela qual o comportamento de Moisés é descrito em quase todos os outros capítulos. Isso nos deixa a escolha

entre solipsismo delirante e a mais falsa das modéstias.

Mas talvez o próprio Moisés possa ser absolvido dessas duas acusações, já que ele dificilmente poderia ter produzido as contorções do Deuteronômio. Nesse livro há uma introdução ao tema, depois uma introdução do próprio Moisés na primeira pessoa, depois um resumo da narrativa por quem quer que tenha escrito, depois outra fala de Moisés e um relato da morte, do enterro e da magnificência do próprio Moisés. (Presume-se que o relato do funeral não tenha sido escrito pelo homem que foi enterrado, embora esse problema não pareça ter ocorrido a quem quer que tenha forjado o texto.)

Que aquele que escreveu o relato o fez muitos anos depois parece muito claro Nos é dito que Moisés chegou à idade de 110 anos, com "a visão não diminuída nem sua força natural reduzida", então subiu ao cume do monte Nebo, de onde podia ter uma visão clara da Terra Prometida à qual ele nunca chegaria. O profeta, com sua força natural repentinamente abatida, morre na terra de Moab e é enterrado lá. Ninguém sabe, diz o autor, "*até hoje*", onde está o sepulcro de Moisés. É acrescentado que desde então não houve profeta comparável em Israel. Essas duas expressões não fazem sentido se não denotarem a passagem de um tempo considerável. Depois espera-se que acreditemos que um "ele" não identificado enterrou Moisés: se mais uma vez era Moisés na terceira pessoa, isso parece claramente implausível, e se foi o próprio Deus que fez o obséquio, não havia como o autor do Deuteronômio saber disso. De fato, o autor parece muito vago quanto a todos os detalhes desse acontecimento, como seria de esperar caso ele estivesse reconstruindo algo parcialmente esquecido. O mesmo é evidentemente verdadeiro no caso de vários anacronismos, nos quais Moisés fala de acontecimentos (o consumo de maná em Canaã, a captura da enorme cama do "gigante" Og, rei de Bashã) que podem nunca ter acontecido, mas que nem sequer são apresentados como acontecendo antes de sua morte.

A forte probabilidade de que esta interpretação seja a correta é reforçada no quarto e no quinto capítulo do Deuteronômio, nos quais Moisés reúne seus seguidores e dá novamente a eles os mandamentos do Senhor. (Não é uma grande surpresa: o Pentateuco contém dois relatos divergentes da Criação, duas diferentes genealogias da semente de Adão e duas narrativas do Dilúvio.) Em um desses capítulos Moisés fala longamente sobre si mesmo, e no outro ele aparece em discurso indireto. No quarto capítulo, o mandamento contra imagens esculpidas é ampliado para proibir qualquer "similitude" ou "semelhança" com qualquer figura, seja humana ou animal, por qualquer propósito. No quinto capítulo, o conteúdo das duas tabuletas de pedra é repetido basicamente da

mesma forma que no Êxodo, mas com uma diferença significativa. Dessa vez o autor esquece que o dia sabático é sagrado porque Deus fez o céu e a terra em seis dias e depois descansou no sétimo. De repente o sábado é sagrado porque Deus tirou seu povo da terra do Egito.

Então chegamos àqueles eventos que provavelmente não aconteceram, pelo que devemos nos alegrar. No Deuteronômio, Moisés ordena que pais apedrejem seus filhos até a morte por indisciplina (o que parece violar pelo menos um dos mandamentos) e constantemente faz pronunciamentos alucinados ("Aquele que for ferido nas pedras ou tiver seu órgão genital cortado não ingressará na congregação do Senhor.") Em Números, ele fala a seus generais após uma batalha e os critica por pouparem tantos civis:

> Matai, portanto, todas as crianças do sexo masculino. Matai também todas as mulheres que conheceram varão, coabitando com ele. Não conserveis com vida senão as meninas que ainda não coabitaram com homem e elas serão vossas.

Essa certamente não é a pior das incitações ao genocídio que aparecem no velho Testamento (rabinos israelenses debatem solenemente até hoje se a determinação de exterminar os amalecitas é um mandamento em código para se livrar os palestinos), mas tem um elemento de lascívia que deixa bastante claro quais poderiam ser as recompensas para um soldado mercenário. Pelo menos é o que eu penso, e o que pensou Thomas Paine, que escreveu não para desaprovar a religião, e sim para defender o teísmo contra o que ele considerava acréscimos torpes aos livros sagrados. Ele disse que isso era "uma ordem para chacinar os meninos, massacrar as mães e violar as filhas", o que produziu uma réplica dura de um dos festejados teólogos da época, o bispo de Llandaff. O rígido bispo galês alegou indignado que não ficava claro pelo contexto que as jovens estavam sendo poupadas para propósitos imorais e não para trabalho não-remunerado. Poderia ser inútil argumentar contra tal inocência cega, não fosse pela sublime indiferença do venerável clérigo pelo destino dos meninos e de suas mães.

É possível percorrer o Velho Testamento livro por livro, nos deparando aqui com uma frase lapidar ("O homem nasceu para o sofrimento como as fagulhas sobem para o céu", como diz o Livro de Jó) e ali com um belo verso, mas sempre encontrando as mesmas dificuldades. As pessoas chegam a idades impossíveis e ainda assim concebem filhos, indivíduos medíocres se envolvem em combate solitário ou discussão particular com Deus ou seus emissários, levantando a questão da onipotência divina ou mesmo do senso comum divino, e o solo é para sempre encharcado com o sangue dos inocentes. Ainda mais o contexto é

opressivamente confinado e *local*. Nenhum desses provincianos, ou sua divindade, parece ter qualquer noção do mundo além do deserto, dos rebanhos e do imperativo da subsistência nômade. Isso é desculpável por parte dos caipiras provincianos, obviamente, mas e quanto a seu guia supremo e tirano vingativo? Terá ele sido feito à imagem deles, mesmo que não tenha sido esculpido?

(*) Mahdi, "messias", é a alcunha de Mohammed Ahmed, místico do deserto que reuniu um exército e lutou pela independência do Sudão, colônia do Império Britânico. (N. do E)

8. O "Novo" Testamento supera a maldade do "Velho"

O trabalho de reler o Velho Testamento é algumas vezes cansativo, mas sempre necessário, porque à medida que se faz isso começam a ocorrer premonições sinistras. Abraão — outro ancestral de todos os monoteísmos — está pronto a oferecer seu próprio primogênito em sacrifício humano. E surge um boato de que "uma virgem irá conceber e dar à luz um filho". Gradualmente, esses dois mitos começam a convergir. É preciso ter isso em mente ao partir para o Novo Testamento, pois, se você pegar qualquer dos quatro Evangelhos e o ler ao acaso, não irá demorar a perceber que esse ou aquele ato ou dito atribuído a Jesus é assim para que uma antiga profecia se realize. (Falando da chegada de Jesus a Jerusalém, em lombo de burro, Mateus diz em seu capítulo 21, versículo 4: "Isso aconteceu para se cumprir o que foi dito pelo profeta." A referência provavelmente é a Zacarias 9:9, em que é dito que, quando o Messias chegar, estará em lombo de um jumento. Os judeus ainda estão esperando essa chegada, e os cristãos alegam que ela já ocorreu!) Se parece estranho que uma ação deva deliberadamente ocorrer a fim de que uma previsão se realize, isso é porque *é* estranho. E é necessariamente estranho porque assim como o Velho Testamento, o "Novo" também é obra de carpintaria ruim, encaixado muito depois dos supostos acontecimentos e cheio de tentativas improvisadas de fazer as coisas parecerem certas. Por uma questão de concisão, eu mais uma vez devo me render a um escritor melhor que eu e citar o que H. L Mencken diz de forma irrefutável em seu *Treatise on the Gods*:

> O fato simples é que o Novo Testamento, como o conhecemos, é uma acumulação atabalhoada de documentos mais ou menos divergentes, alguns deles provavelmente de origem respeitável, mas outros claramente apócrifos, e a maioria deles, tanto os bons quanto os ruins, mostram sinais inequívocos de terem sido adulterados.

Tanto Paine quanto Mencken, que por diferentes motivos se entregaram a um esforço honesto de ler os textos, foram confirmados por estudos bíblicos posteriores, grande parte deles originalmente iniciada para mostrar que os textos ainda eram relevantes. Mas essa discussão se dá acima das cabeças daqueles para

os quais o "Bom Livro" é tudo o que é necessário. (Faz lembrar o governador do Texas, que perguntado se a Bíblia também deveria ser ensinada em espanhol, respondeu que "se o inglês era bom o bastante para Jesus, então também é suficientemente bom para mim". Os simples são chamados assim corretamente.)

Em 2004 foi produzido um filme melodramático sobre a morte de Jesus por um fascista e canastrão australiano chamado Mel Gibson. O sr. Gibson é membro de uma seita católica excêntrica e cismática composta basicamente por ele e seu pai ainda mais marginal e afirmou que é uma pena que sua própria esposa querida vá para o inferno porque não aceita os sacramentos certos. (Ele serenamente define esse destino horrendo como "uma afirmação da cátedra".) A doutrina de sua própria seita é explicitamente antissemita e o filme não se cansa de atribuir aos judeus a culpa pela crucificação. Apesar dessa intolerância óbvia, que produziu críticas de cristãos mais cautelosos, *A paixão de Cristo* foi utilizado de forma oportunista por muitas igrejas "hegemônicas" como uma ferramenta de recrutamento. Em um dos eventos publicitários ecumênicos que patrocinou, o sr. Gibson defendeu sua mixórdia fílmica — que é também um exercício de homoerotismo sadomasoquista estrelado por um ator principal sem qualquer talento, aparentemente nascido na Islândia ou em Minnesota — como sendo baseada nos relatos de "testemunhas oculares". Na época eu considerei extraordinário que uma produção multimilionária pudesse ser abertamente baseada em uma alegação tão claramente fraudulenta, mas ninguém pareceu se incomodar. Mesmo as autoridades judaicas em sua maioria mantiveram o silêncio. Mas depois alguns deles quiseram abafar essa velha discussão, que por séculos levou a pogrons pascais contra os "judeus assassinos de Cristo". (Apenas duas décadas depois da Segunda Guerra Mundial o Vaticano formalmente retirou a acusação de teocídio contra o povo judeu como um todo.) E a verdade é que os judeus costumavam pedir o crédito pela crucificação. Maimônides descreveu a punição do detestável herege nazareno como uma das grandes realizações dos judeus, insistiu em que o nome de Jesus nunca fosse mencionado a não ser acompanhado de uma maldição e anunciou que sua punição deveria ser cozinhada em excremento por toda a eternidade. Que bom católico Maimônides teria sido!

Contudo, ele incorreu no mesmo erro que os cristãos, supondo que os quatro Evangelhos eram de alguma forma um registro histórico. Seus muitos autores — nenhum dos quais publicou qualquer coisa até muitas décadas após a crucificação — não conseguem concordar em nada importante. Mateus e Lucas não chegam a um acordo sobre o Nascimento Virginal ou a genealogia de Jesus.

Eles se contradizem completamente na "Fuga para o Egito", com Mateus dizendo que José foi "avisado em um sonho" a fugir imediatamente e Lucas dizendo que todos os três permaneceram em Belém até a "purificação de Maria de acordo com as leis de Moisés", o que demoraria quarenta dias, e então retornaram a Nazaré através de Jerusalém. (Apenas de passagem, se a fuga para o Egito de modo a proteger uma criança da campanha infanticida de Herodes tiver algum fundo de verdade, então Hollywood e muitos, muitos iconógrafos cristãos têm nos enganado. Teria sido muito difícil levar um bebê louro e de olhos azuis para o delta do Nilo sem atrair atenção.)

O Evangelho de Lucas afirma que o nascimento milagroso ocorreu em um ano em que o imperador César Augusto ordenou um censo com objetivos fiscais, e que isso aconteceu na época em que Herodes reinava na Judeia e Quirino era governador da Síria. Isso é o mais perto de triangulação de datas históricas a que qualquer autor bíblico já chegou. Mas Herodes morreu quatro anos "a.C.", e durante seu reinado o governador da Síria não era Quirino. Nenhum historiador romano faz menção a qualquer censo de Augusto, mas o cronista judeu Josefo menciona um que ocorreu — sem a exigência custosa de que as pessoas retornassem a seu local de nascimento e seis anos após o suposto nascimento de Jesus. Isso, evidentemente, é uma reconstrução oral truncada realizada em um momento consideravelmente posterior ao "fato". Os escribas não conseguem sequer concordar sobre os elementos míticos: eles discordam abertamente sobre o Sermão da Montanha, a unção de Jesus, a traição de Judas e a obsedante "negação" de Pedro. Ainda mais chocante, eles não conseguem produzir um mesmo relato da Crucificação ou da Ressurreição. Assim, a única interpretação que temos de descartar é simplesmente a de que todas as quatro têm mandato divino. O livro no qual todos os quatro podem ter se baseado, especulativamente conhecido pelos estudiosos como "Q", se perdeu para sempre, o que parece algo claramente descuidado da parte do deus que alegadamente o "inspirou".

Há sessenta anos, em Nag Hammadi, no Egito, foi descoberto um tesouro de "Evangelhos" esquecidos perto de um sítio cristão copta muito antigo. Os pergaminhos eram do mesmo período e da mesma origem de muitos dos posteriores Evangelhos canônicos e "autorizados" e havia muito tinham recebido o nome genérico de "gnósticos". Esse foi o título dado a eles por um certo Irineu, um dos primeiros pais da Igreja, os baniu como sendo heréticos. Entre eles estão os "Evangelhos" ou as narrativas de personagens secundários, mas significativos, do "Novo" Testamento aceito, como o "Tomé Dídimo" e Maria Madalena. Há também o Evangelho de Judas, que havia séculos sabia-se que existia, mas que

agora foi revelado e publicado pela National Geographic Society na primavera de 2006.

O livro é basicamente baboseira espiritualista, como era de esperar, mas oferece uma versão dos "acontecimentos" que é um pouco mais crível do que o relato oficial. Para começar, ele sustenta, assim como os outros textos de seu conjunto, que o suposto deus do "Velho" Testamento deve ser evitado, uma emanação horripilante de mentes doentias. (Isso torna fácil entender por que ele foi tão categoricamente banido e atacado: o cristianismo ortodoxo não passa de uma realização e conclusão daquela história cruel.) Judas participa da última refeição da Páscoa, como de hábito, mas se afasta do roteiro habitual. Quando Jesus parece lamentar que seus outros discípulos saibam tão pouco sobre o que está em jogo, seu seguidor patife diz claramente que acredita saber qual é a dificuldade. "Eu sei quem você é e de onde veio", diz ele ao líder. "Você vem do reino imortal de Barbelo". Esse "Barbelo" não é um deus, mas um destino celestial, uma terra natal além das estrelas. Jesus vem desse reino celeste, mas ele não é filho de qualquer deus mosaico. Em vez disso, ele é um avatar de Set, o terceiro e menos conhecido filho de Adão. Ele é aquele que mostrará aos sétios o caminho de casa. Reconhecendo que Judas é pelo menos um pequeno membro desse culto, Jesus o chama de lado e dá a ele a missão de ajudá-lo a abandonar sua forma carnal e assim retornar ao céu. Ele também promete mostrar as estrelas que permitirão a Judas segui-lo.

Por mais que isso seja uma ficção científica enlouquecida, faz infinitamente mais sentido do que a maldição eterna lançada sobre Judas por fazer o que era necessário nessa crônica, afora isso, pedantemente produzida de uma morte anunciada. Também faz infinitamente mais sentido do que culpar os judeus por toda a eternidade. Durante muito tempo houve um debate acalorado sobre quais dos "Evangelhos" deveriam ser considerados divinamente inspirados. Alguns defendiam esses, e alguns, outros, e muitas vidas se perderam de forma horrível em função disso. Ninguém se deu o trabalho de dizer que todos foram escritos pelo homem muito depois do suposto drama ter terminado, e o "Apocalipse" de São João parece ter sido contrabandeado para o cânone por causa do nome (bastante comum) de seu autor. Mas como disse Jorge Luis Borges, se os gnósticos alexandrinos tivessem vencido, algum Dante posterior teria oferecido a nós um hipnoticamente belo retrato escrito das maravilhas de "Barbelo". Eu poderia escolher chamar esse conceito de "o folhelho Borges": a verve e a imaginação necessárias para visualizar um corte de ramos e arbustos evolucionários, com a possibilidade extraordinária mas real de que um diferente

ramo ou linha (ou música, ou poema) tivesse predominado no labirinto. Grandiosos tetos, campanários e hinos, poderia ele ter acrescentado, o teriam consagrado, e torturadores habilidosos teriam trabalhado durante dias naqueles que duvidassem da verdade de Barbelo: começando com as unhas dos dedos e abrindo caminho engenhosamente até os testículos, a vagina, os olhos e as vísceras. A descrença em Barbelo iria, de forma correspondente, ter sido um sinal inequívoco de que a pessoa não tinha qualquer moral.

Este é o melhor argumento que conheço para a altamente questionável existência de Jesus. Seus discípulos sobreviventes analfabetos não nos deixaram qualquer registro, e de qualquer forma nunca poderiam ter sido "cristãos", já que nunca iriam ler esses livros posteriores em que os cristãos precisam afirmar a crença, e de qualquer forma não teriam qualquer ideia de que alguém iria um dia fundar uma igreja com base nos pronunciamentos de seu mestre. (Também não há uma só palavra em qualquer dos Evangelhos posteriormente montados que indique que Jesus queria ser o fundador de uma Igreja.)

Apesar de tudo isso, as profecias confusas do Velho Testamento indicam que o Messias nasceria na cidade de Davi, que de fato parece ter sido Belém. Porém, os pais de Jesus aparentemente eram de Nazaré e, se tiveram um filho, ele mais provavelmente nasceu naquela cidade. Assim, um enorme volume de falsificações — relativas a Augusto, Herodes e Quirino — está envolvido na criação da história do censo e na transferência da cena da natividade para Belém (onde, por falar nisso, nunca é mencionado qualquer "estábulo"). Mas por que tudo isso, quando uma falsificação muito mais simples seria fazê-lo nascer diretamente em Belém, sem qualquer obrigação desnecessária? As próprias tentativas de consertar e ajeitar a história poder ser a prova contrária de que alguém de posterior importância *de fato* nasceu, de modo que retrospectivamente, e para cumprir as profecias, as provas teriam de ser um pouco trabalhadas. Mas então, mesmo minha tentativa de ser justo e aberto neste caso é prejudicada pelo Evangelho de João, que parece sugerir que Jesus nem nasceu em Belém nem era descendente do rei Davi. Se os apóstolos não sabem ou não conseguem entrar em acordo, qual o valor disso para minha análise? Seja como for, se a linhagem real é algo do que se orgulhar e sobre o que profetizar, por que a insistência em outros pontos em um nascimento aparentemente humilde? Quase todas as religiões, do budismo ao islamismo, apresentam ou um profeta humilde ou um príncipe que se identifica com os pobres, mas o que é isso a não ser populismo? Não surpreende que as religiões escolham se dirigir primeiramente a maioria de pobres, sofridos e ignorantes.

As contradições e ignorâncias do Novo Testamento encheram muitos livros de estudiosos importantes, e nunca foram explicadas por qualquer autoridade cristã a não ser em termos medíocres de "metáfora" e "um Cristo de fé". Essa mediocridade deriva do fato de que até recentemente os cristãos podiam simplesmente queimar ou silenciar qualquer um que fizesse perguntas inconvenientes. Os Evangelhos, porém, são úteis para mais uma vez demonstrar o mesmo ponto que os capítulos anteriores, o de que a religião é criação do homem. A lei é dada por Moisés, mas a graça e a verdade vêm de Jesus Cristo, diz São João. São Mateus busca o mesmo efeito, baseando tudo em um versículo ou dois do profeta Isaías, que disse ao rei Acaz, quase oito séculos antes da data ainda não definida do nascimento de Jesus que "o senhor dará a você um sinal: uma virgem irá conceber e dar à luz um filho". Isso encorajou Acaz a acreditar que conseguiria a vitória sobre seus inimigos (o que no final, mesmo se você considerar esta história uma narrativa histórica, ele não conseguiu). O quadro é alterado ainda mais quando sabemos que a palavra traduzida como virgem, especificamente *almah*, significa apenas "uma mulher jovem". Seja como for, a partenogênese não é possível em mamíferos humanos, e, mesmo se essa lei fosse violada apenas em um caso, isso não provaria que o bebé resultante teria qualquer poder divino. Assim, e como de hábito, a religião levanta suspeitas ao tentar provar demais. Por analogia inversa, o Sermão da Montanha replica Moisés no monte Sinai, e os discípulos não descritos fazem o papel dos judeus que seguiram Moisés para todo canto, fazendo com que dessa forma a profecia seja cumprida para qualquer um que não perceba ou não se importe com o fato de a história estar sendo produzida por "engenharia reversa", como podemos dizer hoje. Em um pequeno trecho de apenas um Evangelho (aproveitado pelo agressor de judeus Mel Gibson), os rabinos são colocados a repetir Deus no Sinai e realmente pedir que a culpa pelo sangue de Jesus seja transmitida a todas as gerações subsequentes: um pedido que, mesmo que devesse ser feito, estava bem além do seu direito e do seu poder.

Mas o caso da Imaculada Conceição é a prova mais fácil de que humanos estiveram envolvidos na produção de uma lenda. Jesus faz grandes alegações sobre seu pai celestial, mas nunca menciona que sua mãe é ou era virgem, e é repetidamente rude e grosseiro com ela quando aparece, como fariam mães judaicas, para perguntar ou descobrir como ele estava indo. Ela própria parece não ter lembrança da visita do arcanjo Gabriel ou do enxame de anjos, todos dizendo que ela era a mãe de Deus. Em todos os relatos, tudo o que seu filho faz se revela a ela como uma completa surpresa, quando não um choque. O que

poderia ele estar fazendo conversando com os rabinos no templo? O que ele está dizendo quando lembra a ela de forma lacônica que está no negócio do seu pai? Seria de esperar uma forte lembrança materna, especialmente em alguém que passou pela experiência, única entre todas as mulheres, de se descobrir grávida sem ter passado pelas notórias condições para esse estado de graça. Lucas chega mesmo a cometer um deslize revelador em dado momento ao falar sobre os "pais de Jesus" ao se referir unicamente a José e Maria quando eles visitam o templo para sua purificação e são saudados pelo velho Simeão, que pronuncia seu maravilhoso *Nunc dimittis*, que (outro de meus velhos coros prediletos) também pode ser um pretendido ecoar de Moisés vislumbrando a Terra Prometida apenas em idade extremamente avançada.

Há então a questão extraordinária da grande prole de Maria. Mateus nos informa que havia quatro irmãos de Jesus e também algumas irmãs. No Evangelho de Tiago, que não é canônico mas também não é descartado, temos o relato de um irmão de Jesus de mesmo nome, que evidentemente era muito atuante nos círculos religiosos na mesma época. Vamos aceitar que Maria pudesse te "concebido" como *virgo intacta* e dado à luz um bebê, o que certamente a teria deixado menos intacta nesse sentido. Mas como ela continuou a produzir filhos com o homem José, que só existe no discurso registrado e assim criou uma família sagrada tão grande que as "testemunhas oculares" continuam a chamar atenção para ela?

Para resolver esse dilema quase não mencionável e quase sexual, é mais uma vez aplicada a engenharia reversa, dessa vez muito mais recentemente que os frenéticos primeiros concílios da Igreja que decidiram quais Evangelhos eram "sinóticos" e quais eram "apócrifos". É determinado que a própria Maria (de cujo nascimento não há absolutamente nenhum relato no livro sagrado) teve uma "Imaculada Conceição" anterior que a deixou essencialmente pura. E é determinado ainda que, como a punição pelo pecado é morte e ela não podia ter pecado, não poderia ter morrido, daí o dogma da "Assunção", que estabelece que o ar rarefeito foi o meio pelo qual ela foi aos céus evitando o túmulo. É interessante notar as datas desses éditos maravilhosamente engenhosos. A doutrina da Imaculada Conceição foi anunciada ou descoberta por Roma em 1852, e o dogma da Assunção, em 1951. Dizer que algo "feito pelo homem" nem sempre é dizer que é estúpido. Essas heroicas tentativas de resgate merecem crédito, mesmo quando vemos o navio furado original afundar sem deixar vestígios. Mas, por mais inspirada que seja a resolução da Igreja, é um insulto à divindade alegar que tal inspiração foi de alguma forma divina.

Assim como o roteiro do Velho Testamento está repleto de sonhos e astrologia (o Sol se detendo de modo que Josué pudesse concluir seu massacre em um local que nunca foi localizado), a Bíblia também está cheia de previsões das estrelas (especialmente aquela sobre Belém), médico-feiticeiros e bruxos. Muitos dos ditos e das proezas de Jesus são inócuos, principalmente as "beatitudes" que exprimem pensamento positivo irreal sobre os humildes e os pacifistas. Mas muitos são incompreensíveis e demonstram uma crença na magia, vários são absurdos e demonstram uma abordagem primitiva da agricultura (isso se estende a todas as menções a arar e cultivar e todas as alusões a mostarda e figueiras), e muitos são quase absolutamente imorais. A analogia de humanos com lírios, por exemplo, sugere juntamente com muitas outras injunções — que coisas como cultivo, inovação, vida familiar e assim por diante são absoluta perda de tempo. ("Não pense no dia seguinte.") Por isso alguns dos Evangelhos, canônicos e apócrifos, se referem a pessoas (inclusive membros de sua família) dizendo na época que achavam que Jesus devia ser louco. Também houve aqueles que perceberam que ele frequentemente era um judeu sectário bastante rígido. Em Mateus 15:21-28 lemos sobre seu desprezo por uma mulher cananeia que implorou por sua ajuda em um exorcismo e recebeu a resposta brusca de que ele não gastaria sua energia em um não judeu. (Seus discípulos, e a insistência da mulher acabaram convencendo-o a aceitar e expulsar o não-demônio.) Em minha opinião, uma história idiossincrática como essa é outra razão oblíqua para pensar que tal personalidade possa ter vivido. Havia muitos profetas perturbados vagando pela Palestina na época, mas esse alegadamente acreditava, pelo menos parte do tempo, ser Deus ou filho de Deus. E isso fez toda a diferença. Suponha apenas duas coisas: que ele acreditava nisso e que também prometeu a seus seguidores revelar seu reino antes que eles chegassem ao fim de suas próprias vidas, todas menos uma ou duas de suas observações proverbiais fazem algum sentido. Esse ponto nunca foi destacado com maior franqueza que por C. S. Lewis (que recentemente ressurgiu como o mais popular apologista cristão) em seu *Cristianismo puro e simples*. Ele fala sobre a alegação de Jesus de pegar todos os pecados para si:

> Assim, a não ser que quem fala seja Deus, isso realmente é tão despropositado que se torna cômico. Todos podemos compreender como um homem perdoa ofensas a si mesmo. Você pisa nos meus dedos e eu o perdoo, você rouba meu dinheiro e eu o perdoo. Mas o que devemos fazer com um homem, ele mesmo não roubado e não pisado, que anuncia que o perdoa por pisar nos dedos de outro homem ou roubar o dinheiro de outro homem? Estultice mular é a descrição mais gentil que poderíamos dar para seu comportamento. Mas foi isso o que Jesus fez.

> Ele disse às pessoas que seus pecados estavam perdoados e nunca esperou para consultar todas as outras pessoas que realmente tinham sido feridas por aqueles pecados. Ele se comportou, sem hesitação, como se Ele fosse a principal parte afetada, a principal pessoa ofendida em todas as ofensas. Isso só faz sentido se ele realmente fosse o Deus cujas leis são violadas e cujo amor é afetado a cada pecado. Na boca de qualquer um que não seja Deus, essas palavras significariam o que eu só posso ver como uma tolice e uma presunção não igualadas por qualquer outro personagem da história.

Deve-se notar que Lewis supõe, sem qualquer prova, que Jesus realmente *era* "personagem da história", mas vamos deixar isso de lado. Ele merece algum crédito por aceitar a lógica e a moralidade do que afirmou. Para aqueles que argumentam que Jesus podia ter sido um professor de moral sem ser divino (o teísta Thomas Jefferson alegou de passagem ser um deles), Lewis tinha essa resposta penetrante:

> Essa é uma coisa que não podemos dizer. Um homem que fosse apenas um homem e dissesse o tipo de coisas que Jesus disse não seria um grande professor de moral. Ele seria ou um lunático — do nível do homem que diz ser um ovo escaldado — ou o Diabo do Inferno. Você precisa fazer sua escolha. Ou esse homem era, e é, o Filho de Deus, ou um louco ou coisa pior. Você pode calá-Lo por ser louco, pode cuspir Nele e matá-Lo por ser um demônio ou pode se jogar a Seus pés e chamá-lo de Senhor Deus. Mas não venha com qualquer absurdo paternalista sobre ser ele um grande professor humano. Ele não nos deixou essa possibilidade. Ele não queria.

Eu não estou escolhendo um espantalho: Lewis é o principal veículo de propaganda escolhido para o cristianismo nos dias de hoje. E nem estou aceitando suas categorias sobrenaturais muito selvagens, como diabo e demônio. Ainda menos aceito seu raciocínio, que é patético como descrição precisa e que considera suas duas falsas alternativas como sendo antíteses excludentes e depois as usa para conceber um *non sequitur* grosseiro. ("A mim parece óbvio que Ele não era nem lunático nem um espírito mau: consequentemente, por mais estranho, aterrorizante ou improvável que possa parecer, tenho de aceitar a ideia de que Ele era e é Deus.") Porém, eu dou a ele o crédito da honestidade e de alguma coragem. Ou os Evangelhos são de certa forma essencialmente verdade, ou toda a coisa é fundamentalmente uma fraude e talvez uma fraude moral. Bem, pode ser afirmado com certeza que os Evangelhos quase certamente não são verdade literal. Isso significa que muitos dos "ditos" e ensinamentos de Jesus são ouvir dizer em cima de ouvir dizer, o que ajuda a explicar sua natureza truncada e contraditória. O mais deslumbrante deles, pelo menos retrospectivamente e certamente do ponto de vista dos crentes, diz respeito à iminência de seu segundo advento e sua completa indiferença com a fundação de qualquer igreja temporal. A *logia* ou as falas registradas são repetidamente citadas — por bispos

da Igreja primitiva que queriam ter estado presentes mas não estiveram — como comentários de terceira mão ansiosamente pedidos. Vou dar um exemplo comum. Muitos anos após C. S. Lewis ter ido receber sua recompensa, um jovem muito sério chamado Bart Ehrman começou a estudar suas próprias suposições fundamentalistas. Ele tinha cursado as duas mais destacadas academias cristãs fundamentalistas dos Estados Unidos e era considerado pelos fiéis como sendo seu defensor. Fluente em grego e hebraico (hoje é titular de uma cátedra em estudos da religião), ele no final não conseguiu fazer sua fé conviver com seu conhecimento. Ficou chocado ao descobrir que algumas das histórias mais conhecidas de Jesus foram inscritas no cânone muito depois do fato, e que isso era verdade para aquela que é talvez a mais conhecida de todas.

É a festejada história sobre a mulher apanhada em adultério. Quem não ouviu falar ou leu sobre como os fariseus judeus, com experiência em casuísmo, arrastaram a pobre mulher até Jesus e quiseram saber se ele concordava com a punição mosaica de apedrejá-la até a morte? Se ele não concordasse, violaria a lei. Se concordasse, transformaria em absurdo sua própria pregação. É fácil imaginar o pouco cuidado com que eles se lançaram sobre a mulher. E a resposta serena (após escrever no chão) — "Aquele dentre vocês que não tiver pecado, atire a primeira pedra" — penetrou em nossa literatura e em nossa consciência.

Esse episódio é até mesmo celebrado em celulóide. Faz uma aparição em *flashback* na caricatura de Mel Gibson e é um momento adorável do *Dr. Jivago* de David Lean, em que Lara procura o padre em seu pior momento e ouve a pergunta sobre o que Jesus disse à mulher caída. "Vá e não volte a pecar" responde ela. "E ela o fez, criança?", pergunta o padre duramente. "Não sei, padre." "Ninguém sabe", retruca o padre, de nenhuma valia nas circunstâncias.

De fato, ninguém sabe. Muito antes de ler Ehrman, eu tinha minhas próprias perguntas. Se o Novo Testamento supostamente justifica Moisés, por que as terríveis leis do Pentateuco deveriam ser abaladas? Olho por olho, dente por dente e a morte de bruxas podem parecer brutais e estúpidas, mas se apenas os não-pecadores tiverem o direito de punir, como então uma sociedade imperfeita poderá determinar como processar criminosos? Todos devemos ser hipócritas. E que autoridade tinha Jesus para "perdoar"? Presumivelmente, pelo menos uma esposa ou marido em algum ponto da cidade deve ter se sentido enganado e ultrajado. O cristianismo é, então, completa permissividade sexual? Caso seja assim, ele tem sido seriamente mal compreendido desde então. E o que estava sendo escrito no chão? Mais uma vez, ninguém sabe, Ademais, a história diz que após os fariseus e a multidão terem dispersado (supostamente por

constrangimento) não restou ninguém, a não ser Jesus e a mulher. Nesse caso, quem é 0 narrador daquilo que ele disse a ela? Por tudo isso, eu a considero uma história muito boa

O professor Ehrman vai além. Ele fez perguntas mais óbvias. Se a mulher foi "flagrada em adultério", o que significa em flagrante delito, onde está o parceiro do sexo masculino? A lei mosaica, esboçada em Levítico, deixa claro que ambos devem ser apedrejados. Eu de repente me dei conta de que o grande encanto da história é o da trêmula garota solitária, apupada e arrastada. por uma malta de fanáticos sedentos de sexo, finalmente encontrando um rosto amigo. Quanto à escrita na poeira, Ehrman menciona uma antiga tradição segundo a qual Jesus estava rabiscando as transgressões dos outros presentes, assim levando a rubores, desconforto e finalmente uma partida apressada. Eu descobri que adoro a ideia, mesmo que isso signifique um grau de curiosidade mundana, lascívia (e presciência) terrena da parte dele que apresenta suas próprias dificuldades.

Amarrando tudo, há o fato chocante de que, como reconhece Ehrman,

> A história não é encontrada em nossos melhores e mais antigos manuscritos do Evangelho de João; seu estilo é muito diferente do que encontramos no restante de João (incluindo as histórias imediatamente anterior e posterior) e inclui um grande número de palavras e frases que fora isso são estranhas ao Evangelho. A conclusão é inevitável: essa passagem originalmente não era parte do Evangelho.

Eu mais uma vez escolhi minha fonte com base no critério de "provas contra o interesse": em outras palavras, de alguém cuja formação original e jornada intelectual não eram de modo algum voltadas para desafiar a palavra divina. A defesa da consistência, da autenticidade ou da "inspiração" bíblica tem problemas há algum tempo, e as falhas e os remendos se tornam cada vez mais óbvios com melhores pesquisas, de modo que nenhuma "revelação" virá daquele campo. Assim, portanto, deixemos os defensores e partidários da religião confiarem apenas na fé, e que eles sejam corajosos o bastante para admitir que é isso o que estão fazendo.

9. O Corão parte dos mitos judaicos e cristãos

Sendo os feitos e "ditos" de Moisés, Abraão e Jesus tão sem fundamento e inconsistentes, além de frequentemente imorais, é preciso manter o mesmo espírito investigativo no que muitos acreditam ser a última revelação: a do profeta Maomé e seu Corão, ou "recitação". Mais uma vez encontramos o anjo (ou arcanjo) Gabriel trabalhando, ditando suras, ou versos, a uma pessoa de pouca ou nenhuma instrução. Também aqui há histórias de uma inundação ao estilo Noé e proibições à veneração de ídolos. Mais uma vez os judeus são os primeiros destinatários da mensagem e os primeiros a ouvi-la e descartá-la. E mais uma vez há uma enorme coleção de histórias duvidosas sobre os efetivos ditos e feitos do Profeta, dessa vez conhecido como *hadith*.

O islamismo é ao mesmo tempo o mais e o menos interessante dos monoteísmos do mundo. Ele trabalha a partir de seu primitivos predecessores judaico e cristão, escolhendo um pedaço aqui, um fragmento ali, de sorte que, se aqueles desmoronarem, ele também desmorona parcialmente. Sua narrativa básica igualmente se passa em uma área impressionantemente pequena e fala de querelas locais extremamente enfadonhas. Nenhum dos documentos originais pode ser comparado com textos hebraicos, gregos ou latinos. Quase toda a tradição é oral, e toda ela é em árabe. De fato, muitas autoridades concordam em que o Corão só é compreensível nesse idioma, que é ele mesmo sujeito a inúmeras inflexões idiomáticas e regionais. Isso, portanto, nos deixaria com a conclusão absurda e potencialmente perigosa de que Deus era monoglota. Eu tenho à minha frente o livro *Introducing Muhammad*, escrito por dois muçulmanos britânicos melífluos que esperam apresentar ao Ocidente uma visão amigável do islamismo. Por mais agradável e seletivo que seja o texto, eles insistem em que, "sendo a Palavra Literal de Deus, o Corão só é Corão no texto revelado original. Uma tradução não pode nunca ser o Corão, aquela sinfonia inimitável, 'o próprio som que leva homens e mulheres às lágrimas'. Uma tradução só pode ser uma tentativa de dar uma pequena ideia do significado das palavras contidas no Corão. Por isso todos os muçulmanos, independentemente

de sua língua materna, sempre recitam o Corão no árabe original". Os autores continuam, fazendo algumas observações bastante grosseiras sobre a tradução de N. J. Dawood para a Penguin, o que me deixa contente por sempre ter utilizado a versão Pickthall, mas não o bastante para ser convencido de que se eu quiser me converter precisarei dominar outro idioma. Em meu próprio país natal estou tristemente consciente de que há uma bela tradição poética inacessível a mim porque eu nunca saberei o lindo idioma chamado gaélico. Mesmo que Deus seja ou fosse árabe (uma suposição incerta), como poderia ele esperar se "revelar" por intermédio de uma pessoa analfabeta, que por sua vez não poderia esperar transmitir as palavras inalteradas (quanto mais inalteráveis)?

Essa parece ser uma questão menor, mas não é. Para os muçulmanos, a anunciação do divino a uma pessoa de extrema simplicidade iletrada tem aproximadamente o mesmo valor que o humilde receptáculo da Virgem Maria tem para os cristãos. Também tem o mesmo mérito útil de ser completamente não verificável e não falsificável. Como é preciso supor que Maria falava aramaico, e Maomé, árabe, eu posso supor com certeza que Deus é poliglota e pode falar qualquer idioma que queira. (Nos dois casos ele escolheu usar o arcanjo Gabriel como intermediário para levar a mensagem.) Contudo, o fato impressionante continua a ser que todas as religiões resistiram teimosamente a qualquer tentativa de tradução de seus textos sagrados para idiomas "compreendidos pelo povo", como define o livro de orações Cranmer. Não teria havido Reforma Protestante não fosse pela longa luta para produzir a Bíblia vernacular, com a consequente quebra do monopólio sacerdotal. Homens devotos como Wycliffe, Coverdale e Tyndale foram queimados vivos apenas por terem tentado primeiras traduções. A Igreja Católica nunca se recuperou de seu abandono do mistificador ritual em latim, e a corrente protestante sofreu imensamente por apresentar suas próprias Bíblias na linguagem cotidiana. Algumas seitas místicas judaicas ainda insistem no hebraico e fazem jogos de palavras cabalísticos até com os espaços entre as letras, mas também entre a maioria dos judeus os rituais supostamente imutáveis da antiguidade foram abandonados. O feitiço da classe clerical foi quebrado. Apenas no islamismo não houve reformas, e até hoje qualquer versão do Corão em vernáculo ainda precisa ser impressa com um texto árabe paralelo. Isso deve levantar suspeitas mesmo nas mentes menos ágeis.

As posteriores conquistas muçulmanas, impressionantes em sua rapidez, alcance e determinação, levaram à idéia de que esses encantos árabes devem ter tido algo a ver com elas. Mas, se você aceitar como prova essa vitória terrena

barata, tem de aceitar o mesmo em relação aos membros da tribo de Josué encharcados de sangue ou aos cruzados ou conquistadores cristãos. Há ainda uma outra objeção. Todas as religiões tomam o cuidado de silenciar ou executar aqueles que as questionam (e eu prefiro ver essa tendência recorrente como uma prova de sua fraqueza, e não de sua força). Contudo, já se passou muito tempo desde que o judaísmo e o cristianismo se valeram abertamente da tortura e da censura. O islamismo também não começou condenando ao fogo eterno todos os que duvidavam, mas ele ainda alega ter o direito de fazê-lo em quase todos os seus domínios, e ainda prega que esses mesmos domínios podem e devem ser ampliados por intermédio da guerra. Nunca, em nenhuma época, houve uma tentativa de desafiar ou mesmo pesquisar as alegações do islamismo que não tenha sido recebida com uma repressão extremamente dura e rápida. Provisoriamente, portanto, as pessoas têm o direito de concluir que a aparente unidade e a confiança da fé são um disfarce para uma insegurança muito profunda e provavelmente justificável. Naturalmente, nem é preciso dizer que há e sempre houve rixas sanguinárias *entre* diferentes escolas do islamismo, resultando em acusações estritamente intramuçulmanas de heresia e profanação e em terríveis atos de violência.

Eu me esforcei ao máximo com essa religião, que é tão estranha para mim quanto para os muitos milhões que sempre irão duvidar de que Deus confiou a um não-leitor (e ainda assim intermediário) a conclamação a "ler". Como já disse, há muito tempo eu comprei um exemplar da tradução de Marmaduke Pickthall para o Corão, que foi aprovada por fontes superiores do ulemá, ou autoridade religiosa islâmica, como sendo o mais perto de uma versão para o inglês. Fui a inúmeros encontros, de orações de sexta-feira em Teerã a mesquitas em Damasco, Jerusalém, Doha, Istambul e Washington, e posso atestar que a "recitação" em árabe de fato tem o aparente poder de gerar enlevo e também fúria entre aqueles que a ouvem. (Eu também fui a orações na Malásia, na Indonésia e na Bósnia, em que há ressentimento entre muçulmanos que não falam árabe pelo privilégio dado aos árabes, ao árabe e a movimentos e regimes árabes em uma religião que se propõe universal.) Eu recebi em minha própria casa Sayed Hossein Khomeini, neto do aiatolá e clérigo da cidade sagrada de Qum, e dei a ele cuidadosamente meu próprio exemplar do Corão. Ele o beijou, o discutiu longamente e com reverência, e para minha orientação escreveu na segunda orelha os versos que ele considerava que desaprovavam a alegação de seu avô de autoridade clerical neste mundo, bem como derrubavam a conclamação do avô para tirar a vida de Salman Rushdie. Quem sou eu para julgar tal disputa?

Contudo, a ideia de que textos idênticos podem transmitir mandamentos diferentes para pessoas diferentes me é bastante conhecida por outras razões. Não é preciso destacar a dificuldade de compreender as supostas profundidades do islamismo. Se as pessoas compreendem as falácias de uma religião "revelada", compreendem todas elas.

Apenas uma vez, em 25 anos de polêmicas acaloradas em Washington, eu fui ameaçado de violência real. Foi em um jantar com alguns membros da equipe e aliados da Casa Branca de Clinton. Um dos presentes, um então bem conhecido pesquisador e arrecadador de fundos democrata, me questionou sobre minha viagem mais recente ao Oriente Médio. Ele queria minha opinião sobre por que os muçulmanos eram tão "excessivamente, desgraçadamente *fundamentalistas*". Eu utilizei todo o meu repertório de explicações, acrescentando que esquecíamos com frequência que o islamismo era uma fé relativamente nova, ainda no auge de sua autoconfiança. Os muçulmanos não tinham passado pela crise de questionamento que se apossara do cristianismo ocidental. Eu acrescentei que, por exemplo, embora houvesse pouca ou nenhuma evidência da vida de Jesus, a figura do Profeta Maomé era, em contraste, uma pessoa em uma história verificável. O homem mudou de cor mais rápido que qualquer outra pessoa que eu já tinha visto. Após guinchar que Jesus Cristo tinha significado mais e para mais pessoas do que eu poderia imaginar e que eu era indizivelmente lamentável por falar daquele jeito, ele ergueu o pé e preparou um chute que apenas sua decência — concebivelmente seu cristianismo — impediu que acertasse meu queixo. Ele então ordenou que sua esposa fosse embora com ele.

Eu agora sinto que devo a ele uma desculpa, ou pelo menos meia. Embora nós saibamos que uma pessoa chamada Maomé certamente existiu em uma conjunção de tempo e espaço relativamente pequena, temos o mesmo problema nos casos anteriores. Os relatos que dão conta de seus feitos e suas palavras foram reunidos muitos anos mais tarde e estão lamentavelmente corrompidos até a incoerência por interesse pessoal, boatos e ignorância.

A história é suficientemente conhecida mesmo que seja nova para você. Alguns habitantes de Meca no século VII seguiam uma tradição abraâmica e chegavam mesmo a acreditar que seu templo, a Caaba, tinha sido construído por Abraão. O templo em si — a maior parte de sua decoração foi destruída por fundamentalistas posteriores, especialmente os wahabitas — teria sido conspurcado pela idolatria. Maomé, filho de Abdula, tornou-se um daqueles *hunafá* que "deram as costas" para buscar a solidão em outro lugar. (O Livro de Isaías também conclama os verdadeiros crentes a "partir" dos infiéis a se separar.)

Retirando-se para uma caverna no monte Hira durante o mês do calor, ou Ramadã, ele estava "adormecido ou em transe" (estou citando o comentário de Pickthall) quando ouviu uma voz determinando que ele lesse. Ele respondeu duas vezes que não sabia ler e três vezes recebeu a ordem de fazê-lo. Finalmente perguntando o que deveria ler, ele recebeu ordens em nome de um senhor que "criou o homem de uma gota de sangue". Após o anjo Gabriel (que assim se identificou) dizer a Maomé que ele seria o mensageiro de Alá e em seguida partir, Maomé falou com sua esposa Khadijah. Ao retornarem a Meca ela o levou para um encontro com seu primo, um homem mais velho chamado Waraqa ibn Naufal, "que conhecia as Escrituras dos judeus e dos cristãos". Aquele veterano enrugado declarou que o enviado divino que certa vez visitara Moisés tinha retornado novamente ao monte Hira. A partir de então Maomé adotou o título modesto de "Escravo de Alá", sendo a segunda palavra simplesmente o termo árabe para "deus".

Inicialmente as únicas pessoas que demonstraram um mínimo interesse na alegação de Maomé foram os gananciosos guardiões do templo de Meca, que o consideraram uma ameaça a seu negócio de peregrinação, e os judeus estudiosos de Yathrib, cidade a 320 quilômetros de distância, que havia algum tempo estavam proclamando o advento do Messias. O primeiro grupo se tornou mais ameaçador e o segundo mais amistoso, e em consequência disso Maomé fez a fuga, ou *hejira*, a Yathrib, hoje conhecida como Medina. A data da fuga é considerada o início da era muçulmana. Mas assim como tinha acontecido com a chegada do nazareno na Palestina judaica, que começou com tantos augúrios celestiais, tudo isso terminaria muito mal, com os judeus árabes se dando conta de que estavam frente a outro desapontamento, se não de fato a outro impostor.

De acordo com Karen Armstrong, uma das mais simpáticas — para não dizer apologéticas — estudiosas do islamismo, os árabes da época tinham a sensação ruim de que tinham sido deixados de fora da história. Deus tinha aparecido para cristãos e judeus, "mas não tinha enviado aos árabes nenhum profeta e nenhuma escritura em seu próprio idioma". Assim, embora ela não diga dessa forma, já estava passando da hora de alguém ter uma revelação local. E, a tendo recebido, Maomé não estava disposto a permitir que ela fosse criticada como sendo de segunda mão por adeptos de outras crenças. O registro de sua carreira no século VII, assim como os livros do Velho Testamento, rapidamente se transforma em um relato de disputas terríveis entre algumas centenas ou algumas vezes milhares de aldeões incultos em que o dedo de Deus supostamente definiria e determinaria o resultado de disputas provincianas. Como no caso dos primeiros

derramamentos de sangue no Sinai e em Canaã, que igualmente não são comprovados por nenhuma prova independente, milhões de pessoas foram mantidas para sempre reféns pelo caráter supostamente providencial dessas horríveis contendas.

Há algumas dúvidas sobre se o islamismo é uma religião distinta. Ele inicialmente supriu a necessidade dos árabes de um credo distintivo ou especial, e ficou para sempre identificado com seu idioma e suas impressionantes conquistas posteriores, que, embora não tão marcantes quanto as do jovem Alexandre da Macedônia, certamente transmitiram a ideia de que eram sustentadas por um desejo divino até eles começarem a sumir nos limites dos Bálcãs e do Mediterrâneo. Mas, quando estudado, o islamismo não é muito mais do que um conjunto de plágios bastante óbvio e mal montado, se valendo de livros e tradições anteriores quando a ocasião parece exigir. Assim, longe de ter "nascido à luz clara da história", como Ernest Renan tão generosamente definiu, o islamismo é, em suas origens, tão nebuloso e aproximado quanto aqueles dos quais se valeu. Ele faz afirmações grandiosas sobre si mesmo, invoca a submissão prostrada ou "rendição" como máxima para seus seguidores e exige deferência e respeito dos não-crentes. Não há nada — absolutamente nada — em seus ensinamentos que sequer possa começar a justificar tal arrogância e presunção.

O profeta morreu aproximadamente no ano 632 de nosso calendário. O primeiro relato de sua vida foi produzido 120 anos depois por Ibn Ishaq, trabalho cujo original foi perdido e que só pode ser consultado em sua forma retrabalhada de autoria de Ibn Hisham, que morreu em 834. Além do ouvir dizer e da obscuridade, não há um relato consensual sobre como os seguidores do profeta compilaram o Corão, ou de como seus vários ditos (alguns deles escritos por secretários) foram codificados. E esse problema conhecido é ainda mais dificultado — ainda mais do que no caso cristão — pela questão da sucessão. De maneira diferente de Jesus, que aparentemente pretendia voltar à Terra rapidamente e que (com o devido respeito ao absurdo Dan Brown) não deixou descendentes conhecidos, Maomé foi general e político e — embora pai prolífico, diferentemente de Alexandre da Macedônia — não deixou instruções sobre quem deveria assumir seu manto. As disputas pela liderança começaram quase que com sua morte, e assim o islamismo teve seu primeiro grande cisma — entre sunitas e xiitas — antes mesmo de ter se estabelecido como um sistema. Não precisamos escolher um dos lados do cisma, a não ser para destacar que pelo menos uma das escolas de interpretação precisa estar muito equivocada. E a identificação inicial do islamismo com um califado terreno, composto de rivais

em disputa pelo dito manto, desde o início o marcou como sendo produto do homem.

Algumas autoridades muçulmanas dizem que durante o primeiro califado de Abu Bakr, imediatamente após a morte de Maomé, surgiu o temor de que suas palavras, transmitidas oralmente, pudessem ser esquecidas. Tantos soldados muçulmanos tinham morrido em batalha que o número daqueles que tinham o Corão solidamente fixado em sua memória se tornara assustadoramente pequeno. Assim, decidiu-se reunir todas as testemunhas vivas, juntamente com "pedaços de papel, pedras, folhas de palmeira, omoplatas, costelas e pedaços de couro" nos quais os ditos tinham sido escritos, e dar tudo a Zaid ibn Thabit, um dos antigos secretários do Profeta, para um cotejo. Assim que isso foi feito, os crentes passaram a ter algo como uma versão autorizada.

Caso verdade, isso dataria o Corão de uma época de fato muito próxima da vida de Maomé. Mas nós logo descobrimos que não há certeza ou concordância quanto à veracidade da história. Alguns dizem que foi Ali — o quarto, e não o primeiro, califa e fundador do xiismo — que teve a ideia. Muitos outros — a maioria sunita — afirmam que foi o califa Utmã, que reinou de 644 a 656, quem tomou a decisão final. Informado por um de seus generais de que soldados de províncias diferentes estavam brigando por causa de relatos discrepantes do Corão, Utmã ordenou que Zaid ibn Thabit reunisse os vários textos, os unificasse e transcrevesse em um só. Quando o trabalho foi concluído, Utmã ordenou que fossem mandados exemplares padronizados para Kufa, Basra, Damasco e outros locais, com um exemplar fonte sendo mantido em Medina. Assim, Utmã desempenhou o papel canônico que na padronização, no expurgo e na censura da Bíblia foi assumido por Irineu e pelo bispo Atanásio de Alexandria. Foi feita a chamada, alguns textos foram declarado sagrados e inequívocos, enquanto outros se tornaram "apócrifos". Superando Atanásio, Utmã ordenou que as edições anteriores e divergentes fossem destruídas.

Mesmo supondo que essa versão dos acontecimentos seja correta, o que significaria que não haveria como os estudiosos determinarem ou mesmo discutirem o que realmente aconteceu na época de Maomé, a tentativa de Utmã de abolir a divergência foi em vão. O idioma árabe escrito tem duas características difíceis de um estrangeiro aprender: ele usa pontos para distinguir consoantes como "b" e "t", e em sua forma original não tinha sinal ou símbolo para vogais curtas, que podiam ser representadas por várias barras ou marcas em forma de vírgula. Leituras extremamente diferentes mesmo da versão de Utmã são possibilitadas por essas variações. A própria escrita árabe não foi

padronizada até a segunda metade do século IX, e nesse meio-tempo o Corão sem pontos e com vogais estranhas estava produzindo explicações enormemente diferentes de si mesmo, e continua a ser assim. Isso pode não importar no caso da *Ilíada*, mas lembre-se de que supostamente estamos falando da palavra inalterável (e *final*) de Deus. Obviamente há uma ligação entre a total fraqueza de sua alegação e a certeza absolutamente fanática com que é apresentada. Para dar um exemplo que dificilmente poderia ser classificado como menor, as palavras árabes escritas do lado de fora do Domo da Rocha em Jerusalém são diferentes de qualquer versão do Corão.

A situação é ainda mais instável e deplorável quando chegamos ao *hadith*, a enorme literatura secundária de gênese oral que supostamente apresenta os ditos e os feitos de Maomé, a história da compilação do Corão e os ditos "dos companheiros do Profeta". Para ser considerado autêntico, cada *hadith* precisa, por sua vez, ser sustentado por uma *isnad*, ou corrente de testemunhas oculares supostamente confiáveis. Muitos muçulmanos permitem que seu comportamento na vida cotidiana seja determinado por essas histórias: considerar os cães impuros, por exemplo, com base apenas em que Maomé teria feito o mesmo. (A minha história favorita é no sentido oposto: o Profeta teria preferido cortar a longa manga de sua roupa a perturbar um gato que dormia sobre ela. Em áreas muçulmanas os gatos em geral foram poupados do tratamento medonho dado a eles pelos cristãos, que frequentemente os viram como seres satânicos semelhantes a bruxas.)

Como seria de esperar, as seis coletâneas autorizadas de *hadith*, que acumulam ouvir dizer sobre ouvir dizer ao longo do desenrolar do grande carretel de *isnads* ("A disse a B, que ouviu de C, que aprendeu com D"), foram reunidas séculos após os acontecimentos que elas se propõem a descrever. Um dos mais famosos dos seis compiladores, Bukhari, morreu 238 anos depois da morte de Maomé. Bukhari é considerado pelos muçulmanos atipicamente confiável e honesto, e sua reputação parece ter se devido ao fato de que, das *trezentas mil* atestações que acumulou durante uma vida dedicada ao projeto, ele determinou que duzentas mil delas eram inteiramente sem valor e sem confirmação. Exclusões posteriores de tradições dúbias e *isnads* questionáveis reduziram esse total grandioso a dez mil *hadith*. Você é livre para acreditar, se assim escolher, que dessa massa disforme de testemunhos analfabetos e semi-recordados o devoto Bukhari, mais de dois séculos depois, conseguiu selecionar apenas aqueles puros e não conspurcados que mereciam estudo.

Alguns desses candidatos à autenticidade devem ter sido mais fáceis de

descartar que outros. O acadêmico húngaro Ignaz Goldziher, para citar um recente estudo de Reza Aslan, esteve entre os primeiros a mostrar que muitos dos *hadith* não passavam de "versículos da Torá e dos Evangelhos, fragmentos de ditos rabínicos, antigas máximas persas, passagens de filosofia grega, provérbios indianos e até mesmo reproduções palavra a palavra do Pai-nosso". Grandes fragmentos de citação bíblica mais ou menos direta podem ser encontrados nos *hadith*, incluindo a parábola dos trabalhadores contratados no último instante, e a injunção: "Não permita que tua mão esquerda saiba o que tua mão direita faz", com este último exemplo significando que esta peça de pseudo-profundidade sem sentido tem lugar em dois conjuntos de escritura revelada. Aslan observa que no século IX, quando os estudiosos de direito muçulmanos estavam tentando formular e codificar a lei islâmica por intermédio do processo conhecido como *ijtihad*, foram obrigados a colocar muitos *hadith* nas seguintes categorias: "mentiras contadas para ganho material e mentiras contadas para vantagem ideológica". Muito acertadamente, o islamismo efetivamente repudia a ideia de que esta seja uma fé nova, quanto mais uma que elimine as anteriores, e utiliza as profecias do Velho Testamento e os Evangelhos do Novo como um fundo ou uma muleta perpétuos, nos quais se apoia e a partir dos quais trabalha. Como compensação por essa modéstia derivativa, tudo o que ele pede é para ser aceito como a revelação absoluta e final.

Como era de esperar, ele contém muitas contradições internas. Ele frequentemente é citado como dizendo que "não há compulsão na religião" e reafirmando aqueles de outras crenças como pessoas "do livro" ou "seguidores de uma revelação anterior". A ideia de ser "tolerado" por um muçulmano é para mim tão repulsiva quanto as outras condescendências pelas quais cristãos católicos e protestantes concordam em "tolerar" uns aos outros ou estender essa "tolerância" aos judeus. Nesse sentido o mundo cristão foi tão medonho, e durante tanto tempo, que muitos judeus preferiram viver sob governo otomano e se submeter a impostos especiais e outras distinções semelhantes. Contudo, a verdadeira referência corânica à benigna tolerância islâmica é qualificada, porque algumas dessas mesmas "pessoas e seguidores" podem ser "tais que se dediquem a fazer o mal". E não é necessária grande intimidade com o Corão e o *hadith* para descobrir outros imperativos, como o seguinte:

> Ninguém que morre e conhece o bem de Alá (no além) gostaria de voltar a este mundo, mesmo recebendo todo o mundo e tudo o que há nele, com exceção do mártir que, ao ver a superioridade do martírio, gostaria de voltar ao mundo e ser novamente morto.

Ou:

> Deus não perdoará aqueles que servirem a outros deuses que não Ele. Mas perdoará aqueles que Ele quiser por outros pecados. Aquele que serve a outros deuses que não Deus é culpado de um pecado abominável.

Eu escolhi o primeiro desses dois excertos violentos (de toda uma enciclopédia de exemplos desagradáveis possíveis) porque ele nega perfeitamente o que Sócrates teria dito na *Apologia* de Platão (ao que chegarei). E escolhi o segundo porque é um empréstimo evidente e abjeto dos "Dez Mandamentos".

A probabilidade de que qualquer parcela dessa retórica de origem humana seja "inequívoca", quanto mais "definitiva", é conclusivamente negada não apenas por suas inúmeras contradições e incoerências, mas pelo famoso episódio dos supostos "versos satânicos" do Corão, a partir dos quais Salman Rushdie posteriormente criaria um projeto literário. Nessa oportunidade muito debatida, Maomé estava buscando conquistar alguns importantes politeístas de Meca e teve uma "revelação" que no final permitiu que eles continuassem a idolatrar algumas das divindades locais anteriores. Ele mais tarde percebeu que aquilo não podia ser certo e que deveria ter sido inadvertidamente "sintonizado" pelo diabo, que por alguma razão tinha temporariamente decidido abandonar o hábito de combater os monoteístas em sua própria área. (Maomé acreditava fervorosamente não apenas no diabo, mas também em demônios menores do deserto, os *djinns*. Até mesmo algumas de suas esposas perceberam que o Profeta era capaz de ter uma "revelação" que atendia a suas necessidades imediatas, e algumas vezes ele era provocado por causa disso. Depois nos é dito — sem qualquer autoridade na qual crer — que, quando ele tinha revelações em público, frequentemente era tomado pela dor e experimentava barulhos altos nos ouvidos. Gotas de suor brotavam nele, mesmo nos dias mais frios. Alguns críticos cristãos desalmados sugeriram que ele poderia ser epilético (embora não tivessem identificado os mesmos sintomas no ataque que Paulo teve na entrada de Damasco), mas não temos a necessidade de especular dessa forma. É suficiente repetir a inevitável pergunta de David Hume. O que é mais provável: que um homem seja usado por Deus como transmissor para repassar algumas revelações já existentes, ou que ele pronuncie algumas revelações já existentes e acredite ou alegue, ter sido ordenado por Deus a fazê-lo? Quanto às dores, o barulho nos ouvidos e o suor, só é possível lamentar o fato aparente de que a comunicação direta com Deus não é uma experiência de calma, beleza e lucidez.

A existência física de Maomé, embora fracamente atestada pelo *hadith*, é para

o islamismo uma fonte tanto de força quanto de fraqueza. Isso aparentemente o coloca diretamente no mundo, e nos dá descrições físicas plausíveis do próprio homem, mas também torna toda a história terrena, material e vulgar. Podemos hesitar um pouco frente ao noivado desse mamífero com uma menina de 9 anos de idade com o grande interesse que ele demonstrava pelos prazeres da mesa e a divisão dos despojos depois de suas muitas batalhas e seus numerosos massacres. Acima de tudo — e essa é uma armadilha que o cristianismo em geral conseguiu evitar dando a seu profeta um corpo humano, mas uma natureza não-humana —, ele foi abençoado com numerosos descendentes, dessa forma colocando a posteridade de sua religião na posição de refém de seu ser físico. Nada é mais humano e falível do que o princípio dinástico ou hereditário, e desde seu nascimento o islamismo foi abalado por disputas entre principezinhos e fingidores, todos reivindicando a gota relevante do sangue original. Se o total desses supostos descendentes do fundador fosse somado, provavelmente excederia o número de pregos e lascas sagrados que compunham a cruz de 1.200 metros na qual, a julgar pelo número de relíquias em forma de lascas, Jesus evidentemente foi martirizado. Como no caso da linhagem de *isnads*, uma linha de parentesco direta com o Profeta pode ser estabelecida caso alguém conheça, e possa pagar, o imã local certo.

Da mesma forma, os muçulmanos ainda têm uma certa deferência para com os mesmos "versos satânicos" e seguem a trilha politeísta pagã que tinha sido aberta muito antes de seu Profeta nascer. Todos os anos, no *hadj*, ou peregrinação anual, é possível vê-los dando voltas em torno do santuário em forma de cubo da Caaba, no centro de Meca, tomando o cuidado de fazê-lo sete vezes ("seguindo a direção do Sol ao redor da Terra" como diz Karen Armstrong estranha e sem dúvida multiculturalmente) antes de beijar a pedra negra colocada na parede da Caaba. Esse provável meteorito, que sem dúvida impressionou os caipiras quando caiu na Terra ("os deuses devem estar loucos: não, aquele *deus* deve estar louco"), é uma parada no caminho para outras antigas expiações pré-islâmicas durante a qual pedrinhas devem ser arremessadas desafiadoramente contra uma pedra que representa o Mal. Sacrifícios animais completam o quadro. Como muitos dos principais locais do islamismo, embora nem todos, Meca é fechada aos não-crentes, o que de alguma forma contradiz sua alegação de universalidade.

Costuma-se dizer que o islamismo difere dos outros monoteísmos por não ter uma "reforma". Isso é ao mesmo tempo correto e incorreto. Há versões do islamismo — especialmente o sufi, detestado pelos devotos — que são

principalmente espirituais em vez de literais, e que receberam contribuições de outras crenças. E, como o islamismo evitou o equívoco de ter um papado absoluto capaz de emitir éditos unificados (daí a proliferação de *fatwas* conflitantes por autoridades em conflito), seus fiéis não podem ser obrigados a deixar de acreditar no que antes foi considerado dogma. Isso pode ser bom, mas permanece o fato de que a alegação central islamismo — ser não comprovável e definitivo — é ao mesmo tempo absurda e inalterável. Todas as suas muitas seitas divergentes em guerra, de ismaelianos a ahmadis (*), concordam com essa alegação indissolúvel.

Para judeus e cristãos a reforma significou uma mínima disposição de reconsiderar o texto sagrado como se fosse (como Salman Rushdie propôs tão temerariamente) algo sujeito a escrutínio literário e textual. Hoje se admite que o número de "Bíblias" possíveis é imenso, e sabemos, por exemplo, que o portentoso termo cristão "Jeová" é um erro de tradução dos espaços não pronunciados entre as letras do hebraico "Yahweh". Mas nenhum projeto comparável foi realizado no estudo do Corão. Não foi feita nenhuma tentativa séria de catalogar as discrepâncias entre suas diversas edições e seus manuscritos, e mesmo os primeiros esforços de fazê-lo foram recebidos com uma fúria quase inquisitiva. Um caso crítico é o da obra de Christoph Luxenburg, *The Syriac-Aramaic Version of the Koran*, publicado em Berlim no ano 2000. Luxenburg propõe serenamente que, longe de ser uma ladainha monoglota, Corão o é muito melhor compreendido quando se aceita que mui tas de suas palavras são sírio-aramaicas, e não árabes. (Seu exemplo mais celebrado diz respeito às recompensas de um "mártir" no paraíso: após retraduzida e redigida, a oferta celestial consiste em passas brancas doces, e não virgens.) É o mesmo idioma e a mesma região em que o judaísmo e o cristianismo surgiram: não há duvida de que uma pesquisa ilimitada resultaria na eliminação de muito obscurantismo. Mas, no exato momento em que o islamismo poderia estar se juntando a seus predecessores e passando por releituras, há um "discreto" consenso entre quase todos os religiosos de que, em função da suposta obrigação de respeito que temos para com os fiéis, é exatamente o momento de deixar o islamismo afirmar suas alegações como quiser. Mais uma vez, a fé esta ajudando a impedir a livre investigação e as consequências emancipadoras que ela poderia produzir.

(*) Seguidores de Misza Ghulana Ahmad (1839-1908), fundador de uma comunidade religiosa nos anos 1880, na Índia britânica. (N. do E.)

10. O falso brilho dos milagres e o declínio do inferno

> As filhas do sumo sacerdote Anius transformavam o que quisessem em trigo, óleo em vinho. Atalida, filha de Mercúrio, ressuscitou diversas vezes. Esculápio ressuscitou Hipólito. Hércules resgatou Alceste da morte. Heres retornou ao mundo após passar uma quinzena no inferno. Os pais de Rômulo e Remo eram um deus e uma vestal virgem. O Paládio caiu do céu na cidade de Troia. O cabelo de Berenice se tornou uma constelação. (...) Dê-me o nome de um povo em meio ao qual incríveis prodígios não aconteceram, especialmente quando poucos sabiam ler e escrever.
>
> Voltaire, *Questões sobre os milagres*.

Uma antiga fábula fala do surgimento de um fanfarrão que estava sempre contando a história de um salto realmente fantástico que ele tinha dado na ilha de Rodes. Aparentemente, nunca tinha sido visto salto em distância tão heroico. Embora ele nunca se cansasse da história, o mesmo não podia ser dito da plateia. Finalmente, quando ele mais uma vez tomava fôlego para contar a história do grande feito, dos presentes o fez calar dizendo rispidamente: "*Hic Rhodus, hic salta*!" (Aqui é Rodes, salte aqui!)

De certa forma, assim como profetas, videntes e grandes teólogos parecem ter morrido, também a época dos milagres parece ter ficado em algum ponto de nosso passado. Se os religiosos fossem sábios, ou tivessem confiança em suas convicções, deveriam aplaudir o eclipse dessa era de fraude e invocação. Mas a fé, mais uma vez, se desacredita se mostrando insuficiente para satisfazer o fiel. Acontecimentos ainda são necessários para impressionar os crédulos. Não temos dificuldade de identificar isso quando estudamos os médico-feiticeiros, os mágicos e os videntes de culturas mais antigas ou remotas: obviamente era uma pessoa esperta que primeiramente aprendeu a prever um eclipse e depois a utilizar esse acontecimento planetário para impressionar e assustar sua plateia. Antigos reis do Camboja descobriram o dia em que todos os anos os rios Mekong e Bassac começavam a encher e a se unir e, com a terrível pressão de água, aparentemente reverter o fluxo de volta para o grande lago de Tonlé Sap.

Em pouco tempo havia uma cerimônia em que o líder apontado por Deus surgia e parecia ordenar que as águas recuassem. Na margem do mar Vermelho, Moisés só pode ter ficado embasbacado com tal coisa. (Em época mais recente, o *showman* rei Sihanouk do Camboja explorou esse milagre natural com grande efeito.)

Com tudo isso, é surpreendente como parecem banais alguns dos milagres "sobrenaturais" de hoje. Como nas sessões espíritas, que cinicamente oferecem tartamudeios do além para os parentes do morto, nada realmente interessante é dito ou feito. No caso da história do "voo noturno" de Maomé para Jerusalém (a marca do casco de seu cavalo Bukhra supostamente ainda pode ser vista no local da mesquita de Al-Aqsa), seria grosseiro dar a resposta óbvia de que cavalos não podem voar e não voam. É mais pertinente observar que as pessoas, desde o início de suas longas e exaustivas viagens pela superfície da Terra, olhando dias afio para a traseira de uma mula, fantasiaram sobre como acelerar esse processo tedioso. As folclóricas botas de sete léguas podem dar a quem as usa um passo mais ágil, mas isso é apenas fugir do problema. O verdadeiro sonho, por milhares de anos, envolvia a inveja de pássaros (descendentes cobertos de penas dos dinossauros, como hoje sabemos) e o desejo de voar. Carruagens no céu, anjos que podiam flutuar livremente nas térmicas... É fácil ver a raiz do desejo. Assim o profeta apela ao desejo de todo camponês que sonha que seu animal ganhe asas, e é bem-sucedido. Mas, dado o poder infinito, poder-se-ia pensar que um milagre mais impressionante ou menos simplório pudesse ter sido produzido. A levitação também tem um grande papel na fantasia cristã, como confirmam as histórias da Ascensão e da Assunção. Naquela época o céu era visto como uma tigela, e o clima comum, fonte de grandiosidade ou intervenção. Dada essa visão pateticamente limitada do universo, o acontecimento mais trivial pareceria miraculoso, enquanto um acontecimento que realmente nos impressionaria — como o sol parar de se mover — pareceria apenas um fenômeno local.

Supondo que um milagre é uma mudança *favorável* na ordem natural, a última palavra sobre o assunto foi escrita pelo filósofo escocês David Hume, que nos deu livre-arbítrio. Um milagre é uma perturbação ou interrupção do rumo esperado e estabelecido das coisas. Isso pode envolver qualquer coisa, desde o sol nascer no oeste até um animal de repente começar a recita versos. Muito bem, então o livre-arbítrio também implica decisão. Se você parece estar testemunhando tal coisa, há duas possibilidades. A primeira é que as leis da natureza foram suspensas (em seu beneficio). A segunda é que você está equivocado ou tendo uma ilusão. Assim, é preciso avaliar a probabilidade da

segunda em comparação com a probabilidade da primeira.

Se você só ouve falar de um milagre em segunda ou terceira mão, é preciso dosar as probabilidades em função disso antes de decidir se você pode dar crédito a uma testemunha que alega ter visto algo que você não pode ver. E, se você estiver separado da "visão" por muitas gerações e não tiver corroboração independente, as chances devem ser ajustadas de forma ainda mais drástica. Mais uma vez, podemos convocar o confiável Ockham, que nos alertou para não multiplicar contingências desnecessárias. Assim, deixe-me apresentar um exemplo antigo e um moderno: o primeiro é a ressurreição do corpo, e o segundo, os OVNIs.

Os milagres diminuíram em seu impacto espantoso desde os tempos antigos. Mais ainda, aqueles oferecidos mais recentemente foram um tanto mal-ajambrados. A famosa liquefação anual do sangue de San Gennaro em Nápoles, por exemplo, é um fenômeno que pode ser (e tem sido) repetido por qualquer mágico competente. Grandes "mágicos" seculares como Harry Houdini e James Randi demonstraram facilmente que levitação, andar sobre o fogo, descobrir água e entortar colheres podem ser conseguidos em condições de laboratório, de modo a revelar a fraude e proteger o consumidor desatento de ser enganado. De qualquer forma, milagres não confirmam a verdade da religião que as pratica: Aarão supostamente derrotou os mágicos do faraó em uma disputa aberta, mas não negou que eles também podiam realizar maravilhas. Porém, não tem havido uma ressurreição há algum tempo, e nenhum xamã que afirme poder fazê-lo concordou em reproduzir seu golpe de uma forma que pudesse ser desafiado. Assim, precisamos perguntar a nós mesmos: a arte ser da ressurreição morreu? Ou estamos confiando em fontes duvidosas?

O Novo Testamento é, em si, uma fonte altamente duvidosa. (Uma das descobertas mais impressionantes do professor Bart Ehrman é a de que o relato da ressurreição de Jesus no Evangelho de Marcos só foi acrescentado muitos anos depois.) Mas, de acordo com o Novo Testamento, a coisa podia ser feita de forma bastante simples. Jesus conseguiu isso duas vezes no caso de outras pessoas, com Lázaro e a filha de Jairo, e ninguém parece ter achado importante entrevistar nenhum dos sobreviventes para perguntar sobre suas experiências extraordinárias. E aparentemente ninguém também parece ter mantido um registro de se esses dois indivíduos "morreram" de novo ou não, e como. Caso tenham permanecido imortais, então eles se juntaram à antiga companhia do "Judeu Errante", que foi condenado pelo cristianismo primitivo a continuar caminhando para sempre após ter encontrado Jesus na Via Dolorosa, com essa

infelicidade tendo sido infligida a um simples passante de modo a cumprir a profecia de outro modo não realizada de que Jesus retornaria durante a vida de pelo menos uma pessoa que o tivesse visto da primeira vez. No mesmo dia em que Jesus encontrou aquele passante azarado, ele mesmo foi levado à morte com crueldade revoltante, momento em que, de acordo com o Evangelho de Mateus 27:52-53, "abriram-se os túmulos, e muitos corpos dos santos falecidos ressuscitaram. E, saindo dos túmulos após a ressurreição de Jesus, entraram na Cidade Santa e foram vistos por muitos". Isso parece incoerente, já que os cadáveres aparentemente se ergueram no momento da morte na cruz e na Ressurreição, mas é contado da mesma forma natural que o terremoto, o dilaceramento do véu do templo (dois outros acontecimentos que não despertam a atenção de nenhum historiador) e os comentários reverentes do centurião romano.

Essa suposta sequência de ressurreições serve apenas para abalar a singularidade daquela pela qual a humanidade conquistou o perdão dos pecados. E não há culto ou religião, antes ou depois, de Osíris a vampirismo, passando por vodu, que não se baseie em alguma crença inata no "revivido". Até hoje os cristãos discordam sobre se o Dia do Juízo devolverá a você a velha carcaça de um corpo que já morreu ou reequipará de alguma outra forma. Por enquanto, e revisando até mesmo as alegações feitas pelos fiéis, só é possível dizer que a ressurreição não provará a verdade da doutrina do homem morto, nem sua paternidade nem a probabilidade de outro advento em forma carnal reconhecível. Mas há coisas demais sendo "provadas". O ato de um homem que se oferece para morrer por seus semelhantes é universalmente considerado nobre. A alegação adicional de não ter "realmente" morrido torna todo o sacrifício fraudulento e prostituído. (Assim, aqueles que dizem "Cristo morreu por meus pecados", quando na verdade ele não "morreu" de modo algum, estão fazendo uma afirmação falsa em seus próprios termos.) Não havendo testemunhas confiáveis ou consistentes no período de tempo necessário para atestar alegação tão extraordinária, finalmente podemos dizer que temos o direito, quando não obrigação, de nos respeitarmos o suficiente para desacreditar da coisa toda. Ou seja, a não ser que, ou até que, sejam apresentadas provas superiores, o que não aconteceu. E alegações excepcionais demandam provas excepcionais.

Eu passei grande parte da minha vida como correspondente, e há muito tempo me acostumei a ler relatos em primeira mão dos mesmos acontecimentos que eu tinha testemunhado, escritos por pessoas em quem confiava, que não

correspondiam ao meu. (Em minha época de correspondente na Fleet Street, cheguei mesmo a ler matérias publicadas com *minha* assinatura que eu não conseguia reconhecer, já que os subeditores tinham acabado com elas.) E entrevistei centenas de milhares de pessoas que alegam ter tido encontros com espaçonaves, ou tripulações de espaçonaves, de outra galáxia. Alguns desses depoimentos são tão vividos e detalhados (e similares a outros depoimentos de outras pessoas que não podem ter comparado anotações) que alguns acadêmicos impressionáveis propuseram que déssemos a elas a presunção da verdade. Mas eis a óbvia razão de Ockham pela qual seria inteiramente errado fazer isso. Se o enorme número de "contatos" e sequestros tiver no mínimo uma partícula de verdade, a conclusão inevitável é que seus amigos alienígenas não estão tentando manter sua própria existência em segredo. Bem, nesse caso, por que eles nunca ficam parados por um tempo um pouco maior que o de um único instante? Nunca foi oferecido um único rolo de filme intacto, quanto mais um pedaço de metal inexistente na Terra ou uma pequena amostra de tecido. E esboços dessas criaturas têm uma consistente semelhança antropomórfica com aqueles oferecidos pelas histórias em quadrinhos de ficção científica. Como a viagem de Alfa Centauro (a origem preferida) implicaria certa flexibilização das leis da física, mesmo a menor partícula de matéria seria de enorme utilidade, e realmente teria o efeito de abalar as estruturas. Em vez disso — nada. Nada, na verdade, a não ser o crescimento de uma grande nova superstição, baseada em uma crença em textos ocultos e fragmentos disponíveis apenas a uns poucos escolhidos. Bem, eu já vi isso acontecer antes. A única decisão responsável é suspender ou anular o julgamento até que os devotos apresentem algo que não seja meramente infantil.

Aplique isso aos dias de hoje, em que algumas vezes é dito que estátuas de virgens ou santos choram ou sangram. Mesmo que eu não pudesse facilmente apresentar a vocês pessoas que conseguem produzir esse mesmo efeito em seu tempo livre usando banha de porco e outros materiais, ainda me perguntaria por que uma divindade deveria se satisfazer em produzir um efeito tão insignificante. Por acaso, eu sou uma das muito poucas pessoas que já tomaram parte na investigação de um "processo" de santidade, como a Igreja Católica Romana o chama. Em junho de 2001, fui convidado pelo Vaticano a testemunhar e uma audiência sobre a beatificação de Agnes Bojaxhiu, uma freira albanesa ambiciosa que se tornou conhecida pelo nome de guerra de "Madre Teresa". Embora o papa de então tivesse abolido a famosa função de "advogado do Diabo", para mais facilmente confirmar e canonizar um número enorme de novos "santos", a Igreja

ainda era obrigada a pedir o testemunho de críticos, e assim eu me vi representando o diabo, *pro bono*.

Eu já tinha ajudado a denunciar um dos "milagres" relacionados ao trabalho dessa mulher. O homem que tinha dado a ela sua fama inicial era um distinto mas bastante tolo evangélico (posteriormente católico) britânico chamado Malcolm Muggeridge. Foi seu documentário para a BBC, *Something Beautiful for God* que lançou a marca "Madre Teresa" no mundo em 1969. O cinegrafista desse filme era um homem chamado Ken Macmillan, que tinha sido muito elogiado por seu trabalho na grande série sobre história da arte de lorde Clark, *Civilisation*. Seu conhecimento de luz e cor era de nível superior. Eis a história como foi contada por Muggeridge no livro que acompanhou o filme:

> O Lar dos Moribundos [de Madre Teresa] é mal iluminado por janelas estreitas colocadas bem no alto das paredes, e Ken [Macmillan] estava irredutível em que era impossível filmar ali. Nos só tínhamos uma pequena luz conosco, e era quase impossível iluminar adequadamente o local no tempo que tínhamos a nossa disposição. Eu tinha decidido que ainda assim Ken deveria tentar, mas, como garantia, também fizemos algumas tomadas no jardim externo onde alguns internos tomavam sol. Depois da revelação do filme, a parte feita internamente era banhada em uma luz suave particularmente bela, enquanto a parte feita no exterior estava bastante apagada e confusa. (...) Eu mesmo estou absolutamente convencido de que a luz tecnicamente inexplicável é na verdade a Luz Benigna à qual o cardeal Newman se refere em seu bem conhecido e primoroso hino.

Ele concluiu que:

> Exatamente para isso existem os milagres — para revelar a realidade interna da criação externa de Deus. Estou pessoalmente convencido de que Ken registrou o primeiro verdadeiro milagre fotográfico. (...) Temo ter falado e escrito sobre isso até o ponto do tédio.

Ele com certeza tinha razão na última frase: ao concluir ele tinha transformado Madre Teresa em um personagem de fama mundial. Minha contribuição foi conferir e publicar o depoimento verbal direto de Ken Macmillan, o próprio cinegrafista. Ei-lo aqui:

> Durante *Something Beautiful for God* houve um episódio em que fomos levados para um prédio que Madre Teresa chamava de Lar dos Moribundos. Peter Chafer, o diretor, disse: "Bem, está muito escuro aqui. Você acha que consegue alguma coisa?" E na BBC nós tínhamos acabado de receber um lote de novos filmes produzidos pela Kodak que não tínhamos podido testar antes de partir, então eu disse a Peter: "Bem podemos muito bem tentar." Então filmamos. E quando retornamos várias semanas mais tarde, um ou dois meses depois, estávamos sentados na sala do copião nos Ealing Studios e apareceram as tomadas do Lar dos Moribundos. E foi surpreendente. Era possível ver todos os detalhes. E eu disse: "Isso é impressionante. E extraordinário." E eu ia dizer, você sabe, "parabéns para a Kodak". Mas eu não tive oportunidade de dizer isso porque Malcolm, que estava sentado na primeira fila, se virou e disse: "É a luz

> divina! É Madre Teresa. Você irá descobrir que é a luz divina, garotão." E três ou quatro dias depois eu me vi recebendo telefonemas de repórteres de jornais de Londres dizendo coisas como: "Soubemos que você acabou de voltar da Índia com Malcolm Muggeridge e que você testemunhou um milagre."

E nasceu uma estrela... Por causa dessa e de outras críticas eu fui convidado pelo Vaticano para uma sala fechada contendo uma Bíblia, um gravador, um monsenhor, um diácono e um padre, onde me perguntaram se eu podia lançar alguma luz sobre a questão da "serva de Deus, Madre Teresa". Mas, embora eles parecessem estar me perguntando isso de boa fé, seus colegas do outro lado do mundo estavam garantindo o "milagre" necessário que permitiria que a beatificação (prelúdio à canonização) seguisse em frente. Madre Teresa morreu em 1997. No primeiro aniversário de sua morte, duas freiras na aldeia bengalesa de Raigunj alegaram ter prendido uma medalha de alumínio da falecida (medalha que supostamente teria estado em contato com seu corpo morto) no abdômen de uma mulher chamada Monica Besra. Essa mulher, que teria um grande tumor no útero, ficou curada dele. Deve-se notar que Monica é um nome feminino católico não muito comum em Bengala, portanto provavelmente a paciente e certamente as duas freiras já eram fãs de Madre Teresa. Essa definição não abrangia o dr. Manju Murshed, superintendente do hospital local, nem o dr. T. K. Biswas e seu colega ginecologista dr. Ranjan Mustafi. Os três se apresentaram e disseram que a sra. Besra sofria de tuberculose e de tumor no ovário e tinha sido tratada com sucesso dos dois males. O dr. Murshed ficou particularmente incomodado com os muitos telefonemas que recebeu da ordem de Madre Teresa, as "Missionárias da Caridade", pressionando-o a dizer que a cura tinha sido milagrosa. A própria paciente não era uma entrevistada muito impressionante, falando rapidamente porque, como ela disse, "do contrário poderia esquecer" e pedindo para ser poupada de perguntas porque seria obrigada a "recordar". Seu próprio marido, um homem chamado Selku Murmu, rompeu o silêncio depois de algum tempo para dizer que sua esposa tinha sido curada por tratamento médico comum e contínuo.

Qualquer supervisor de hospital em qualquer país dirá que algumas vezes os pacientes apresentam recuperações impressionantes (assim como pessoas aparentemente saudáveis frequentemente ficam inexplicável e gravemente doentes). Aqueles que desejam confirmar milagres talvez gostassem de dizer que tais recuperações não tem explicação "natural". Mas isso de modo algum significa que, portanto, elas tenham uma explicação "sobrenatural". Naquele caso, porém, não havia nada nem de longe surpreendente em a sra. Besra recuperar a saúde.

Alguns distúrbios conhecidos foram tratados com métodos bem conhecidos. Alegações extraordinárias estavam sendo feitas mesmo sem indícios extraordinários. Ainda assim, chegará um dia em Roma em que uma enorme e solene cerimônia irá proclamar a santidade de Madre Teresa como alguém cuja intercessão pode ser mais forte que a medicina, para todo o mundo. Não apenas isso é um escândalo em si, mas também irá postergar o dia em que os aldeões indianos deixarão de confiar em curandeiros e faquires. Em outras palavras, muitas pessoas irão morrer desnecessariamente como resultado desse "milagre" falsificado e desprezível. É o melhor que a Igreja pode fazer em uma época em que suas alegações podem ser conferidas por médicos e repórteres, e não é difícil imaginar o que era fraudado em épocas passadas de ignorância e medo quando os padres se deparavam com menos dúvidas e oposição.

Mais uma vez, a navalha de Ockham é limpa e decisiva. Quando são oferecidas duas explicações, é preciso descartar aquela que explica menos, explica nada ou que produz mais perguntas que respostas.

O mesmo vale para aquelas oportunidades em que as leis da natureza são aparentemente suspensas de uma forma que *não* oferece contentamento ou consolo evidente. Tragédias naturais na verdade não são violações das leis da natureza, e sim parte das suas inevitáveis flutuações, mas sempre foram utilizadas para impressionar os tolos com o poder da desaprovação de Deus. Os primeiros cristãos, atuando em regiões da Ásia Menor em que terremotos eram e são frequentes, reuniam multidões quando um templo pagão ruía e estimulavam a conversão enquanto ainda havia tempo. A colossal explosão vulcânica do Krakatoa no final do século XIX provocou uma enorme conversão ao islamismo entre a população aterrorizada da Indonésia. Todos os livros sagrados falam com excitação de inundações, furacões, raios e outros fenômenos. Após o terrível tsunami da Ásia em 2005, e depois da inundação de Nova Orleans em 2006, homens bastante sérios e instruídos como o arcebispo de Canterbury foram reduzidos ao nível de camponeses bestificados ao agonizarem publicamente sobre como interpretar a vontade de Deus na questão. Mas se a pessoa faz a suposição simples, baseada em um conhecimento absolutamente certo, de que vivemos em um planeta que ainda está resfriando, tem um núcleo fundido, falhas e rachaduras em sua crosta e um sistema climático turbulento, então simplesmente não há a necessidade de tal ansiedade. Tudo já está explicado. Eu não consigo entender por que os religiosos relutam tanto em admitir: isso os livraria das perguntas fúteis sobre por que Deus permite tanto sofrimento. Mas aparentemente esse incômodo é um pequeno preço a pagar para manter vivo o

mito da intervenção divina.

A suspeita de que uma calamidade também possa ser uma punição é igualmente útil no sentido de que isso permite infinita especulação. Depois de Nova Orleans, que foi vítima de uma combinação letal de ser construída abaixo do nível do mar e negligenciada pelo governo Bush, aprendi com um rabino sênior em Israel que era uma vingança pela evacuação dos colonos judeus da Faixa de Gaza, e com o prefeito de Nova Orleans (que não desempenhou sua própria missão com excepcional maestria) que era o veredicto de Deus sobre a invasão do Iraque. Você pode indicar seu próprio pecado preferido aqui, como fizeram os "reverendos" Pat Robertson e Jerry Falwell após a imolação do World Trade Center. Naquela oportunidade, a causa provável devia ser buscada e encontrada na rendição dos Estados Unidos ao homossexualismo e ao aborto. (Alguns antigos egípcios acreditavam que a sodomia era a causa dos terremotos: eu espero que essa interpretação renasça com força especial quando a Falha de San Andreas estremecer sob a Gomorra de São Francisco.) Quando a poeira assentou no Pavimento Zero, descobriu-se que dois pedaços de vigas danificadas ainda apresentavam a forma de uma cruz, o que produziu muitos comentários. Como toda a arquitetura sempre envolveu cruzamentos, seria surpreendente apenas se tal característica não surgisse. Eu admito que teria ficado surpreso caso o entulho tivesse se disposto na forma de uma estrela de Davi ou de um crescente com estrela, mas não há registros de que isso tenha acontecido em lugar algum, mesmo em lugares em que o povo local pudesse ficar impressionado com isso. E, lembre-se, os milagres supostamente acontecem por ordem de um ser que é onipotente, além de onisciente e onipresente. Seria de esperar um desempenho mais grandioso do que sempre costuma ocorrer.

As "provas" da fé, portanto, parecem deixar a fé parecendo ainda mais fraca do que se ela se sustentasse sozinha, sem apoio. O que é possível afirmar sem provas também pode ser descartado sem provas. Isso é ainda mais verdadeiro quando "provas" finalmente oferecidas são tão fracas e facciosas.

O "argumento da autoridade" é o mais fraco de todos os argumentos. É fraco quando apresentado em segunda ou terceira mão ("o Bom Livro diz"), e ainda mas fraco quando apresentado em primeira mão, como sabe toda criança que já ouviu o pai dizer "porque eu estou dizendo" (e como sabe todo pai que já se viu reduzido a pronunciar palavras que ele um dia achou tão pouco convincentes). Ainda assim, é necessário um "salto" de outro tipo para achar alguém afirmando que toda religião é feita de mamíferos comuns e não tem qualquer espécie de

segredo ou mistério. Por trás do véu de Oz, não há nada a não ser blefe. Isso pode ser verdade? Sendo alguém que sempre se impressionou com o peso da história e da cultura, eu continuo a me fazer essas perguntas. Foi, então, tudo em vão? A grande luta de teólogos e acadêmicos e os esforços estupendos de pintores, arquitetos e músicos para criar algo duradouro e maravilhosos que testemunhasse a glória de Deus?

De modo algum. A mim não interessa se Homero era uma pessoa ou muitas, se Shakespeare era um católico disfarçado ou um agnóstico enrustido. Não devo sentir meu mundo destruído se for revelado que o melhor escritor sobre amor, tragédia, comédia e moral foi o tempo todo o conde de Oxford, embora deva acrescentar que a autoria exclusiva é importante para mim e que eu me sentiria triste e diminuído sabendo que Bacon foi o homem. Shakespeare tem muito mais importância moral que o Talmude, o Corão ou qualquer relato dos caipiras medrosos de tribos da Idade do Ferro. Mas há muito a aprender e a apreciar com o escrutínio da religião, e a pessoa frequentemente se descobre de pé nos ombros de escritores e pensadores distintos que certamente foram intelectualmente e às vezes, até mesmo moralmente, superiores à pessoa. Muitos deles, em sua própria época, rasgaram o disfarce de idolatria e paganismo, e até mesmo se arriscaram ao martírio em prol de discussões com seus próprios correligionários. Contudo, chegou um momento da história em que mesmo um pigmeu como eu pode alegar saber mais — e não por seu próprio mérito — e ver que a eliminação final de todo o disfarce já está atrasada. Entre esses dois momentos, as ciências da crítica literária, da arqueologia, da física e da biologia molecular mostraram que mitos religiosos eram falsos e criações humanas, e também conseguiram produzir explicações melhores e mais iluminadas. A perda da fé pode ser compensada pelas novas e mais refinadas maravilhas que temos diante de nós, bem como pela imersão na obra quase milagrosa de Homero, Shakespeare, Milton, Tolstoi e Proust, tudo isso igualmente "produto humano" (embora algumas vezes a pessoa duvide, como no caso de Mozart). Digo isso como alguém cuja própria fé secular foi abalada e descartada, não sem dor.

Quando eu era marxista, não sustentava minhas opiniões como uma questão de fé, mas tinha a convicção de que havia sido descoberta uma espécie de teoria de campo unificada. O conceito de materialismo histórico e dialético não era absoluto e não tinha nenhum elemento sobrenatural, mas tinha seu elemento messiânico na ideia de que o momento final chegaria, e ele certamente tinha seus mártires, santos, doutrinadores e (após algum tempo) suas rivalidades papais mutuamente excomungantes. Também tinha seus cismas, suas inquisições e sua

caça a hereges. Eu era membro de uma seita dissidente que admirava Rosa Luxemburgo e Leon Trotski, e posso dizer definitivamente que também tínhamos nossos profetas. Rosa Luxemburgo parecia quase uma combinação de Cassandra e Jeremias quando bradava sobre as consequências da Primeira Guerra Mundial, e a grande biografia em três volumes de Leon Trotski escrita por Isaac Deutscher de fato era intitulada *O profeta* (e suas três fases de ser armado, desarmado e descartado). Quando jovem, Deutscher tinha sido educado para o rabinato e teria dado um brilhante especialista no Talmude — assim como Trotski. Eis o que Trotski diz — antecipando o evangelho gnóstico de Judas — sobre a forma como Stalin tomou o Partido Bolchevique:

> Dos 12 apóstolos de Cristo, apenas um se mostrou traidor. Mas se ele tivesse conquistado poder, teria representado os outros 11 apóstolos como traidores, e também todos os apóstolos menores, que Lucas calcula em setenta.

E eis aqui, nas palavras arrepiantes de Deutscher, o que aconteceu quando as forças pró-nazistas da Noruega obrigaram o governo a negar asilo a Trotski e a deportá-lo mais uma vez, para vagar pelo mundo até encontrar a morte. O velho se encontrou com o ministro das Relações Exteriores norueguês Trygve Lie e outros, e então:

> Trotski ergueu a voz de modo que ela ressoasse pelas salas e pelos corredores do ministério: "Este é seu primeiro ato de rendição ao nazismo em seu próprio país. Você irá pagar por isso. Você se considera livre e seguro para lidar com um exilado político como quiser. Mas está próximo o dia — lembre-se disso! — está próximo o dia em que os nazistas irão expulsá-lo de seu país, todos vocês..." Trygve Lie deu de ombros para essa estranha maldição. Mas, após menos de quatro anos, o mesmo governo de fato teve de fugir da Noruega antes da invasão nazista; e enquanto os ministros e seu envelhecido rei Haakon permaneciam na costa, apertados e esperando ansiosamente por um barco que os levasse à Inglaterra, recordaram com espanto as palavras de Trotski como a maldição de um profeta tornada realidade.

Trotski tinha uma grande crítica materialista que permitia a ele ser presciente, não todo o tempo nem de todas as formas, mas em algumas oportunidades de forma muito impressionante. E ele certamente tinha uma noção — expressa em seu ensaio emotivo *Literatura e revolução* — da incontrolável ânsia dos pobres e oprimidos de se erguerem acima do mundo estritamente material e conseguirem algo transcendente. Durante boa parte de minha vida eu partilhei essa ideia, que ainda não abandonei inteiramente. Mas chegou o momento em que eu não podia me proteger, e de fato não desejava me proteger, do assalto da realidade. Eu admiti que o marxismo tinha suas glórias intelectuais, filosóficas e éticas, mas estas pertenciam ao passado. Algo do

período heroico talvez resistisse, mas era preciso enfrentar os fatos: já não havia um guia para o futuro. Além disso, o próprio conceito de uma solução total tinha levado a horrendos sacrifícios humanos e à invenção de desculpas para eles. Aqueles de nós que tinham buscado uma alternativa racional à religião tinham chegado a um limite que era comparavelmente dogmático. O que mais esperar de algo que tinha sido produzido pelos primos mais próximos dos chimpanzés? Infalibilidade? Assim, caro leitor, se você chegou a este ponto e descobriu sua própria fé abalada — como eu espero —, estou disposto a dizer que de certa forma sei pelo que você está passando. Há dias em que sinto falta de minhas antigas convicções como se elas fossem um membro amputado. Mas em geral me sinto melhor, e não menos radical, e você também irá se sentir melhor, garanto, quando se livrar da doutrinação e permitir que sua mente livre pense por conta própria.

11. "A marca de sua origem inferior": o começo corrompido da religião

> No que diz respeito a questões de religião, as pessoas são culpadas de todo tipo possível de desonestidade e mau comportamento intelectual.
>
> Sigmund Freud, *O futuro de uma ilusão*

> As várias formas de adoração que prevaleciam no mundo romano eram consideradas pelas pessoas igualmente verdadeiras, pelo filósofo como igualmente falsas, e pelos magistrados como igualmente úteis.
>
> Edward Gibbon, *Declínio e queda do império romano*

Um antigo ditado popular de Chicago afirma que se você quiser manter seu respeito pelos vereadores da cidade ou seu apetite por salsichas, tome o cuidado de não estar presente quando os primeiros são preparados ou os segundos são feitos. É a anatomia do homem, diz Engels, a chave para a anatomia do macaco. Assim, se observamos o processo de formação de uma religião, podemos fazer algumas suposições sobre as origens daquelas religiões que foram produzidas antes que a maioria das pessoas soubesse ler. De uma ampla seleção de religiões-salsicha abertamente fabricadas, vou escolher o "culto ao carregamento" melanésio, o astro pentecostal Marjoe e a Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, mais conhecida como mórmons.

A ideia certamente ocorreu a muitas pessoas ao longo do tempo: e se houver vida após a morte, mas não Deus? E se houver Deus, mas não vida após a morte? Pelo que sei, o autor mais claro a expressar esse problema foi Thomas Hobbes em sua obra prima de 1651, *Leviatã*. Eu recomendo fortemente que você leia a parte III. capítulo 38, e a parte IV capítulo 44, por conta própria, porque o domínio por Hobbes tanto das escrituras sagradas quanto da língua inglesa é de tirar o fôlego. Ele também nos lembra como era perigoso, e sempre foi, até

mesmo pensar nessas coisas. Seu início enérgico e irônico é eloquente em si. Refletindo sobre a história absurda da "Queda" de Adão (o caso original de alguém ser criado livre e então sufocado com proibições impossíveis de obedecer), Hobbes opinou — não se esquecendo temerosamente de acrescentar que o fazia "ainda assim com submissão, tanto nisso quanto em todas as questões, à determinação estabelecida nas Escrituras" — que se Adão foi condenado à morte por pecar, sua morte deve ter sido adiada, já que ele conseguiu criar uma grande posteridade antes de realmente morrer.

Tendo plantado o pensamento subversivo — que proibir Adão de comer de uma árvore por risco de morte e de outra por risco de viver para sempre é absurdo e contraditório —, Hobbes foi obrigado a imaginar escrituras alternativas e até mesmo punições alternativas e eternidades alternativas. Sua questão era que as pessoas podiam não obedecer ao governo dos homens se temessem mais a reação divina que a morte horrível aqui e agora, mas ele reconheceu o processo pelo qual as pessoas são sempre livres para produzir uma religião que se ajuste a elas, as gratifique ou bajule. Samuel Butler iria adaptar essa ideia em seu *Erewhon Revisited*. No *Erewhon* original, o sr. Higgs faz uma visita a um país distante, do qual ele finalmente consegue escapar em um balão. Ao retornar, duas décadas mais tarde, ele descobre que durante a ausência tinha sido transformado em um deus chamado "Filho do Sol", venerado no dia em que ascendeu ao céu. Dois sumo sacerdotes estão prontos para celebrar a ascensão, e quando Higgs ameaça denunciá-los e se revelar um mero mortal, ele ouve: "Você não pode fazer isso, pois toda a moral deste país é organizada em torno desse mito e, se eles souberem que você não ascendeu ao céu, se tornarão iníquos."

Em 1964 foi lançado um elogiado documentário chamado *Mondo Cane*, ou "mundo cão", no qual os diretores apresentavam diversas crueldades e ilusões humanas. Pela primeira vez foi possível ver uma nova religião sendo construída, diretamente para a câmera. Os habitantes das ilhas do Pacífico podem ter sido mantidos durante séculos separados do mundo mais desenvolvido economicamente, mas ao receberem o impacto fatal muitos deles foram perspicazes o bastante para e o princípio imediatamente. Lá estavam grandes navios com velas enfunadas levando tesouros, armas e equipamentos incomparáveis. Alguns do ilhéus mais incultos fizeram o que muitas pessoas fazem quando confrontadas com um novo fenômeno, e tentaram traduzi-lo para um discurso que eles mesmos pudessem compreender (não diferentemente daqueles astecas assustados que ao verem pela primeira vez espanhóis a cavalo na Mesoamérica concluíram que tinham centauros como inimigos). Aquelas pobres

almas decidiram que os ocidentais eram seus ancestrais havia muito pranteados que finalmente retornavam com bens de além-túmulo. Essa ilusão não pode ter sobrevivido muito ao encontro com os colonos, mas posteriormente se observou em diversos pontos que os ilhéus mais brilhantes tiveram uma ideia melhor. Eles perceberam que foram construídos docas e píeres, depois do que vieram mais barcos, que descarregaram mais bens. Agindo por analogia e mimese, os locais construíram seus próprios píeres e esperaram que também eles atraíssem alguns barcos. Por mais fútil que fosse esse procedimento, ele retardou bastante o avanço posterior de missionários cristãos. Quando eles apareceram, foi perguntado onde estavam os presentes (e logo se saíram com algumas quinquilharias).

No século XX, o "culto ao carregamento" reviveu de uma forma ainda mais impressionante e tocante. Unidades das Forças Armadas dos Estados Unidos que chegaram ao Pacífico para construir campos de pouso para a guerra contra o Japão descobriram que eram objeto de uma emulação servil. Entusiastas locais abandonaram a observância cristã mal incorporada e dedicaram toda a sua energia à construção de pistas de pouso que pudessem atrair aviões carregados. Eles construíram antenas de mentira com bambu. Fizeram e acenderam fogueiras para simular as luzes que guiavam os aviões americanos para o solo. Continua a ser assim, o que é a parte mais triste da sequência de *Mondo Cane*. Na ilha de Tana, um conscrito americano foi declarado como sendo o redentor. Seu nome, John Frum, também parece ter sido uma invenção. Mas, mesmo depois de o último recruta ter decolado ou zarpado após 1945, o retorno do salvador Frum era pregado e previsto, e uma cerimônia anual ainda leva seu nome. Em outra ilha chamada Nova Bretanha, adjacente a Papua Nova Guiné, o culto é ainda mais chocantemente análogo. Ele tem dez mandamentos (as "Dez Leis"), uma trindade que tem uma presença no céu e outra na Terra, e um sistema ritual de pagamento de tributos na esperança de agradar essas autoridades. Se o ritual for realizado com pureza e fervor suficientes, acreditam os seguidores, surgirá uma era de leite e mel. Esse futuro radiante, triste dizer, é conhecido como o "Período das Companhias" e fará com que Nova Bretanha floresça e prospere como se fosse uma empresa multinacional.

Algumas pessoas talvez se ofendam até mesmo com a sugestão de uma comparação, mas os livros sagrados do monoteísmo oficial não estão repletos de desejos materiais e com descrições admiradas — quase de dar água na boca — da riqueza de Salomão, os grandes rebanhos dos fiéis, as recompensas para o bom muçulmano no paraíso, para não falar das muitas histórias terríveis de saques e

despojos? Jesus, é verdade, não demonstrou interesse pessoal em ganhos, mas ele fala de um tesouro no céu e mesmo em "mansões" para estimular que o seguissem. Também não é verdade que todas as religiões ao longo dos tempos demonstraram um grande interesse na acumulação de bens materiais no mundo real?

A sede de dinheiro e conforto material é apenas um subtexto da história tediosa de Marjoe Gortner, o "fenômeno infantil" do comércio evangélico americano. Grotescamente batizado de "Marjoe" (uma fusão cretina de Mary e Joseph) por seus pais, o jovem mestre Gortner foi colocado no púlpito aos 4 anos de idade, vestindo um revoltante terno Little Lord Fauntleroy, e incitado a dizer que tinha recebido a orientação divina de pregar. Quando ele se queixava ou chorava, sua mãe o colocava sob a torneira ou apertava um travesseiro sobre seu rosto, sempre tomando o cuidado, como ele conta, de não deixar marcas. Treinado como uma foca, ele logo chamou a atenção das câmeras e aos 6 anos de idade estava fazendo casamentos de adultos. Sua fama se espalhou, e muitos correram para ver a criança milagrosa. Ele avalia que levantou 3 milhões de dólares em "contribuições", nenhum dos quais foi destinado a sua educação ou a seu futuro. Aos 17 anos ele se rebelou contra seus pais impiedosos e cínicos e "se lançou" na contracultura da Califórnia do início da década de 1960.

Na imortal fantasia de Natal infantil *Peter Pan* há um clímax quando a fada Sininho parece estar morrendo, a luz brilhante com que ela é representada no palco começa a se apagar, e só há uma forma de reverter a terrível situação. Um ator vai até a frente da plateia e pergunta às crianças: "Vocês acreditam em fadas?" Se elas dão como resposta um "sim!" confiante, a pequena luz volta a brilhar. Quem pode fazer objeções a isso? Ninguém quer eliminar a crença das crianças em mágica — depois haverá muito tempo para essa desilusão — e ninguém estará na saída pedindo que elas contribuam com seus cofrinhos para a Igreja da Salvação da Sininho. Os acontecimentos nos quais Marjoe foi explorado tinham todo o conteúdo intelectual da cena de Sininho, nojentamente combinados com a ética do Capitão Gancho.

Cerca de uma década mais tarde, o sr. Gortner produziu a melhor vingança possível para sua infância roubada e vazia, e decidiu fazer um favor público em geral de modo a compensar sua fraude consciente. Ele convidou uma equipe de filmagem a acompanhá-lo enquanto ele ostensivamente "voltava" a pregar o Evangelho, e se deu o trabalho de explicar como todos os golpes eram dados. É assim que você induz mulheres maternais (ele era um tipo bonito) a abrir mão de suas poupanças. É assim que você usa a música para criar um efeito de êxtase. É

nesse ponto que você fala de como Jesus o visitou pessoalmente. Este é o momento em que você coloca em sua testa tinta invisível na forma de uma cruz, a fim de que ela seja subitamente revelada quando você estiver suando. Este é o momento em que você realmente parte para o ataque. Ele mantém todas as suas promessas, dizendo antecipadamente ao diretor do filme o que ele pode fazer e o que fará, depois entrando no auditório e atuando com absoluta convicção. As pessoas choram e gritam, desmaiam em espasmos e surtos, gritando o nome de seu salvador. Homens e mulheres cínicos, vulgares e grosseiros esperam o momento psicológico de pedir dinheiro e começam a contá-lo antes mesmo que a farsa do "serviço" tenha terminado. Eventualmente alguém vê o rosto de uma criança pequena arrastada para a barraca e parecendo infeliz e desconfortável enquanto seus pais se contorcem, gemem e entregam seu pagamento suado. Sabe-se, claro, que todo o negócio do evangelismo americano é apenas isso: uma fraude desalmada conduzida por personagens secundários do *Pardoner's Tale* de Chaucer. (Vocês, idiotas, ficam com a fé. Nós ficamos com o dinheiro.) E deveria ser assim quando indulgências eram vendidas abertamente em Roma e quando um prego ou pedaço de madeira da crucificação podia atingir um bom preço em qualquer mercado de pulgas da cristandade. Mas ver o crime denunciado por alguém que é ao mesmo tempo vítima e beneficiário ainda é bastante chocante mesmo para o não-crente mais insensível. Após saber disso, que perdão? O filme *Marjoe* ganhou um Oscar em 1972, e isso não fez absolutamente nenhuma diferença. Os moinhos dos pregadores da TV continuam a esmagar, e os pobres continuam a financiar os ricos, assim como se os templos e os palácios brilhantes de Las Vegas tivessem sido construídos com o dinheiro daqueles que ganharam, e não daqueles que perderam.

Em seu cativante romance *A criança no tempo*, Ian McEwan nos oferece um personagem e narrador desolado que é reduzido pela tragédia a um estado de quase inércia no qual durante boa parte do dia ele assiste à TV de forma vazia. Observando o modo como seus próximos se permitem — se oferecem para — ser manipulados e humilhados, ele cunha uma frase para aqueles que se entregam a assistir ao espetáculo. Ele decide que aquilo é "a pornografia do democrata". Não é esnobismo percebe a forma como as pessoas exibem sua ingenuidade e seu instinto de rebanho, e seu desejo ou talvez necessidade de serem crédulas e enganadas. É um problema antigo. A credulidade pode ser uma forma de inocência, e até mesmo inócua em si, mas é um grande convite a que os malvados e os espertos explorem seus irmãos e irmãs, e, portanto, é uma das grandes vulnerabilidades humanas. Não é possível nenhum relato honesto do

crescimento e da persistência da religião sem referências a esse fato inflexível.

Se os seguidores do Profeta Maomé esperavam dar um fim a quaisquer "revelações" futuras após a imaculada concepção do Corão, eles não contaram com o fundador de uma das crenças de crescimento mais acelerado do mundo. E eles não previram (como poderiam, sendo mamíferos?) que o profeta desse culto ridículo iria se basear no deles. A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias — daqui para a frente chamada de mórmons — foi fundada por um talentoso oportunista que, apesar de basear seu texto em termos cristãos abertamente plagiados, anunciou que "serei para esta geração um novo Maomé" e adotou como lema de luta as palavras que ele achou ter aprendido do islamismo: "O Al-Corão ou a espada." Ele era ignorante demais para saber que se você usa a palavra al, não precisa de outro artigo definido, mas depois de fato lembrou Maomé por ser capaz apenas de tomar empréstimos das bíblias de outras pessoas.

Em março de 1826, um tribunal de Bainbridge, Nova York, condenou um homem de 21 anos de idade por ser "um desordeiro e um impostor". Isso deveria ser tudo o que saberíamos de Joseph Smith, que no julgamento admitiu ter enganado pessoas organizando enlouquecidas expedições de garimpagem de ouro e também alegando possuir poderes negros ou "necromânticos". Porém, quatro anos depois ele estava de volta aos jornais locais (todos os quais ainda podem ser lidos hoje) como descobridor do "Livro do Mórmon". Ele tinha duas grandes vantagens locais que a maioria dos curandeiros e charlatães não tem. Primeiramente, ele estava operando no mesmo distrito ardentemente devoto que já nos tinha dado os *shakers*, o já mencionado George Miller, que repetidamente previu o fim do mundo, e vários outros autoproclamados profetas americanos. Essa tendência local ficou tão famosa que a região passou a ser conhecida como "Distrito Consumido",(*) em homenagem à forma como ele tinha se entregado a um surto religioso após o outro. Em segundo lugar, ele estava operando em uma região que, ao contrário de grandes áreas da recentemente aberta América do Norte, tinha sinais de uma história antiga.

Uma civilização indígena vencida e desaparecida tinha legado um número considerável de tumbas funerárias que, aleatória e amadoristicamente violadas, revelaram conter não apenas ossos, mas também artefatos avançados de pedra, cobre e prata batida. Havia oito desses sítios nos 30 quilômetros de fazenda improdutiva que a família Smith chamava de lar. Havia duas escolas ou facções igualmente idiotas que tinham um grande interesse por essas questões: os

primeiros eram os caçadores de ouro e localizadores de tesouro que levavam varetas mágicas, cristais e sapos empalhados em busca de lucros, e os segundos, aqueles que esperavam encontrar o local de descanso de uma tribo perdida de Israel. A esperteza de Smith era ser membro dos dois grupos e unir cupidez a uma antropologia rasteira.

A verdadeira história da impostura é quase constrangedora de ler e quase constrangedoramente fácil de revelar. (Ela foi mais bem contada pelo dr. Fawn Brodie, cujo livro de 1945 *No Man Knows My History* foi uma tentativa de boa-fé de um historiador profissional de dar a interpretação mais gentil possível aos "acontecimentos" relevantes.) Resumindo, Joseph Smith anunciou que tinha sido visitado (três vezes, como de costume) por um anjo chamado Moroni. Esse anjo o informou de um livro "escrito em placas de ouro" que explicava as origens daqueles que viviam no continente norte-americano, assim como as verdades do Evangelho. Havia ainda duas pedras mágicas, instaladas nos peitorais gêmeos Urim e Thumim do Velho Testamento, que permitiriam ao próprio Smith traduzir o referido livro. Após muita luta ele levou o material enterrado para casa em 21 de setembro de 1827, cerca de 18 meses após sua condenação por fraude. Ele começou então a fazer uma tradução.

Os "livros" resultantes se mostraram um conjunto de registros feitos por antigos profetas, começando com Nefi, filho de Levi, que tinha fugido de Jerusalém aproximadamente em 600 a.C. e ido para a América. Muitas batalhas, maldições e aflições acompanharam suas aventuras posteriores e as de sua numerosa prole. Mas como os livros se tornaram isso? Smith se recusou a mostrar as placas de ouro aos outros dizendo que para outros olhos elas significariam a morte. Mas ele descobriu um problema que seria conhecido de estudantes do islamismo. Ele era extremamente desembaraçado e fluente como debatedor e contador de histórias, como confirmam muitos relatos. Mas ele era ignorante, pelo menos no sentido de que ele conseguia ler um pouco, mas não sabia escrever. Assim, era necessário um escriba para tomar seu ditado inspirado. Inicialmente o escriba foi sua esposa Emma, e depois, quando se tornaram necessárias outras mãos, um vizinho azarado chamado Martin Harris. Ao ouvir Smith citar as palavras de Isaías 29, versículos 11-12, relativas à ordem repetida de "Ler", Harris hipotecou sua fazenda para ajudar na tarefa e se mudou para a casa dos Smith. Ele ficava sentado de um lado de um cobertor pendurado no meio da cozinha e Smith se sentava do outro lado com suas pedras de tradução falando através do cobertor. Para tornar o cenário ainda mais interessante, Harris foi alertado de que, se tentasse ver as placas ou olhar para o profeta, seria

fulminado.

A sra. Harris não acreditava em nada daquilo, e já estava furiosa com a irresponsabilidade do marido. Ela roubou as primeiras 116 páginas e desafiou Smith a reproduzi-las, como supostamente — dado seu poder de revelação — ele poderia. (Mulheres determinadas como esta aparecem muito raramente na história da religião.) Após algumas semanas muito ruins, o engenhoso Smith teve outra revelação. Ele não podia replicar o original, que poderia estar então nas mãos do diabo e permitir uma interpretação do tipo "versos satânicos'. Mas o Senhor que tudo vê tinha enquanto isso providenciado algumas placas menores, de fato as próprias placas de Nefi, que contavam uma história muito semelhante. Com infinita labuta a tradução foi retomada, com novos escribas por trás do cobertor quando a ocasião exigia, e ao ser concluída todas as placas de ouro originais foram transportadas para o céu, onde aparentemente continuam até hoje.

Defensores dos mórmons costumam dizer, assim como os muçulmanos, que isso não poder ser uma fraude porque o trabalho necessário para enganar teria sido demais para um homem pobre e ignorante. Eles têm a seu favor dois elemento úteis: se Maomé já foi publicamente condenado por fraude e necromancia nós não sabemos, e o árabe é um idioma um tanto opaco mesmo para o estrangeiro mais fluente. Contudo, sabemos que o Corão é em parte feito de livros e histórias anteriores, e no caso de Smith é uma tarefa igualmente simples e tediosa descobrir que 25 mil palavras do Livro dos Mórmons foram tiradas diretamente do Velho Testamento. Essas palavras podem ser encontradas principalmente nos capítulos de Isaías disponíveis em *View of the Hebrews: The Ten Tribes of Israel in America*, de Ethan Smith. Essa obra, na época popular, de um devoto maluco alegando que os americanos são originários do Oriente Médio, parece ter sido o que lançou o outro Smith em sua caça ao tesouro. Outras duas mil palavras do Livro dos Mórmons são tiradas do Novo Testamento. Dos 350 "nomes" do livro, mais de cem vem diretamente da Bíblia, e outros cem são tão praticamente roubados que isso não faz diferença. (O grande Mark Twain se referiu a ele como "clorofórmio impresso", mas eu o acuso de bater leve demais, já que o livro de fato contém "O Livro do Éter".) As palavras "sucedeu que" podem ser encontradas pelo menos duas mil vezes, o que reconhecidamente tem um efeito soporífico. Estudos recentes desmascararam todos os outros "documentos" mórmons como, na melhor das hipóteses, uma solução inconsistente, e na pior, uma farsa lamentável, como o dr. Brodie foi obrigado a perceber ao atualizar e relançar seu livro marcante em 1973.

Como Maomé, Smith podia produzir revelações divinas rápida e frequentemente apenas para seu proveito (especialmente, e como Maomé, quando queria uma garota nova e desejava tomá-la como outra esposa). Consequentemente, ele exagerou e teve um fim violento, tendo antes disso excomungado quase todos os pobres homens que tinham sido seus primeiros discípulos e que foram intimidados para tomar seus ditados. Mas essa história levanta algumas questões muito interessantes sobre o que acontece quando uma fraude completa se transforma em religião séria frente a nossos olhos.

O professor Daniel Dennett e aqueles que o apoiam receberam muitas críticas por sua explicação de "ciências naturais" para a religião. Esqueça o sobrenatural, argumenta Dennett; podemos descartar isso ao mesmo tempo aceitando que sempre houve aqueles para quem a "crença na crença" é algo bom em si. Fenômenos podem ser explicados em termos biológicos. Não é possível que nas épocas primitivas aqueles que acreditavam na cura do xamã consequentemente tivessem moral mais alto e portanto uma chance ligeira mas significativamente maior de realmente *serem* curados? Deixando de lado "milagres" e absurdos semelhantes, nem mesmo a medicina moderna rejeita essa ideia. E, entrando no campo psicológico, parece possível que as pessoas consigam melhorar acreditando em algo em vez de acreditando em nada, por mais inverídico que seja esse algo.

Parte disso continuará a ser motivo de discussão entre antropólogos e outros cientistas, mas o que me interessa e sempre interessou, é o seguinte: os pregadores, e os profetas também acreditam ou eles apenas "acreditam na crença"? Será que eles um dia pensaram que era fácil demais? E então racionalizaram o jogo dizendo que, (a) se esses infelizes não estivessem prestando atenção em mim, poderiam estar ainda piores, ou (b) não faz nenhum bem a eles, também não pode estar fazendo muito mal? Sir James Frazer sugere em seu famoso estudo de religião e mágica, *O ramo de ouro*, que o médico-feiticeiro noviço se sai melhor se *não* partilhar as ilusões da congregação ignorante. Porque, se ele levar a magia a sério, tem muito mais chances de cometer um erro definitivo. É de longe muito melhor ser cínico, ensaiar o conjuro dizer a si mesmo que no final todos estarão melhores. Smith obviamente parece não passar de um cínico, no sentido de que ele nunca esteve melhor do que quando usou sua "revelação" para alegar autoridade suprema, justificar a ideia de que o rebanho deveria entregar suas propriedades a ele ou se deitar com todas as mulheres disponíveis. Todos os dias nascem gurus e líderes de culto desse tipo. Smith certamente deve ter pensado que era fácil demais fazer infelizes

inocentes como Martin Harris acreditarem em tudo o que dizia a eles, especialmente quando eles estavam sequiosos por um mero vislumbre daquele tesouro dourado de dar água na boca. Mas teria havido um momento em que também ele acreditou que tinha um destino e esteve disposto a morrer para provar isso? Em outras palavras, ele foi um charlatão o tempo todo ou havia algo em algum ponto dentro dele? O estudo da religião me sugere que, embora ela não possa existir sem uma grande fraude, e também pequenas fraudes, essa continua a ser uma questão fascinante e de certa forma não encerrada.

Havia dezenas de homens parcialmente educados, inescrupulosos, ambiciosos e fanáticos como Smith na área de Palmyra, Nova York, naquela época, mas apenas um deles conseguiu "decolar". Isso provavelmente teve dois motivos. Primeiramente, e segundo todos os relatos, inclusive os de seus inimigos, Smith tinha grande encanto, autoridade e fluência naturais: o que Max Weber chamou de parcela "carismática" da liderança. Em segundo lugar, na época havia um grande número de pessoas sedentas de terras e um recomeço no Oeste, constituindo uma enorme força latente por trás da ideia de um novo líder (quanto mais um novo livro sagrado) que pudesse anunciar uma "Terra Prometida". As trilhas dos mórmons no Missouri, Illinois e Utah e os massacres que eles sofreram e infligiram no caminho deram corpo e vigor à ideia de martírio e exílio — e à idéia de "gentios", como eles com desprezo chamavam os não-crentes. É um grande episódio histórico (diferentemente de sua origem em uma falsificação vulgar), que pode ser lido com respeito. Porém, tem duas nódoas indeléveis. A primeira é a absoluta obviedade e crueza de suas "revelações", que foram improvisadas de forma oportunista por Smith e depois por seus sucessores com o passar do tempo. E a segunda é seu racismo revoltantemente óbvio. Pregadores cristãos de todos os tipos justificaram a escravidão até a Guerra Civil Americana, e até mesmo depois, com base na suposta determinação bíblica de que, dos três filhos de Noé (Sem, Cam e Jafé), Cam tinha sido amaldiçoado e condenado à servidão. Mas Joseph Smith levou ainda mais longe essa fábula nojenta, estabelecendo em seu "Livro de Abraão" que as raças morenas do Egito tinham herdado essa maldição. Da mesma forma, na inventada "Batalha de Cumora", um ponto convenientemente localizado perto de seu próprio local de nascimento os "nefitas" — descritos como de pela clara e "belos" — enfrentaram os "lamanitas", cujos descendentes foram punidos com uma pigmentação escura por terem dado as costas a Deus. Com o acirramento da crise referente à escravidão americana, Smith e seus discípulos ainda mais dúbios pregaram contra os abolicionistas no Missouri de antes da guerra. Eles

disseram solenemente que tinha havido um terceiro grupo no céu durante a batalha final entre Deus e Lúcifer. Foi explicado que esse grupo tinha tentado permanecer neutro. Mas após a derrota de Lúcifer eles tinham sido mandados para o mundo, obrigados a "assumir corpos na linhagem amaldiçoada de Canaã; daí o negro, ou raça africana". Portanto, quando o dr. Brodie escreveu seu livro, nenhum americano negro podia assumir sequer a posição inferior de diácono, quanto mais o sacerdócio, na Igreja Mórmon. Os descendentes de Cam também não eram aceitos nos ritos sagrados do templo.

Se algo prova a fabricação humana da religião é a forma como os anciões mórmons resolveram essa dificuldade. Confrontados pelas palavras claras de um de seus livros sagrados e pelo crescente desprezo e isolamento imposto a eles, o mesmo que tinham feito quando seu apreço à poligamia tinha levado a represálias federais sobre a própria Utah de Deus. Eles tiveram mais uma "revelação" e, mais ou menos na época da aprovação da Lei dos Direitos Civis de 1965, foi divinamente anunciado a eles que, afinal, as pessoas negras eram humanas.

Deve ser dito em benefício dos "Santos dos Últimos Dias" (essas palavras vaidosas foram acrescentadas à "Igreja de Jesus Cristo" original de Smith em 1833) que eles enfrentaram com lisura uma das grandes dificuldades da religião revelada. É o problema do que fazer em relação àqueles que nasceram antes da revelação" exclusiva ou que morreram sem a oportunidade de partilhar suas maravilhas. Os cristãos costumavam resolver esse problema dizendo que após sua crucificação Jesus desceu ao inferno, onde teria salvado ou convertido os mortos. De fato, há uma bela passagem no *Inferno* de Dante, na qual ele vai resgatar os espíritos de grandes homens como Aristóteles, que presumivelmente estavam sendo cozinhados havia séculos até ele ir buscá-los. (Em outra cena menos ecumênica do mesmo livro, o Profeta Maomé é retratado sendo estripado em detalhes revoltantes.) Os mórmons aperfeiçoaram essa solução atrasada com algo bastante literal. Eles reuniram uma gigantesca base de dados genealógica em suas enormes instalações de Utah e se ocupam em alimentá-la com os nomes de todas as pessoas cujos nascimentos, casamentos e mortes foram tabulados desde o início dos registros. Isso é muito útil se você quiser descobrir sua árvore genealógica, desde que você não se oponha a seus ancestrais terem se tornado mórmons. Toda semana, em cerimônias especiais nos templos mórmons, a congregação se reúne e recebe uma cota de nomes dos que partiram pelos quais "orar" em sua igreja. Esse batismo retrospectivo dos mortos me parece bastante inofensivo, mas o Comitê Judaico Americano ficou furioso com a descoberta de

que os mórmons tinham adquirido os registros da "solução final" nazista e estavam laboriosamente batizando aquela que pelo menos uma vez podia realmente ser chamada de "tribo perdida": os judeus assassinados da Europa. Apesar de toda a sua tocante ineficácia, o exercício parecia de mau gosto. Eu simpatizo com o Comitê Judaico Americano, mas ainda assim acho que os seguidores do sr. Smith devem ser parabenizados por descobrirem a solução tecnológica mais simples para um problema que desafiou soluções desde que o homem inventou a religião.

(*) Em inglês, *Burne-over District*, uma alusão às populações totalmente evangelizadas das regiões central e oeste do Estado de Nova York no século XIX. (N. do E.)

12. Coda: como as religiões acabam

Pode ser igualmente útil e instrutivo dar uma olhada no fim de religiões ou movimentos religiosos. Os *milleritas*, por exemplo, não existem mais. E nunca mais ouviremos falar deles novamente, a não ser de uma forma residual e nostálgica, de Pã, Osíris ou qualquer dos milhares de deuses que um dia mantiveram as pessoas em absoluta servidão. Mas eu tenho de confessar uma leve simpatia, que eu tentei inutilmente reprimir, por Sabbatai Sevi, o mais imponente dos "falsos Messias". Em meados do século XVII ele galvanizou todas as comunidades judaicas através do Mediterrâneo e do Levante (e mesmo regiões distantes como Polônia, Hamburgo e até Amsterdã, que repudiara Spinoza) com sua alegação de que era o escolhido que levaria os exilados de volta à Terra Prometida e iniciaria a era de paz universal. Sua chave para a revelação era o estudo da Cabala — mais recentemente revivida na moda por uma mulher do *showbiz* bizarramente chamada Madonna —, e sua chegada foi recebida por congregações judaicas histéricas desde sua base natal em Smirna até Tessalônica, Constantinopla e Alepo. (Os rabinos de Jerusalém, já tendo sido anteriormente perturbados por alegações messiânicas prematuras, eram mais céticos.) Com a utilização de uma conjura cabalista que transformava seu próprio nome no equivalente a "Mosiach" ou "Messias" quando desembaralhado de um anagrama hebraico, ele pode ter se convencido, e certamente convenceu outros, de que era o esperado. Como formulou um de seus discípulos:

> O profeta Nathan profetizou e Sabbatai Sevi pregou que quem não se endireitar não terá o conforto de Sion e Jerusalém e que será condenado à vergonha e ao desprezo infinito. E houve um arrependimento, como nunca tinha havido desde que o mundo foi criado até este dia.

Não era um pânico "*millerita*" grosseiro. Acadêmicos e homens educados debateram a questão apaixonadamente e por escrito e, consequentemente, temos um bom registro dos acontecimentos. Todos os elementos de uma verdadeira (e uma falsa) profecia estavam presentes. Os devotos de Sabbatai chamaram a atenção para seu equivalente a João Batista, um rabino carismático chamado

Nathan de Gaza. Os inimigos de Sabbatai o descreveram como um epilético e um herege, e o acusaram de violar a lei. Eles, por sua vez, foram apedrejados pelos partidários de Sabbatai. Convocações e congregações se ergueram juntas e se ergueram umas contra as outras. Quando Sabbatai viajou para se anunciar em Constantinopla, seu navio foi sacudido por uma tempestade até ele censurar as águas, e quando preso pelos turcos sua cela foi iluminada por fogos sagrados e perfumes doces (ou não, de acordo com muitos relatos divergentes). Ecoando uma violenta discussão cristã, os defensores do rabino Nathan e de Sabbatai sustentaram que sem a fé, o conhecimento da Torá e a realização de boas ações eram inúteis. Seus oponentes afirmaram que a Torá e as boas ações eram o principal. O drama foi tão completo em todos os aspectos que até mesmo os rabinos teimosamente anti-Sabattai de Jerusalém em dado momento perguntaram se havia milagres verificáveis ou sinais relacionados ao reivindicante que estava intoxicando os judeus de contentamento. Homens e mulheres venderam tudo o que tinham e se prepararam para segui-lo até a Terra Prometida.

As autoridades imperiais otomanas tinham muita experiência em lidar com agitação civil entre minorias confessionais na época (eles estavam exatamente no processo de arrebatar Creta dos venezianos) e se comportaram com muito mais circunspecção do que os romanos supostamente teriam feito. Eles compreenderam que se Sabbatai iria reivindicar reinado sobre todos os reis, além de reivindicar um grande pedaço de sua província na Palestina, ele então era um desafiante secular, além de religioso. Mas quando ele chegou a Constantinopla eles simplesmente o trancaram. Os ulemás, ou autoridades religiosas muçulmanas, foram igualmente sagazes. Eles desaprovaram a execução daquele elemento agitador, para que seus fiéis entusiasmados não "criassem uma nova religião".

O roteiro já estava quase pronto quando um ex-discípulo de Sabbatai, um certo Nehemiah Kohen, foi ao quartel-general do grão-vizir em Edirne e denunciou seu ex-mestre como praticante de imoralidade e heresia. Convocado ao palácio do vizir e autorizado a sair da prisão com uma procissão de seguidores cantando hinos, o "Messias" ouviu a pergunta brusca de se concordaria com um julgamento por procuração. Os arqueiros da corte o utilizariam como alvo e, se o céu desviasse as flechas, ele seria julgado genuíno. Se ele se recusasse, seria empalado. Se quisesse abrir mão da escolha, poderia se declarar um verdadeiro muçulmano e permanecer vivo. Sabbatai Sevi fez o que quase qualquer mamífero comum teria feito, a profissão de fé padrão ao único deus e seu mensageiro, e

conseguiu uma sinecura. Ele foi posteriormente deportado para uma região quase *Judenrein*(*) do império, na fronteira albanesa-montenegrina, e lá morreu, supostamente no Yom Kippur de 1676, exatamente na hora da oração da tarde, ocasião em que Moisés teria dado seu último suspiro. Seu túmulo, muito procurado, nunca foi definitivamente identificado.

Seus seguidores, abalados, imediatamente se dividiram em várias facções. Havia aqueles que se recusavam a acreditar em sua conversão ou apostasia. Havia os que argumentavam que ele só tinha se tornado muçulmano para ser um Messias ainda maior. Havia os que sentiam que ele apenas adotara um disfarce. E, claro, havia os que alegavam que ele tinha subido aos céus. Seus verdadeiros discípulos acabaram adotando a doutrina da "ocultação" que, não deve ser surpresa para você, envolve a crença de que o Messias, invisível a nós, não "morreu" de modo algum, mas espera o momento em que a humanidade estiver pronta para seu retorno magnífico. ("Ocultação" também é o termo empregado pelos devotos xiitas para descrever a atual e demorada condição do Décimo Segundo Imã ou "mádi": uma criança de 5 anos que aparentemente desapareceu das vistas dos homens no ano de 873.)

Assim chegou ao fim a religião de Sabbatai Sevi, que sobrevive apenas na pequena seita sincrética conhecida na Turquia como Donme, que embute uma lealdade judaica dentro de uma observância exterior muçulmana. Mas se seu fundador tivesse sido condenado à morte, ainda estaríamos ouvindo falar nele, e nas elaboradas excomunhões e apedrejamentos mútuos e nos cismas aos quais seus seguidores teriam posteriormente se entregado, o elemento mais semelhante em nossa própria época é a seita hassídica conhecida como Chabad, o movimento Lubavitch, que foi liderado (e de acordo com alguns ainda é) por Menachem Schneerson. Acreditou-se que a morte desse homem no Brooklyn em 1994 iria produzir uma era de redenção, o que até agora não aconteceu. O Congresso dos Estados Unidos criou um "dia" oficial em homenagem a Schneerson em 1983. Assim como ainda há seitas Judaicas que sustentam que a "solução final" nazista foi uma punição por viverem exilados de Jerusalém, há aqueles que preservam a política do gueto de manter no portão um vigia cujo trabalho é alertar os outros se o Messias chegar inesperadamente. ("É trabalho em tempo integral", teria dito um desses vigias, na defensiva.) Pesquisando as religiões não exatamente religiões, é possível se permitir uma leve sensação de *pathos*, não fosse pela constante algazarra de outros pregadores, todos alegando que é o Messias *deles*, e o de ninguém mais, que deve ser esperado com humildade e espanto.

(*) Livre de judeus. (N. do E.)

13. A religião faz as pessoas se comportarem melhor?

Pouco mais de um século após Joseph Smith ter caído vítima da violência e da loucura que ele tinha ajudado a liberar, outra voz profética se ergueu nos Estados Unidos. Um jovem pastor negro chamado dr. Martin Luther King começou a pregar que seu povo — os descendentes da mesma escravidão que Joseph Smith e todas as outras igrejas cristãs tinham tão calorosamente aprovado — deveria ser livre. É impossível mesmo para um ateu como eu ler seus sermões ou assistir a gravações de seus discursos sem uma profunda emoção daquele tipo que algumas vezes provoca lágrimas verdadeiras. A "Carta da Cadeia de Birmingham" do dr. King, escrita em resposta a um grupo de clérigos cristãos brancos que o conclamaram a demonstrar contenção e "paciência" — em outras palavras, a saber seu lugar —, é um modelo de retórica. Gelidamente polida e com disposição generosa, ela ainda exala uma irredutível convicção de que a sórdida injustiça do racismo não deve mais ser suportada.

A magnífica biografia em três volumes do dr. King escrita por Taylor Branch é sucessivamente intitulada *Parting the Waters*, *Pillar of Fire* e *At Cannans Edge*. E a retórica com a qual King se dirigia a seus seguidores era concebida para evocar a própria história que todos eles conheciam melhor — aquela que começa quando Moisés diz pela primeira vez ao faraó: "Deixe meu povo partir." Discurso após discurso, ele inspirou os oprimidos e exortou e envergonhou seus opressores. Lentamente, a constrangida liderança religiosa do país passou para seu lado. O rabino Abraham Heschel perguntou: "Onde hoje na América ouvimos uma como a voz dos profetas de Israel? Martin Luther King é um sinal de que Deus não se esqueceu dos Estados Unidos da América."

O mais extraordinário de tudo, se seguirmos a narrativa mosaica, foi o sermão que King fez na última noite de sua vida. Seu trabalho de transformar a opinião pública e mudar o teimoso governo Kennedy tinha sido quase concluído, e ele estava em Memphis, Tennessee, para apoiar uma longa e amarga greve dos coletores de lixo da cidade, em cujos cartazes apareciam as simples palavras "Eu sou um homem". No púlpito do Mason Temple, ele revisou a demorada luta dos

anos anteriores, então repentinamente disse: "Mas isso não importa para mim agora." Houve silêncio, até que ele recomeçasse. "Porque eu estive no topo da montanha. E eu não me preocupo. Como qualquer um, eu gostaria de ter uma vida longa. A longevidade tem seu lugar. Mas não estou preocupado com isso agora. Quero apenas a vontade de Deus. E ele me permitiu ir ao topo da montanha. E eu olhei ao redor. E eu vi a Terra Prometida. Eu talvez não chegue até lá com vocês, mas eu quero que vocês *saibam, esta noite*, que como povo nós chegaremos à Terra Prometida!" Ninguém que estava lá naquela noite se esqueceu disso, e ouso dizer que o mesmo vale para qualquer um que veja o filme que com tanta felicidade foi feito daquele momento transcendente. A segunda melhor forma de experimentar esse sentimento em segunda mão é ouvir como Nina Simone cantou, naquela mesma semana terrível, "The King of Love Is Dead". No conjunto, o drama tem a capacidade de unir elementos de Moisés no monte Nebo com a agonia no Jardim de Getsêmani. O efeito praticamente em nada diminui mesmo quando descobrimos que aquele era um de seus sermões preferidos, um que ele tinha feito muitas vezes antes e ao qual podia apelar se a ocasião exigisse.

Mas os exemplos que King deu dos livros de Moisés foram, felizmente para todos nós, metáforas e alegorias. Sua pregação mais imperativa era a da não-violência. Em sua versão da história não há punições selvagens e genocídios sangrentos. Nem há os mandamentos cruéis sobre apedrejar crianças e queimar bruxas. Seu povo perseguido e desprezado não recebeu a promessa de ter o território de outros, nem foi incitado a pilhar e assassinar outras tribos. Ante interminável provocação e brutalidade, King suplicou a seus seguidores que se tornassem aquilo que durante algum tempo eles realmente foram: os tutores morais dos Estados Unidos e do mundo além de suas fronteiras. Ele efetivamente perdoou seu assassino antecipadamente: o único detalhe que teria tornado suas últimas palavras impecáveis e perfeitas teria sido exatamente essa declaração. Mas a diferença entre ele e os "profetas de Israel" não poderia ter ficado mais clara. Se a população tivesse sido criada no joelho da mãe ouvindo a história da Anábase de Xenofonte e a longa, estafante e perigosa jornada dos gregos até sua triunfante visão do mar, essa alegoria poderia ter funcionado igualmente bem. Mas, da forma que era, o "Bom Livro" era o único ponto de referência que todos tinham em comum.

A reforma cristã surgiu originalmente da capacidade que seus defensores tinham de comparar o Velho Testamento com o Novo. Os antigos livros judaicos aglutinados tinham um deus mal-humorado, implacável, sanguinário e

provinciano que provavelmente era mais assustador quando estava de bom humor (o atributo clássico do ditador). Enquanto isso, os livros aglutinados dos últimos dois mil anos continham apoio para os esperançosos e referências a humildade, perdão, cordeiros, ovelhas e assim por diante. Essa distinção é mais aparente que real, já que é apenas nas observações relatadas de Jesus que encontramos menção a inferno e punição eterna. O deus de Moisés abruptamente convocava outras tribos, incluindo a sua predileta, a sofrer massacre, peste e mesmo eliminação, mas quando o túmulo se fechava sobre suas vítimas ele fundamentalmente tinha terminado com elas, a não ser que se lembrasse de amaldiçoar sua descendência. Apenas com o advento do Príncipe da Paz começamos a ouvir falar de posteriores punições e da tortura aos mortos. Inicialmente pressagiado pela arenga bombástica de João Batista, o filho de Deus é revelado como quem, se suas palavras mais suaves não são aceitas de imediato, condena os desatentos ao fogo eterno. Isso desde então ofereceu proteção para sádicos clericais e aparece de forma deliciosa nas invectivas do islamismo. Em nenhum momento o dr. King — que certa vez foi fotografado em uma livraria esperando calmamente por um médico enquanto a faca de um maníaco permanecia firmemente cravada em seu peito — sequer insinuou que aqueles que o feriram e maltrataram deveriam ser ameaçados com qualquer vingança ou punição, neste mundo ou no próximo, salvo as consequências de seu próprio egoísmo e estupidez. E ele até mesmo definiu o problema de uma forma mais cortês do que, em minha humilde opinião, seus alvos mereciam. Portanto, em nenhum sentido real, em oposição a nominal, ele era um cristão.

Isso de modo algum diminui sua estatura de grande pregador, não mais do que o fato de que era um mamífero como o resto de nós, que provavelmente plagiou sua dissertação de doutorado e tinha um conhecido interesse em bebedeiras e mulheres bem mais jovens que sua esposa. Ele passou o restante de sua última noite em dissipação orgiástica, pelo que eu não o culpo. (Essas coisas, que, claro, perturbam os fiéis são bastante encorajadoras no sentido de que mostram que um alto caráter moral não é pré-condição para grandes realizações morais.) Mas se seu exemplo for utilizado, como frequentemente é, para demonstrar que a religião tem um efeito de elevação e libertação, então vamos analisar a alegação ampla.

Tomando como nosso exemplo a memorável história da América negra, vamos descobrir, primeiramente, que os escravizados não eram cativos de algum faraó, mas de vários Estados e sociedades cristãs que durante muitos anos operaram um "comércio" triangular entre a costa oeste da África, o litoral leste da

América do Norte e as capitais da Europa. Essa indústria imensa e terrível era abençoada por todas as igrejas e durante muito tempo não levantou qualquer protesto religioso. (Seu equivalente, o comércio de escravos no Mediterrâneo e no Norte da África era endossado explicitamente e levado a cabo em nome do islamismo.) No século XVIII, alguns dissidentes menonitas e quacres nos Estados Unidos começaram a pedir a abolição, assim como livres-pensadores como Thomas Paine. Thomas Jefferson, refletindo sobre o modo como a escravidão corrompia e brutalizava os mestres assim como explorava e torturava os escravos, escreveu: "De fato, tremo por meu país quando reflito que Deus é justo." Essa foi uma afirmação tão incoerente quanto memorável: dada a maravilha de um deus que também era justo, não haveria a longo prazo, muito pelo que tremer. Seja como for, o Todo-Poderoso conseguiu tolerar a situação enquanto várias gerações nasciam e morriam sob o açoite até que a escravidão se tornasse menos lucrativa e até mesmo o Império Britânico começasse a se livrar dela.

Foi o estímulo para o renascimento do abolicionismo. Ele algumas vezes assumiu uma forma cristã, especialmente no caso de William Lloyd Garrison, grande orador e fundador do *Liberator*. Garrison era um homem esplêndido sob quaisquer parâmetros, mas provavelmente é sorte que todos os seus conselhos religiosos iniciais não tenham sido seguidos. Ele baseou sua alegação inicial no perigoso versículo de Isaías que conclama os fiéis para que "se apresentem e sejam separado" (essa também é a base teológica do presbiterianismo fundamentalista e intolerante de Ian Paisley na Irlanda do Norte). Na visão de Garrison, a União e a Constituição dos Estados Unidos eram "um pacto com a morte" e deviam ser ambas destruídas: de fato foi ele quem pediu a secessão antes dos confederados. (Ele posteriormente descobriu a obra de Thomas Paine, se tornou menos pregador e mais um efetivo abolicionista, bem como um dos primeiros defensores do sufrágio feminino.) Foi o escravo foragido Frederick Douglass, autor da pungente e mordaz *Autobiografia*, que evitou a linguagem apocalíptica e em vez disso exigiu que os Estados Unidos *cumprissem* as promessas universalistas contidas em sua Declaração e em sua Constituição. O leonino John Brown, que também começou como um calvinista temeroso e impiedoso, fez o mesmo. Ele posteriormente tinha as obras de Paine em seu acampamento e admitiu livres-pensadores em seu exército pequeno mas inovador e chegou mesmo a produzir e imprimir uma nova "Declaração", calcada naquela de 1776, em benefício dos escravizados. Essa foi na prática uma exigência muito mais revolucionária, assim como mais realista, e preparou o

caminho — como Lincoln admitiu — para a Proclamação de Emancipação. Douglass era um tanto dúbio em relação à religião, observando em sua *Autobiografia* que os cristãos mais devotos produziam os senhores de escravos mais selvagens. A óbvia verdade disso foi tos destacada quando realmente houve a secessão e a Confederação adotou o lema latino "*Deo Vindice*", ou "Deus do nosso lado". Como Lincoln destacou em seu altamente dúbio segundo discurso de posse, os dois lados em disputa faziam a mesma alegação, pelo menos nos púlpitos, assim como ambos eram viciados em grandiosas e confiantes citações das Santas Escrituras.

O próprio Lincoln hesitava em reivindicar autoridade dessa forma. De fato, em dado momento ele disse que tais invocações do divino estavam erradas, porque não era uma questão de estar do lado de Deus. Pressionado a fazer uma imediata Proclamação de Emancipação em um encontro de cristãos em Chicago, ele continuou a considerar que os dois lados da disputa eram endossados pela fé e disse que "estes, porém, não são dias de milagres, e eu suponho que haja a certeza de que eu não espero uma revelação direta". Isso foi completamente evasivo, mas quando ele finalmente tomou coragem de fazer a Proclamação, disse aos ainda hesitantes que tinha prometido a si mesmo fazê-lo — com a condição de que Deus desse a vitória às forças da União em Antietam. Naquele dia foi registrado o maior número de mortes em solo americano em todos tempos. Assim, é possível que Lincoln tenha tentado de alguma forma santificar e justificar aquela impressionante carnificina. Seria algo nobre até pensarmos que, segundo a mesma lógica, a mesma carnificina decidida de outra forma teria adiado a libertação dos escravos! Como ele também disse: "Os soldados rebeldes estão orando com muito mais veemência, temo, que nossas próprias tropas, e esperando que Deus favoreça o lado deles; um de nossos soldados, que foi tomado prisioneiro, disse que nunca tinha visto nada tão desanimador quanto a evidente sinceridade daqueles no meio de cujas preces estava." Um pouco mais de sorte em batalha para os uniformes cinza em Antietam e o presidente poderia ter temido que Deus tivesse abandonado inteiramente a causa abolicionista.

Não conhecemos as crenças religiosas pessoais de Lincoln. Ele gostava de referências ao Deus Todo-Poderoso, mas nunca fez parte de nenhuma igreja, e suas primeiras candidaturas enfrentaram grande oposição dos clérigos. Seu amigo Herndon sabia que ele tinha lido Paine, Volney e outros livres-pensadores atentamente e era de opinião que ele particularmente era um absoluto não-crente. Isso parece improvável. Contudo, também seria impreciso dizer que ele era cristão. Muitos indícios sustentam a ideia de que ele era um cético

atormentado com uma tendência ao teísmo. Qualquer que seja o caso, o melhor que pode ser dito da Igreja na grave questão da abolição é que após muitas centenas de anos, e tendo igualmente imposto e adiado a questão até que o interesse pessoal levasse a uma guerra horrível, ela finalmente conseguiu desfazer uma pequena parte do dano e da infelicidade que tinha infligido.

O mesmo pode ser dito da época de King. As igrejas do Sul voltaram ao seu caminho habitual depois da Reconstrução e abençoaram as novas instituições da segregação e da discriminação. Apenas após a Segunda Guerra Mundial, e com a disseminação da descolonização e dos direitos humanos, ressurgiu o apelo à emancipação. Em reação, mais uma vez foi afirmado veementemente (em solo americano, na segunda metade do século XX) que Deus não queria que os diferentes descendentes de Noé fossem misturados. Essa estupidez bárbara teve consequências práticas. O falecido senador Eugene McCarthy me disse que certa vez conclamou o o Senador Pat Robertson — pai do atual profeta televisivo — a apoiar uma discreta legislação de direitos civis. "Eu certamente gostaria de ajudar as pessoas de cor, mas a Bíblia diz que eu não posso", foi a resposta. Toda a autodefinição de "Sul" era ser branca e cristã. Foi exatamente o que deu força ao dr. King, porque ele podia superar os camponeses brancos em pregação. Mas o fardo pesado nunca teria sido colocado em seus ombros se, para começar, a religiosidade não estivesse tão entranha. Como mostra Taylor Branch, boa parte do círculo íntimo e do séquito de King era composta de comunistas e socialistas seculares que havia décadas estavam preparando o terreno para os direitos civis e ajudando a treinar bravos voluntários como a sra. Rosa Parks para uma cuidadosa estratégia de desobediência civil em massa, e essas associações "ateias" seriam usadas o tempo todo contra King, especialmente do púlpito. De fato, uma das consequências dessa campanha foi produzir o "recuo" do cristianismo branco de direita, que ainda é uma força poderosa abaixo da linha Mason-Dixon.(*)

Quando o homônimo do dr. King pregou suas teses na porta da catedral de Wittenberg em 1517 e, posteriormente, anunciou em Worms "Aqui me coloco, nada mais posso fazer", ele estabeleceu um padrão para a coragem intelectual e moral. Mas Martinho Lutero, que iniciou sua vida religiosa por ter ficado aterrorizado com um raio que quase o acertou, acabou se tornando ele mesmo um intolerante e um perseguidor, vituperando criminosamente contra os judeus, gritando sobre demônios e conclamando os principados alemães a marcar os pobres rebeldes. Quando o dr. King assumiu posição na escadaria do Memorial de Lincoln e mudou a história, ele também assumiu uma posição que de fato tinha sido imposta a ele, mas o fez como um profundo humanista, e ninguém

nunca poderá se valer do seu nome para justificar opressão ou crueldade. Ele resiste por essa razão, e seu legado tem muito pouco a ver com sua teologia professada. Não foi necessária nenhuma força sobrenatural para defender a tese contra o racismo.

Assim, qualquer um que utilize o legado de King para justificar o papel da religião na vida pública precisa aceitar todos os corolários do que eles parecem estar querendo dizer. Uma olhada rápida no registro completo mostrará, primeiramente que, pessoa a pessoa, os livres-pensadores, agnósticos e ateus americanos são melhores. A possibilidade de que a opinião secular ou pensante de alguém o levasse a denunciar a completa injustiça era extremamente alta. A possibilidade de que a crença religiosa de alguém levasse a assumir uma posição contra a escravidão e o racismo era estatisticamente bastante pequena. Mas a possibilidade de que a crença religiosa de alguém o levasse a defender a escravidão e o racismo era estatisticamente bastante *alta*, e esse último fato nos ajuda a compreender por que a vitória da justiça simples demorou tanto tempo.

Pelo que sei, não há hoje no mundo nenhum país cuja escravidão ainda praticada não tenha como justificativa o Corão. Isso nos manda de volta para a resposta dada nos primeiros dias da República, a Thomas Jefferson e John Adams, Aqueles dois senhores de escravos tinham chamado o embaixador de Trípoli em Londres para perguntar a ele com que direito ele e seus colegas potentados bárbaros capturavam e vendiam tripulações e passageiros americanos de barcos usando o Estreito de Gibraltar. (Hoje estima-se que entre 1530 e 1780 mais de 1,25 milhão de europeus foram levados à força dessa forma.) Como Jefferson transmitiu ao Congresso:

> O embaixador nos respondeu que era baseado nas Leis do Profeta, que estava escrito em seu Corão que todas as nações que não obedecessem à sua autoridade eram pecadoras, que era seu direito e obrigação fazer a guerra contra eles sempre que pudessem ser encontrados e fazer escravos todos que pudessem tomar como prisioneiros

O embaixador Abdrahaman continuou, mencionando o preço do resgate exigido, o preço da proteção contra sequestro e finalmente sua própria comissão pessoal pelos procedimentos. (Mais uma vez a religião trai suas conveniências humanas.) De fato, ele estava absolutamente certo no que disse sobre o Corão. A oitava sura, revelada em Medina, trata longamente dos justificados espólios de guerra e se alonga sobre os posteriores "tormentos do fogo" *post-mortem* que esperam por aqueles que são derrotados pelos crentes. Exatamente esta sura foi utilizada apenas dois séculos depois por Saddam Hussein para justificar o

assassinato em massa e a espoliação do povo do Curdistão.

Outro grande episódio histórico — a emancipação da Índia do controle colonial — é frequentemente apresentado como se envolvesse uma ligação entre crença religiosa e resultados éticos. Como na batalha heróica do dr. King, a história real tende a mostrar que o oposto é o caso. Após o atônito despertar do Império Britânico por meio da Primeira Guerra Mundial, e mais particularmente depois do famoso massacre de manifestantes indianos na cidade de Amritsar, em abril de 1919, ficou claro, mesmo para os então controladores do subcontinente, que o governo a partir de Londres chegaria ao fim mais cedo que mais tarde. Já não era uma questão de "se", mas de "quando". Não fosse esse o caso, uma campanha de desobediência pacifica não teria a menor chance. Assim, Mohandas K. Ghandi (algumas vezes conhecido como "o Mahatma" em respeito a sua posição de ancião hindu) estava de certa forma empurrando uma porta aberta. Não há desonra nisso, mas são exatamente suas convicções religiosas que tornaram seu legado mais dúbio que santo. Resumindo: ele queria que a Índia voltasse a ser uma sociedade espiritual primitiva organizada em aldeias, ele tornou a divisão de poder com os muçulmanos muito mais difícil, e estava bem preparado para fazer um uso hipócrita da violência quando achava que poderia ser útil a ele.

Toda a questão da independência da Índia estava interligada à questão da unidade: poderia a antiga colônia renascer como o mesmo pais, com as mesmas fronteiras e integridade territorial, e ainda ser chamada de Índia? A isso uma certa facção resistente de muçulmanos respondeu "não". Sob a administração britânica eles tinham desfrutado de alguma proteção como uma minoria muito grande para não dizer privilegiada, e não estavam dispostos a trocar esse estado de coisas para ser uma grande minoria em um Estado de domínio hindu. Assim, o simples fato de que a principal força pela independência — o Partido do Congresso — tinha um obvio domínio hindu tornava a conciliação muito difícil. Pode-se argumentar, e eu de fato irei argumentar, que a intransigência muçulmana teria desempenhado um papel destrutivo em qualquer caso. Mas a tarefa de convencer muçulmanos comuns a deixar o Congresso e se juntar à separatista "Liga Muçulmana" foi muito facilitada pelo discurso hinduísta de Ghandi e pelas longas horas ostentatórias que ele gastava em práticas religiosas e operando sua roca de fiar.

Essa roca — que ainda aparece como símbolo na bandeira indiana — era um emblema da rejeição de Ghandi à modernidade. Ele passou a se vestir com

farrapos que ele mesmo fazia, a usar sandálias, a carregar um cajado e a expressar hostilidade para com as máquinas e a tecnologia. Fazia rapsódias sobre a aldeia indiana, em que os ritmos milenares dos animais e das colheitas iriam determinar o modo de vida humano. Milhões de pessoas teriam irracionalmente morrido de fome se seu conselho tivesse sido seguido, e teriam continuado a idolatrar vacas (espertamente classificadas de "sagradas" pelos sacerdotes para que o povo pobre ignorante não matasse e comesse seu único patrimônio em épocas de seca e fome). Ghandi merece crédito por sua crítica ao desumano sistema de castas hindu, pelo qual ordens inferiores de humanos eram condenadas a um ostracismo e um desprezo que em certos sentidos eram mais absolutos e cruéis que a escravidão. Mas exatamente no momento em que a Índia mais precisava de um moderno líder nacionalista secular, recebeu um faquir e guru. O momento crucial dessa lamentável concepção aconteceu em 1941, quando o exército imperial japonês tinha conquistado Malásia e Burma e estava nas fronteiras da própria Índia. Acreditando (erradamente) que isso anunciava o fim do estado de colônia, Ghandi escolheu esse momento para boicotar o processo político e lançar seu famoso apelo aos britânicos de "Deixem a Índia". Ele acrescentou que eles deveriam deixá-la "A Deus ou à anarquia", o que nas circunstâncias teria significado a mesma coisa. Aqueles que ingenuamente atribuem a Ghandi um pacifismo consciente ou consistente deveriam se perguntar se isso não correspondia a deixar que os imperialistas japoneses travassem sua batalha por ele.

Entre as muitas consequências ruins da decisão de Ghandi e do Congresso de se retirarem das negociações esteve a oportunidade que isso deu aos membros da Liga Muçulmana de "permanecer" nos ministérios que controlavam, assim reforçando suas posições de barganha quando surgiu o momento da independência, pouco depois. Sua insistência em que a independência tomasse a forma de uma mutilação e amputação, com Punjab Ocidental e Bengala Oriental sendo destacados do corpo nacional, se tornou incontrolável. As funestas consequências persistem até hoje, com posteriores banhos de sangue intermulçulmanos em Bangladesh em 1971, a ascensão de um agressivo partido nacionalista hindu e um confronto na Caxemira que ainda é o pretexto mais provável para uma guerra termonuclear.

Sempre houve uma alternativa, na forma da posição secular adotada por Nehru e Rajagopalachari, que negociaram um compromisso britânico de imediata independência pós-guerra em troca de uma aliança comum entre Índia e Grã-Bretanha contra o fascismo. No caso, foi Nehru e não Ghandi, quem levou

seu país à independência, mesmo ao lamentável preço da divisão. Durante décadas, uma sólida irmandade entre secularistas e esquerdistas britânicos e indianos tinha iniciado e vencido a discussão sobre a libertação da Índia. Nunca houve necessidade de que um personagem religioso obscurantista impusesse seu ego ao processo e ao mesmo tempo o retardasse e distorcesse. Toda a questão estava resolvida *sem essa suposição*. Há o desejo contínuo de que Martin Luther King tivesse continuado vivo e contribuído com sua presença e sua sabedoria para a política americana. No caso do "Mahatma", que foi assassinado por membros de uma seita hindu fanática por não ser *suficientemente devoto*, há o desejo de que ele tivesse vivido apenas para ver o dano que ele teria produzido (e há o alívio de que ele não tivesse vivido para implementar seu delirante programa de rocas de fiar).

O argumento de que a crença religiosa melhora as pessoas ou ajuda a civilizar a sociedade costuma ser apresentado quando as pessoas já esgotaram suas justificativas. É como se elas dissessem: muito bem, nós paramos de insistir no Êxodo (digamos), na Imaculada Conceição ou mesmo na Ressurreição ou no "voo noturno" de Meca a Jerusalém. Mas onde estariam as pessoas sem a fé? Elas não se entregariam a todo tipo de licenciosidade e egoísmo? Não é verdade, como G. K. Chesterton disse certa vez, que se as pessoas param de acreditar em Deus elas não passam a acreditar em nada, mas em qualquer coisa?

A primeira coisa a dizer é que o comportamento virtuoso de um crente não é de modo algum prova — de fato não é sequer argumento — da verdade de sua crença. Eu poderia, apenas para continuar a discussão, agir de forma mais caridosa se eu acreditasse em que o Senhor Buda nasceu de uma incisão no flanco de sua mãe. Mas isso não faria meu impulso caridoso depender de algo muito tênue? Da mesma forma, eu não digo que se eu flagrar um sacerdote budista roubando todas as oferendas deixadas pelo povo simples em seu templo, o budismo estará, portanto, desacreditado. E de qualquer forma, esquecemos de quão fortuito é tudo isso. Dos milhares de possíveis religiões do deserto, assim como dos milhões de espécies em potencial, um ramo por acaso deitou raízes e cresceu. Passando por mutações de uma forma judaica a uma cristã, ela acabou sendo adotada, por razões políticas, pelo imperador Constantino e foi transformada em crença oficial com — no final — uma forma codificada e obrigatória de seus muitos livros caóticos e contraditórios. Quanto ao islamismo, ele se tornou a ideologia de uma conquista altamente bem-sucedida, adotada por dinastias governantes de sucesso, e então codificada, estabelecida e promulgada

como lei da terra. Uma ou duas vitórias militares do outro lado — como no caso de Lincoln em Antietam — e nós no Ocidente não seríamos reféns de disputas provincianas que aconteceram na Judeia e na Arábia antes que houvesse registros. Poderíamos ser devotos de uma crença inteiramente diferente — talvez hindu, asteca ou confucionista —, e nesse caso ainda nos seria dito que, sendo ou não verdade, ela ainda assim ajudaria a ensinar às crianças a diferença entre certo e errado. Em outras palavras, acreditar em um deus é de certa forma exprimir exatamente a disposição de acreditar em qualquer coisa. Porém, de modo algum rejeitar a crença é professar a crença em nada.

Eu certa vez assisti a um debate entre o falecido professor A. J. Ayer, distinto autor de *Linguagem, verdade e lógica*, e festejado humanista, e um certo bispo Butler. O mediador era o filósofo Bryan Magee. O debate desenrolou muito educadamente até o bispo, ouvindo Ayer afirmar que não via nenhum indício da existência de qualquer deus, interromper e dizer: "Então eu não consigo entender como você não leva uma vida de desabrida imoralidade."

Nesse ponto, "Freddie", como era conhecido pelos amigos, abandonou sua normal civilidade serena e exclamou: "Devo dizer que considero isso uma insinuação absolutamente monstruosa." Freddie certamente tinha violado a maioria dos mandamentos referentes ao código sexual como esboçados no Sinai. De certa forma, ele era justificadamente famoso por isso. Mas ele era um excelente professor, um pai amoroso e um homem que dedicava a maior parte de seu tempo livre a lutar pelos direitos humanos e pela liberdade de expressão. Dizer que sua vida era imoral era falsear a verdade.

Dos muitos escritores que exemplificaram o mesmo ponto de forma diferente, eu escolho Evelyn Waugh, que tinha a mesma crença do bispo Butler e que em sua ficção fez de tudo para defender as intervenções da graça divina. Em seu romance *Memórias de Brideshead* ele faz uma observação muito precisa. Os dois protagonistas, Sebastian Flyte e Charles Ryder, o primeiro dos quais herdeiro de uma nobreza católica, recebem a visita de padre Phipps, que acredita que todos os jovens devem ser apaixonados por críquete. Quando se desilude, ele olha para Charles "com a expressão que eu sempre vi nos religiosos, de espanto inocente de que aqueles que se expõem aos perigos do mundo aproveitem tão pouco de seus variados confortos".

Assim, eu volto à questão do bispo Butler. Ele na verdade não estava dizendo a Ayer, em seu próprio jeito ingênuo, que, se libertado das restrições da doutrina, *ele próprio* escolheria levar "uma vida de desabrida imoralidade"? Naturalmente espera-se que não. Mas há evidências empíricas para reforçar a sugestão. Quando

padres se comportam mal, eles se comportam realmente mal, e cometem crimes que empalideceriam o pecador médio. Pode-se preferir atribuir isso mais à repressão sexual que às doutrinas pregadas, mas uma das doutrina pregadas é a repressão sexual... Assim, a ligação é inevitável, e uma litania de piadas folclóricas foi recitada por todos os membros leigos da Igreja desde o início da religião.

A vida do próprio Waugh foi muito mais manchada por crimes contra a castidade e a sobriedade do que a vida de Ayer (apenas parece ter dado menos alegria ao primeiro que ao segundo), e em consequência ele frequentemente era perguntado sobre como conciliar seu comportamento particular com sua crença pública. Sua resposta se tornou famosa: ele pedia a seus amigos que imaginassem como ele seria pior se *não* fosse católico. Para quem acredita em pecado original poderia servir como uma virada de mesa, mas qualquer investigação da vida real de Waugh mostra que seus elementos mais iníquos são fruto precisamente de sua fé. Esqueçam os tristes excessos de embriaguez e infidelidade conjugal. Ele certa vez enviou um telegrama de casamento a uma amiga divorciada e casada em segundas núpcias dizendo a ela que sua noite de núpcias aumentaria a solidão do Calvário e seria mais uma cusparada no rosto de Cristo. Ele apoiou movimentos fascistas na Espanha e na Croácia e a cruel invasão da Abissínia por Mussolini porque tinham o apoio do Vaticano, e escreveu em 1944 que apenas o Terceiro Reich era a barreira entre a Europa e a barbárie. Essas deformações em um de meus autores prediletos não existiam apesar da sua fé, mas exatamente por causa dela. Sem dúvida havia atos particulares de caridade e contrição, mas eles podiam ser igualmente praticados por uma pessoa sem qualquer fé. Sem ir além dos Estados Unidos, o grande coronel Robert Ingersoll, que foi o maior defensor da descrença no país até sua morte em 1899, enlouquecia seus adversários por ser uma pessoa de imensa generosidade, marido e pai constante e amoroso, oficial cavalheiresco e dotado do que Thomas Edison, com desculpável exagero, chamou de "todos os atributos de um homem perfeito".

Em minha própria vida recente em Washington tenho sido bombardeado com telefonemas obscenos e ameaçadores de muçulmanos, prometendo punir minha família porque eu não apoio uma campanha de mentiras, ódio e violência contra a democrática Dinamarca. Mas, quando minha esposa acidentalmente deixou um grande volume de dinheiro no banco de trás de um táxi, o motorista sudanês teve muito trabalho e despesas para descobrir de quem ele era e dirigir até minha casa para devolvê-lo intocado. Quando eu cometi o erro vulgar de oferecer a ele dez por cento do dinheiro, ele deixou serena mas firmemente claro que não esperava recompensa por cumprir sua obrigação islâmica. Em qual

dessas duas versões da fé se deve confiar?

A pergunta é de certa forma absolutamente irrespondível. Eu preferiria manter a prateleira de escritos de Evelyn Waugh exatamente como está, e aceitar que não é possível ter os romances sem os tormentos e as maldades de seu autor. E se todos os muçulmanos se comportassem da mesma forma que o homem que abriu mão de mais de uma semana de trabalho para fazer a coisa certa, eu poderia ser indiferente às estranhas exortações do Corão. Se eu vasculhar minha vida em busca de momentos de comportamento bom ou correto, não serei sufocado por um excesso de escolhas. Certa vez, tremendo de medo, tirei meu colete à prova de balas em Sarajevo e o emprestei a uma mulher ainda mais assustada que eu estava ajudando a conduzir a um local seguro (eu não sou o único a ter sido ateu nas trincheiras). Na época achei que era o mínimo que eu podia fazer por ela, assim como o máximo. As pessoas que bombardeavam e atiravam eram cristãos sérvios, mas ela também.

No norte de Uganda, no final de 2005, eu estava em um centro de reabilitação de crianças sequestradas e escravizadas nas terras do povo acholi, que vive no lado norte do Nilo. Os apáticos e vazios garotinhos (e algumas meninas) estavam ao redor de mim. Suas histórias eram perturbadoramente semelhantes. Eles tinham sido retirados de suas escolas ou casas quando tinham idades entre 8 e 13 anos por uma milícia de expressão pétrea, ela mesma montada a partir de crianças sequestradas. Levadas para o sertão, elas foram "iniciadas" na força segundo um (ou ambos) de dois métodos. Tiveram de tomar parte em um assassinato, de modo a se sentirem "sujas" e implicadas, ou de se submeter a um chicoteamento longo e selvagem, frequentemente de até trezentos golpes. ("Crianças vítimas de crueldade sabem muito bem como infligir crueldade", disse um dos anciãos do povo acholi). A infelicidade infligida por esse exército de infelizes transformados em zumbis era quase incalculável. Ele tinha arrasado aldeias, criado uma enorme população de refugiados, cometido crimes hediondos como mutilação e evisceração e (em um toque especial de crueldade) continuado a sequestrar crianças, de modo que os acholi evitassem uma reação forte, caso contrário eles matariam ou feririam um dos "seus".

O nome da milícia era "Exército de Resistência do Senhor" (LRA, na sigla em inglês), e era comandada por um homem chamado Joseph Kony, um apaixonado ex-coroinha que queria submeter a região à obediência aos Dez Mandamentos. Ele fazia batismos com óleo e água, organizava selvagens cerimônias de punição e purificação e protegia seus seguidores da morte. Era uma pregação fanática do cristianismo. E o centro de reabilitação no qual eu estava também era

administrado por uma organização cristã fundamentalista. Tendo estado no sertão e visto o trabalho do LRA, comecei a conversar com o homem que tentava consertar os danos. Perguntei como ele sabia qual era o crente mais verdadeiro. Qualquer instalação secular ou governamental poderia fazer o que ele estava fazendo — ajustando próteses de membros e oferecendo abrigo e "aconselhamento" —, mas para ser Joseph Kony era preciso ter uma fé verdadeira.

Para minha surpresa, ele não descartou minha pergunta. Disse ser verdade que autoridade de Kony era em parte fruto de seu histórico em uma família cristã sacerdotal. Também era verdade que as pessoas estavam inclinadas a acreditar que ele podia fazer milagres, apelando ao mundo espiritual e prometendo a seus acólitos que eles eram à prova de morte. Mesmo alguns daqueles que tinham fugido eram capazes de jurar que haviam visto o homem realizar maravilhas. Só o que um missionário podia fazer era tentar mostrar às pessoas uma face diferente do cristianismo.

Eu fiquei impressionado com a franqueza do homem. Havia algumas outras defesas que ele poderia ter usado. Joseph Kony obviamente está muito distante do cristianismo "hegemônico". Para começar, seus financiadores e armeiros são os cínicos muçulmanos do regime sudanês, que se valem dele para criar problemas para o governo de Uganda, que por sua vez apoiou grupos rebeldes no Sudão. No que aparentemente é uma recompensa por esse apoio, em dado momento Kony começou a atacar a criação e o consumo de porcos, o que, a não ser que ele tenha se tornado um judeu fundamentalista na velhice, sugere uma retribuição aos patrões. Esses assassinos sudaneses, por sua vez, conduzem há anos uma guerra de extermínio não apenas contra os cristãos e os animistas do sul do Sudão, mas também contra os muçulmanos não-árabes da província de Darfur. Oficialmente o islamismo pode não fazer distinção entre raças e nações, mas os assassinos em Darfur são muçulmanos árabes e suas vítimas são muçulmanos africanos. O Exército de Libertação do Senhor não passa de um Khmer vermelho cristão coadjuvante nesse horror mais amplo.

Um exemplo ainda mais claro é o caso de Ruanda, que em 1992 deu ao mundo um novo sinônimo para genocídio e sadismo. Essa antiga possessão belga é o país mais cristão da África, exibindo a maior proporção de igrejas *per capita*, 65 por cento dos ruandeses professando o catolicismo romano e outros 15 por cento pertencentes a várias seitas protestantes. As palavras *per capita* ganharam um tom macabro em 1992, quando a um sinal as milícias racistas do Poder Hutu, incitadas pelo Estado e pela Igreja, se lançaram sobre seus vizinhos tútsis e os

chacinaram em massa.

Não foi um espasmo atávico de derramamento de sangue, e sim uma versão africana friamente ensaiada da Solução Final, que estava sendo preparada havia algum tempo. O primeiro sinal disso surgiu em 1987, quando um visionário católico com o nome enganadoramente folclórico de Little Pebbles começou a anunciar que ouvia vozes e tinha visões, derivadas da Virgem Maria. As ditas vozes e visões eram perturbadoramente sanguinárias, prevendo massacre e apocalipse, mas também — como em compensação — o retorno de Jesus Cristo no domingo de Páscoa de 1994. Aparições de Maria no alto de uma montanha chamada Kibeho foram investigadas pela Igreja Católica e consideradas confiáveis. A esposa do presidente de Ruanda, madame Agathe Habyarimana, ficou especialmente fascinada com essas visões e mantinha um relacionamento próximo com o bispo de Kigali, a capital do país. Esse homem, o monsenhor Vincent Nsengiyumva, era também membro do comitê central do partido único do presidente Habyarimana, o Movimento Nacional Revolucionário pelo Desenvolvimento, ou MRND. O partido, juntamente com outros órgãos do Estado, se preocupava em prender quaisquer mulheres que fossem desaprovadas como sendo "prostitutas" e em encorajar ativistas católicos a atacar quaisquer lojas que vendessem contraceptivos. Com o tempo, se espalhou a notícia de que a profecia seria cumprida e que as "baratas" — a minoria tútsi — logo teriam o que mereciam.

Quando finalmente chegou o ano apocalíptico de 1994 e começaram os ataques premeditados e coordenados, muitos tútsis e hutus dissidentes assustados foram imprudentes o bastante para buscar refúgio nas igrejas. Isso facilitou consideravelmente a vida dos *interahamwe*, ou esquadrões da morte governamentais e militares, que sabiam onde encontrá-los e que podiam confiar em que padres e freiras indicariam os locais. (Por isso muitas das covas coletivas que foram fotografadas estão em solo consagrado, e também por isso vários clérigos e freiras estão no banco dos réus nos atuais julgamentos por genocídio em Ruanda) o notório padre Wenceslas Munyeshyaka, por exemplo, figura importante da Catedral da Santa Família de Kigali, foi retirado do país às escondidas com a ajuda de um padre francês, mas foi acusado de genocídio, de fornecer listas de civis aos *interahamwe* e de estuprar jovens refugiadas. Ele de modo algum é um único clérigo a enfrentar acusações semelhantes. Para que não pensemos que ele foi apenas um padre "patife", temos a palavra de outro membro da hierarquia ruandesa, o bispo de Gikongoro, conhecido como monsenhor Augustin Misago. Para citar um relato cuidadoso daqueles acontecimentos

terríveis:

> O bispo Misago foi muitas vezes descrito como um simpatizante do Poder Hutu; ele foi publicamente acusado de impedir a entrada de tútsis em locais de refúgio, de criticar colegas do clero que ajudaram "baratas" e de pedir a um emissário do Vaticano em visita a Ruanda em junho de 1994 para dizer ao papa que este devia "encontrar um lugar para os padres tútsis, pois o povo de Ruanda não os quer mais". Acima de tudo, no dia 4 de maio daquele ano, pouco antes da última aparição de Maria no Kibeho, o bispo apareceu pessoalmente lá com uma equipe de policiais e disse a um grupo de noventa crianças tútsis em idade escolar que estavam sendo preparadas para o massacre que não se preocupassem, porque a polícia iria protegê-las. Três dias depois a polícia ajudou a massacrar 82 das crianças.

Crianças em idade escolar "preparadas para o massacre"... Talvez você se lembre da denúncia pelo papa desse crime indelével e da cumplicidade de sua igreja nele. Ou talvez não, já que nunca foi feito nenhum comentário assim. Paul Rusesabagina, o herói de *Hotel Ruanda*, recorda-se do padre Wenceslas Munyeshyaka se referindo até mesmo à sua mãe tútsi como uma "barata", mas isso não impediu que ele, antes de sua prisão na França, recebesse da Igreja francesa autorização para retomar seus "deveres pastorais". Quanto ao bispo Misago, houve aqueles no ministério da Justiça de Ruanda depois da guerra que acharam que ele também deveria ser acusado. Mas, como disse um dos funcionários do ministério, "o Vaticano é excessivamente convicto para que ataquemos bispos. Nunca ouviu falar em infalibilidade?"

Isso no mínimo permite argumentar que a religião faz as pessoas se comportarem de uma forma mais gentil e civilizada. Quanto pior o criminoso, mais devoto ele se revela. Pode-se acrescentar que algumas das pessoas mais dedicada ao trabalho humanitário também são crentes (embora melhores que eu conheci sejam secularistas que não estavam fazendo proselitismo de fé alguma). Mas as chances de que uma pessoa cometendo os crimes fosse "baseada em fé" eram de quase cem por cento, enquanto as de que uma pessoa de fé estivesse do lado da humanidade e da decência era de quase um cara e coroa. Aplique isso à história, e as chances passam a ser maiores do que uma previsão astrológica se realizar. Por isso as religiões nunca poderia surgir, quanto mais florescer, a não ser pela influência de homens tão fanáticos quanto Moisés, Maomé ou Joseph Kony ao passo que caridade e trabalho humanitário, embora possam ter apelo a crentes de bom coração, são herança do modernismo e do Iluminismo. Antes disso, a religião se espalhou não pelo exemplo, mas como força auxiliar dos métodos mais antiquados de guerra Santa e imperialismo.

Eu fui um comedido admirador do falecido Papa João Paulo II, que segundo quaisquer padrões humanos foi uma pessoa valorosa e séria, capaz de

demonstrar coragem moral e física. Ele colaborou com a resistência aos nazistas em seu país natal quando jovem,e posteriormente fez muito para ajudar na sua emancipação do domínio soviético. Seu papado foi de certa forma chocantemente conservador e autoritário, mas ele se mostrou aberto à ciência e à pesquisa (exceto quando a discussão era sobre o vírus da aids), e mesmo em seu dogma contra o aborto fez algumas concessões a uma "ética de vida" que, por exemplo, começou a pregar que a pena capital era quase sempre errada. Quando de sua morte, o Papa João Paulo foi louvado, entre outras coisas, pelo número de desculpas que pediu. Entre elas não estava, como deveria, uma expiação por cerca de um milhão de pessoas passadas no fio da espada em Ruanda. Contudo, estavam desculpas aos judeus pelos séculos de antissemitismo cristão, uma desculpa ao mundo muçulmano pelas Cruzadas, uma desculpa os cristãos ortodoxos orientais pelas muitas perseguições infligidas a eles por Roma, e também uma contrição mais genérica pela Inquisição. Isso parecia significar que a Igreja tinha sido no passado principalmente errada e frequente mente criminosa, mas que tinha sido purgada de seus pecados pela confissão e estava pronta para ser infalível novamente.

(*) Linha que divide o Norte e o Sul dos EUA. Durante a Guerra Civil Americana, separava os estados onde a escravidão vigorava e os outros onde já havia sido abolida. (N. do E.)

14. Não há uma solução "oriental"

A crise da religião organizada no Ocidente e as inúmeras formas pelas quais a moral religiosa conseguiu ficar bem *abaixo* da média humana sempre levaram alguns a buscar uma solução mais confortável a leste de Suez. De fato, eu certa vez me juntei a esses adeptos e acólitos em potencial, vestindo trajes laranja e frequentando o *ashram* de um festejado guru em Puna, nas adoráveis montanhas acima de Bombaim. Eu adotei esse modo *sannyas*(*) para ajudar a fazer um documentário para a BBC, portanto, se você quiser, pode questionar minha objetividade, mas naqueles dias a BBC tinha um padrão de justiça e minha obrigação era absorver o máximo que pudesse. (Um dia desses, tendo sido ao longo de minha vida um anglicano, educado em uma escola metodista, convertido pelo casamento em ortodoxo grego, reconhecido como uma encarnação por seguidores de Sai Baba e casado em segundas núpcias por um rabino, eu serei capaz de tentar uma atualização de *As variedades da experiência religiosa*, de William James.)

O guru em questão era chamado Bhagwan Sri Rajneesh. "Bhagwan" significa simplesmente deus ou divino, e "Sri" significa santo. Ele era um homem com enormes olhos sentimentais e um sorriso encantador, e um senso de humor natural, embora um tanto sujo. Sua voz sibilante, normalmente transmitida por um microfone de baixo volume na oração (*dharshan*) matinal, tinha uma qualidade levemente hipnótica. Isso era de algum valor para aliviar a igualmente hipnótica platitude de seus discursos. Talvez você tenha lido a tremenda série de romances em 12 volumes de Anthony Powell *A Dance to the Music of Time*. Nela, um vidente misterioso chamado dr. Trelawney mantém seu grupo de seguidores iluminados unido apesar de várias dificuldades inevitáveis. Aqueles iniciados podem reconhecer uns aos outros não pela individualidade de seus trajes, mas por uma troca de reconhecimentos. Ao se encontrarem, o primeiro precisa entoar: "A essência do tudo é a divindade do verdadeiro." A resposta adequada a isso é: "A visão das visões cura a cegueira da visão." Assim se dá o aperto de mãos espiritual. Eu não ouvi nada aos pés do Bhagwan (é preciso

sentar de pernas cruzadas) que fosse mais profundo que isso. Havia maior ênfase no amor, em seu sentido eterno, do que no círculo do dr. Trelawney, e certamente havia mais ênfase no sexo, em seu sentido imediato, mas no conjunto a instrução era inócua. Ou seria, não fosse por um cartaz na entrada da tenda de pregação do Bhagwan. Esse pequeno cartaz nunca deixou de me irritar. Ele dizia: "Sapatos e mentes devem ser deixados no portão." Havia uma pilha de sapatos e sandálias junto a ele, e em minha condição transcendente eu quase conseguia imaginar um monte de mentalidades abandonadas e vazias cercando aquele pequeno lema literalmente irracional. Eu cheguei até mesmo a tentar uma rápida paródia de um *koan* zen: "Qual é a visão de uma mente descartada?"

Para o visitante extasiado ou o turista, o *ashram* tem o aspecto externo de um belo *resort* espiritual, onde é possível murmurar sobre o além em um ambiente exótico e luxuriante. Mas dentro de seu recinto sagrado, como eu logo descobri, operava um princípio mais sinistro. Muitas personalidades abaladas e perturbadas iam a Puna em busca de conselhos e orientação. Várias delas eram ricas (a lista de clientes ou peregrinos incluía um membro distante da família real britânica), e de início eram instadas — como em muitos credos — a abrir mão de seus bens materiais. A prova da eficácia desse conselho podia ser vista na frota de automóveis Rolls-Royce mantida pelo Bhagwan e considerada a maior coleção do tipo em todo o mundo. Após essa tosquia relativamente rápida, os iniciados eram transferidos para sessões de "grupo", nas quais começavam os negócios realmente sujos.

O filme *Ashram*, de Wolfgang Dobrowolny, produzido em segredo por um ex-devoto e adaptado para meu documentário, mostra a expressão "brincalhona" *kundalini* sob uma nova luz. Em uma cena representativa, uma jovem é despida e cercada por um grupo de homens que vociferam para ela, chamando a atenção para todos os seus problemas físicos e psíquicos até ela chegar abjetamente a lágrimas e pedidos de desculpas. Nesse momento ela é abraçada, acolhida e confortada, e ouve que agora tem "uma família". Soluçando com alívio masoquista, ela humildemente ingressa na tribo. (Não ficou de modo algum claro o que ela teve de fazer para receber as roupas de volta, mas eu ouvi alguns depoimentos confiáveis e feios sobre essa questão.) Em outras sessões envolvendo homens, as coisas eram suficientemente duras para ossos serem quebrados e vidas perdidas: o principezinho alemão da Casa de Windsor nunca foi visto novamente, e seu corpo foi rapidamente cremado sem o aborrecimento de uma autópsia.

Foi dito a mim em tom de respeito e reverência que "o corpo do Bhagwan

tem algumas alergias", e pouco depois de minha estadia ele deixou o *ashram* e então aparentemente decidiu que não tinha uso para sua casca terrena. Eu nunca descobri o que aconteceu com sua coleção de Rolls-Royces, mas seus acólitos receberam alguma espécie de mensagem para que se reunissem na pequena cidade de Antelope, Oregon, Estados Unidos, nos primeiros meses de 1983. E eles o fizeram, embora dessa vez menos comprometidos com o estilo pacífico e relaxado. Os habitantes locais ficaram desconcertados ao descobrir uma instalação armada sendo erguida em sua vizinhança, com forças de segurança sisudas vestidas de laranja. Aparentemente, foi feita uma tentativa de criar espaço para o novo *ashram*. Em um episódio bizarro, descobriu-se que material venenoso tinha sido espalhado sobre os produtos do supermercado de Antelope. A comuna finalmente desmoronou e se dispersou em meio a recriminações em série, e eu certa vez me deparei com refugiados de olhos vazios da longa e desorientadora instrução do Bhagwan. (Ele mesmo reencarnou como "Osho", em cuja homenagem até alguns anos atrás era produzida uma revista brilhante mas idiota. Provavelmente ainda sobrevivem remanescentes de seus seguidores.) Eu diria que o povo de Antelope, Oregon, perdeu por muito pouco a oportunidade de se tornar tão famoso quanto o de Jonestown.

El sueño de la razón produce monstruos. "O sono da razão produz monstros", bem se disse. O imorredouro Francisco Goya nos deu uma gravura com esse título em sua série *Los Caprichos*, em que um homem em um sono indefeso é assombrado por morcegos, corujas e outras criaturas da noite. Mas um número extraordinário de pessoas parece acreditar que a mente e a capacidade de raciocínio — a única coisa nos distingue de nossos parentes animais — são coisas de que desconfiar e mesmo que devem ser embotadas na medida do possível. A busca do nirvana e a dissolução do intelecto continuam. E sempre que isso é tentado produz um efeito aguado no mundo real.

"Um com tudo." Esse é o humilde pedido do budista ao vendedor de cachorro-quente. Mas quando o budista entrega uma nota de vinte dólares ao vendedor pelo seu pãozinho atulhado, espera muito tempo pelo troco. Quando ele finalmente o pede, é informado de que "a retribuição vem de dentro". Toda essa retórica é fácil demais de parodiar, assim como a do cristianismo missionário. Eu certa vez visitei, na velha catedral anglicana de Calcutá, a estátua do bispo Reginald Heber, que encheu os hinários da Igreja da Inglaterra com versos como estes:

> *Que importa que a brisa do trópico*
> *Sopre suave sobre a ilha do Ceilão,*

Onde todas as paisagens encantam,
E apenas o homem é vil.
Que importa que com gentileza amorosa
Os presentes de Deus sejam depositados;
O selvagem em sua cegueira
Se curva a madeira e pedra.

É em parte em reação à condescendência de velhos idiotas coloniais como este que muitos ocidentais passaram a reverenciar as religiões aparentemente mais sedutoras do Oriente. De fato, o Sri Lanka (o nome moderno da adorável ilha do Ceilão) é um lugar de grande encanto. Seu povo é conhecido por sua gentileza e generosidade: como o bispo Heber pôde ousar retratá-lo como vil? Porém, o Sri Lanka é agora um país quase inteiramente arruinado e desfigurado pela violência e pela repressão, e as forças em luta são principalmente budistas e hindus. O problema começa com o próprio nome do Estado: "Lanka" é o nome da ilha no antigo idioma cingalês, e o prefixo "Sri" significa simplesmente "Santo" no sentido budista do termo. Esse novo batizado pós-colonial fez com que os tâmeis, que são basicamente hindus, se sentissem imediatamente excluídos. (Eles preferem chamar sua terra natal de "Eelam".) Não demorou para que esse tribalismo étnico, reforçado pela religião, arruinasse a sociedade.

Embora eu pessoalmente ache que a população tâmil tem um razoável ressentimento contra o governo central, não possível perdoar a liderança de sua guerrilha por ter sido a pioneira, muito antes do Hezbollah e da Al-Qaeda, na lamentável tática do assassinato suicida. Essa técnica bárbara, que também foi empregada por eles para assassinar um presidente eleito da Índia, não desculpa os pogroms de tâmeis liderados pelos budistas ou o assassinato, por um sacerdote budista, do primeiro presidente eleito do Sri Lanka independente.

Alguns dos leitores destas páginas ficarão compreensivelmente chocados ao descobrirem a existência de assassinos e sádicos hindus e budistas. Talvez eles imaginem vagamente que orientais contemplativos, devotados a dietas vegetarianas e rotinas meditativas, são imunes a essas tentações. Pode-se até argumentar que o budismo não é, no sentido que damos à palavra, uma "religião". Ainda assim, Buda teria deixado um de seus dentes no Sri Lanka, e eu certa vez participei de uma cerimônia que envolvia uma rara apresentação pública, pelos sacerdotes, desse objeto engastado em ouro. O bispo Heber não mencionou osso em seu hino idiota, talvez porque os cristãos sempre se congregaram para se curvarem a ossos de supostos santos e para mantê-los em medonhos relicários em suas igrejas e catedrais. Como quer que seja, na "propiciação dental" eu não tive qualquer sensação de paz e bem-aventurança

interna. Ao contrário, eu me dei conta de que teria uma grande chance de ser desmembrado se fosse tâmil.

A espécie humana é uma espécie animal sem grande variedade interna, e é vão e fútil imaginar que uma viagem, digamos, ao Tibete revele uma harmonia inteiramente diferente com a natureza ou a eternidade. O Dalai Lama, por exemplo, é total e facilmente identificável como um secularista. Exatamente da mesma forma como um principezinho medieval, ele alega não apenas que o Tibete deve ser independente da hegemonia chinesa — uma exigência "perfeitamente boa", se posso apresentar assim na linguagem cotidiana —, mas que ele mesmo é um rei hereditário escolhido pelos céus. Quão conveniente! Seitas dissidentes de sua fé são perseguidas; seu governo personalista em um enclave indiano é absoluto. Ele faz pronunciamentos absurdos sobre sexo e dieta e, quando em suas visitas a arrecadadores de recursos de Hollywood, unge grandes doadores como Steven Segal e Richard Gere, como santos. (Na verdade, o sr. Gere fez um beicinho quando o sr. Segal foi investido como *tulku*, uma pessoa de grande iluminação. Deve ser chato ser superado por um lance em um leilão espiritual como esse.) Devo admitir que o atual "Dalai", ou lama supremo, é um homem de algum encanto e presença, como admito que a atual rainha da Inglaterra é uma pessoa de mais integridade que a maioria de seus predecessores, mas isso não invalida a crítica à monarquia hereditária, e os primeiros estrangeiros em visita ao Tibete ficaram imediatamente chocados com o domínio feudal e as punições hediondas que mantinham a população em permanente servidão a uma elite monástica parasitária.

Como alguém poderia facilmente provar que a fé "oriental" se identifica com as suposições inverificáveis da religião "ocidental"? Eis uma declaração decidida de "Gudo", um festejado budista japonês da primeira metade do século XX:

> Como propagador do budismo, eu ensino que "todos os seres sencientes têm a natureza de Buda" e que "no Darma há igualdade, sem superior nem inferior". Além disso, eu ensino que "todos os seres sencientes são meus filhos". Tendo tomado essas palavras de ouro como a base de minha fé, eu descobri que elas estão perfeitamente de acordo com os princípios do socialismo. Foi assim que eu passei a crer no socialismo.

Aí está novamente: uma suposição não embasada de que alguma "força" externa não identificada tem sua própria mente, e a sugestão disfarçada mas ameaçadora de que qualquer um que discorde de alguma forma se opõe ao desejo sagrado ou paternal. Eu extraí essa passagem do livro exemplar *Zen at War*, de Brian Victoria, que descreve o modo pelo qual os budistas japoneses decidiram que Gudo estava certo no geral mas errado em particular. As pessoas

de fato deviam ser consideradas filhas, como são por todas as crenças, mas na verdade era o fascismo, e não o socialismo, que Buda e o Darma cobravam delas.

O sr. Victoria é um adepto do budismo e alega — isso é problema dele — ser também um sacerdote. Ele certamente leva sua fé a sério e sabe muito sobre o Japão e os japoneses. Seu estudo da questão mostra que o budismo japonês se tornou um servo leal — até mesmo um defensor — do imperialismo e do assassinato em massa, e foi assim nem tanto por ser japonês, mas por ser budismo. Em 1938, líderes da seita Nichiren fundaram um grupo dedicado ao "Budismo do Caminho Imperial". Ele declarou o seguinte:

> O Budismo do Caminho Imperial se vale da preciosa verdade do Sutra de Lótus para revelar a essência majestosa do Estado nacional. Exaltar o verdadeiro espírito do Budismo Mahaiana é um ensinamento que apoia reverentemente a obra do imperador. Foi o que quis dizer o fundador de nossa seita, santo Nichiren, quando se referiu à unidade divina do Soberano e de Buda. (...) Por essa razão, a principal imagem de adoração do Budismo do Caminho Imperial não é a do Buda Shakyamuni que apareceu na Índia, mas sua majestade o imperador, cuja linhagem se estende a mais de dez mil gerações.

Efusões como essas — por mais infelizes que sejam — estão além da crítica. Elas consistem, como a maioria das profissões de fé, em meramente *supor* o que não pode ser provado. Assim, uma afirmação vazia é então seguida pelas palavras "por essa razão", como se todo o trabalho lógico tivesse sido feito com a afirmativa. (Todas as declarações do Dalai Lama, que por acaso não defende o massacre imperialista mas que publicamente recebeu bem os testes nucleares do governo indiano, também são do mesmo tipo *non sequitur*.) Os cientistas têm uma expressão para hipóteses que são absolutamente inúteis até mesmo para aprender com os erros. Eles se referem a elas como não sendo "sequer erradas". A maioria do chamado discurso espiritual é desse tipo.

Vocês perceberão, ademais, que, assim como essa escola de budismo, há outras escolas de budismo igualmente "contemplativas" que estão erradas. E exatamente o que um antropólogo da religião esperaria encontrar em algo que, tendo sido fabricado, estava condenado a ser cismático. Mas com base em quê um devoto do Buda Shakyamuni argumenta que seus colegas japoneses estavam errados? Certamente não usando raciocínio ou provas, que são algo estranho àqueles que falam da "preciosa verdade do Sutra de Lótus".

As coisas foram de mal a pior assim que os generais japoneses reduziram à absoluta obediência seus zumbis obedientes ao Zen. A China continental se tornou um campo de morte, e todas as grandes seitas do budismo japonês se uniram para fazer a seguinte proclamação:

> Reverenciando a política imperial de preservar o Oriente, os súditos do Japão imperial têm o destino humanitário de um bilhão de pessoas de cor. (...) Acreditamos que é o momento de efetuar uma grande mudança no rumo da história humana, que tem sido centralizada nos caucasianos.

Isso segue a linha adotada pelo xintoísmo — outra quase religião que desfrutava do apoio do Estado — de que os soldados japoneses realmente tombavam pela causa da independência asiática. Todos os há uma famosa controvérsia sobre se os líderes civis e espirituais do Japão devem visitar o santuário de Yakasuni, que oficialmente enobrece o exército de Hiroshito. Todos os anos, milhões de chineses, coreanos e birmaneses protestam dizendo que o Japão não era o inimigo do imperialismo ocidental no Oriente, e sim uma forma nova e mais criminosa dele, e que o santuário de Yakasuni é um local de horrores. Contudo, é interessante notar que os budistas japoneses da época consideravam a filiação de seu país ao Eixo nazifascista uma manifestação de teologia da libertação. Ou, como declarou na época a liderança budista unificada:

> De modo a estabelecer a paz eterna na Ásia Oriental, suscitando a grande benevolência e compaixão do budismo, somos algumas vezes acolhedores e algumas vezes vigorosos. Agora não temos escolha a não ser exercer o vigor benevolente de "matar um para que muitos vivam" (*issatsu tasho*). Isso é algo que o budista mahaiana aprova apenas com grande seriedade.

Nenhum defensor da "guerra santa" ou da "cruzada" poderia dizer melhor. A parte da "paz eterna" é particularmente excelente. Ao final do conflito pavoroso que o Japão tinha iniciado, eram os sacerdotes budistas e xintoístas que estavam recrutando e treinando os fanáticos bombardeiros suicidas, ou camicazes ("vento divino"), assegurando a eles que o imperador era um "Rei Sagrado que Gira a Roda Dourada", de fato uma das quatro manifestações do monarca budista ideal e um *Tathagata*, ou "ser completamente iluminado" do mundo material. E como "Zen trata a vida e a morte indiferentemente", por que não abandonar as preocupações deste mundo e adotar uma política de prostração aos pés de um ditador homicida?

Este caso medonho também ajuda a fortalecer minha posição geral de considerar a "fé" uma ameaça. Eu deveria poder fazer meus estudos e minhas pesquisa em uma casa, e os budistas girarem sua roda em outra. Mas o desprezo pelo intelecto tem uma estranha forma de *não* ser passivo. Podem acontecer duas coisas: aqueles que são inocentemente crédulos podem se tornar presa fácil para aqueles menos escrupulosos que buscam "liderá-los" e "inspirá-los". Ou aqueles cuja credulidade levou sua própria sociedade à estagnação podem buscar a solução não estudando a si mesmos, mas culpando os outros pelo seu atraso. As

duas coisas aconteceram na sociedade mais consagradamente "espiritual" de todas.

Embora muitos budistas hoje lamentem essa tentativa deplorável de provar sua própria superioridade, até agora nenhum deles foi capaz de demonstrar que o budismo estava errado em seus próprios termos. Uma fé que despreza a mente e o indivíduo livre, que prega a submissão e a resignação e que considera a vida algo pobre e transitório está mal equipada para a autocrítica. Aqueles que se cansaram das religiões da "Bíblia" convencionais e buscam "iluminação" por intermédio da dissolução de suas próprias faculdades críticas em alguma forma de nirvana devem ficar alertas. Eles podem pensar que estão abandonando o reino do desprezível materialismo, mas ainda está sendo pedido que eles adormeçam seu raciocínio e descartem suas mentes juntamente com suas sandálias.

(*) Modo de viver de um *sannyasir*, devoto de Bhagwan Sri Rajneesh (Osho), caracterizado por uma atitude de liberdade e rebelião contra estruturas ou convencionalismo. (N. do E.)

15. A religião como pecado original

De fato, há várias formas pelas quais a religião é não apenas amoral, mas decididamente imoral. E essas falhas e esses crimes não são encontrados no comportamento de seus adeptos (que algumas vezes pode ser exemplar), mas em seus preceitos originais. Entre eles:

- Apresentar um retrato falso do mundo aos inocentes e crédulos.
- A doutrina do sacrifício de sangue.
- A doutrina da expiação.
- A doutrina da recompensa e/ou punição eternas.
- A imposição de tarefas e regras impossíveis.

O primeiro ponto já foi abordado. Todos os mitos de criação de todos os povos são há muito reconhecidos como falsos, e eles muito recentemente foram substituídos por explicações infinitamente superiores e mais magníficas. A sua lista de desculpas a religião deveria simplesmente acrescentar uma desculpa por impingir pergaminhos feitos pelo homem e mitos folclóricos aos ingênuos e por demorar tanto a admitir que isso foi feito. Percebe-se a relutância em fazer essa admissão, já que isso poderia levar à destruição de toda a visão de mundo religiosa, mas quanto mais isso demora mais hedionda a negação se torna.

Sacrifício de sangue

Antes do surgimento do monoteísmo, os altares da sociedade primitiva cheiravam a sangue, muito dele humano, sendo parte de bebês. A sede disso, pelo menos em forma animal, ainda está conosco. Judeus devotos estão neste momento tentando criar a imaculadamente pura "novilha vermelha" mencionada no Livro dos Números, capítulo 19, que, se sacrificada mais uma vez de acordo com o ritual exato e meticuloso, irá produzir a volta dos sacrifícios animais no Terceiro Templo e acelerar o final dos tempos e o advento do Messias. Isso pode

parecer apenas absurdo, mas uma equipe de fazendeiros cristãos igualmente maníacos está tentando, no momento em que escrevo, ajudar seus colegas fundamentalistas utilizando técnicas de criação especiais (tomadas emprestadas ou roubadas da ciência moderna) para produzir um animal "Red Angus" perfeito em Nebraska. Enquanto isso, em Israel, os judeus fanáticos pela Bíblia também estão tentando criar uma criança humana em uma "bolha" pura, livre de contaminação. Quando essa criança atingir a idade certa, terá o privilégio de cortar a garganta daquela novilha. Isso idealmente deveria ser feito no monte do Templo, que de forma incômoda é espaço dos locais sagrados muçulmanos, mas ainda assim o ponto exato em que Abraão supostamente teria erguido a faca acima do corpo vivo de seu próprio filho. Outras eviscerações e degolas rituais, especialmente de ovelhas, ocorrem todos os anos nos mundos cristão e judaico, para celebrar a Páscoa ou a festa de Eid.

Esta última, que homenageia a disposição de Abraão de sacrificar seu próprio filho, é comum a todos os três monoteísmos, e descende de seus ancestrais primitivos. Não há como amenizar o claro sentido dessa história assustadora. O prelúdio envolve uma série de vilanias e ilusões, desde a sedução de Lot por suas filhas até o casamento de Abraão com sua meia irmã, o nascimento de Isaac do ventre de Sara quando Abraão tinha 100 anos de idade e muitos outros críveis ou inacreditáveis crimes e transgressões rústicos. Talvez atormentado por uma consciência ruim, mas de qualquer forma acreditando ser ordem de Deus, Abraão concordou em assassinar seu filho. Ele preparou a lenha do holocausto, colocou o garoto amarrado sobre ela (assim demonstrando que conhecia o procedimento) e da faca para tomou matar a criança como um animal. No último instante sua mão foi detida, não por um deus, mão mas por um anjo, e ele foi louvado desde as nuvens por demonstrar sua inflexível disposição de assassinar um inocente para expiar seus próprios crimes. Como recompensa por sua lealdade, ele recebeu a promessa de uma grande a e duradoura posteridade.

Não muito tempo depois (embora a narrativa do Gênesis não seja muito clara em relação ao tempo), sua esposa Sara morreu com a idade 127 anos, e seu zeloso marido encontrou um local para enterrá-la em uma caverna na cidade de Hebron. Tendo sobrevivido a ela chegando à bela idade de 175 anos e sido pai de seis outros filhos nesse ínterim, Abraão finalmente foi enterrado na mesma caverna. Até hoje pessoas religiosas se matam e matam os filhos dos outros pelo direito à posse exclusiva desse não identificável e não localizável buraco em uma montanha.

Houve um terrível massacre de judeus moradores de Hebron durante a

revolta árabe de 1929, quando 67 judeus foram assassinados. Muitos deles eram seguidores de Lubavitch que consideravam os não-judeus racialmente inferiores e tinham se mudado para Hebron por acreditarem no mito do Gênesis, mas isso não desculpa o pogrom. Tendo permanecido fora das fronteiras de Israel até 1967, a cidade foi tomada naquele ano pelas forças israelenses com grande festa e se tornou parte da margem ocidental ocupada. Colonos judeus começaram a "retornar" sob a liderança de um rabino particularmente violento e detestável chamado Moshe Levinger e a construir um assentamento armado chamado Kiryat Arba, acima da cidade, bem como alguns assentamentos menores dentro dela. Os muçulmanos entre os habitantes basicamente árabes continuaram a alegar que o louvável Abraão realmente tinha estado disposto a assassinar seu filho, mas apenas para a religião *deles*, e não para os judeus. Isso é o que significa "submissão". Quando visitei o local, descobri que a suposta "Gruta do Patriarca" ou "Gruta de Machpela" tinha entradas separadas e diferentes locais de veneração para os dois grupos em disputa terem o direito de celebrar essa atrocidade usando seus próprios nomes.

Um pouco antes de minha chegada tinha ocorrido outra atrocidade. Um fanático israelense chamado dr. Baruch Goldstein tinha ido a caverna e, puxando a arma automática que tinha o direito de carregar, disparou contra a congregação muçulmana. Ele matou 27 fiéis e feriu incontáveis outros antes de ser subjugado e espancado até a morte. Revelou-se que muitas pessoas já sabiam que o dr. Goldstein era perigoso. Quando servia como médico no exército israelense ele anunciara que não iria cuidar de pacientes não-judeus, como árabes israelenses, especialmente no sabá. Ele, claro, estava obedecendo à lei rabínica ao fazer isso, como confirmaram os tribunais israelenses, de modo que uma forma fácil de identificar um assassino desumano era perceber que ele era guiado por uma observância sincera e literal da instrução divina. Desde então, foram erguidos santuários em seu nome pelos judeus obstinadamente observantes, e dos rabinos que condenaram seu ato, nenhum o fez em termos inequívocos. A maldição de Abraão continua a envenenar Hebron, mas o mandato religioso para o sacrifício de sangue envenena toda a nossa civilização.

Expiação

Sacrifícios humanos anteriores, como os dos astecas, e outras cerimônias que

nos causam repugnância eram comuns no mundo antigo e assumiram a forma de assassinato propiciatório. Supunha-se que a oferenda de uma virgem, um bebê ou um prisioneiro aplacava os deuses: mais uma vez, não é um bom anúncio das propriedades morais da religião. O "martírio", ou sacrifício deliberado de si mesmo pode ser visto de uma forma ligeiramente diferente, como no caso do Sati, ou "suicídio" das viúvas hindus. Essa prática acabou sendo proibida pelos britânicos na Índia por razões tanto imperiais quanto cristãs. Aqueles "mártires" que querem matar os outros, além de si mesmos, em um ato de exaltação religiosa são vistos de forma ainda mais distinta: o islamismo é ostensivamente contrário ao suicídio *per se*, mas parece não conseguir decidir se condena ou recomenda o ato de tal grandiosa *shahid*.

Contudo, a ideia de uma expiação por delegação, do tipo que muito perturbou C S. Lewis, é um refinamento da antiga superstição. Mais uma vez temos um pai que demonstra seu amor sujeitando um filho à morte por tortura, mas dessa vez o pai não está tentando impressionar Deus. Ele é Deus, e está tentando impressionar os humanos. Pergunte a si mesmo qual é a moral do que vem a seguir: falam a mim de um sacrifício humano que aconteceu dois mil anos atrás, sem que eu o desejasse e em circunstâncias tão horrendas que, se eu estivesse presente e tivesse qualquer influência, estaria obrigado a tentar impedi-lo. Em consequência desse assassinato, meus próprios numerosos pecados são perdoados, e eu posso esperar desfrutar da vida eterna.

Vamos agora ignorar todas as contradições entre aqueles que contam a história original e supor que ela é basicamente verdade. Quais são as implicações? Elas não são tão tranquilizadoras quanto parecem inicialmente. Para começar, para conquistar o benefício dessa oferta maravilhosa, eu tenho de aceitar que sou *responsável* pelo açoitamento, pelo deboche e pela crucificação, na qual eu não tive voz nem participação, e concordar em que todas as vezes que eu evito essa responsabilidade ou que peco em palavra ou ato estou intensificando sua agonia. Ainda mais, é exigido que eu acredite que a agonia era *necessária*, de modo a compensar um crime anterior no qual eu também não tive participação, o pecado de Adão. É inútil objetar que Adão parece ter sido criado com insatisfação e curiosidade insaciáveis, e depois proibido de dar vazão a isso: tudo isso foi estabelecido muito antes até mesmo do nascimento de Jesus. Dessa forma, minha própria culpa na questão é considerada "original" e inescapável. Contudo, ainda assim me é concedido livre-arbítrio para rejeitar a oferta de expiação por delegação. Se eu exercer esse direito, porém, enfrentarei uma eternidade de tortura muito mais tenebrosa do que qualquer coisa suportada no

Calvário, ou qualquer coisa usada para ameaçar aqueles que pela primeira vez ouviram os Dez Mandamentos.

Acompanhar a história não é uma tarefa fácil, pela descoberta necessária de que Jesus ao mesmo tempo *desejava* e *precisava* morrer, foi para Jerusalém na Páscoa. para fazer isso, e que todos os que tomaram parte em seu assassinato estavam sem saber, fazendo a vontade de Deus e cumprindo antigas profecias. (Descontada a versão gnóstica, isso torna altamente improvável que Judas, que supostamente desempenhou o papel estranhamente redundante de identificar um pregador bem conhecido para aqueles que estavam à caça dele, merecesse sofrer tal opróbrio. Sem ele, não poderia haver uma Sexta-Feira Santa, como os cristãos ingenuamente a chamam quando não estão com disposição vingativa.)

Há a acusação (encontrada em apenas um dos Evangelhos) de que os judeus que condenaram Jesus pediram que seu sangue caísse "sobre eles", e sobre seus filhos. Esse não é um problema que diga respeito apenas aos judeus, ou àqueles católicos que se incomodam com o histórico de antissemitismo cristão. Suponha que o Sinédrio realmente *tivesse* feito tal como Maimônides achava que tinha feito e que deveria ter feito. Como esse pedido poderia ser aplicado às gerações posteriores? Lembre-se de que o Vaticano não afirmou que *alguns judeus* tinham matado Cristo. Ele afirmou que foram *os judeus* que ordenaram sua morte, e que o povo judeu como um todo tinha uma responsabilidade coletiva. Parece bizarro que a Igreja não tenha se disposto a retirar a acusação de "teicídio" judeu generalizado até muito recentemente. Mas é fácil descobrir o segredo dessa relutância. Se você admitir que os descendentes dos judeus não estão implicados, se torna muito difícil argumentar que todos os outros que não estavam presentes também estão implicados. Como de hábito, uma falha no tecido ameaça rasgar toda a peça (ou transformá-la simplesmente em algo feito e tecido pelo homem, como o desacreditado Sudário de Turim). A coletivização da culpa, em síntese, é imoral em si, como a religião ocasionalmente foi obrigada a admitir.

Punição eterna e tarefas impossíveis

A história do Jesus no Jardim de Getsêmani costumava me absorver muito quando eu era criança, porque a "quebra" da ação e sua choradeira humana me faziam pensar se uma parte do roteiro fantástico poderia afinal ser verdade. De fato, Jesus pergunta: "*Terei* de passar por isso?" E uma pergunta impressionante e

inesquecível, e há muito eu decidi que iria alegremente arriscar minha própria alma na crença de que a única resposta certa a ela é "não". Não podemos, como os apavorados camponeses da antiguidade, esperar lançar todos os nossos crimes em um cabrito e então enviar o infeliz animal para o deserto. Nossa linguagem cotidiana é bastante clara em ver o "bode expiatório" com desprezo. E a religião é bode expiatório escrito em maiúsculas. Eu posso pagar sua dívida, minha querida, caso você tenha sido imprudente, e, se eu fosse um herói como Sidney Carton em *Um conto de duas cidades*, eu poderia até mesmo cumprir sua pena na prisão ou ocupar seu lugar no cadafalso. Homem algum tem maior amor. Mas eu não posso absolvê-la de suas responsabilidades. Seria imoral oferecer isso, e imoral você aceitar. E se a mesma oferta vem de uma outra época, por intercessão de intermediários e acompanhada de incentivos, perde toda a sua grandeza e degrada em pensamento positivo ou, pior, uma combinação de chantagem com suborno.

A degeneração final de tudo isso em uma mera barganha foi deixada desagradavelmente clara por Blaise Pascal, cuja teologia não está distante da sordidez. Sua festejada aposta é apresentada de uma forma pervertida: o que você tem a perder? Se você acredita em Deus e há um deus, você ganha. Se você acredita nele e está errado, e daí? Eu certa vez escrevi uma resposta a esse ardiloso exemplo de como cobrir apostas que assumiu duas formas. A primeira foi uma versão da hipotética réplica de Bertrand Russell à hipotética pergunta: o que você dirá se morresse e fosse confrontado por seu Criador? Sua resposta? "Eu diria, Ó, Deus, você não nos deu provas suficientes." Minha própria réplica: "Imponderável Senhor, eu presumo por algumas, se não todas as suas reputações, que o Senhor prefere descrença honesta e convencida à hipócrita e egoísta afetação de fé ou os tributos fumegantes dos altares ensanguentados." Mas eu não contaria com isso.

Pascal me recorda os hipócritas e as fraudes que abundam na racionalização talmúdica judaica. Não faça nenhum trabalho no sabá, mas pague a alguém para fazer. Você obedeceu à letra da lei: quem está contando? O Dalai Lama nos diz que você pode visitar uma prostituta desde que outra pessoa pague por ela. Os muçulmanos xiitas oferecem "casamento temporário", vendendo aos homens a permissão de tomar uma esposa por uma ou duas horas com os votos habituais e depois se divorciar quando tiver terminado. Metade dos esplêndidos prédios de Roma não teria sido construída se a venda de indulgências não tivesse sido tão lucrativa. A própria Basílica de São Pedro foi financiada por uma oferta especial desse tipo. O novo papa, o ex-Joseph Ratzinger, recentemente atraiu jovens

católicos para um festival oferecendo uma certa "remissão de pecados" aos que comparecessem.

Esse patético espetáculo moral não seria necessário se as regras originais fossem passíveis de obediência. Mas aos éditos totalitários que começam com a revelação da autoridade absoluta e que são aplicados por intermédio do medo — e baseados em um pecado que foi cometido há muito tempo —, que frequentemente são ao mesmo tempo imorais e impossíveis. O princípio fundamental do totalitarismo é produzir leis que são *impossíveis de obedecer*. A tirania resultante é ainda mais impressionante se puder ser conduzida por uma casta ou um grupo privilegiado que seja altamente zeloso na identificação do erro. A maioria da humanidade, ao longo da história, viveu sob alguma forma dessa ditadura ignorante, e uma grande parcela dela ainda vive. Permita-me dar alguns exemplos das regras que devem, mas não podem, ser seguidas.

O mandamento do Sinai que proíbe as pessoas até mesmo de *pensar* em cobiçar bens é a primeira pista. Ele é repetido no Novo Testamento pela injunção que determina que um homem que olha para uma mulher da forma errada na verdade já cometeu adultério. E é quase igualado pela atual proibição muçulmana e antiga proibição cristã de emprestar dinheiro a juros. Tudo isso, de formas diferentes, tenta colocar restrições impossíveis à iniciativa humana. A primeira é por um contínuo tormento e mortificação da carne, acompanhados por uma luta incessante contra pensamentos "impuros" que se tornam reais assim que são identificados, ou mesmo imaginados. Isso produz histéricas confissões de culpa, falsas promessas de melhoria e estridentes e violentas denúncias contra outros apóstatas e pecadores: um estado policial espiritual. A segunda solução é a hipocrisia organizada, em que comidas proibidas recebem novos nomes ou em que uma doação às autoridades religiosas compra algum espaço de manobra, a ortodoxia ostentatória compra algum tempo, ou em que conta bancária determinado valor pode ser depositado e depois devolvido — talvez com uma pequena percentagem acrescentada de forma não usurária — a outra. Poderíamos chamar isso de república de bananas espiritual. Muitas teocracias, da Roma medieval à moderna Arábia Saudita wahabita, conseguiram ser Estados policiais espirituais e repúblicas de bananas espirituais ao mesmo tempo.

Essa objeção se aplica até mesmo a algumas das regras mais nobres e básicas. A ordem de "amar o próximo" é suave, e ainda assim dura: uma lembrança da obrigação para com os outros. A ordem de "amar o *próximo como a si mesmo*" é extrema demais e difícil demais de ser obedecida, assim como a instrução difícil

de interpretar de amar os outros "como eu vos amei". Humanos não são constituídos de modo a se preocuparem com os outros tanto quanto consigo mesmos: isso simplesmente não pode ser feito (como qualquer "criador" inteligente compreenderia bem estudando seu próprio projeto). Conclamar humanos a ser sobre-humanos, sob pena de morte e tortura, é conclamar a uma terrível humilhação com o repetido e inevitável fracasso em seguir as regras. E, enquanto isso, que sorriso no rosto daqueles que aceitaram as doações em dinheiro que são feitas no lugar disso! A chamada Regra de Ouro, algumas vezes desnecessariamente identificada com uma história folclórica sobre o rabino babilônico Hillel, simplesmente nos estimula a tratar os outros como gostaríamos que os outros no tratassem. Esse preceito sóbrio e racional, que é possível ensinar a qualquer criança com sua noção inata de justiça (e que acaba com todas as "beatitudes" e parábolas de Jesus), está perfeitamente ao alcance de qualquer ateu e não demanda masoquismo e histeria, ou sadismo e histeria quando violado. Ele é lentamente aprendido, como parte da evolução dolorosamente lenta da espécie, e uma vez compreendido nunca é esquecido. A consciência comum dá conta disso, sem a necessidade de qualquer ira celeste por trás.

Quanto às regras mais básicas, só é preciso mais uma vez considerar o argumento do projeto. As pessoas querem enriquecer e progredir, e embora elas possam muito bem emprestar ou mesmo dar dinheiro a um amigo ou parente necessitado e não pedir nada a não ser a devolução ou o reconhecimento grato, não adiantarão dinheiro para completos estranhos sem esperar lucro. Por acaso, a cupidez e a avareza são os motores do desenvolvimento econômico. Nenhum estudioso do assunto, de David Ricardo a Karl Marx, passando por Adam Smith, ignorou este fato. Não é "da benevolência do padeiro", observou Smith de sua contundente maneira escocesa, que esperamos nosso pão de cada dia, mas de seu interesse pessoal em assá-lo e vendê-lo. Seja como for, a pessoa pode escolher ser altruísta, seja lá o que isso signifique, mas por definição ela não pode ser *compelida* ao altruísmo. Talvez pudéssemos ser mamíferos melhores se não fossemos "feitos" dessa forma, mas certamente nada pode ser mais tolo do que ter um "criador" que depois proíbe o mesmo instinto que ele instilou.

"Livre-arbítrio", respondem os casuístas. Você também não precisa obedecer às leis contra assassinato ou roubo. Bem, a pessoa pode ser geneticamente programada para uma certa dose de agressão, ódio e ganância, e ainda assim evoluir o bastante para evitar seguir todos os impulsos. Se nos entregássemos a todos os nossos instintos básicos o tempo todo, a civilização teria sido impossível

e não haveria como continuar essa discussão. Contudo, não pode haver dúvidas de que um ser humano, esteja ele de pé ou deitado, descobre que sua mão repousa justamente perto da genitália. Sem dúvida útil para afastar os agressores primevos assim que nossos ancestrais decidiram correr o risco de ficar eretos e expor as vísceras, isso é ao mesmo tempo um privilégio e uma provocação negada à maioria dos quadrúpedes (alguns dos quais compensam isso conseguindo levar suas bocas ao mesmo ponto que podemos atingir com nossos dedos e palmas). Agora: quem concebeu a regra de que essa fácil aposição do manual e do genital devia ser proibida, mesmo em pensamento? Para deixar ainda mais óbvio, quem ordenou que você *deve* tocar (por outras razões que não têm nada a ver com sexo ou reprodução, mas que também *não deve*? Aparentemente não há nenhuma verdadeira autoridade das Escrituras em relação a isso, mas quase todas as religiões tornaram a proibição quase absoluta.

É possível escrever quase um livro inteiro dedicado apenas à história grotesca da religião e do sexo, e ao medo sagrado do ato de procriação e seus impulsos e necessidades associados, da emissão de sêmen até a efusão de sangue menstrual. Mas uma forma conveniente de condensar toda essa história fascinante pode ser fazer apenas uma única pergunta provocativa.

16. A religião é abuso infantil?

> "Diga-me claramente, peço a você — me responda: imagine que você mesmo está construindo o edifício do destino humano com o objetivo de no final tornar as pessoas felizes, dar finalmente a elas paz e descanso, mas para isso você precisa inevitável e inescapavelmente torturar apenas uma pequena criatura, aquela mesma criança que estava batendo em seu peito com seu pequeno punho, e erguer seu edifício sobre as fundações de suas lágrimas injustificáveis — você concordaria em ser o arquiteto em tais condições? Diga-me a verdade."
>
> Ivan a Aliosha em *Os irmãos Karamázov*

Quando avaliamos se a religião fez "mais mal do que bem" — não que isso diga nada em relação a sua verdade ou autenticidade —, estamos lidando com uma questão imponderavelmente grande. Como poderemos saber quantas crianças tiveram suas vidas psicológicas e físicas irreparavelmente mutiladas pela inculcação compulsória da fé? Isso é quase tão difícil quanto determinar o número de sonhos e visões espirituais e religiosos que se tornaram "verdade", o que, de modo a ter qualquer espécie de valor, teria de ser comparado com todos aqueles não registrados e esquecidos que não se realizaram. Mas podemos ter certeza de que a religião sempre esperou agir sobre as mentes não formadas e indefesas dos jovens, e chegou a ponto de, para assegurar esse privilégio, fazer alianças com poderes seculares no mundo material.

Um dos grandes momentos de terrorismo moral da nossa literatura é o sermão feito pelo padre Arnall de em *Retrato do artista quando jovem*, de James Joyce. Esse desagradável velho padre está preparando Stephen Dedalus e seus outros "pupilos" para um retiro em homenagem a São Francisco Xavier (o homem que levou a inquisição à Ásia e cujos ossos ainda são reverenciados por aqueles que escolhem reverenciar ossos). Ele decide impressioná-los com um longo e maldoso relato da punição eterna, do tipo que a Igreja costumava utilizar quando ainda tinha confiança para agir assim. É impossível citar toda a arenga, mas há dois elementos particularmente fortes — relativos à natureza da tortura e a natureza do tempo — que são interessantes. E fácil ver que as palavras do padre

são elaboradas exatamente para assustar crianças. Em primeiro lugar as imagens são elas mesmas infantis. Na sessão sobre tortura, o próprio diabo faz uma montanha derreter como cera. Todas as doenças assustadoras são convocadas, e o medo infantil de que essa dor possa durar para sempre é habilidosamente manipulado. Quando diz respeito à imagem de uma unidade de tempo, vemos uma criança na praia brincando com grãos de areia, e depois a magnificação infantil das unidades ("Papai, e se houvesse um milhão de bilhão de zilhões de gatinhos, eles encheriam todo o *mundo*?"), e depois, acrescentando ainda mais multiplicidades, a evocação das folhas da natureza, e os facilmente imagináveis pelos, penas e escamas do animal de estimação da família. Por séculos, adultos foram pagos para assustar crianças dessa forma (e também para torturá-las, agredi-las e violá-las, como também fizeram na memória de Joyce e na memória de muitos outros).

As outras idiotices e crueldades inventadas pelo religioso também são fáceis de identificar. A ideia de tortura é tão velha quanto a maldade da humanidade, que é a única espécie capaz de imaginar como algo deve ser quando imposto a outra pessoa. Não podemos culpar a religião por esse impulso, mas podemos condená-la por institucionalizar e refinar a prática. Os museus da Europa medieval, da Holanda à Toscana, estão abarrotados de instrumentos e equipamentos nos quais homens santos trabalharam com afinco para descobrir por quanto tempo poderiam manter alguém vivo enquanto era tostado. Não é necessário entrar em maiores detalhes, mas também havia livros de instrução religiosos sobre essa arte e guias de identificação de heresia pela dor. Aqueles que não tinham sorte o bastante de poder participar desse auto de fé (como a sessão de tortura era conhecida) tinha o absoluto direito de fantasiar quantos pesadelos terríveis quisessem e de infligi-los verbalmente, de modo a manter os ignorantes em um estado de medo perpétuo. Em uma época em que havia muito pouco entretenimento público, uma boa fogueira, um bom desmembramento ou uma quebra na roda frequentemente eram a diversão que os santificados se preocupavam em dar. Nada confirma o caráter humano da religião de forma tão óbvia quanto a mente doentia que projetou o inferno, a a não ser a mente lamentavelmente limitada que não conseguiu descrever o céu — a não ser como um local de conforto terreno ou de tédio eterno.

Os infernos pré-cristãos também eram altamente desagradáveis e demandavam para sua invenção a mesma engenhosidade sádica. Contudo, alguns dos primeiros dos quais temos conhecimento — principalmente o hindu — tinham um limite de tempo. Um pecador podia, por exemplo, ser sentenciado

a um determinado número de anos no inferno, onde cada dia era contado como 6.400 anos humanos. Assim, se ele assassinasse um sacerdote, a sentença determinada seria de 149.504.000.000 anos. Depois desse tempo ele tinha direito ao nirvana, o que parecia significar aniquilação. Coube aos cristãos descobrir um inferno contra o qual não era possível recurso. (E a ideia pode ser facilmente copiada: eu certa vez ouvi Louis Farrakhan, líder da herética "Nação do Islã", exclusivamente negra, quando ele fazia um discurso odioso para uma malta no Madison Square Garden. Lançando ataques aos judeus, ele gritou: "E não se esqueçam — quando for Deus a colocá-los nos fornos, será PARA SEMPRE!")

A obsessão com crianças e com o rígido controle de sua criação tem sido parte de todos os sistemas de autoridade absoluta. Talvez tenha sido um jesuíta o primeiro citado como tendo dito "Dê-me a criança até os 10 anos e eu devolverei um homem", mas a ideia é muito mais antiga que a escola de Inácio de Loyola. A doutrinação dos jovens frequentemente tem o efeito contrário, como também sabemos pelo destino de muitas ideologias seculares, mas aparentemente os religiosos correm esse risco de modo a inculcar suficiente propaganda em meninos e meninas medianos. Que mais eles podem esperar fazer? Se o ensino religioso fosse proibido até a criança ter chegado à idade da razão, estaríamos vivendo em um mundo bastante diferente. Pais crentes se dividem em relação a isso, já que eles naturalmente esperam partilhar as maravilhas e as delícias do Natal e de outras festas com seus herdeiros (e também podem fazer bom uso de Deus, bem como de figuras menores como Papai Noel, para conter os rebeldes), mas veja o que acontece se a criança adere a outra crença, ou outro culto mesmo no inicio da adolescência. Os pais tenderão a proclamar que isso é tirar vantagem da inocência. Por essa razão todos os monoteísmos têm, ou costumavam ter, uma rígida proibição contra a apostasia. Em seu *Memórias de uma menina católica*, Mary McCarthy recorda seu choque ao descobrir com um pregador jesuíta que seu avô protestante — seu guardião e amigo — tinha sido condenado à punição eterna por ter sido batizado da forma errada. Uma criança precocemente inteligente, ela não deixou o assunto morrer até fazer a madre superiora consultar autoridades mais elevadas e descobrir uma brecha nos escritos do bispo Atanásio, que sustentava que os hereges só estavam condenados caso rejeitassem a verdadeira igreja com plena consciência do que estavam fazendo. Assim, seu avô podia ser suficientemente ignorante da verdadeira igreja para escapar do inferno. Mas que agonia à qual submeter uma menina de 11 anos de idade! E apenas pense no número de crianças menos curiosas que simplesmente aceitaram esse ensinamento maldoso sem questioná-lo. Aqueles

que se apoiam nos jovens dessa forma são cruéis ao extremo.

Devem ser acrescentados dois pontos — um de ensinamento imoral e outro de prática imoral. o ensinamento imoral diz respeito ao aborto. Como materialista, eu acho que foi provado que um embrião é um corpo eu ma entidade separados, e não apenas (como alguns costumavam argumentar) um crescimento no ou do corpo da mulher. Costumava haver feministas que diziam que ele era mais como um apêndice ou mesmo — isso era defendido seriamente — um tumor. O absurdo parece ter sido contido. Das considerações que o contiveram, uma é a visão fascinante e comovente oferecida pela ultrassonografia e outra a sobrevivência de bebês "prematuros" pesos-pena, que conseguiram "viabilidade" fora do útero. É outra forma pela qual a ciência pode se juntar ao humanismo. Assim como nenhum ser humano de capacidade moral mediana pode ser indiferente à visão de uma mulher sendo chutada na barriga, ninguém consegue deixar de se sentir ainda mais ultrajado se a mulher em questão estiver grávida. A embriologia confirma a moralidade. As palavras "filho não-nascido", mesmo quando usadas de forma politizada, descrevem uma realidade material.

Contudo, isso mais inicia a discussão do que a encerra. Pode haver muitas circunstâncias em que não é desejável carregar um feto até o fim. Tanto a natureza quanto Deus parecem reconhecer isso, já que um grande número de gestações é "abortado", por assim dizer, por causa de malformações, casos que são educadamente classificados de "espontâneos". Por mais triste que seja, provavelmente é um resultado menos infeliz que o enorme número de crianças idiotas e deformadas que de outro modo teriam nascido, ou nascido mortas, ou cujas breves vidas teriam sido um tormento para si mesmas e para os outros. Portanto como acontece com a evolução em geral, vemos no útero um microcosmo da natureza e da própria evolução. Inicialmente começamos como pequenas formas anfíbias, depois gradualmente desenvolvemos pulmões e cérebros (e produzindo e descartando aquele hoje inútil casaco de pele), depois abrindo passagem e respirando ar fresco após uma transição um tanto difícil. Da mesma forma, o sistema é bastante impiedoso na eliminação daqueles que para começar nunca teriam uma boa chance de sobrevivência: nossos ancestrais nas savanas não iriam sobreviver se tivessem um punhado de bebês doentes e imbecis para proteger dos predadores. Aqui a analogia da evolução pode não ser tanto a "mão invisível" de Adam Smith (uma expressão da qual eu sempre desconfiei) quanto o modelo de Joseph Schumpeter de "destruição criativa", pelo qual nos acostumamos a uma certa dose de fracassos naturais, levando em conta a natureza impiedosa e remontando aos protótipos distantes de nossa espécie.

Assim, nem todas as concepções irão levar, ou já levaram, a nascimentos. E, desde que começou a perder força a mera luta pela sobrevivência, tem sido uma ambição da inteligência humana, assumir o controle da taxa de reprodução. Famílias que estão à mercê da simples natureza, com sua inevitável exigência de profusão, estarão presas a um ciclo que não é muito melhor que o dos animais. A melhor forma de conseguir um mecanismo de controle é a profilaxia, que tem sido incansavelmente buscada desde o início da história e que em nossa própria época se tornou relativamente à prova de falhas e indolor. A segunda melhor solução, que algumas vezes pode ser desejada por outras razões, é a interrupção da gravidez, um expediente que é lamentado por muitos mesmo quando foi utilizado por absoluta necessidade. Todas as pessoas que pensam reconhecem nessa questão um conflito doloroso entre direitos e interesses, e se esforçam para conseguir um equilíbrio. A única proposição absolutamente inútil, moral ou praticamente, é a afirmação selvagem de que espermatozoides e óvulos são vidas potenciais que não podem ser impedidas de se fundir e que quando unidas, por mais brevemente que seja, têm almas e precisam ser protegidas por lei. Com base nisso, um dispositivo intrauterino que impeça um óvulo de aderir à parede do útero é uma arma mortal, e uma gravidez ectópica (o acidente desastroso que faz com que o óvulo cresça dentro do tubo de falópio) é uma vida humana e não um óvulo já condenado que também é uma ameaça premente à vida da mãe.

Cada passo no sentido do esclarecimento dessa discussão enfrentou a oposição férrea do clero. Até mesmo a tentativa de educar as pessoas para a possibilidade de "planejamento familiar" foi desde o início punida com anátema, e seus primeiros defensores e professores (como John Stuart Mill) foram detidos, jogados na cadeia ou demitidos de seus empregos. Há poucos anos, Madre Teresa denunciou a contracepção como o equivalente moral do aborto, o que "logicamente" significava (já que ela considerava o aborto um assassinato) que um preservativo ou uma pílula também eram armas letais. Ela era um pouco mais fanática até mesmo que sua igreja, porém mais uma vez podemos ver que o dogmático persistente é o inimigo moral do bem. Ele exige que acreditemos no impossível e pratiquemos o inalcançável. Toda a defesa da extensão da proteção aos não-nascidos e à definição de uma tendência a favor da vida tem sido arruinada por aqueles que usam crianças não-nascidas, assim como as nascidas, como meros objetos de manipulação de sua doutrina.

Quanto à prática imoral, é difícil imaginar algo mais grotesco do que a mutilação da genitália infantil. Não é fácil imaginar nada mais incompatível com

o argumento do projeto. Precisamos supor que um deus projetista daria especial atenção aos órgãos reprodutivos de suas criaturas, que são fundamentais para a continuação da espécie. Mas desde o alvorecer dos tempos o ritual religioso insiste em tirar crianças de seus berços e trabalhar em suas partes com pedras afiadas ou facas. Em algumas sociedades animistas e muçulmanas, são os bebês do sexo feminino que mais sofrem, com a ablação dos lábios e do clitóris. Essa prática algumas vezes é adiada até a adolescência e, como já foi descrito, acompanhada de infibulação, a costura da vagina deixando apenas uma pequena abertura para a passagem de sangue e urina. O objetivo é claro — eliminar ou entorpecer o instinto sexual da menina e destruir a tentação de fazer experiências com qualquer homem a não ser aquele ao qual será dada (e que terá o privilégio de romper aqueles nós na infeliz noite de núpcias). Enquanto isso ela será ensinada que sua regra mensal é uma maldição (todas as religiões expressaram horror por isso, e muitas ainda proíbem que mulheres menstruadas participem dos serviços religiosos) e que ela é um vaso impuro.

Em outras culturas, especialmente na judaico-cristã, a insistência na mutilação sexual de meninos pequenos (por alguma razão, meninas pequenas podem ser judias sem alteração genital: é inútil buscar coerência nos acordos que as pessoas acreditam ter feito com Deus.) Aqui, parecem ser dois os motivos originais. O derramamento de sangue — no qual se insiste nas cerimônias de circuncisão — é provavelmente um vestígio simbólico dos sacrifícios animais e humanos que eram uma característica da paisagem ensanguentada do Velho Testamento. Aderindo à prática, os pais podem oferecer em sacrifício uma parte da criança em substituição ao todo. As objeções à interferência em algo que Deus deve ter projetado com cuidado — o pênis humano — foram superadas pelo dogma inventado de que Adão nasceu circuncidado e à imagem de Deus. De fato, alguns rabinos argumentam que também Moisés nasceu circuncidado, embora essa alegação possa ser consequência do fato de que sua circuncisão não é mencionada em nenhum ponto do Pentateuco.

O segundo objetivo — afirmado de forma muito dúbia por Maimônides — era o mesmo válido para as meninas: a maior destruição possível do lado prazeroso do intercurso sexual. Eis o que o sábio nos diz em seu *O guia dos perplexos*:

> Com relação à circuncisão, uma das razões para ela, em minha opinião é um desejo de conseguir uma redução do intercurso sexual e um enfraquecimento do órgão em questão, de modo que essa atividade seja reduzida e o órgão esteja no estado de maior repouso possível. Acredita-se que a circuncisão aperfeiçoa o que é congenitamente defeituoso. (...) Como as coisas naturais

> podem ser defeituosas de modo a precisarem ser aperfeiçoadas externamente, especialmente quando sabemos *quão útil é o prepúcio para aquele membro*? Na verdade, esse mandamento não foi prescrito com o objetivo de aperfeiçoar o que é congenitamente defeituoso, mas de aperfeiçoar o que é moralmente defeituoso. A dor corporal causada ao membro é o verdadeiro objetivo da circuncisão. (...) O fato de que a circuncisão reduz a capacidade de excitação sexual e algumas vezes talvez diminua o prazer é indubitável. Pois, se no nascimento esse membro sangrar e tiver sua cobertura removida, ele indubitavelmente tem de ser enfraquecido.

Maimônides não parece particularmente impressionado com a promessa (feita a Abraão em Gênesis 17) que a circuncisão daria a ele uma grande descendência de à idade de 99 anos. A decisão de Abraão de circuncidar seus escravos assim como seus empregados do sexo masculino foi uma questão paralela ou talvez efeito do entusiasmo, já que aqueles não-judeus não faziam parte do pacto. Mas ele circuncidou seu filho Ismael, que tinha então 13 anos. (Ismael teve de abrir mão apenas de seu prepúcio: seu irmão mais novo, Isaac — estranhamente descrito como o único filho de Abraão em Gênesis 22 —, foi circuncidado quando tinha oito dias de vida, mas posteriormente oferecido como sacrifício na íntegra.)

Maimônides também argumentou que a circuncisão seria uma forma de reforçar a solidariedade étnica, e insistiu especialmente na necessidade de operar mais os bebês que aqueles que já tinham chegado à idade da razão.

> O primeiro [argumento] é o de que, se a criança for deixada quieta até crescer, algumas vezes não o fará. A segunda é que a criança não sofre tanto quanto o adulto, porque sua membrana ainda é macia e sua imaginação fraca. Um adulto veria a coisa, que ele iria imaginar antes que acontecesse, como algo terrível e difícil. A terceira é que os pais de uma criança recém-nascida são mais relaxados no que se refere às coisas ligadas a ela, pois naquele momento a forma imaginativa que leva os pais a amá-la ainda não está consolidada. (...) Consequentemente, se ele não for circuncidado até 2 ou 3 anos, isso levaria ao abandono da circuncisão por causa do amor e do afeto do pai por ela. No momento do nascimento, por outro lado, essa forma imaginativa é muito fraca, especialmente no que diz respeito ao pai, a quem a determinação é imposta.

Em outras palavras, Maimônides está perfeitamente consciente de que, se não fosse supostamente determinado por Deus, esse procedimento hediondo iria criar mesmo nos pais mais devotos, uma rejeição natural a favor da criança. Mas ele reprime essa compreensão em benefício da lei "divina".

Em épocas mais recentes foram apresentados alguns argumentos pseudo-seculares a favor da circuncisão masculina. Foi dito que o processo é mais higiênico para o macho e, portanto, mais saudável para as mulheres, ajudando-as a evitar, por exemplo, o câncer de colo de útero, A medicina desmontou essa argumentação, ou a apresentou como um problema que pode ser facilmente resolvido com um "afrouxamento" do prepúcio. A completa ablação,

originalmente determinada por Deus como o preço de sangue pelo prometido massacre futuro dos cananeus, foi denunciado como sendo o que é — a mutilação de um bebê indefeso com o objetivo de arruinar sua vida sexual futura. A ligação entre barbárie religiosa e repressão sexual não pode ser mais clara do que quando está "marcada na carne". Quem pode somar o número de vidas que foram tornadas infelizes dessa forma, especialmente desde que médicos cristãos começaram a adotar o antigo folclore judaico em seus hospitais? E quem consegue ler os livros e os históricos médicos que registram serenamente o número de bebês do sexo masculino que morreram de infecção depois do oitavo dia, ou que sofreram grosseiras e insuportáveis disfunções e desfigurações? O registro de infecções por sífilis e outras doenças, em função dos dentes podres de rabinos ou outras indiscrições rabínicas, ou de cortes desajeitados da uretra ou de uma veia é simplesmente tenebroso. E isso é permitido em Nova York em 2006! Se a religião e sua arrogância não estivessem envolvidas, nenhuma sociedade saudável permitiria essa amputação primitiva ou aceitaria que fosse realizada uma operação na genitália sem o consentimento explícito e informado da pessoa envolvida.

A religião igualmente deve ser culpada das consequências hediondas do tabu da masturbação (que também ofereceu mais uma desculpa para a circuncisão entre os vitorianos). Durante décadas, milhões de jovens e garotos ficaram aterrorizados na adolescência por conselhos supostamente "médicos" que os preveniam contra cegueira, colapso nervoso e mergulho na insanidade se eles apelassem para a gratificação pessoal. Sermões severos de clérigos, repletos de absurdos como o sêmen ser uma fonte de energia insubstituível e finita, dominaram a criação de várias gerações. Robert Baden-Powell escreveu todo um tratado obsessivo sobre o tema, que ele usava para reforçar o cristianismo vigoroso de seu movimento de escoteiros. Até hoje a loucura sobrevive em sites islâmicos na internet que se propõem a oferecer aconselhamento aos jovens. De fato, os mulás aparentemente têm usado os mesmos textos desacreditados de Samuel Tissot, entre outros, que costumavam ser empregados por seus antecessores cristãos para atingir o mesmo efeito. A mesma desinformação infeliz e suja é oferecida, especialmente pelo falecido Abd al-Aziz bin Baz, o grande *mufti*(*) a Arábia Saudita, cujos alertas contra o onanismo são repetidos em muitos sites islâmicos. O hábito irá prejudicar o sistema digestivo, alerta ele, afetar a visão, inflamar os testículos, gastar a medula espinhal ("o local de origem do esperma"!) e levar a tremores e ataques. As "glândulas cerebrais" também são afetadas, com respondente declínio do QI e eventual insanidade. Para terminar, e

ainda atormentando milhões de jovens saudáveis com culpa e preocupação, o *mufti* diz a eles que seu sêmen ficará ralo e insípido, os impedindo de posteriormente serem pais. Os sites *Inter-Islam* e *Islamic Voice* reciclam esse lixo como se já não houvesse suficiente repressão e ignorância entre os jovens no mundo muçulmano, que frequentemente são mantidos afastados de toda companhia feminina, de fato ensinados a desprezar suas mães e irmãs e submetidos à recitação gasta e estupidificante do Corão. Tendo conhecido alguns dos produtos desse sistema "educacional" no Afeganistão e em outros lugares, eu só posso reiterar que o problema deles nem é tanto que eles desejem virgens, mas que eles *sejam* virgens: seu crescimento racional e psíquico foi irremediavelmente prejudicado em nome de Deus, e a segurança dos outros, ameaçada como consequência dessa alienação e deformação.

A inocência sexual, que pode ser encantadora nos jovens se não for desnecessariamente prolongada, é decisivamente corrosiva e repulsiva no adulto maduro. Mais uma vez, como podemos contabilizar o mal produzido por velhos sujos e solteironas histéricas, nomeados como guardiões clericais para supervisionar os inocentes em orfanatos e escolas? A Igreja Católica Romana em especial está tendo a resposta a essa pergunta da forma mais dolorosa, calculando o valor monetário do abuso infantil em termos de indenização. Bilhões de dólares já foram gastos, mas não há preço pelas gerações de meninos e meninas que foram apresentados ao sexo das formas mais preocupantes e desagradáveis por aqueles em que eles e seus pais confiavam. "Abuso infantil" na verdade é um eufemismo tolo para o que tem acontecido: estamos falando do estupro sistemático e da tortura de crianças, definitivamente ajudados e instigados por uma hierarquia que sabidamente transferiu os maiores criminosos para paróquias onde eles estivessem mais seguros. Dado o que foi revelado nas cidades modernas recentemente, causa arrepios pensar no que acontecia durante os séculos em que a Igreja estava acima de críticas. Mas o que as pessoas esperam que aconteça quando os vulneráveis são controlados por aqueles que, eles mesmos desajustados e pervertidos, são obrigados a afirmar um celibato hipócrita? E que foram ensinados a afirmar carrancudamente, como um artigo de fé, que as crianças eram "diabretes" ou "trastes" de Satanás? Algumas vezes a frustração resultante se exprime em terríveis excessos de punição física, o que em si já é suficientemente ruim. Mas quando as inibições artificiais realmente desmoronam, como temos visto acontecer, elas produzem um comportamento que nenhum pecador médio, masturbador e fornicador, pode sequer imaginar sem horror. Isso não é obra de alguns delinquentes em meio aos pastores, e sim o

resultado de uma ideologia que buscou estabelecer o controle clerical por intermédio do controle do instinto sexual ou mesmo dos órgãos sexuais. Isso pertence, como todo o resto da religião, à infância assustadiça de nossa espécie. A resposta de Aliosha à pergunta de Ivan sobre a tortura sagrada de uma criança foi dizer suavemente "Não, eu não concordo." Nossa resposta à ofensiva oferta original do indefeso menino Isaac na pira até os atuais abusos e a repressão tem de ser a mesma, apenas não dada tão suavemente.

(*) Entre os povos islâmicos, jurisconsulto supremo e intérprete qualificado do Corão para resolver os pontos controvertidos da lei. (N. do E)

17. Uma objeção antecipada: o "argumento" desesperado contra o secularismo

Se eu não posso provar definitivamente que o sentido da religião desapareceu no passado, que seus livros fundamentais são fabulas transparentes, que é uma imposição criada pelo homem, que tem sido inimiga da ciência e da pesquisa e que sobreviveu principalmente de mentiras e medos e foi cúmplice da ignorância e da culpa, bem como da escravidão, do genocídio, do racismo e da tirania, eu quase certamente posso afirmar que a religião hoje está plenamente consciente dessas críticas. Também está plenamente consciente das provas cada vez mais numerosas, referentes às origens do universo e à origem das espécies, que a relegam à marginalidade, quando não à irrelevância. Eu tentei lidar com as objeções mais claramente baseadas na fé à medida que foram surgindo ao longo da discussão, mas há um último ponto que não pode ser evitado.

Quando já foi dito o pior sobre a Inquisição, os julgamentos de bruxas, as Cruzadas, as conquistas imperiais islâmicas e os horrores do Velho Testamento, não é verdade que regimes seculares e ateus cometeram crimes e massacres que são, na escala das coisas, pelo menos tão ruins, quando não piores? E o corolário não é o de que homens livres da reverência religiosa irão agir da forma mais desabrida e abandonada? Em seu *Os irmãos Karamázov*, Dostoievski foi extremamente crítico em relação à religião (e vivia sob o despotismo que era santificado pela Igreja) e também apresentou seu personagem Smerdiakov como uma figura vã, crédula e idiota, mas a máxima de Smerdiakov — de que "se Deus não existe não há moral" — compreensivelmente encontra eco naqueles que vem a Revolução Russa através do prisma do século XX.

É possível ir além e dizer que o totalitarismo secular de fato nos deu um resumo do mal humano. Os exemplos mais utilizados — os regimes de Hitler e Stalin — nos mostram com terrível clareza o que acontece quando os homens usurpam o papel dos deuses. Quando eu consulto meus amigos seculares e ateus, descubro que essa se tornou a objeção mais comum e frequente que eles ouvem de plateias religiosas. O ponto merece uma réplica detalhada.

Para começar devagar, é interessante descobrir que as pessoas de fé hoje buscam dizer defensivamente que não são piores que fascistas, nazistas ou stalinistas. Seria de esperar que a religião tivesse preservado um pouco mais de sua dignidade. Não diria que as fileiras do secularismo e do ateísmo estão exatamente abarrotadas de comunistas ou fascistas, mas pelo bem do debate pode-se considerar certo que, assim como secularistas e ateus resistiram a tiranias clericais e teocráticas, os crentes religiosos resistiram às pagãs e materialistas. Mas isso seria apenas dividir a diferença.

A palavra "totalitário" provavelmente foi utilizada pela primeira vez pelo dissidente marxista Victor Serge, que ficou chocado com os frutos do stalinismo na União Soviética. Ela foi popularizada pela intelectual judia secular Hannah Arendt, que escapou do inferno do Terceiro Reich e escreveu *Origens do totalitarismo*. É um termo útil, porque ele distingue as formas "comuns" de despotismo — aqueles que se limitam a exigir obediência de seus súditos — dos sistemas absolutistas que exigem que os cidadãos se transformem inteiramente em súditos e entreguem suas vidas particulares e suas personalidades ao Estado, ou ao líder supremo.

Se aceitarmos essa última definição, então o primeiro ponto a ser abordado também é fácil. Durante a maior parte da história humana, a ideia do Estado total ou absoluto esteve intimamente ligada à religião. Um barão ou rei podia obrigar você a pagar impostos ou a servir em seu exército, e normalmente podia garantir ter sacerdotes à mão para lembrar a você que essa era sua obrigação, mas os despotismos verdadeiramente assustadores foram aqueles que também queriam o conteúdo de seu coração e de sua cabeça. Quer estudemos as monarquias orientais da China, da Índia ou da Pérsia, os impérios asteca ou inca ou as cortes medievais da Espanha, da Rússia e da França, quase invariavelmente descobrimos que esses ditadores também eram deuses, ou os líderes das igrejas. Devia-se a eles mais do que a mera obediência: qualquer crítica a eles era por definição profana, e milhões de pessoas viveram e morreram de medo de um governante que podia escolher você para um sacrifício ou condená-lo à punição eterna por um capricho. A menor infração — de um dia santo, um objeto sagrado ou uma regra acerca de sexo, comida ou casta — podia produzir calamidades. O princípio totalitário, que frequentemente é representado como "sistemático", também está intimamente associado ao capricho. As regras podem mudar ou ser flexibilizadas a qualquer momento, e os governantes têm a vantagem de saber que seus súditos nunca estarão seguros sobre estar obedecendo ou não à lei mais recente. Hoje valorizamos algumas poucas

exceções da antiguidade — como a Atenas de Péricles, com todas as suas deformações — exatamente porque houve alguns poucos momentos em que a humanidade não viveu em terror permanente de um faraó, Nabucodonosor ou Dario, cuja menor palavra era lei sagrada.

Isso continuou a ser verdade mesmo quando o direito divino dos déspotas começou a dar lugar a versões da modernidade. A ideia de um Estado utópico na Terra, talvez modelado a partir de algum ideal celestial, é muito difícil de eliminar, e levou as pessoas a cometer crimes terríveis em nome do ideal. Uma das primeiras tentativas de criar uma sociedade edênica ideal como essa, baseada no conceito de igualdade humana, foi o Estado socialista totalitário estabelecido pelos missionários jesuítas no Paraguai. Ele conseguiu combinar o máximo de igualitarismo com o máximo de falta de liberdade, e só pôde ser sustentado pelo máximo de medo. Isso deveria ser um alerta para aqueles que buscam aperfeiçoar a espécie humana. Mas o objetivo de aperfeiçoara espécie — que é a própria raiz e a fonte do impulso totalitário — é essencialmente religioso.

George Orwell, o descrente ascético cujos romances nos deram um retrato indelével de como realmente é a vida em um Estado totalitário, não tinha dúvidas sobre isso. Escreveu ele em "The Prevention of Literature de 1946: "Do ponto de vista totalitário, a história é algo a ser criado, mais que aprendido. *Um Estado totalitário é na verdade uma teocracia*, e sua casta governante, de modo a manter sua posição, tem de ser considerada infalível." (Você perceberá que ele escreveu isso em um ano em que, tendo combatido o fascismo durante mais de uma década, estava voltando suas armas cada vez mais contra os simpatizantes do comunismo.)

Para ter uma disposição totalitária, não é preciso vestir um uniforme nem carregar um porrete ou um chicote, só é preciso desejar sua própria sujeição e se deliciar com a sujeição dos outros. O que é um sistema totalitário senão aquele em que a glorificação abjeta do líder perfeito é acompanhada da renúncia a toda privacidade e individualidade, especialmente em questões sexuais, e da denúncia e punição — "para seu próprio bem" — daqueles que transgridem? O elemento sexual provavelmente é decisivo, no sentido de que a mente mais embotada pode perceber o que Nathaniel Hawthorne capturou em *A letra escarlate*: a profunda relação repressão e perversão.

No começo da história da humanidade, o principio totalitarista era o que reinava. A religião estatal oferecia uma resposta completa e "total" a todas as perguntas, da posição de alguém na hierarquia social às regras concernentes à dieta e ao sexo. Escravo ou não, o humano era propriedade, e o clero garantia a

implementação do absolutismo. A projeção mais criativa que Orwell fez para a ideia totalitária — a acusação de "crime imaginado" — era lugar-comum. Um pensamento impuro, quanto mais um herético, podia fazer com que você fosse esfolado vivo. Ser acusado de possessão demoníaca ou de contato com o Diabo era ser condenado por isso. Orwell se deu conta dessa infernização pela primeira vez ainda jovem, ao ser trancado em uma escola hermética gerida por cristãos sádicos na qual não era possível saber quando você tinha violado as regras. Independentemente do que fizesse, e por mais que tomasse precauções, os pecados dos quais não tinha consciência sempre podiam ser lançados sobre você.

Era possível deixar aquela escola medonha (traumatizado por toda a vida, como milhões de crianças ficaram), mas não é possível, na visão religiosa totalitária, escapar deste mundo de pecado original, culpa e dor. Uma infinidade de punições espera por você mesmo depois da morte. De acordo com os totalitaristas religiosos realmente radicais, como João Calvino, que tomou sua doutrina medonha de Agostinho, uma infinidade de punições pode estar esperando por você mesmo antes de seu nascimento. Há muito tempo foi escrito quais almas seriam escolhidas ou "eleitas" quando chegasse o momento de separar as ovelhas das cabras. Não é possível nenhum recurso a essa sentença primordial, e não há boas ações ou profissões de fé que possam salvar aqueles que não tiveram a sorte de ser escolhidos. A Genebra de Calvino era um Estado totalitário típico, e o próprio Calvino era um sádico, torturador e assassino, que queimou Servetus (um dos grandes pensadores e questionadores da época) com o homem ainda vivo. A infelicidade a que foram induzidos os seguidores de Calvino, obrigados a desperdiçar suas vidas se preocupando em se teriam sido "eleitos" ou não, foi bem captada no *Adam Bede* de George Eliot e em uma antiga sátira plebeia inglesa contra as outras seitas, das Testemunhas de Jeová à Irmandade Plymouth, que ousam dizer que são os eleitos e que só eles sabem o número exato daqueles que serão poupados da fogueira:

> Nós somos os poucos puros e escolhidos, todos vocês estão condenados. Há espaço bastante para vocês no inferno — não queremos o céu lotado.

Eu tive um tio inofensivo mas de espírito fraco cuja vida foi arruinada e tornada infeliz exatamente dessa forma. Calvino pode parecer um personagem distante para nós, mas aqueles que costumavam agarrar e usar o poder em seu nome ainda estão entre nós e usam os nomes mais suaves de presbiterianos e batistas. O apelo a proibir e censurar livros, silenciar dissidentes, condenar estrangeiros, invadir a esfera privada e invocar uma salvação exclusiva é a

própria essência do totalitarismo. O fatalismo do islamismo, que acredita que tudo está antecipadamente definido por Alá, tem algumas semelhanças com essa completa negação da autonomia e da liberdade humanas, bem como sua crença arrogante e intolerável de que sua fé inclui tudo o que qualquer um precisa saber.

Assim, quando a grande antologia antitotalitária do século XX foi publicada em 1950, seus dois editores se deram conta de que ela só podia ter um nome. Eles a chamaram de *O deus que falhou*. Eu conheci ligeiramente e trabalhei com um desses dois homens — o socialista britânico Richard Crossman. Como ele escreveu em sua introdução ao livro:

> Para o intelectual o conforto material é relativamente desimportante, ele se preocupa principalmente com a liberdade espiritual. A força da Igreja Católica sempre foi o fato de que ela exige o completo sacrifício dessa liberdade, e condena o orgulho espiritual como um pecado mortal. O noviço comunista, sujeitando sua alma à lei canônica do Kremlin, sente um pouco do alívio que o catolicismo também dá ao intelectual, extenuado e preocupado com o privilégio da liberdade.

O único livro que tinha alertado antecipadamente para tudo isso, trinta anos antes foi uma obra pequena mas brilhante publicada em 1919 e intitulada *Prática e teoria do bolchevismo*. Muito antes de Arthur Koestler e Richard Crossman terem começado a pesquisar os destroços retrospectivamente, todo o desastre estava sendo previsto em termos que ainda despertam admiração por sua presciência. O analista cáustico da nova religião era Bertrand Russell, cujo ateísmo o tornou ainda mais previdente do que muitos "socialistas cristãos" ingênuos que alegaram identificar na Rússia o inicio de um novo paraíso na Terra. Ele também era mais previdente do que o *establishment* cristão anglicano de sua Inglaterra natal, cujo principal jornal, o *Times* de Londres, assumiu o ponto de vista de que a Revolução Russa podia ser explicada pelo *Protocolo dos sábios do Sião*. Essa falsificação revoltante feita por agentes secretos ortodoxos russos foi republicada por Eyre and Spottiswoode, impressora oficial da Igreja da Inglaterra.

Dado seu próprio histórico de sucumbir a ditaduras na Terra e ao controle absoluto da próxima vida e ainda promulgá-los, como a religião enfrentou os totalitarismos "seculares" de nossa época? É preciso inicialmente considerar, por ordem, fascismo, nazismo e stalinismo.

O fascismo — o precursor e modelo do nacional-socialismo — foi um movimento que acreditava em uma sociedade orgânica e corporativa, presidida por um líder ou guia. (As "fasces" — símbolo dos "lictores", ou guardas da Roma antiga — eram feixes de varas amarrados a uma machadinha, sinal de unidade e

autoridade.) Surgindo da miséria e da humilhação da Primeira Guerra Mundial, os movimentos fascistas defendiam os valores tradicionais contra o bolchevismo e pregavam o nacionalismo e a piedade. Provavelmente não é coincidência que tenham surgido inicialmente, e de forma mais entusiasmada, em países católicos, e certamente não é coincidência que a Igreja Católica em geral fosse simpática ao fascismo como ideia. Não apenas a Igreja via o comunismo como um inimigo mortal, mas também via seu inimigo judeu mais antigo nas mais altas fileiras do partido de Lenin. Benito Mussolini mal tinha tomado o poder na Itália e o Vaticano já estava fazendo com ele um tratado oficial, conhecido como Tratado de Latrão de 1929. Pelos termos do acordo, o catolicismo se tornou a única religião reconhecida na Itália, com monopólio em questões de nascimento, casamento, morte e educação, e em troca conclamava seus seguidores a votar no partido de Mussolini. O Papa Pio X descreveu *il Duce* ("o líder") como "um homem enviado pela Providência". Eleições não seriam uma característica da vida italiana por muito tempo, mas a Igreja ainda assim levou à dissolução dos partidos católicos leigos de centro e ajudou a financiar um pseudopartido chamado "Ação Católica", que foi copiado em muitos países. Por todo o sul da Europa, a Igreja foi uma aliada confiável na instalação de regimes fascistas na Espanha, em Portugal e na Croácia. Na Espanha o general Franco foi autorizado a chamar a sua invasão do país e a destruição da república eleita pelo título terrível de *La Crujada*, ou "A Cruzada". O Vaticano apoiou ou se recusou a criticar as tentativas operísticas de Mussolini de recriar um pastiche do Império Romano com suas invasões da Líbia, da Abissínia (hoje Etiópia) e da Albânia: territórios que eram habitados principalmente por não-cristãos ou pelo tipo errado de cristãos orientais. Mussolini chegou mesmo a dar como uma de suas justificativas para a utilização de gás venenoso e outros métodos horripilantes na Abissínia a insistência de seus habitantes na heresia do monofisismo, um dogma incorreto da Encarnação que tinha sido condenado pelo Papa Leão e pelo Concilio de Calcedônia de 451.

Na Europa central e oriental o quadro não era melhor. O golpe militar de extrema direita na Hungria, liderado pelo almirante Horthy, foi calorosamente endossado pela Igreja, assim como movimentos fascistas semelhantes na Eslováquia e na Áustria. (O regime-fantoche nazista da Eslováquia na verdade era comandado por um homem de votos sacerdotais chamado padre Tiso.) O cardeal da Áustria proclamou seu entusiasmo com a tomada de seu país por Hitler quando do *Anschluss*.

Na França, a extrema direita adotou o lema de "*Meilleur Hitler que Blum*" —

em outras palavras, melhor ter um ditador racista alemão que um socialista francês judeu eleito. Organizações fascistas católicas como a Action Française, de Charles Maurras, e a Croix de Feu fizeram violentas campanhas contra a democracia francesa e não tentaram de modo algum esconder seu ressentimento pelo modo como a França estava decaindo desde o veredicto de inocência para o capitão judeu Alfred Dreyfus em 1899. Quando houve a conquista da França pela Alemanha, essas forças colaboraram ativamente com a prisão e o assassinato de judeus franceses, bem como com a deportação para trabalhos forçados de um enorme número de outros franceses. O regime de Vichy se curvou ao clericalismo eliminando o lema de 1789 — "*Liberté, Egalité, Fraternité*" — da moeda nacional e o substituindo pelo lema cristão ideal de "*Famille, Travail, Patrie*". Mesmo em um país como a Inglaterra, onde as simpatias fascistas eram menores, eles ainda conseguiram uma plateia em círculos respeitáveis com a atuação de intelectuais católicos como T. S. Eliot e Evelyn Waugh.

Na vizinha Irlanda, o movimento Blue Shirt do general O'Duffy (que enviou "voluntários" para lutar por Franco na Espanha) era pouco mais que um ramo da Igreja Católica. Mesmo em abril de 1945, ao receber a notícia da morte de Hitler, o presidente Eamon de Valera colocou sua cartola, chamou a carruagem oficial e foi à embaixada alemã de Dublin apresentar suas condolências. Atitudes como essa significaram que vários Estados dominados por católicos, da Irlanda à Espanha e a Portugal, eram inelegíveis para ingresso nas Nações Unidas quando ela foi criada. A Igreja se esforçou para se desculpar por tudo isso, mas sua cumplicidade com o fascismo é uma marca indelével em sua história, e não foi um compromisso de curto prazo ou precipitado, mas uma aliança de trabalho que não foi rompida até depois de o próprio período fascista ter passado para a história.

O caso da rendição da Igreja ao nacional-socialismo alemão é consideravelmente mais complicado, mas não muito mais elevado. Apesar de partilhar dois importantes princípios com o movimento de Hitler — o antissemitismo e o anticomunismo —, o Vaticano podia ver que o nazismo representava também um desafio a ele mesmo. Para começar, era um fenômeno quase pagão que a longo prazo buscava substituir o cristianismo por ritos de sangue e sinistros mitos raciais pseudo-nórdicos, baseados na fantasia da superioridade ariana. Em segundo lugar, defendia uma postura de extermínio para os doentes, os desajustados e os insanos, e rapidamente começou a aplicar essa política não a judeus, mas a alemães. Em benefício da Igreja deve ser dito que seus púlpitos alemães denunciaram essa hedionda seleção eugênica logo de

início.

Mas se os princípios éticos fossem a regra, o Vaticano não teria de passar os cinquenta anos seguintes tentando justificar ou se desculpar por sua desprezível passividade e inação. "Passividade" e "inação" na verdade podem ser uma escolha de palavras errada. Decidir não fazer nada é em si uma política e uma decisão, e é lamentavelmente fácil registrar e explicar o alinhamento da Igreja em termos de uma *realpolitik* que buscava não uma derrota do nazismo, mas um ajuste a ele.

O *primeiro* acordo diplomático fechado pelo governo de Hitler foi consumado em 8 de julho de 1933, poucos meses após a tomada do poder, e teve a forma de um tratado como Vaticano. Em troca de controle inquestionável da educação de crianças católicas na Alemanha, o fim da propaganda nazista dos abusos infligidos em escolas e orfanatos católicos e a concessão de outros privilégios, a Santa Sé instruiu o Partido Centro Católico a se dissolver, e bruscamente determinou que os católicos se abstivessem de qualquer atividade política em qualquer tema que o regime resolvesse definir como fora limites. Na primeira reunião de gabinete depois dessa capitulação ter sido assinada, Hitler anunciou que as novas circunstâncias seriam "especialmente significativas na luta contra o judaísmo internacional". Ele não estava equivocado em relação a isso. De fato, ele podia ser desculpado por não acreditar em sua própria sorte. Os 22 milhões de católicos que viviam no Terceiro Reich, muitos dos quais tinham demonstrado grande coragem resistindo à ascensão do nazismo, tinham sido estripados e castrados como força política. Seu próprio Santo Padre tinha de fato dito a eles para entregar tudo ao pior César da história humana. A partir de então, os registros das paróquias foram colocados à disposição do Estado nazista de modo a estabelecer quem era e quem não era suficientemente "racialmente puro" para sobreviver à interminável perseguição sob as leis de Nuremberg.

A consequência não menos chocante dessa rendição moral foi o paralelo colapso moral dos protestantes alemães, que buscaram conseguir um status especial para os católicos publicando seu próprio acordo com o *Führer*. Porém, nenhuma das igrejas protestantes foi tão longe quanto a hierarquia católica ordenando uma celebração anual no aniversário de Hitler, em 20 de abril. Nessa data auspiciosa, por instrução do papa, o cardeal de Berlim regularmente transmitia "calorosas congratulações ao *Führer* em nome dos bispos e das dioceses da Alemanha", sendo essas louvações acompanhadas das "orações fervorosas que os católicos da Alemanha estão enviando aos céus a partir de seus altares". A ordem era obedecida, e fielmente executada.

Para ser justo, essa tradição abjeta só foi iniciada em 1939, ano em que houve

uma mudança no papado. E, sendo justo mais uma vez, o Papa Pio XI sempre tinha acalentado as mais profundas apreensões quanto ao sistema de Hitler e a sua evidente capacidade de mal radical. (Durante a primeira visita de Hitler a Roma, por exemplo, o Santo Padre deixou a cidade de forma bem clara para o retiro papal de Castelgandolfo.) Contudo, esse papa fraco e doente foi constantemente manobrado, ao longo da década de 1930, por seu secretário de Estado, Eugenio Pacelli. Temos bons motivos para acreditar que pelo menos uma encíclica papal, expressando pelo menos uma mínima preocupação com o tratamento dispensado aos judeus da Europa, foi preparada por Sua Santidade mas eliminada por Pacelli, que tinha em mente outra estratégia. Nós hoje conhecemos Pacelli como o Papa Pio XII, que ocupou o posto depois da morte de seu antigo superior em fevereiro de 1939. Quatro dias depois de sua eleição pelo Colégio de Cardeais, Sua Santidade produziu a seguinte carta para Berlim:

> Ao ilustre *Herr* Adolf Hitler, *Führer* chanceler do Reich Alemão! Aqui, no início de Nosso Pontificado, queremos assegurar que Nós permanecemos dedicados ao bem-estar espiritual do povo alemão confiado a sua liderança. (...) Durante os muitos anos que passamos na Alemanha, fizemos tudo ao nosso alcance para estabelecer relações harmoniosas entre a Igreja e o Estado. Agora que as responsabilidades de nossa função pastoral aumentaram nossas oportunidades, de forma ainda mais ardente rezamos para atingir essa meta. Que a prosperidade do povo alemão e seu progresso em todas as áreas se realizem, com a ajuda de Deus, para a fruição!

Seis anos depois dessa mensagem maldosa e vaidosa, o um dia próspero e civilizado povo da Alemanha podia olhar ao redor e dificilmente ver um tijolo sobre o outro, enquanto o Exército Vermelho sem deus marchava rumo a Berlim. Mas eu menciono essa conjuntura por outra razão. Espera-se que os crentes sustentem que o papa é o vigário de Cristo na Terra e o guardião das chaves de São Pedro. Eles claro, são livres para acreditar nisso, e para acreditar que Deus decide quando encerrar o mandato de um papa ou (mais importante ainda) iniciar o mandato de outro. Isso implicaria acreditar na morte de um papa antinazista e na ascensão de um papa pró-nazista como uma questão de desejo divino, poucos meses antes da invasão da Polônia por Hitler e o início da Segunda Guerra Mundial. Estudando aquela guerra, talvez seja possível aceitar que 25 por cento dos SS eram católicos praticantes e que nenhum católico foi sequer ameaçado de excomunhão por participação em crimes de guerra. (Joseph Goebbels foi excomungado, mas isso se deu antes e, afinal, ele tinha sido responsável por isso pelo crime de ter se casado com uma protestante.) Seres humanos e instituições são imperfeitos, certamente. Mas não poderia haver prova mais clara e vivida de que as instituições sagradas são feitas pelo homem.

O conluio continuou mesmo depois da guerra, com criminosos nazistas procurados levados para a América do Sul pela "linha do rato". Foi o próprio Vaticano, com sua capacidade de providenciar passaportes, documentos, dinheiro e contatos, que organizou a rede de fuga e também a necessária proteção e ajuda no outro extremo. Por mais que isso fosse ruim em si, também envolvia cooperação com outras ditaduras de extrema direita do hemisfério sul, muitas delas organizadas segundo o modelo fascista. Torturadores e assassinos fugitivos como Klaus Barbie frequentemente se viam em uma segunda carreira como empregados desses regimes, que até começarem a desmoronar nas últimas décadas do século XX também desfrutaram de um firme apoio do clero católico local. A ligação da Igreja com o fascismo e o nazismo de fato resistiu ao próprio Terceiro Reich.

Muitos cristãos deram suas vidas para proteger seus próximos naquela meia noite do século, mas a chance de que eles o tenham feito por ordem de qualquer sacerdote é estatisticamente quase nula. Por isso reverenciamos a memória daqueles muito poucos crentes, como Dietrich Bonhoeffer e Martin Niemoller, que agiram de acordo apenas como que determinavam suas consciências. O papado demorou até os anos 1980 para encontrar um candidato à santidade no contexto da "solução final", e mesmo então só conseguiu identificar um padre muito dúbio que - após um longo histórico de antissemitismo político na Polônia — aparentemente tinha se comportado de forma nobre em Auschwitz. Um candidato anterior — um simples austríaco chamado Franz Jagerstatter — infelizmente foi desclassificado. Ele de fato tinha se recusado a ingressar no exército de Hitler alegando obedecer a ordens superiores de amar o próximo, mas quando estava na prisão aguardando a execução foi visitado por seus confessores, que disseram que ele deveria obedecer à lei. A esquerda secular da Europa se saiu bem melhor da luta contra o nazismo, mesmo que muitos de seus membros acreditassem que havia um paraíso operário além dos montes Urais.

Costuma ser esquecido que a tríade do Eixo incluía outro membro — o império do Japão —, que tinha como seu chefe de Estado não apenas uma pessoa religiosa, mas na verdade uma divindade. Se a chocante heresia de acreditar que o imperador Hirohito era deus foi algum dia denunciada em algum púlpito alemão ou italiano por qualquer prelado, eu fui incapaz de descobrir. No sagrado nome desse mamífero ridiculamente sobreavaliado enormes áreas da China, da Indochina e do Pacífico foram saqueadas e escravizadas. Também em seu nome milhões de japoneses doutrinados foram martirizados e sacrificados. O culto a esse deus-rei era tão obrigatório e histérico que se acreditava que todo o povo

japonês poderia apelar ao suicídio caso sua pessoa fosse ameaçada ao final da guerra. Assim chegou-se a um acordo de que ele poderia "permanecer", mas que dali por diante teria de alegar ser apenas um imperador, e talvez de alguma forma divino, mas não estritamente falando um deus. Essa deferência à forca da opinião religiosa deve implicar o reconhecimento de que fé e adoração podem fazer as pessoas se comportarem realmente muito mal.

Assim, aqueles que invocam a tirania "secular" em comparação com a religião esperam que esqueçamos duas coisas: a ligação entre as igrejas católicas e o fascismo e a capitulação das igrejas ao nacional-socialismo. Essa afirmação não é apenas minha: ela foi admitida pelas próprias autoridades religiosas. Sua consciência pesada nessa questão é ilustrada por um fragmento de má-fé que ainda precisa ser combatido. Em sites religiosos e na propaganda religiosa é possível se deparar com uma afirmação supostamente feita por Albert Einstein em 1940:

> Sendo um amante da liberdade, quando a revolução chegou à Alemanha eu esperei que as universidades a defendessem, sabendo que elas sempre tinham alardeado sua devoção à causa da verdade; mas não, as universidades foram imediatamente silenciadas. Então eu esperei pelos grandes editores dos jornais cujos editoriais inflamados nos dias passados tinham proclamado seu amor à liberdade; mas eles, como as universidades, foram silenciados em algumas semanas. (...) Apenas a Igreja permaneceu firmemente no caminho da campanha de Hitler para eliminar a verdade. Eu nunca antes tinha tido qualquer interesse especial pela Igreja, mas hoje sinto um grande afeto e admiração, porque apenas a Igreja teve a coragem e a persistência de defender a verdade intelectual e a liberdade moral. Assim, sou obrigado a confessar que o que eu antes desprezei hoje louvo sem reservas.

Originalmente publicada na revista *Time* (sem qualquer fonte verificável), essa suposta declaração foi certa vez citada em uma transmissão nacional de rádio do famoso porta-voz católico americano e clérigo Fulton Sheen, e continua a circular. Como destacou o analista William Waterhouse, ela de modo algum soa como Albert Einstein. Sua retórica é floreada demais para começar. Ela não faz qualquer menção à perseguição aos judeus. E faz o Einstein sereno e cuidadoso parecer tolo, por legar ter um dia "desprezado" algo pelo que ele "nunca teve especial interesse". Há ainda outra dificuldade, por essa declaração nunca aparecer em nenhuma antologia das observações escritas ou ditas por Einstein. Finalmente, Waterhouse conseguiu descobrir uma carta não-publicada nos Arquivos Einstein de Jerusalém, na qual o velho homem se queixava em 1947 de ter um dia feito uma observação louvado alguns "religiosos" alemães (não "igrejas"), que tinha desde então sido exagerada a ponto de se tornar irreconhecível.

Qualquer um que queira saber o que Einstein *realmente* disse nos primeiros dias da barbárie de Hitler pode descobrir facilmente. Por exemplo.

> Eu espero que condições saudáveis logo se imponham na Alemanha, e no futuro grandes homens como Kant e Goethe não sejam simplesmente festejados de tempos em tempos, mas que os princípios que eles ensinaram prevaleçam na vida pública e na consciência geral.

Fica muito claro com isso que ele colocava sua "fé", como sempre, na tradição iluminista. Aqueles que buscam representar erroneamente o homem que nos deu uma teoria alternativa para o universo (bem como aqueles que permaneceram silenciosos, ou pior ainda, enquanto seus colegas judeus estavam sendo deportados e destruídos) traem os escrúpulos de suas consciências pesadas.

Quanto ao stalinismo soviético e chinês, com seu exorbitante culto à personalidade e sua indiferença pervertida para com a vida e os direitos humanos, não se pode esperar descobrir grandes coincidências com as religiões preexistentes. Para começar, a Igreja Ortodoxa Russa tinha sido a principal impulsionadora da autocracia czarista, enquanto o próprio czar era visto como o líder formal da fé e algo um pouco mais que meramente humano. Na China, as igrejas cristãs eram fundamentalmente identificadas com as "concessões" estrangeiras arrancadas por poderes imperiais, que estavam entre as principais causas da própria revolução. Isso não explica ou desculpa o assassinato de padres e freiras e a violação de igrejas — não mais do que se deveria desculpar o incêndio de igrejas e o assassinato do clero na Espanha durante a luta da república espanhola contra o fascismo católico —, mas a longa associação da religião com o poder secular corrupto significou que a maioria das nações precisa passar por pelo menos uma fase anticlerical, de Cromwell ao *Risorgimento*, passando por Henrique VIII e a Revolução Francesa, e nas condições de guerra e colapso que havia na Rússia e na China esses interlúdios foram particularmente brutais. (Devo acrescentar porém, que nenhum cristão sério deveria esperar a restauração da religião *como era* em nenhum dos dois países: a igreja na Rússia era defensora da servidão e autora de pogrons antijudaicos, e na China os missionários, os comerciantes e concessionários avarentos eram sócios no crime.)

Lenin e Trotski certamente eram ateus convictos que acreditavam que as ilusões da religião podiam ser destruídas por atos políticos e que nesse meio-tempo as propriedades obscenamente ricas da igreja podiam ser confiscadas e nacionalizadas. Também havia nas fileiras bolcheviques, como entre os jacobinos

de 1789, aqueles que viam a revolução como uma religião alternativa, ligada a mitos de redenção e messianismo. Para Josef Stalin, que tinha se preparado para ser padre em um seminário na Geórgia, toda a coisa não passava de uma questão de poder. "Quantas divisões tem o papa?" foi a famosa pergunta idiota que ele fez. (A verdadeira resposta a esse sarcasmo cansativo era: "Mais do que você pensa.") Depois, Stalin pedantemente repetiu a rotina papal de fazer a ciência se ajustar ao dogma, insistindo em que o xamã e charlatão Trofim Lysenko tinha revelado o segredo da genética e prometido safras extras de vegetais particularmente inspirados. (Milhões de inocentes morreram de dores internas supliciantes em consequência dessa "revelação".) Esse César a quem todas as coisas eram devidamente atribuídas se preocupou, à medida que seu regime foi se tornando mais nacionalista e estatista, em manter pelo menos uma igreja-marionete que podia ligar seu tradicional apelo ao dele. Isso foi verdade especialmente durante a Segunda Guerra Mundial, quando a "Internacional" foi substituída como hino nacional russo pelo tipo de propaganda musical que tinha derrotado Bonaparte em 1812 (isso em uma época em que "voluntários" de vários Estados fascistas europeus estavam invadindo o território russo sob a sagrada bandeira de uma cruzada contra o comunismo "sem deus"). Em uma passagem muito negligenciada de *A revolução dos bichos*, George Orwell permite que Moses, o corvo, havia muito o defensor crocitante de um paraíso além do céu, retorne à fazenda para pregar para as criaturas mais crédulas após Napoleão ter derrotado Bola-de-Neve. Sua analogia com a manipulação da Igreja Ortodoxa Russa por Stalin foi, como sempre, muito precisa. (Os stalinistas poloneses do pós-guerra tinham recorrido à mesma tática, legalizando uma organização católica chamada Pax Christi e dando a ela assentos no Parlamento de Varsóvia, para encanto de comunistas católicos colegas de jornada como Graham Greene.) A propaganda antirreligiosa na União Soviética era do tipo materialista mais banal: um santuário a Lenin frequentemente tinha vitrais, enquanto no museu oficial do ateísmo havia o testemunho de um cosmonauta russo que não tinha visto nenhum deus no espaço sideral. Essa cretinice expressava no mínimo tanto desprezo pelos caipiras simplórios quanto por qualquer ícone realizador de maravilhas. Como colocou o grande laureado da Polônia, Czeslaw Milosz, em seu clássico antitotalitário *The Captive Mind*, lançado em 1953:

> Eu conheci muitos católicos — poloneses, franceses, espanhóis — que eram rígidos stalinistas no campo da política mas que mantinham certas reservas internas, acreditando que Deus faria correções assim que as sentenças sanguinárias dos todo-poderosos da História fossem cumpridas. Eles levaram esse raciocínio ainda mais longe. Argumentam que a História se

> desenvolve de acordo com leis imutáveis que existem pela vontade de Deus; uma delas é a luta de classes, o século XX marca a vitória do proletariado, que é liderado nessa luta pelo Partido Comunista; Stalin, o líder do Partido Comunista, cumpre a lei da História, ou, em outras palavras, age segundo a vontade de Deus, portanto é preciso obedecer a ele. A humanidade só pode ser renovada segundo o padrão russo; por isso nenhum cristão pode se opor à ideia — cruel, é verdade — que irá criar um novo tipo de homem sobre todo o planeta. Tal raciocínio é frequentemente utilizado por clérigos que são ferramentas do Partido. "Cristo é um novo homem. O novo homem é o homem soviético. Portanto, Cristo é um homem soviético!", disse Justinian Marina, o patriarca romeno.

Homens como Marina sem dúvida eram odiosos e patéticos, simultaneamente odiosos e patéticos, mas isso em princípio não é pior do que os inúmeros pactos feitos entre Igreja e império, Igreja e monarquia, Igreja e fascismo e Igreja e Estado, todos eles justificados pela necessidade de o fiel fazer alianças temporais pelo bem de objetivos "superiores", enquanto se entrega a César (a palavra da qual deriva czar"), mesmo se ele for "sem deus".

Um cientista político ou antropólogo teria pouca dificuldade em reconhecer o que os editores e colaboradores de *O deus que falhou* apresentaram naquela prosa imortal: absolutistas comunistas não tentavam tanto negar a religião, em sociedades que eles sabiam estar saturadas de fé e superstição, quanto *substituí-la*. A solene elevação de líderes infalíveis que eram fonte de infinita recompensa e bênção; a busca permanente de hereges e cismáticos; os horrendos julgamentos espetaculares que produzem confissões inacreditáveis por intermédio de tortura... nada disso era muito difícil de interpretar em termos tradicionais. Nem a histeria em tempo de peste e fome, quando as autoridades iniciavam uma busca ensandecida a qualquer culpado, menos o real. (A grande Doris Lessing certa vez me disse que deixou o Partido Comunista ao descobrir que os inquisidores de Stalin tinham pilhado os museus da ortodoxia russa e do czarismo e reutilizado os antigos instrumentos de tortura.) Também não o era a incessante invocação de um "Futuro Radiante", cuja chegada um dia iria justificar todos os crimes e dissolver todas as pequenas dúvidas. "*Extra ecclesiam, nulla salus*", como costumava dizer a antiga fé. "Na revolução, tudo" como Fidel Castro gostava de lembrar. "Fora da revolução, nada." De fato, na periferia de Castro se desenvolveu uma bizarra mutação conhecida, em um oximoro, como "teologia da libertação", cujos padres e até mesmo alguns bispos desenvolveram liturgias "alternativas" louvando a noção enganosa de que Jesus de Nazaré na verdade era um socialista militante. Por uma combinação de bons e maus motivos (o arcebispo Romero de El Salvador era um homem de coragem e princípios, de uma forma que alguns clérigos de "comunidades de base" nicaraguenses não

eram), o papado acabou com isso como sendo heresia. Que bom teria sido se ele tivesse condenado o fascismo e o nazismo com o mesmo tom firme e claro.

Em muito poucos casos, como o da Albânia, o comunismo tentou extirpar a religião inteiramente e proclamar um Estado por completo ateu. Isso apenas levou a cultos ainda mais extremados de seres humanos medíocres, como o ditador Enver Hoxha, e a batismos e cerimônias secretas que comprovaram a absoluta alienação das pessoas comuns do regime. Não há nada no moderno argumento secular que de longe sugira a proibição da observância religiosa. Sigmund Freud estava certo de descrever o impulso religioso, em *O futuro de uma ilusão*, como essencialmente inextinguível até, ou a não ser, que a espécie humana consiga vencer seu medo da morte ou sua tendência ao pensamento positivo. Nenhuma das duas situações parece provável. Tudo o que os totalitários demonstraram é que o impulso religioso — a necessidade de venerar — pode assumir formas ainda mais monstruosas se reprimido. Isso não necessariamente deve ser um cumprimento a nossa tendência à veneração.

Nos primeiros meses deste século eu fiz uma visita à Coreia do Norte. Ali, contido em um quadrilátero hermético de território limitado pelo mar ou por fronteiras quase impenetráveis, há uma terra inteiramente devotada à bajulação. Todos os momentos despertos do cidadão — o súdito — são consagrados a louvar o Ser Supremo e seu Pai. Toda sala de aula ressoa com isso, todos os filmes, as óperas e as peças são dedicados a isso, todas as transmissões de rádio e televisão são voltadas para isso. Assim como todos os livros, as matérias de revistas e jornais, todos os eventos esportivos e todos os locais de trabalho. Eu costumava pensar em como seria ter de cantar louvores infinitos, e hoje eu sei. Nem o demônio é esquecido: o mal vigilante dos estrangeiros e descrentes é evitado com uma vigilância perpétua, que inclui momentos diários de ritual no trabalho nos quais é inculcado o ódio ao "outro". O Estado norte-coreano nasceu aproximadamente na mesma época em que *1984* estava sendo publicado, e quase se pode acreditar que o pai sagrado do Estado, Kim Il Sung, recebeu um exemplar do romance e foi questionado se poderia colocá-lo em prática. Mas mesmo Orwell não tentou dizer que o nascimento do "Grande Irmão" foi cercado de sinais e prodígios milagrosos — como pássaros louvando o acontecimento glorioso cantando com vozes humanas. Nem o Partido Interno de Pista Número 1/Oceania gastou bilhões de escassos dólares, em uma época de fome terrível, para provar que o mamífero enganoso Kim Il Sung e seu filho mamífero patético Kim Jong Il eram duas encarnações da mesma pessoa. (Nessa versão da heresia ariana tão condenada por Atanásio, a Coreia do Norte é única por ter um

homem morto como chefe de Estado: Kim Jong Il é o chefe do partido e do exército, mas a presidência é exercida perpetuamente por seu pai morto, o que faz do país uma necrocracia ou uma mausoleocracia, além de um regime que está a apenas uma pessoa da Trindade.) A vida após a morte não é mencionada na Coreia, porque a ideia de deserção em qualquer direção é fortemente desencorajada, mas em compensação não é dito que os dois Kim continuarão a dominá-lo depois que você tiver morrido. Estudiosos do tema podem ver facilmente que o que temos na Coreia do Norte não é tanto uma forma extrema de comunismo — o termo mal é mencionado em meio às tempestades de dedicação extasiada — mas uma forma pervertida, embora refinada, de confucionismo e veneração aos ancestrais.

Quando eu deixei a Coreia do Norte, com uma sensação mista de alívio, ultraje e pena tão grande que ainda continuo com ela, estava deixando um Estado totalitário, e também religioso. Desde então eu tenho conversado com muitas das valorosas pessoas que estão tentando minar esse sistema atroz interna e externamente. Admito desde já que alguns dos resistentes mais valorosos são cristãos fundamentalistas e anticomunistas. Um desses homens corajosos concedeu há pouco tempo uma entrevista na qual foi honesto o bastante para dizer que tinha dificuldade em pregar a ideia de um salvador para os poucos esfaimados e aterrorizados que tinham conseguido escapar de seu estado-prisão. A própria ideia de um redentor infalível e todo-poderoso, diziam, era conhecida demais deles. Uma tigela de arroz, alguma exposição a uma cultura mais ampla e algum alívio do fardo hediondo do entusiasmo compulsório eram o máximo que eles pediam por hora. Aqueles que têm sorte o bastante de chegar à Coreia do Sul ou aos Estados Unidos podem se ver confrontados por um outro Messias. O criminoso inveterado e sonegador de impostos Sun Myung Moon, líder inconteste da "Igreja de Unificação" e grande financiador da extrema direita nos Estados Unidos, é um dos patronos do golpe do "projeto inteligente". Um personagem importante nesse dito movimento e um homem que nunca deixa de dar a esse guru homem-deus seu adequado nome de "Pai" é Jonathan Wells, autor de uma risível diatribe antievolucionista intitulada *The Icons of Evolution*. Como o próprio Wells diz de forma tocante: "As palavras do Pai, meus estudos e minhas preces me convenceram de que eu deveria dedicar minha vida a destruir o darwinismo, assim como muitos de meus colegas unificacionistas já dedicaram suas vidas a destruir o marxismo. Quando o Pai me escolheu (juntamente com cerca de 12 outros formados no seminário) para participar de um programa de doutorado em 1978, eu agradeci a oportunidade de combater". É improvável que

o livro do sr. Wells consiga sequer uma nota de pé de página na história das baboseiras, mas tendo visto o "paternalismo" em ação nas duas Coreias, eu tenho uma ideia de como deveria ser o "Distrito Consumido" do estado de Nova York quando os crentes faziam tudo do seu jeito.

Mesmo resignadamente, a religião tem de admitir que o que está propondo é uma solução "total" na qual a fé deve ser de certa forma cega, e na qual todos os aspectos da vida privada e pública devem ser submetidos a uma constante supervisão. Essa vigilância constante e essa sujeição contínua, normalmente implementadas pelo medo na forma da vingança infinita, não despertam invariavelmente as melhores características dos mamíferos. Certamente é verdade que a emancipação da religião também nem sempre produz o melhor mamífero. Dois grandes exemplos: um dos maiores e mais iluminados cientistas do século XX, D. Bernal, foi abjeto partidário de Stalin e passou grande parte da vida defendendo os crimes de seu líder. H. L. Mencken, um dos melhores satiristas da religião, era muito entusiasmado com Nietzsche e advogava uma forma de "darwinismo social" que incluía a eugenia e o desprezo pelos fracos e doentes. Ele também teve uma quedinha por Adolf Hitler e escreveu uma resenha imperdoavelmente indulgente de *Minha luta*. O humanismo tem muitos crimes pelos quais se desculpar. Mas ele pode se desculpar por eles, e também corrigi-los, em seus próprios termos e sem ter de abalar ou questionar as bases de qualquer sistema de crenças inalterável. Sistemas totalitários, quaisquer que sejam suas formas externas, são fundamentalistas e como dissemos agora, "baseados na fé".

Em seu estudo magistral do fenômeno totalitário, Hannah Arendt não estava sendo simplesmente tribal quando atribuiu um lugar especial ao antissemitismo. A ideia de que um grupo de pessoas — seja ele definido como uma nação ou uma religião — possa ser condenado para todos os tempos, e sem possibilidade de recurso, era (e é) essencialmente totalitária. É terrivelmente fascinante que Hitler tenha começado como propagador desse preconceito enlouquecido, e que Stalin tenha acabado sendo ao mesmo tempo vítima e defensor dele. Mas o vírus foi durante séculos mantido vivo pela religião. Santo Agostinho definitivamente utilizou o mito do Judeu Errante e o exílio dos judeus em geral como prova da justiça divina. Os judeus ortodoxos não são isentos de culpa. Alegando terem sido "escolhidos" em um acordo especial e exclusivo com o Todo-Poderoso, eles provocaram o ódio e a suspeita, e produziram sua própria forma de racismo. Contudo, são acima de tudo os judeus seculares que foram e são odiados pelos totalitários, portanto não há sentido em qualquer "culpe a vítima". A Ordem

Jesuíta, até o século XX, se recusava, por estatuto, a admitir um homem a não ser que ele pudesse provar que não tinha "sangue judeu" por várias gerações. O Vaticano pregou que todos os judeus herdavam a responsabilidade pelo teicídio. A igreja francesa insuflou a multidão contra Dreyfus e "os intelectuais". O islamismo nunca perdoou "os judeus" por encontrarem Maomé e decidirem que ele não era o verdadeiro mensageiro. Por enfatizar tribo, dinastia e origem racial em seus livros sagrados, a religião precisa aceitar a responsabilidade de transmitir uma das ilusões mais primitivas da humanidade através das gerações.

A ligação entre religião, racismo e totalitarismo também pode ser encontrada na outra odiosa ditadura do século XX: o sistema vil do *apartheid* da África do Sul. Aquela não era apenas a ideologia de uma tribo de língua holandesa disposta a extorquir trabalho forçado de povos de um diferente padrão de pigmentação; era também uma forma de calvinismo na prática. A Igreja Reformada Holandesa pregava como dogma que negros e brancos eram biblicamente proibidos de se misturar, quanto mais de coexistir em termos de igualdade. Racismo é totalitário por definição: ele marca a vítima perpetuamente e nega a ela até mesmo o direito de um farrapo de dignidade ou privacidade, até mesmo o direito elementar de fazer amor, casar ou produzir filhos com um ente querido da tribo "errada" sem ter seu amor anulado pela lei... E essa era a vida de milhões que viviam no "Ocidente cristão" em nossos próprios dias. O Partido Nacional, do governo, que também estava altamente contaminado por antissemitismo e que tinha ficado do lado dos nazistas na Segunda Guerra Mundial, se baseava nos delírios do púlpito para justificar seu próprio mito de sangue de um "Êxodo" bôer que deu a eles direitos exclusivos em uma "terra prometida". Consequentemente, uma transmutação africânder do sionismo produziu um Estado atrasado e despótico no qual os direitos de todos os outros povos foram abolidos e no qual a sobrevivência dos próprios africânderes acabou ameaçada pela corrupção, pelo caos e pela brutalidade. Nesse momento os anciãos bovinos da Igreja tiveram uma revelação que permitiu o fim gradual do apartheid. Mas isso de modo algum pode admitir perdão pelo mal que a religião causou enquanto se sentia forte o bastante para fazê-lo. São os muitos cristãos e judeus seculares, e os muitos militantes ateus e agnósticos do Congresso Nacional Africano, que merecem o crédito pela sociedade sul-africana ter sido salva da barbárie total e da implosão.

O último século viu muitos outros improvisos sobre a velha ideia de uma ditadura que podia cuidar de problemas mais que apenas seculares ou cotidianos. Eles variaram de levemente ofensivo — a Igreja Ortodoxa Grega batizou a junta militar golpista de 1967, com suas viseiras e seus capacetes de aço, de "a Grécia

para os cristãos gregos" — "até o escravizador "angka" do Khmer Vermelho no Camboja, que buscou sua autoridade em templos e lendas pré-históricos. (Seu algumas vezes amigo, algumas vezes rival, o já mencionado rei Sihanouk, que conseguiu um abrigo de playboy sob a proteção dos stalinistas chineses, também era adepto de ser um deus-rei quando interessava a ele.) Entre um extremo e outro está o xá do Irã, que alegava ser "a sombra de Deus", bem como "a luz dos arianos", que reprimiu a oposição secular e tomou o cuidado de ser representado como guardião dos santuários xiitas. Sua megalomania foi sucedida por uma de suas primas próximas, a heresia de Khomeini da *velayet-i-faqui*, ou o completo controle social pelos mulás (que também exibem seu falecido líder como seu fundador e afirmam que suas palavras sagradas nunca podem ser apagadas). No extremo pode ser encontrado o purismo medieval do Talibã, que se dedicou a descobrir novas coisas a proibir (tudo, de música a papel reciclado, que podia conter um pequeno fragmento de polpa de um Corão jogado fora) e novos métodos de punição (homossexuais queimados vivos). A alternativa a esses fenômenos grotescos não é a quimera da ditadura secular, e sim a defesa do pluralismo secular e o direito a não acreditar ou ser obrigado a acreditar. Essa defesa agora se tornou uma responsabilidade urgente e inevitável: uma questão de sobrevivência.

18. Uma tradição melhor: a resistência do racional

> Assim, sou um dos poucos exemplos neste país, um dos poucos, não que abandonaram a crença religiosa, mas que nunca a tiveram. (...) Este ponto em minha educação inicial teve, porém, uma consequência ruim que merece atenção. Ao me dar uma opinião contrária àquela do mundo, meu pai considerou necessário apresentá-la como sendo uma que não podia prudentemente ser anunciada ao mundo. Essa lição de manter meus pensamentos para mim mesmo, em tão tenra idade, foi aprendida com algumas desvantagens morais.
>
> John Stuart Mill, *Autobiografia*

> *Le silence éternel de ces espaces infinis m'effraie.*
> (O silêncio eterno desses espaços infinitos me assusta.)
>
> Blaise Pascal, *Pensamentos*

O Livro dos Salmos pode ser enganador. A festejada abertura do Salmo 121, por exemplo — "Ergo meus olhos para as montanhas, de onde virá meu socorro" — é apresentada em inglês como uma afirmação, mas no original tem a forma de pergunta: de onde virá o socorro? (Não tema, a resposta-padrão é que os crentes são imunes a todo perigo e sofrimento.) Quem quer que tenha sido o salmista, ele obviamente ficou bastante satisfeito com a construção e o acabamento do salmo 14 para repeti-lo virtualmente palavra por palavra como salmo 53. As duas versões começam com a afirmação idêntica de que "Diz o insensato no seu coração: 'Deus não existe!'". Por alguma razão, essa observação banal é considerada significativa o bastante para ser reciclada por toda a apologia religiosa. Só o que podemos saber com certeza sobre a afirmação aparentemente sem sentido é que é necessário mostrar que a descrença — não apenas heresia e apostasia, mas descrença — existia mesmo naquela época remota. Dado o poder então absoluto de uma fé brutalmente punitiva e não desafiada, talvez fosse insensato aquele que *não* mantivesse essa conclusão guardada bem dentro de si, e nesse caso seria interessante descobrir como o salmista sabia que ela estava ali.

(Na União Soviética os dissidentes costumavam ser trancados em asilos para lunáticos por causa de "delírios reformistas", sendo muito natural e razoável supor que qualquer um que fosse louco o bastante para propor reformas tinha perdido toda a noção de autopreservação.)

Nossa espécie nunca ficará sem insensatos, mas eu ouso dizer que deve ter havido pelo menos tantos idiotas crédulos que professaram fé em Deus quanto tem havido parvos e simplórios que concluíram o contrário. Pode ser pouco modesto sugerir que as chances beneficiam bastante a inteligência e curiosidade dos ateus, mas o caso é que alguns humanos sempre perceberam a improbabilidade de Deus, o mal feito em seu nome, a probabilidade de que ele seja feito pelo homem e a disponibilidade de crenças e explicações alternativas menos danosas. Não temos como saber os nomes de todos esses homens e mulheres, porque em todas as épocas e em todos os lugares eles foram submetidos a uma repressão impiedosa. Pela mesma razão, também não temos como saber quantas pessoas ostensivamente devotas eram secretamente descrentes. Ainda nos séculos XVIII e XIX, em sociedades relativamente livres como as da Grã-Bretanha e dos Estados Unidos, descrentes seguros e prósperos como James Mill e Benjamin Franklin consideravam recomendável manter suas opiniões para si. Assim, quando lemos sobre as glórias da pintura e da arquitetura devocional "cristã", ou da astronomia e da medicina "islâmicas", estamos falando de avanços da civilização e da cultura — algumas delas antecipadas pelos astecas e pelos chineses — que tem tanto a ver com a "fé" quanto seus predecessores tinham a ver com sacrifício humano e imperialismo. E não temos como saber, a não ser em alguns pouquíssimos casos especiais, quantos desses arquitetos, pintores e cientistas estavam preservando seus pensamentos íntimos do escrutínio do divino. Galileu poderia ter ficado fazendo em paz seu trabalho telescópico se não tivesse sido imprudente o bastante para admitir que ele tinha implicações cosmológicas.

Dúvida, ceticismo e absoluta descrença sempre tiveram em essência a mesma forma que tem hoje. Sempre houve observações da ordem natural que destacaram a ausência ou a falta de necessidade de um iniciador. Sempre houve comentários contundentes sobre a forma como a religião refletia os desejos e os projetos humanos. Nunca foi difícil ver que a religião era causa de ódios e conflitos, e que sua preservação dependia de ignorância e superstição. Satiristas e poetas, bem como filósofos e homens de ciência, foram capazes de apontar que se triângulos tivessem deuses, seus deuses teriam três lados, assim como os deuses dos trácios tinham cabelos louros e olhos azuis.

O choque original entre nossa capacidade de raciocínio e alguma forma de fé organizada, embora deva ter ocorrido antes nas mentes de muitos, provavelmente é exemplificado pelo julgamento de Sócrates em 399 a.C. Para mim não importa de modo algum se não temos certeza absoluta de que Sócrates existiu. Os registros de sua vida e suas palavras são de segunda mão, quase mas não tanto quanto o são os livros da Bíblia judaica e cristã e o *hadith* do islamismo. A filosofia, porém, não necessita de tais demonstrações, porque ela não lida com sabedoria "revelada". Da forma como é, temos relatos plausíveis da vida em questão (um soldado estoico de certa forma lembrando Schweikna na aparência; uma esposa rabugenta, uma tendência a ataques de catalepsia), e isso basta. Com base nas palavras de Platão, que foi pelo menos uma testemunha ocular, podemos aceitar que, durante uma época de paranoia e tirania em Atenas, Sócrates foi indiciado por falta de deus e sabia que iria perder a vida. As palavras nobres da *Apologia* também deixam claro que ele não estava interessado em se salvar afirmando, como um homem que posteriormente enfrentou uma inquisição, algo em que não acreditava. Embora ele na verdade não fosse ateu, era muito corretamente considerado doentio por sua defesa do livre pensamento e da investigação irrestrita, e por sua recusa em concordar com qualquer dogma. Só o que ele realmente "sabia", disse, era a extensão de sua própria ignorância. (Essa para mim ainda é a definição de uma pessoa educada.) De acordo com Platão, esse grande ateniense estava bastante satisfeito em observar os ritos habituais da cidade, testemunhou que o oráculo de Delfos o tinha instruído a se tornar filósofo, e em seu leito de morte, condenado a tomar cicuta, falou de uma possível pós-vida na qual aqueles que tinham se desligado do mundo por exercício mental ainda poderiam levar uma existência de pura mente. Mas mesmo então, ele, como sempre, se lembrou de se qualificar acrescentando que poderia muito bem não ser assim. A questão, como sempre, merecia ser investigada. A filosofia começa religião termina, assim como, por analogia, a química começa onde a alquimia acaba e a astronomia assume o lugar da astrologia.

Também com Sócrates podemos aprender como argumentar dois fatos que s da maior importância, o primeiro é que a consciência é inata. O segundo é que a fé dogmática pode facilmente ser manobrada e satirizada por alguém que finge levar suas pregações ao pé da letra.

Sócrates acreditava que tinha um gênio protetor(1), um oráculo ou um guia interno cujas boas opiniões mereciam ser ouvidas. Todos, menos o psicopata, têm essa sensação em maior ou menor grau. Adam Smith descreveu um parceiro

permanente em uma conversa inaudível, que agia como um checador e escrutinador. Sigmund Freud escreveu que a voz da razão era baixa, mas muito persistente. C. S. Lewis tentou provar demais opinando que a presença de uma consciência indicava a centelha divina. A linguagem moderna define consciência — não erradamente — como algo que faz com que nos comportemos bem quando ninguém está olhando. Seja como for, Sócrates se recusava peremptoriamente a dizer algo de que não estivesse absolutamente certo. Algumas vezes, se suspeitava que estava sendo casuísta ou satisfazendo a massa, parava no meio de um discurso. Ele disse a seus juízes que em nenhum momento em seu argumento final seu "oráculo" o tinha levado a parar. Aqueles que acreditam que a existência da consciência é uma prova do projeto divino estão apresentando um argumento que simplesmente não pode ser negado porque não há indícios a favor ou contra ele. Ocaso de Sócrates, porém, demonstra que homens e mulheres de verdadeira consciência frequentemente têm de afirmá-la contra a fé.

Ele enfrentava a morte, mas tinha a opção, mesmo sendo condenado, de uma sentença mais leve caso pedisse por ela. Em um tom quase insultuoso, ele se ofereceu para pagar uma multa pífia. Tendo, dessa forma, não deixado nenhuma opção para seus juízes raivosos a não ser a pena máxima, ele começou a explicar por que o assassinato pelas mãos deles não significava nada. A morte não apresentava terror: era ou descanso perpétuo ou a oportunidade da imortalidade — e mesmo de comunhão com grandes gregos como Orfeu e Homero, que tinham se antecipado a ele. Nesse exemplo feliz, observou ele secamente, seria até o caso de desejar morrer repetidamente. Não importa para nós que já não haja oráculo de Delfos e que Orfeu e Homero sejam míticos. A questão é que Sócrates estava debochando de seus acusadores em seus próprios termos, na verdade dizendo: não tenho certeza sobre a morte e os deuses — mas estou o mais seguro que posso de que *vocês* também não sabem.

Parte do efeito antirreligioso de Sócrates e seu questionamento educado mas incansável podem ser avaliados a partir de uma peça que foi escrita e montada quando ele era vivo. *As nuvens*, de Aristófanes, apresenta um filósofo chamado Sócrates, que mantém uma escola de ceticismo. Um fazendeiro das vizinhanças se sai com as habituais perguntas obtusas feitas pelos fiéis, como: se não há Zeus, quem manda a chuva para regar as plantações? Convidando o homem a utilizar sua cabeça por um segundo, Sócrates destaca que se Zeus pudesse fazer chover haveria, ou poderia haver, chuva em céus sem nuvens. Como isso não acontece deve ser mais sábio concluir que as nuvens são a causa da chuva. Tudo bem, diz o

fazendeiro, mas então quem coloca as nuvens em posição? Certamente deve ser Zeus. Não, diz Sócrates, que explica os ventos e o calor. Bem, nesse caso, replica o velho rústico, de onde vêm os raios para punir os mentirosos e os que agem errado? Os raios, é gentilmente explicado a ele, não parecem discriminar justos e injustos. De fato, frequentemente é noticiado que eles atingem os templos do próprio Zeus olímpico. Isso é suficiente para derrotar o fazendeiro, embora ele depois abjure sua falta de reverência e queime a escola com Sócrates dentro. São muitos os livres-pensadores que passaram pelo mesmo, ou escaparam por pouco. Todos os grandes confrontos sobre o direito ao livre-pensar, à liberdade de expressão e de pesquisa tiveram a mesma forma — uma tentativa religiosa de afirmar a mente literal e limitada sobre a mente irônica e investigativa.

A discussão com a fé essencialmente começa e termina com Sócrates, e se você quiser pode adotar o ponto de vista de que os promotores da cidade estavam certos em proteger a juventude ateniense contra suas especulações problemáticas. Contudo, não se pode discutir que ele apresentou muita ciência para se opor à superstição. Um de seus promotores alegou que ele tinha chamado o Sol de um pedaço de pedra e a Lua de um pedaço da Terra (sendo que essa última seria verdade), mas Sócrates derrubou a acusação dizendo que aquele era um problema para Anaxágoras. Esse filósofo jônio de fato tinha sido processado anteriormente por dizer que o Sol era um pedaço quente de rocha vermelha, e que a Lua era um pedaço da Terra, mas ele não foi tão visionário quanto Leucipo e Demócrito, que propuseram que tudo era feito de átomos em movimento constante. (Aliás, também é bastante possível que Leucipo nunca tenha existido, e nada de importante depende do que ele realmente fez ou não fez.) A coisa importante sobre a brilhante escola "atomista" é que ela considerava fundamentalmente irrelevante a questão da causa original ou da origem. Na época, era o mais longe que se podia esperar que uma mente chegasse.

Isso deixa sem solução o problema dos "deuses". Epicuro, que pegou a teoria de Demócrito sobre os átomos, não podia desacreditar totalmente da existência "deles", mas achava impossível se convencer de que eles desempenhavam algum papel nas questões humanas. Para começar, por que "eles" iriam se preocupar com o tédio da existência humana, quanto mais com o tédio do governo humano? Eles evitam dor desnecessária, e os humanos são sábios para fazer o mesmo. Assim, não há nada a temer da morte, e nesse ínterim todas as tentativas de ler as intenções dos deuses, como estudar as entranhas de animais, são uma absurda perda de tempo.

Em certo sentido, o mais atraente e encantador dos fundadores da antirregião

é o poeta Lucrécio, que viveu no século I a.C. e admirava enormemente o trabalho de Epicuro. Reagindo a um renascimento da antiga veneração ao imperador Augusto, ele compôs um poema espirituoso e brilhante intitulado *De Rerum Natura* ou *Sobre a natureza das coisas*. Essa obra quase foi destruída por cristãos fanáticos na Idade Média, e apenas um exemplar impresso sobreviveu, de modo que temos sorte de saber que uma pessoa que escreveu na época de Cícero (o primeiro a publicar o poema) e Júlio César tinha conseguido manter viva a teoria atômica. Lucrécio antecipou David Hume ao dizer que a perspectiva de aniquilação futura não era pior do que a contemplação do nada do qual se vem, e também antecipou Freud ao ridicularizar a ideia de ritos fúnebres preestabelecidos e memoriais, tudo isso expressando o desejo vão e inútil de estar de uma forma presente no próprio enterro. Seguindo Aristófanes, ele achava que o clima tinha sua própria explicação, e que essa natureza, livre de todos os deuses, fazia o trabalho que pessoas tolas e autocentradas acreditavam ter inspiração divina, ou destinada a seus seres insignificantes:

> Quem pode girar todas as esferas estreladas e soprar
> Sobre toda a terra o calor frutífero de cima,
> Estar a postos em todos os lugares e todo o tempo,
> Reunir nuvens negras e sacudir o céu plácido
> Com terrível trovão, arremessar raios que muitas vezes
> Destroem seus próprios santuários, se enfurecer no deserto, recuando
> Para exercitar a pontaria, de modo que seus dardos possam
> Errar o culpado e matar o inocente?

O atomismo foi violentamente perseguido por toda a Europa cristã durante muitos séculos, com base no argumento irracional de que oferecia uma explicação melhor para o mundo natural do que religião. Mas, como uma tênue corrente de pensamento, a obra de Lucrécio conseguiu persistir em algumas mentes educadas. *Sir* Isaac Newton pode ter sido um crente — em todos os tipos de pseudociência, bem como no cristianismo —, mas quando estabeleceu seus *Princípios* ele incluiu nos primeiros esboços da obra noventa linhas de *Sobre a natureza das coisas*. *Saggiatore*, de Galileu, de 1623, embora não reconheça Epicuro, dependia a tal ponto de suas teorias atômicas que tanto seus amigos quanto seus críticos se referem a ele como um livro epicurista.

Visto o terror imposto pela religião à ciência e ao conhecimento ao longo dos primeiros séculos cristãos (Agostinho sustentou que os deuses pagãos existiam, mas apenas como demônios, e que a Terra tinha menos de seis mil anos de idade), e o fato de que a maioria das pessoas inteligentes considerava prudente

dar uma demonstração exterior de adequação, não surpreende que o renascimento da filosofia frequentemente tenha sido expresso em termos quase religiosos. Aqueles que seguiam as várias escolas de filosofia que eram permitidas na Andaluzia durante seu breve florescimento — uma síntese de aristotelismo, judaísmo, cristianismo e islamismo — podiam especular sobre a dualidade da verdade e um possível equilíbrio entre razão e revelação. O conceito de "dupla verdade" foi proposto por defensores de Averróes, mas fortemente rejeitado pela Igreja por razões óbvias. Francis Bacon, escrevendo durante o reinado da rainha Elizabeth, gostava de dizer — talvez seguindo a afirmação de Tertuliano de que quanto maior o absurdo mais forte sua crença nele — que a fé está no auge quando seus ensinamentos são menos receptivos à razão. Pierre Bayle, escrevendo algumas décadas depois, gostava de afirmar todas as alegações da razão contra uma determinada crença, apenas para acrescentar "muito maior é a vitória da fé por ainda assim acreditar". Podemos estar bastante certos de que ele não fazia isso apenas para evitar punições. A época em que a ironia iria punir e confundir os literais e os fanáticos estava prestes a nascer.

Mas isso não aconteceria sem muitas vinganças e reações dos literais e dos fanáticos. Durante um breve, mas esplêndido, período no século XVII, a firme e pequena nação holandesa foi anfitriã tolerante de muitos livres-pensadores como Bayle (que se mudou para lá em busca de segurança) e René Descartes (que foi para lá pela mesma razão). Foi também local de nascimento, um ano antes da denúncia de Galileu pela Inquisição, do grande Baruch Spinoza, filho de judeus espanhóis e portugueses que tinham emigrado para a Holanda de modo a fugir à perseguição. No dia 27 de julho de 1656, os anciãos da sinagoga de Amsterdã fizeram a seguinte *cherem*, ou condenação, ou *fatwa* de sua obra:

> Com o julgamento dos anjos e dos santos nós excomungamos, eliminamos, amaldiçoamos e anatemizamos Baruch Spinoza, com o consentimento dos anciãos e de toda esta santa congregação, na presença dos livros agrados: pelos 613 preceitos neles inscritos, com o anátema pelo qual Josué amaldiçoou Jericó, com a maldição que Eliseu lançou sobre as crianças e com todas as maldições que estão escritas na lei. Maldito seja ele de dia, e maldito seja à noite. Maldito seja dormindo, e maldito seja acordado, maldito seja ao sair e maldito ao entrar. O Senhor não o irá perdoar, a ira e a fúria do Senhor a partir de agora lançadas contra este homem, e lançadas sobre ele todas as maldições escritas no livro da lei. O Senhor destruirá seu nome sob o sol e o eliminará por sua ruína de todas as tribos de Israel, com todas as maldições do firmamento que estão escritas no livro da lei.

A múltipla maldição conclui com uma ordem determinando que todos os judeus evitem contato com Spinoza e que se abstenham, sob pena de punição, de ler "qualquer papel composto ou escrito por ele" (incidentalmente, "a maldição

que Eliseu lançou sobre as crianças" se refere à história bíblica altamente inspiradora na qual Eliseu, incomodado com crianças que o provocavam por sua calvície, chama Deus e pede que ele envie alguns bichos-papões para levar as crianças de um limbo a outro. O que, conta a história, os bichos fazem. Talvez Thomas Paine não estivesse errado em dizer que não podia acreditar em nenhuma religião que chocasse a mente de uma criança).

Vaticano e as autoridades calvinistas na Holanda aprovaram de coração a histérica condenação judaica e se uniram à eliminação de toda a obra de Spinoza pela Europa inteira. O homem não tinha questionado a imortalidade da alma e pedido a separação entre Igreja e Estado? Fora com ele! Esse herege desprezado é hoje considerado o autor da obra filosófica mais original já produzida sobre distinção entre corpo e mente, e suas meditações sobre a condição humana de mais consolo às pessoas conscientes do que qualquer religião. Continua a discussão sobre se Spinoza era ateu: hoje parece estranho que tenhamos de discutir se panteísmo é ateísmo ou não. Em seus próprios termos, de fato é teísta, mas a definição de Spinoza de um deus manifesto por todo o mundo natural chega muito perto de definir um deus *religioso* fora da existência. E se houver uma divindade cósmica difusa preexistente que seja parte do que ela cria, então não sobra espaço para um deus que interfere nos assuntos humanos, quanto mais para um deus que escolhe um lado em rancorosas guerras hamletianas entre diferentes tribos de judeus e árabes. Nenhum texto pode ter sido escrito ou inspirado por ele, para começar, e não pode ser propriedade especial de uma seita ou tribo. (Lembra a pergunta feita pelos chineses quando os primeiros missionários cristãos apareceram. Se Deus se revelou, por que ele deixou tantos séculos se passarem antes de informar os chineses?) "Busque conhecimento mesmo que na China", disse o Profeta Maomé, inconscientemente revelando que a maior civilização do mundo estava no limite externo de sua consciência. Como no caso de Newton e Galileu criando a partir de Demócrito e Epicuro, vemos Spinoza se projetar na mente de Einstein, que respondeu à pergunta de um rabino afirmando solenemente que acreditava apenas no "deus de Spinoza" e nada em um deus "que se preocupa com os destinos e atos de seres humanos".

Spinoza desjudaizou seu nome para Benedict, sobreviveu ao anátema de Amsterdã por vinte anos e morreu com extremo estoicismo, em consequência do pó de vidro que penetrou em seus pulmões, sempre insistindo em conversas calmas e racionais. Sua carreira foi dedicada a raspar e polir lentes para telescópios e para a medicina: uma atividade adequadamente científica para alguém que ensinou os humanos a ver com maior acuidade. Como escreveu

Heinrich Heine, "todos os nossos filósofos modernos, embora talvez frequentemente de modo inconsciente, olham através das lentes que Baruch Spinoza instalou". Os poemas de Heine seriam tarde atirados em uma pira por arruaceiros nazistas desarticulados que não acreditavam que mesmo um judeu assimilado podia ser um verdadeiro alemão. Os judeus assustados e retrógrados que lançaram Spinoza no ostracismo tinham jogado fora uma pérola mais rica que toda a sua tribo: o corpo de seu filho mais valoroso foi roubado após sua morte e sem dúvida submetido a outros rituais de violação.

Spinoza tinha visto isso se avizinhar. Em sua correspondência ele escrevia a palavra *Caute*! (do latim "tome cuidado") e colocava uma pequena rosa abaixo. Não era o único aspecto de sua obra que era *sub rosa*: ele deu um nome falso para o impressor de seu festejado *Tractatus* e deixou a página do autor em branco. Sua obra proibida (boa parte da qual poderia não ter sobrevivido à sua morte, não fosse pela bravura e a iniciativa de um amigo) continuou a ter uma existência clandestina nos escritos de outros. No *Dicionário histórico e crítico* de Pierre Bayle de 1697 ele tinha o maior verbete. *O espírito das leis* de Montesquieu, de 1748, foi considerado tão baseado nos textos de Spinoza que seu autor foi compelido pelas autoridades eclesiásticas da França a renegar esse monstro judeu e a fazer uma declaração pública anunciando sua crença em um criador (cristão). A grande *Enciclopédia* francesa que definiu o Iluminismo, editada por Denis Diderot e d'Alembert, tem um verbete enorme sobre Spinoza.

Eu não quero repetir o enorme erro que os apologistas cristãos cometeram. Eles tiveram um enorme e desnecessário esforço para mostrar que homens sábios que escreveram antes de Cristo na verdade eram profetas e prefigurações de seu advento. (Ainda no século XIX, William Ewart Gladstone cobriu resmas de papel desperdiçado tentando provar isso em relação aos antigos gregos.) Eu não tenho o direito de alegar que filósofos do passado são supostos ancestrais do ateísmo. Eu, porém tenho o direito de destacar que por causa da intolerância religiosa não podemos saber o que eles realmente pensavam particularmente, e quase fomos impedidos de saber o que eles escreveram publicamente. Mesmo o relativamente conformista Descartes, que considerou mais recomendável viver no ambiente mais livre da Holanda, propôs algumas palavras lapidares para seu próprio túmulo: "Aquele que se escondeu bem viveu bem."

Nos casos de Pierre Bayle e Voltaire, por exemplo, não é fácil determinar se eles eram seriamente não-religiosos ou não. Seus métodos certamente tendiam a ser irreverentes e satíricos, e nenhum leitor com uma fé acrítica escapa de suas palavras sem ter sua fé seriamente abalada. Essas mesmas obras foram sucesso de

venda em sua época, e tornaram impossível para as novas classes recém-alfabetizadas continuar a acreditar em coisas como a verdade literal das histórias bíblicas. Bayle, em especial, provocou uma enorme mas saudável comoção quando estudou os feitos de Davi, o suposto "salmista", e mostrou que eles eram a carreira de um bandido inescrupuloso. Ele também destacou que era absurdo acreditar que a fé religiosa fizesse as pessoas se comportarem melhor, ou que a descrença fizesse com que se comportassem pior. Um enorme acúmulo de experiências observáveis confirmava esse senso comum, e a delineação disso por Bayle é o motivo pelo qual ele tem sido louvado, ou atacado, por um ateísmo oblíquo e sub-reptício. Mas ele acompanhou ou protegeu isso com muitas afirmações mais ortodoxas, que provavelmente permitiram que sua obra de sucesso tivesse uma segunda edição. Voltaire compensou sua própria ridicularização selvagem da religião com alguns gestos devocionais, e sorridentemente propondo que seu próprio túmulo (como esses homens se excitavam com visão de seus próprios funerais) fosse erguido de modo a ficar metade dentro e metade fora da igreja. Mas, em uma de suas mais festejadas defesas da liberdade civil e dos direitos de consciência, Voltaire também viu Jean Calas ser quebrado na roda com martelos e depois enforcado pelo "crime" de tentar converter um de seus empregados ao protestantismo. Nem mesmo um aristocrata como ele podia se considerar seguro, como ele sabia de ver o interior da Bastilha. Vamos manter isso em mente.

Durante algum tempo Immanuel Kant acreditou que todos os planetas eram habitados e que o caráter dessas populações melhorava quanto mais distantes elas estavam, mas, mesmo partindo dessa base cósmica encantadoramente limitada, ele foi capaz de produzir argumentos convincentes contra qualquer apresentação teísta que dependesse da razão. Ele mostrou que os velhos argumentos do projeto, então como hoje entre os favoritos, podiam ser forçados para implicar um arquiteto, mas não um criador. Ele descartou a prova cosmológica de Deus — que sugeria que a própria existência de alguém determinava outra necessária existência — dizendo que isso apenas reafirmava o argumento ontológico. E ele desfez o argumento ontológico desafiando a noção simplória de que se Deus pode ser concebido como uma ideia ou afirmado como um predicado, necessariamente precisa ter a qualidade de existência. Essa baboseira tradicional é acidentalmente desmontada por Penelope Lively em seu muito elogiado romance *Moon Tiger*. Descrevendo sua filha Lisa como uma "criança tediosa", ela ainda assim se delicia com as perguntas tolas mas imaginativas da criança:

> "Dragões existem?", perguntou ela. Eu disse que não. "Já existiram?" Eu disse que todos os indícios apontavam no sentido contrário. "Mas se há uma palavra dragão, então um dia tem de ter existido dragões", disse ela.

Quem nunca protegeu um inocente da refutação de tal ontologia? Mas pelo bem da substância, e como não podemos gastar toda a nossa existência apenas crescendo, eu cito Bertrand Russell: "Kant objeta que a existência *não* é um predicado. Cem táleres que eu simplesmente imagino, diz ele, tem os mesmos predicados de cem táleres reais". Eu apresentei a refutação de Kant em ordem inversa de modo a modo a chamar a atenção para o caso, registrado pela Inquisição em Veneza em 1573, de um homem chamado Matteo de Vincenti, que opinou sobre a doutrina da "presença real" de Cristo na missa dizendo: "É absurdo ter de acreditar nessas coisas — são histórias. Eu preferiria acreditar que tenho dinheiro em meus bolsos." Kant não tinha conhecimento desse seu predecessor entre as pessoas comuns, e quando se voltou para o tópico mais recompensador da ética ele poderia não saber que seu "imperativo categórico" ecoava a "Regra de Ouro" do rabino Hillel. O princípio de Kant nos estimula a "agir como se o máximo de sua ação se tornasse por seu intermédio uma lei natural geral". Nesse resumo de interesse mútuo e solidariedade, não há a necessidade de qualquer autoridade fiscalizadora ou sobrenatural. E por que deveria? A decência humana não deriva da religião. É anterior a ela.

É muito interessante ver, no período do Iluminismo do século XVIII, como muitas grandes mentes pensaram de modo semelhante e apresentaram interseções entre elas, e também tomaram grande cuidado para expressar suas opiniões cautelosamente, ou para mantê-las o máximo possível confinadas a um círculo de simpatizantes educados. Uma de minhas escolhas seria a de Benjamin Franklin, que, se não exatamente descobriu a eletricidade, certamente foi um dos que ajudaram a revelar seus princípios e suas aplicações práticas. Entre essas últimas estava o para-raios, que decidiria para sempre a questão de se Deus interferia para nos punir em súbitos disparos aleatórios. Não há hoje campanário ou minarete que não apresente um. Ao anunciar ao público sua invenção, Franklin escreveu:

> Coube a Deus, em sua Bondade para com a Humanidade, finalmente revelar a ela o Meio de Proteger suas Habitações e outros Prédios de Danos por Trovões e Raios. O Método é o seguinte. (...)

Ele a seguir apresenta o equipamento doméstico comum — fio de latão, uma agulha de bordar e "alguns poucos grampos pequenos" — necessário para realizar

o milagre.

Isso demonstra uma perfeita adequação exterior à opinião recebida, mas é embelezada com uma pequena mais óbvia alfinetada na palavra "finalmente". Você pode preferir acreditar, claro, que Franklin sinceramente levou a sério todas as palavras e desejava que as pessoas acreditassem que ele dava ao Todo-poderoso o crédito por se compadecer após todos esses anos e finalmente abrir mão do segredo. Mas o eco de Prometeu roubando o fogo dos deuses é claro demais para ser ignorado. E naqueles dias os prometeicos ainda tinham de ser cuidadosos. Joseph Priestley, o virtual descobridor do oxigênio, teve seu laboratório de Birmingham empastelado por um bando insuflado pelos conservadores que gritava "pela Igreja e pelo rei", e teve de levar suas convicções unitaristas para o outro lado do Atlântico para poder voltar a trabalhar. (Nada é perfeito nesses relatos: Franklin teve um interesse pela maçonaria tão forte quanto o de Newton pela alquimia, e mesmo Priestley era um devoto da teoria do flogisto. Lembrem-se de que estamos estudando a infância da nossa espécie.)

Edward Gibbon, que ficou revoltado com o que descobriu sobre o cristianismo durante o trabalho em seu grande *Declínio e queda do império romano*, enviou um exemplar antecipado para David Hume, que o alertou de que haveria problemas, e quais eram. Hume recebeu Benjamin Franklin como seu convidado em Edimburgo e viajou para Paris para se encontrar com os editores da *Enciclopédia*. Aqueles homens algumas vezes espalhafatosamente irreligiosos ficaram inicialmente desapontados quando seu cuidadoso convidado escocês fez observações sobre a ausência de ateus, e portanto da possível ausência de algo como ateísmo. Eles poderiam ter gostado mais dele se tivessem lido seu *Diálogos sobre a religião natural*, cerca de uma década depois.

Com base em um diálogo de Cícero, com o próprio Hume aparentemente (mas cautelosamente) assumindo o papel de Filo, os tradicionais argumentos sobre a existência de Deus são um tanto qualificados de acordo com a disponibilidade de evidências e raciocínio mais modernos. Partindo talvez de Spinoza — cuja obra em boa parte ainda era disponível apenas em segunda mão —, Hume sugeria que a profissão de crença em um ser supremo absolutamente simples e onipresente na verdade era uma profissão disfarçada de ateísmo, porque tal Ser não podia ter nada que pudéssemos razoavelmente chamar de mente, ou uma vontade. Ademais, se "ele" por acaso tivesse tais atributos, então ainda seria válido o antigo questionário de Epicuro:

> Ele está disposto a evitar o mal, mas não é capaz? Então ele é impotente. Ele é capaz, mas não está disposto? Então ele é malévolo. Ele é igualmente capaz e disposto? Por que, então, há mal?

O ateísmo corta esse não-dilema como a navalha de Ockham. É absurdo, mesmo para um crente, achar que Deus poderia dever uma explicação a ele. Mas um crente apesar disso se entrega à tarefa impossível de interpretar a vontade de uma pessoa desconhecida, e assim apresenta a si mesmo essas questões fundamentalmente absurdas. Mas deixemos de lado a suposição e vejamos onde estamos e sejamos capazes de aplicar nossa inteligência, que é só o que temos. (À inevitável pergunta — de onde vêm todas essas criaturas? — a resposta de Hume antecipa Darwin dizendo que de fato elas evoluem; os eficientes sobrevivem e os ineficientes desaparecem.) No final ele escolhe, como fez Cícero, dividir a diferença entre o teísta Cleanthes e o cético Filo. Isso poderia ser um jogo seguro, como Hume tendia a fazer, ou poderia ter representado o aparente apelo do teísmo em uma época anterior a Darwin.

Mesmo o grande Thomas Paine, amigo de Franklin e Jefferson, repudiou a acusação de ateísmo que ele não temia provocar. De fato, ele se dispôs a denunciar os crimes e os horrores do Velho Testamento, bem como os mitos tolos do Novo, como parte de uma justificativa de Deus. Nenhuma grande e nobre divindade, afirmou ele, deveria ter tais atrocidades e idiotices atribuídas a si. *A era da razão* de Paine praticamente marca a primeira vez em que o desprezo sincero à religião organizada foi expresso abertamente. Isso teve um enorme efeito em todo o mundo. Enquanto isso, seus amigos e contemporâneos americanos, em parte inspirados por ele a declarar independência dos usurpadores de Hannover e de sua Igreja Anglicana privada, conseguiram algo extraordinário e sem precedentes: escrever uma Constituição democrática e republicana que não fazia nenhuma menção a Deus e que só citava a religião para garantir que ela estaria para sempre separada do Estado. Quase todos os fundadores do país morreram sem um padre ao lado da cama, assim como Paine, que foi muito atormentado em suas últimas horas por arruaceiros religiosos que exigiam que ele aceitasse Cristo como seu salvador. Como David Hume, ele declinou de tal consolo e sua memória sobreviveu ao boato calunioso de que no final ele tinha implorado pela reconciliação com a Igreja. (O simples fato de que tais "arrependimentos" no leito de morte fossem desejados pelos crentes, quanto mais posteriormente forjados, diz muito sobre a má-fé dos que se baseiam na fé.)

Charles Darwin nasceu enquanto Paine e Jefferson eram vivos, e seu trabalho acabou transcendendo os limites da ignorância em relação às origens das plantas e dos animais e dos outros fenômenos, sob os quais eles tiveram de trabalhar. Mas mesmo Darwin, ao iniciar sua aventura como botânico e naturalista, estava quase certo de que agia de forma coerente com o projeto de Deus. Ele queria ser

um clérigo. E quanto mais descobertas ele fazia, mais tentava "enquadrá-las" na fé em uma inteligência superior. Como Edward Gibbon, ele previu uma polêmica quando da publicação e (um pouco menos que Gibbon) fez algumas notas protetoras e defensivas. De fato, ele primeiramente argumentou consigo mesmo em grande parte como alguns dos imbecis do "projeto inteligente" de hoje costumam fazer. Confrontado com os incontestáveis fatos da evolução, por que não alegar que eles provam como Deus é muito maior até mesmo do que pensamos que era? A descoberta de leis naturais "deve exaltar nossa noção do poder do Criador onisciente". Não totalmente convencido disso em sua própria mente, ele temia que seus primeiros escritos sobre a seleção natural fossem o fim de sua reputação, o equivalente a "confessar um assassinato". Ele também avaliou que, se um dia encontrasse adaptação ao ambiente, teria de confessar algo ainda mais alarmante: a ausência de uma causa inicial ou de um projeto grandioso.

Os sintomas de dissimulação codificada nas entrelinhas ao velho estilo podem ser encontrados ao longo de toda a primeira edição de *A origem das espécies*. O termo "evolução" nunca aparece, enquanto a palavra "criação" é frequentemente empregada. (De modo fascinante, suas primeiras anotações de 1837 receberam o título provisório de *A transmutação das espécies*, quase como se ele estivesse empregando a linguagem arcaica da alquimia.) A folha de rosto do *Origem* definitivo trazia um comentário, significativamente retirado do aparentemente respeitável Francis Bacon, sobre a necessidade de estudar não apenas a palavra de Deus, mas também sua "obra". Em *A origem do homem e a seleção natural* Darwin se sentiu capaz de levar as questões um pouco mais à frente, mas ainda submetido a revisões editoriais de sua devota e amada esposa, Emma. Apenas em sua autobiografia, que não deveria ser publicada, e em algumas cartas a amigos ele admitiu que não havia restado qualquer crença. Sua conclusão "agnóstica" era determinada tanto por sua vida quanto por sua obra: ele tinha sofrido muitas perdas e não conseguia conciliar isso com o criador amoroso, quanto mais com os ensinamentos cristãos sobre a punição eterna. Como muitas pessoas, ele, embora brilhante, era dado àquele solipsismo que produz ou destrói a fé e que supõe que o universo está preocupado como destino de alguém. Isso, porém, torna seu rigor científico ainda mais louvável e passível de ser colocado junto ao de Galileu, já que ele não foi fruto de nenhuma intenção que não a de descobrir a verdade. Não faz diferença que essa intenção incluísse a expectativa falsa e frustrada de que essa mesma verdade pudesse finalmente ressoar *ad majorem dei gloriam*.

Após sua morte, Darwin também foi postumamente insultado pelas

invenções de um cristão histérico que alegou que o grande, honesto e atormentado pesquisador estava no final folheando a Bíblia. Demorou um pouco para denunciar o patético impostor que achou que essa seria uma coisa nobre a fazer.

Quando acusado de plágio científico, do que ele muito provavelmente era culpado, *sir* Isaac Newton fez a confissão precavida — que era, em si, plagiada — de que em sua obra, ele tivera a vantagem de "estar de pé nos ombros de gigantes". Pareceria apenas minimamente indulgente, na primeira década do século XXI, conceder o mesmo. Se e quando eu desejar, posso usar um simples *laptop* para me familiarizar com as vidas e as obras de Anaxágoras e Erasmo, Epicuro e Wittgenstein. Não preciso ler atentamente na biblioteca à luz de velas, enfrentar a falta de textos ou a dificuldade de contato com pessoas semelhantes de outras épocas ou sociedades. E nada (a não ser quando o telefone algumas vezes toca e eu ouço vozes roucas me condenando à morte, ao inferno ou a ambos) do medo constante de que algo que eu escreva leve à extinção de minha obra, ao exílio ou a algo pior para minha família, à difamação eterna de meu nome por religiosos farsantes e mentirosos e à dolorosa escolha entre retratação e morte por tortura. Eu desfruto de liberdade e de um acesso ao conhecimento que teria sido inimaginável para aqueles pioneiros. Pela perspectiva do tempo, portanto, não posso deixar de notar que os gigantes dos quais eu dependo, e em cujos ombros impressionantes eu me empoleiro, foram todos obrigados a ser um pouco fracos nas articulações fundamentais e altamente (e muito mal) evoluídas de seus joelhos. Apenas um membro da categoria de gigantes e gênios sempre falou o que quis sem qualquer medo aparente ou excesso de cautela. Portanto, eu cito Albert Einstein, muito mal representado, mais uma vez. Ele se dirige a um correspondente que está perturbado com mais uma daquelas muitas representações equivocadas:

> Foi, claro, uma mentira quando você leu sobre minhas convicções religiosas, uma mentira que está sendo sistematicamente repetida. Eu não acredito em um Deus pessoal, e nunca neguei isso; ao contrário, o disse claramente. Assim, se há algo em mim que possa ser chamado de religioso é a ilimitada admiração pela estrutura do mundo na medida em que nossa ciência possa revelá-la.

Anos mais tarde ele respondeu outra pergunta afirmando:

> Eu não acredito na imortalidade do indivíduo, e considero que a ética é uma preocupação exclusivamente humana sem qualquer autoridade sobre-humana por trás dela.

Essas palavras vêm de uma mente, ou um homem, que era devidamente famosa por sua preocupação, sua prudência e seus escrúpulos, e cujo simples gênio produziu uma teoria que, nas mãos erradas, poderia ter obliterado não apenas este mundo, mas todo o seu passado e a própria possibilidade um futuro. Ele dedicou a maior parte de sua vida a uma grandiosa rejeição do papel de profeta punitivo, preferindo espalhar a mensagem do iluminismo e do humanismo. Decididamente judeu, consequentemente exilado, difamado e processado, ele preservou o que podia de seu judaísmo ético e rejeitou a mitologia bárbara do Pentateuco. Temos mais motivos para sermos gratos a ele que a todos os rabinos que já se lamuriaram e que ainda irão se lamuriar. (Tendo recebido a oferta de ser o primeiro presidente de Israel, Einstein recusou por causa de seus muitos receios sobre o caminho que o sionismo estava tomando. Isso foi um grande alívio para David Ben-Gurion, que tinha perguntado, nervoso, ao seu gabinete: "O que faremos se ele disser 'sim'?")

Esmagada na dor de seus trajes de luto, a maior vitoriana de todas teria apelado a seu primeiro-ministro predileto perguntando se ele podia oferecer um argumento incontestável para a existência de Deus. Benjamin Disraeli hesitou brevemente diante de sua rainha — a mulher que ele tinha tornado "imperatriz da Índia" — e respondeu: "Os Judeus, senhora." Parecia para aquele mundano mas supersticioso gênio político que a sobrevivência do povo judeu e sua fidelidade admiravelmente teimosa a seus antigos rituais e narrativas mostravam a mão invisível em ação. Na verdade, ele estava trocando de barco na maré vazante. No momento em que ele falava, o povo judeu estava emergindo de dois diferentes tipos de opressão. A primeira e mais óbvia era o confinamento em guetos que fora imposto a eles pelas ignorantes e intolerantes autoridades cristãs. Isso foi bem documentado demais para precisar de qualquer elaboração minha. Mas a segunda opressão era autoimposta. Napoleão Bonaparte, por exemplo, tinha, com algumas reservas, abolido as leis discriminatórias contra os judeus. (Ele poderia muito bem estar contando com seu apoio financeiro, mas não importa.) Mas quando seus exércitos invadiram a Rússia, os rabinos conclamaram seu rebanho a ficar do lado do mesmo czar que os difamava, açoitava, espoliava e assassinava. Melhor aquele despotismo agressivo aos judeus, disseram, que uma única pitada do Iluminismo francês impuro. Por isso o tolo e tedioso melodrama na sinagoga de Amsterdã foi e continua a ser tão importante. Mesmo em um país tão aberto quanto a Holanda, os anciãos tinham preferido se alinhar com antissemitas cristãos e outros obscurantistas a permitir que o melhor de seus membros se valesse de sua própria inteligência livre.

Quando os muros dos guetos caíram, portanto, seu colapso libertou os habitantes dos clérigos, bem como "dos gentios". E seguiu-se um florescimento de talento como nunca tinha sido visto em outra época. Uma população antes ridicularizada começou a dar enormes contribuições à medicina, à ciência, ao direito, à política e às artes. Isso continua a reverberar: basta pensar em Marx, Freud e Einstein, embora Isaac Babel, Arthur Koestler, Billy Wilder, Lenny Bruce, Saul Bellow, Philip Roth Joseph Heller e muitos outros também sejam produto dessa dupla emancipação.

Se for possível escolher um dia absolutamente trágico na história humana, seria a ocasião que hoje é comemorada no insípido e enfadonho feriado conhecido como "Hanuca". Pela primeira vez, em lugar de o cristianismo plagiar o judaísmo, os judeus desavergonhadamente copiaram os cristãos na esperança patética de uma celebração que coincidisse com o "Natal", que é em si uma anexação quase cristã, com lareiras acesas, azevinho e visgo, e um solstício pagão do norte originalmente iluminado pela aurora boreal. Eis o ponto a que o "multiculturalismo" banal nos trouxe. Mas não foi nada remotamente multicultural que levou Judas Macabeu a reconsagrar o Templo de Jerusalém em 165 a.C. e a estabelecer a data que os despreocupados festeiros do Hanuca hoje comemoram de forma tão vazia. Os macabeus, que fundaram a dinastia asmoniana, estavam restaurando pela força o fundamentalismo mosaico contra os muitos judeus da Palestina e de todas as outras regiões que tinham sido atraídos pelo helenismo. Esse verdadeiro multiculturalismo precoce tinha se cansado da "Lei", ofendido com a circuncisão, interessado por literatura grega, atraído pelos exercícios físicos e intelectuais do ginásio, e tornado adepto da filosofia. Eles podiam sentir a atração exercida por Atenas, mesmo que apenas por intermédio de Roma e pela lembrança da época de Alexandre, e estavam impacientes com medo absoluto e a superstição determinados pelo Pentateuco. Eles obviamente pareciam cosmopolitas demais para os sacerdotes do velho Templo — e deve ter sido fácil acusá-los de "dupla lealdade" quando eles concordaram em ter um templo de Zeus no local onde altares esfumaçados e ensanguentados costumavam receber propiciações à carrancuda divindade do passado. Seja como for, quando o pai de Judas Macabeu viu um judeu prestes a fazer uma oferenda helenista no antigo altar, não perdeu tempo em assassiná-lo. Ao longo dos anos seguintes da "revolta" macabéia, muitos outros judeus assimilados foram mortos, circuncidados à força ou ambas as coisas, e as mulheres que tinham flertado com a nova ordem helênica sofreram ainda mais. Como os romanos acabaram preferindo os violentos e dogmáticos macabeus aos

judeus menos militarizados e fanáticos que tinham tomado sol em suas togas à luz do Mediterrâneo, o cenário estava pronto para o choque desconfortável entre o antiquado Sinédrio ultraortodoxo e o governo imperial. Esse dualismo lúgubre acabou levando ao cristianismo (outra heresia judaica) e assim, inevitavelmente, ao nascimento do islamismo. Poderíamos ter sido poupados de tudo isso.

Sem dúvida, ainda teria havido muita tolice e solipsismo. A natureza de nossa espécie não é tão maleável. Mas a ligação entre Atenas, história e humanidade não teria sido rompida de tal forma, e o povo judeu poderia ser detentor de uma filosofia em vez de um monoteísmo árido, e as antigas escolas e sua sabedoria não teriam se tornado pré-históricas para nós. Eu certa vez me sentei no escritório do Knesset do falecido rabino Meir Kahane, um racista doentio e demagogo que tinha como partidário o louco dr. Baruch Goldstein e outros violentos colonos israelenses. A campanha de Kahane contra casamentos exógamos e pela expulsão de todos os não-judeus da Palestina tinha dado a ele o desprezo de muitos israelenses e judeus da diáspora, que comparavam seu programa ao das leis de Nuremberg, na Alemanha. Kahane delirou um pouco em resposta a isso, dizendo que qualquer árabe poderia permanecer caso se convertesse ao judaísmo por um rígido teste *halacha*,(2) mas então se cansou e desclassificou seus oponentes judeus como mera ralé "helenizada". E no sentido formal ele estava certo: sua intolerância tinha pouco a ver com "raça", e tudo a ver com "fé". Torcendo o nariz para aquele bárbaro insano, eu senti uma verdadeira angústia pelo mundo de luz e cor que tínhamos perdido havia muito tempo nos pesadelos em preto-e-branco de seus ancestrais horríveis e rígidos. O fedor de Calvino, Torquemada e Bin Laden exalava daquela figura suada e curvada cujos arruaceiros do Partido Kach patrulhavam as ruas procurando violações do sabá e contatos sexuais não-autorizados. Mais uma vez me valendo da metáfora do folhelho Burgess, ali estava um ramo venenoso que deveria ter sido arrancado muito tempo antes ou deixado para morrer antes que pudesse infectar qualquer broto saudável com sua sombra assassina. E criancinhas judias festejam o Hanuca para não se sentirem deixadas de fora dos mitos baratos de Belém, que agora estão sendo tão duramente contestados pela propaganda mais estridente de Meca e Medina.

---

(1) Do grego *daimon* ou *daemon*. (N. do E.)
(2) Em latim, *De Rerum Natura*.(N. do E.).

19. Para concluir: a necessidade de um novo Iluminismo

> O verdadeiro valor de um homem não é determinado por sua posse, suposta ou real, da Verdade, mas por seu sincero esforço para chegar à Verdade. Não é a posse da Verdade, mas a busca da Verdade que o leva a estender seus poderes e nela encontrar seu aperfeiçoamento constante. A posse torna a pessoa passiva, indolente e orgulhosa. Se Deus tivesse toda a Verdade guardada em sua mão direita, e em sua mão esquerda apenas o caminho seguro e diligente para a Verdade e me oferecesse a escolha, embora com a ressalva de que eu sempre e para sempre iria errar no processo, eu com toda a humildade escolheria a mão esquerda.
>
> Gotthold Lessing, *Anti-Goeze*(1778)

> "O Messias não vem — e não vai sequer telefonar!"
>
> Sucesso no *hit parade* israelense (2001)

O grande Lessing foi muito suave durante sua polêmica com o pregador fundamentalista Goeze. E sua modéstia faz parecer que ele tinha, ou poderia ter, escolha na questão. Na verdade, não temos a opção de "escolher" a verdade, ou fé, absoluta. Só temos o direito de dizer, daqueles que realmente alegam conhecer a verdade da revelação, que estão enganando a si mesmos e tentando enganar — ou intimidar — os outros. Claro que é melhor e mais saudável para a mente "escolher" o caminho do ceticismo e da investigação em qualquer caso, porque apenas pelo exercício contínuo dessas faculdades podemos esperar conquistar algo. Mas as religiões, espirituosamente definidas por Simon Blackburn em seu estudo da *República* de Platão, não passam de "filosofias fossilizadas" ou filosofia com questões deixadas de fora. "Escolher" o dogma e a fé em lugar da dúvida e da experimentação é jogar fora o *vintage* amadurecido e sair sequioso em busca de um refresco em pó.

Tomás de Aquino certa vez escreveu um documento sobre a Trindade e, modestamente o considerando um de seus esforços mais bem-sucedidos, o deixou no altar da Notre Dame de maneira que o próprio Deus pudesse avaliar a

obra e talvez favorecer "o doutor angelical" com uma opinião. (Aquino aqui cometeu o mesmo erro que leva as freiras nos conventos a cobrir seus banhos com telas durante as abluções: achava-se que o olhar de Deus seria desviado das formas femininas despidas por um expediente tão modesto, mas se esquecia que ele supostamente podia "ver" tudo, em qualquer lugar, a qualquer momento, graças à sua onisciência e onipresença, e ainda mais que ele sem dúvida podia "ver" através das paredes e dos tetos do convento antes de ser perturbado pelo escudo de tela. Supõe-se que as freiras na verdade estavam sendo impedidas de olhar para os próprios corpos, ou para os corpos umas das outras.)

Como quer que fosse, Aquino depois descobriu que Deus realmente tinha feito uma boa revisão em seu tratado tendo sido o único autor a alegar tal distinção — e foi descoberto por monges e noviços espantados levitando em estado de graça pelo interior da catedral. Que bom que tivemos testemunhas oculares desse acontecimento.

Em certo dia da primavera de 2006, o presidente Ahmadinejad do Irã, acompanhado de seu gabinete, seguiu em procissão até um poço situado entre a capital Teerã e a cidade sagrada de Qum. Seria o local onde o 12º ou "oculto", ou "escondido" imã teria se refugiado no ano de 873, aos 5 anos de idade, para nunca mais ser visto até seu reaparecimento há muito aguardado e implorado chocar e redimir o mundo. Ao chegar, Ahmadinejad tomou um rolo de papel e o colocou na abertura, como para atualizar o oculto do progresso do Irã na fissão termonuclear e no enriquecimento de urânio. Seria de pensar que o imã poderia se manter a par desses acontecimentos onde quer que estivesse, mas de alguma forma tinha de ser no poço que funcionava como caixa postal. Seria de acrescentar que o presidente Ahmadinejad tinha pouco antes retornado das Nações Unidas, onde fizera um discurso que teve ampla cobertura no rádio e na televisão, além de ser acompanhado por uma grande plateia "ao vivo". Ao retornar ao Irã, porém, ele disse a seus partidários que tinha sido inundado por uma clara luz verde — sendo essa a cor preferida do islamismo — durante todas as suas observações, e que as emanações dessa luz divina tinham mantido todos na Assembleia Geral silenciosos e imóveis. Por mais particular que fosse esse fenômeno — aparentemente apenas ele teria sentido isso —, Ahmadinejad o considerou como mais um sinal da volta iminente do 12º imã, para não falar em um endosso à sua ambição de ver a República Islâmica do Irã, por mais afundada que estivesse em miséria, repressão, estagnação e corrupção, ainda assim uma potência nuclear. Mas, como Aquino, ele não confiava que o 12º, "ou oculto" imã fosse capaz de examinar um documento até ele ser colocado, como foi, bem em

frente a ele.

Tendo visto muitas cerimônias e procissões xiitas, não fiquei surpreso de saber que elas tinham sido em parte copiadas, na forma e na liturgia, do catolicismo. Doze irmãs, um dos quais atualmente "oculto" esperando reaparecimento ou despertar. Um culto frenético de martírio, especialmente em relação à morte agonizante de Hussein, que foi abandonado e traído nas planícies áridas e amargas de Karbala. Procissões de flagelantes e automortificantes, afogados de dor e culpa pela forma como seu líder sacrificado tinha sido abandonado. O feriado masoquista xiita de Ashura tem fortes semelhanças com a Semana Santa, na qual são usados capuzes, hábitos, cruzes e tochas nas ruas da Espanha. Mais uma vez fica comprovado que a religião monoteísta é plágio de um plágio de um ouvir dizer de um ouvir dizer, de uma ilusão de uma ilusão, que retrocede até a falsificação de alguns não-acontecimentos.

Outra forma de apresentar isso é dizer que, enquanto eu escrevo, uma versão da Inquisição está prestes a colocar as mãos em armas nucleares. Sob o ignorante mando da religião, a grande, inventiva e sofisticada civilização da Pérsia tem perdido ritmo de forma constante. Seus escritores, artistas e intelectuais estão principalmente no exílio ou imobilizados pela censura; suas mulheres são escravas e presas sexuais; seus jovens são basicamente semialfabetizados e desempregados. Após 25 anos de teocracia, o Irã ainda exporta as mesmas coisas que exportava quando os teocratas tomaram o poder — pistache e tapetes. A modernidade e a tecnologia passaram longe, salvo pela conquista da nuclearização.

Isso coloca o conflito entre fé e civilização em um novo estágio. Até um tempo ativamente recente, aqueles que seguiam o caminho clerical pagavam um preço alto por isso. Suas sociedades entravam em decadência, suas economias entravam em recessão, seus melhores cérebros eram desperdiçados ou partiam, e eles paulatinamente eram superados por sociedades que tinham aprendido a controlar e refrear o impulso religioso. Um país como o Afeganistão simplesmente apodrece. Como se já não fosse ruim o bastante, tudo piorou em 11 de setembro de 2001, quando foi dada do Afeganistão a ordem de incorporar duas famosas conquistas da modernidade — o prédio alto e o avião a jato — e usá-las para a imolação e o sacrifício humano. O estágio seguinte, anunciado muito claramente em sermões histéricos, será o momento em que niilistas apocalípticos se encontrarem com o arsenal do Armagedom. Fanáticos baseados na fé não conseguem projetar nada tão útil ou belo quando um arranha-céu ou uma aeronave de passageiros. Mas, dando continuidade a sua longa história de

plágios, podem tomar emprestadas ou roubar essas coisas e utilizá-las como uma negação.

Este livro tem falado sobre a mais velha discussão da história humana, e quase todas as semanas que eu passei escrevendo fui obrigado a interromper e participar da discussão, que continuava. Essas discussões costumam assumir formas feias. Eu não estava levantando da mesa para participar de um debate com algum velho jesuíta habilidoso em Georgetown, e sim correndo para demonstrar solidariedade na embaixada da Dinamarca, um pequeno país democrático do norte da Europa cujas outras embaixadas estavam soltando fumaça por causa do aparecimento de algumas caricaturas em um jornal de Copenhague. Este último confronto foi particularmente deprimente. Multidões islâmicas estavam violando a imunidade diplomática e proferindo ameaças de morte contra civis, mas a resposta de Sua Santidade o papa e do arcebispo de Canterbury era condenar... as charges! Em minha própria profissão houve uma corrida para descobrir quem conseguia capitular primeiro, fazendo reportagens sobre as imagens questionadas sem na verdade apresentá-las. E isso em uma época em que os meios de comunicação de massa se tornaram quase exclusivamente orientados para a imagem. Foram feitos comentários eufemistas sobre a necessidade de demonstrar "respeito" mas eu conheço um bom número dos editores envolvidos e sei que o principal motivo para a "contenção" era simplesmente medo. Em outras palavras, um punhado de desordeiros e falastrões religiosos podia, por assim disser, anular a tradição de livre expressão em sua terra natal ocidental. E ainda por cima em 2006! Ao motivo ignóbil do medo é preciso acrescentar a prática moralmente preguiçosa do relativismo: nenhum grupo de pessoas não-religiosas ameaçando praticar e praticando violência teria conseguido uma vitória tão fácil, ou recebido de graça suas desculpas — não que eles tenham oferecido as suas próprias.

Depois, mais uma vez, outro dia, a pessoa abre o jornal e lê que o maior estudo já feito sobre a oração revelara mais uma vez que não há relação de qualquer tipo entre oração "por intercessão" e a recuperação dos pacientes. (Bem, talvez *alguma* correlação: pacientes que sabem que estão sendo feitas orações por eles tem mais complicações pós-operatórias que aqueles que não sabem, embora eu não vá dizer que isso prove algo.) Em algum outro lugar, um grupo de cientistas dedicados a pacientes tinha localizado, em uma região remota do ártico canadense, vários esqueletos de grandes peixes que, há 375 milhões de anos, apresentavam as características precursoras de dedos, protopulsos, cotovelos e ombros. O tiktaalik, batizado por sugestão do povo nunavut local, se junta ao

arqueópterix, uma forma de transição entre os dinossauros e as aves, como um dos chamados elos perdidos há muito procurados que nos ajudam a aprender sobre nossa verdadeira natureza. Enquanto isso, os roufenhos defensores do "projeto inteligente" estarão montando o cerco a mais uma diretoria de escola, exigindo que lixo seja ensinado às crianças. Na minha cabeça, esses acontecimentos opostos começam a assumir as características de uma corrida: um pequeno passo à frente por parte do conhecimento e da razão; um enorme avanço ameaçador das forças da barbárie — as pessoas que *sabem* que estão certas e que desejam implantar, como certa vez formulou Robert Lowell em outro contexto, "um reino de piedade e ferro."

A religião até mesmo exibe um ramo especial de si mesma, dedicado ao estudo do fim. Ele chama a si própria de "escatologia" e remói incessantemente a dissolução das coisas terrenas. Esse culto à morte se recusa a perder força, embora tenhamos todas as razões para pensar que as "coisas terrenas" são tudo o que temos ou que iremos ter. Mas em nossas mãos e ao alcance dos olhos há todo um universo de descoberta e esclarecimento, que é em si um prazer de estudar, que dá à pessoa mediana acesso a conhecimentos que nem mesmo Darwin e Einstein tinham e oferece a promessa de avanços quase milagrosos na cura, na energia e no intercâmbio pacífico entre diferentes culturas. Mas milhões de pessoas em todas as sociedades ainda preferem os mitos da caverna, a tribo e o sacrifício de sangue. O falecido Stephen Jay Gould escreveu deforma generosa que a ciência e a religião pertencem a "magistérios não coincidentes". Eles certamente não são coincidentes, mas isso não significa que não sejam antagônicos.

A religião não tem mais justificativas. Graças ao telescópio e ao microscópio, ela já não oferece uma explicação que tenha qualquer importância. Se ela um dia foi capaz, por seu completo controle de uma visão de mundo, de *impedir* o surgimento de rivais, hoje só pode perturbar e retardar — ou tentar reverter — os consideráveis avanços que fizemos. Algumas vezes, é verdade, ela capciosamente os aceita. Mas isso é para oferecer a ela mesma a opção entre irrelevância e obstrução, impotência e reação imediata, e, dada essa escolha, ela é programada para ficar com a pior das duas. Enquanto isso, confrontada com visões nunca sonhadas de nosso próprio córtex em evolução, dos mais distantes recessos do universo conhecido e das proteínas e dos ácidos que compõem nossa natureza, a religião oferece a aniquilação em nome de Deus ou a falsa promessa de que se passarmos uma faca em nossos prepúcios, orarmos na direção certa ou ingerirmos pedaços de hóstia, seremos "salvos". É como se alguém, recebendo a

oferta de uma fruta deliciosa e perfumada fora da estação, amadurecida em uma estufa dolorosa e amorosamente projetada, jogasse fora a pele e a carne e soturnamente roesse o caroço.

Acima de tudo, estamos necessitados de um Iluminismo renovado, que se baseie na proposição de que o devido objeto de estudo da humanidade é o homem — e a mulher. Esse Iluminismo não precisará depender, como seus antecessores, das descobertas heroicas de algumas poucas pessoas bem-dotadas e excepcionalmente corajosas. Ele está ao alcance da pessoa comum. O estudo de literatura e poesia, pelo seu valor intrínseco e pelas eternas questões éticas com as quais ambas lidam, hoje pode facilmente destronar o escrutínio de textos sagrados, que se revelaram corrompidos e falsificados. A busca de investigações científicas ilimitadas e a disponibilidade de novas descobertas para multidões de pessoas por meios eletrônicos simples irão revolucionar nossos conceitos de pesquisa e desenvolvimento. O que é muito importante, o divórcio entre a vida sexual e o medo, entre vida sexual e doença, entre vida sexual e tirania, pode ser pelo menos tentado, com a única condição de que eliminemos todas as religiões do discurso. E tudo isso, e mais, está, pela primeira vez em nossa história, ao alcance ou nas mãos de todos.

Porém, só o utópico mais ingênuo pode acreditar que essa nova civilização humana irá se desenvolver, como algum sonho de "progresso", em linha reta. Precisamos inicialmente transcender nossa pré-história e escapar das mãos enodoadas que tentam nos alcançar e nos arrastar de volta para as catacumbas, os altares ensanguentados e os prazeres culpados da sujeição e da abjeção. "Conhece a si mesmo", disseram os gregos, gentilmente sugerindo os consolos da filosofia. Para limpar a cabeça para esse projeto, tornou-se necessário conhecer o inimigo, e se preparar para combatê-lo.

Referências bibliográficas

2. A religião mata

[p. 24] Madre Teresa foi entrevistada por Daphne Barak, e seus comentários sobre a princesa Diana podem ser encontrados no *Ladies Home Journal*, abril de 1996.

[p. 30] Os detalhes do assassinato de Yusra al-Azami em Belém podem ser encontrados em "Gaza Taliban?", editorial, *New Humanist* 121:1 (janeiro de 2006), http://www.newhumanist.org.uk/937. Ver também Isabel Kershner, "The Sheikh's Revenge", Jerusalem Report, 20 de março de 2006.

[p. 33] Para a carta de Abu Musab al-Zarqawi a Osama bin Laden, ver http://www.state.gov/p/nea/rls/31694.htm.

[p. 39] Para a história dos cadetes "renascidos" da Academia da Força Aérea e de Melinda Morton, ver Faye Fiore e Mark Mazzetti, "School's Religious Intolerance Misguided, Pentagon Reports", *Los Angeles Times*, 23 de junho de 2005, p. 10; Laurie Goodstein, "Air Force Academy Staff Found Promoting Religion", *New York Times*, 23 de junho de 2005, p. A12 David Van Biema, "Whose God is Their Co-Pilot", *Time*, 27 de junho de 2005, p. 61; e Força Aérea dos Estados Unidos, "*The Report of the Headquarters Review Group Concerning the Religious Climate at the US, Air Force Academy*, 22 de junho de 2005, http://www.afemil/pdf/HQ_Review_Group_Report.pdf.

[p. 40] Para James Madison sobre a constitucionalidade do *establishment* religioso no governo ou no funcionalismo público, ver Lenni Brener, "God's Bomber Pilots-in-Training", *CounterPunch*, 7 de junho de 2005, http://www.counterpunch.org/brenner06072005.html.

[p. 41] Para Charles Stanley e Tim LaHaye, ver Charles Marsh, "Wayward Christian Soldiers", *The New York Times*, 20 de janeiro de 2006.

4.Uma nota sobre a saúde, à qual a religião pode ser prejudicial

[p. 51] Para o sermão do bispo Cifuentes, ver a produção da BBC-TV *Panorama*, exibida em 27 de junho de 2004.

[p. 51] A citação de *Foreign Policy* foi extraída de Laura M. Kelley e Nicholas Eberstadt, "The Muslim Face of AIDS", *Foreign Policy*, julho/agosto de 2005, http://www.foreignpolicy.com/story/cms.php?story_id=3081.

[p. 52] Para a crítica de Daniel Dennett à religião, ver seu *Quebrando o encanto: A religião como fenômeno natural* (Porto Alegre: Globo, 2006).

[p. 62] Para a citação de Tim LaHaye e Jerry B. Jenkins, ver seu Glorious Appearing: The End of Days (Wheaton, Il.: Tyndale House, 2004), pp. 250, 260. Edição brasileira: *O final dos tempos: Glorioso retorno* (São Paulo: Abba Press, 2004).

[p. 64] Os comentários de Pervez Hoodbhoy sobre os testes nucleares paquistaneses podem ser encontrados em *Free Inquiry*, primavera de 2002.

5. As alegações metafísicas da religião são falsas

[p. 72]E. P. Thompson, *The Making of the English working Class* (Nova York: Vintage, 1966), p. 12. Edição brasileira: *A formação da classe operária inglesa, vol. I* (São Paulo: Paz e Terra, 1997).

[p. 74] Os comentários do padre Coplestone foram extraídos de seu *History of Philosophy, vol. III* (Kent: Search Press, 1953).

6. Argumentos do projeto

[p. 84] Sobre a evolução do olho e por que ele contesta o projeto inteligente, ver Michael Shermer, *Why Darwin Matters: The Case Against Intelligent Design* (Nova York: Times Books, 2006), p. 17. O grifo é do original. Ver também *Climbing Mount Improbable*, de Richard Dawkins (Nova York: W W Norton, 1996), pp. 138-197. Edição brasileira: *A escalada do monte improvável* (São Paulo: Companhia da Letras, 1998).

[p. 89]. Para o estudo da Universidade do Oregon sobre "complexidade irredutível", ver Jamie T. Bridgham, Sean M. Carrol e Joseph W. Thornton, "Evolution of Hormone Receptor Complexity by Molecular Exploitation", *Science* 312:5770 (07 de abril de 2006), pp. 97-101.

[p. 95] Para a citação de Stephen Jay Gould sobre o folhelho Burgess, ver seu *Wonderful Life: The Burgess Shale and the Nature of History* (Nova York: W. W. Norton, 1989), p, 323. Edição brasileira: *Vida maravilhosa: O acaso na evolução e a natureza da história* (São Paulo: Companhia das Letras, 1990).

[p. 96] Para o estudo da Universidade de Chicago sobre o genoma humano, ver Nicholas Wade, "Still Evolving, Human Genes Tells New Story", *The New York Times*, de março de 2006.

[p. 97] A declaração de Voltaire — *Si Dieu n'existait pas, il faudrait l'inventer* — foi retirada de seu "A Fauteur du livre de trois imposteurs", *Epitres*, nº 97 (1770).

[p. 98] A observação de Sam Harris sobre Jesus ter nascido de uma virgem pode ser encontrada em seu *The End of Faith: Religion, Terror and the Future of Reason* (Nova York: W. W. Norton, 2005). Edição portuguesa: *O fim da fé: Religião, terrorismo e o futuro da razão* (Lisboa: Tinta da China, 2007).

7. Revelação: o pesadelo do "Velho" Testamento

[p. 104] Para o trabalho de Finkelstein e Asherman, ver Israel Finkelstein e Neil Asher Silbennan, *A Bíblia não tinha razão* (São Paulo: A girafa, 2003).

[p. 104] Para Sigmund Freud sobre a deficiência incurável da religião, ver *O*

futuro de uma ilusão (Rio de Janeiro: Imago, 1997).

[p. 106] A citação de Tom Paine foi extraída de *The Age of Reason, in* Eric Foner, org., *Collected Wrilings* (Library of America, 1995).

8. O "Novo" Testamento supera a maldade do "Velho"

[p. 110] Para a avaliação do Novo Testamento por H. L. Mencken, ver seu *Treatise on the Gods* (Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1997), p. 176.

[p. 119] Para a citação de C. S. Lewis que começa com "Assim, a não ser que quem fala seja Deus", ver seu *Mere Christianity* (Nova York: HarperCollins, 2001), pp. 51-52. Edição brasileira: *Cristianismo puro e simples* (São Paulo: Martins Fontes, 2005).

[p. 120] Para a citação de C. S. Lewis que começa com "Essa é uma coisa que não podemos dizer", ver *Mere Christianity*, p. 52. Para a citação que começa com "A mim parece óbvio", ver p. 53.

[p. 121] Para Bart Ehrman, ver seu *O que Jesus disse? O que Jesus não disse? Quem mudou a Bíblia e por quê* (São Paulo: Prestigio, 2006).

9. O Corão parte dos mitos judaicos e cristãos

[pp. 124-125] Para o motivo pelo qual os muçulmanos recitam o Corão no árabe original, ver Ziauddin Sardar e Zafar Abbas Malik, *Introducing Mohammed* (Totem Books 1924).

[p. 129] A citação de Karen Armstrong foi extraída de seu *Islam: A Short History* (Nova York: Modem Library, 2000), p. 10. Edição brasileira: *O Islã* (Rio de Janeiro: Objetiva, 2001).

10. O falso brilho dos milagres e o declínio do inferno

[pp. 144-145] As histórias sobre Malcolm Muggeridge e Ken Macmillan em relação a Madre Teresa estão presentes em meu *Missionary Position: Mother Teresa in Theory and Practice* (Verso, 1995), pp. 25-26.

[p. 146] A informação sobre o tumor e a recuperação de Monica Besra foi extraída de Aroup Chattedee, *Mother Teresa: The Final Veredict* (Calcutá: Meteor Books, 2003), pp. 403-406.

11. A marca de sua origem inferior: o começo corrompido da religião

[p. 162] O "clorofórmio impresso" de Mark Twain foi extraído de seu *Roughing It* (Nova York: Signet Classics, 1994), p. 102.

[p. 162] Sobre a possível utilidade da religião para curar doenças, ver Daniel Dennett, *Quebrando o encanto: A religião como fenômeno natural*(Porto Alegre: Globo, 2006).

[p. 163] Para *O ramo de ouro*, de *sir* James George Frazer, ver http://www.bartleby.com/196/.

12. Coda: como as religiões acabam

[p. 167] Para a história de Sabbatai Sevi, ver John Freely, *The Last Messiah* (Nova York: Viking Penguin, 2001). Edição brasileira: *O Messias perdido: em busca de Sabbatai Sevi* (Rio de Janeiro: Imago, 2002).

13. A religião faz as pessoas se comportarem melhor?

[p. 175] A informação sobre William Lloyd Garrison pode ser encontrada em sua carta ao rev. Samuel J. May, 17 de julho de 1845, em Walter M. Merrill, ed., *The Letters of William Lloyd Garrison* (1973) 3:303, e em *The Liberator*, 6 de maio de 1842.

[p. 176] A informação sobre Lincoln foi extraída de Susan Jacoby, *Freethinkers: A History of American Secularism* (Nova York: Metropolitan Book, 2004), p 118.

[p. 179] A bárbara justificativa do embaixador Abdrahaman para a escravidão está presente em meu *Thomas Jefferson: Author of America* (Nova York: HarperCollins, 2003), p. 128.

[p. 188] O material sobre o genocídio de Ruanda foi extraído principalmente de Philip Gourevitch, *We Wish to Inform You That Tomorrow We Will Be Killed with Our Families: Stories from Rwanda* (Nova York: Farrar, Straus and Giroux, 1998), pp. 69-141. Edição brasileira: *Gostaríamos de informá-lo de que amanhã seremos mortos com nossas famílias* (São Paulo: Companhia das Letras, 2000).

14. Não há uma solução "oriental"

[p. 198] A filosofia de "Gudo" e a declaração Nichiren foram extraídas de Brian Victoria, *Zen at War* (Weatherhill, 1997), pp. 41 e 84, respectivamente; as proclamações budistas japonesas do tempo da guerra são das pp. 86-87.

16. Religião é abuso infantil?

[p. 216] Mary McCarthy, *Memórias de uma menina católica* (são Paulo: Companhia das Letras, 1987).

[p. 217] O modelo de "destruição criativa" de Joseph Schumpeter pode ser encontrado em seu *Capitalism, Socialism, and Democracy* (Londres: George Allen & Unwin, 1976), pp. 81-86. Edição brasileira: *Capitalismo, socialismo e democracia* (Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1984).

[pp. 220-221] Para Maimônides sobre a circuncisão, ver Leonard B. Glick, *Marked our Flesh: Circuncision from Ancient Judea to Modern America* (Nova York: Oxford University Press, 2005), pp. 64-66 [grifo meu].

17. Uma objeção antecipada: o "argumento" desesperado contra o secularismo

[p. 232] Sobre o endosso do Vaticano à Alemanha nazista, ver John Cornwel I, *O papa de Hitler* (Rio de Janeiro: Imago, 2000).

[pp. 236-237] Sobre o retrato equivocado de Einstein, ver William Waterhouse, "Misquoting Einstein", em *Skeptic*, vol. 12, nº 3, pp. 60-61.

[p. 244] Para o darwinismo social de H. L. Mencken, ver seu *Treatise on the Gods* (Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1997), p. 176.

[pp. 244-245] Hannah Arendt, *Origens do totalitarismo*. (São Paulo Companhia das Letras, 1989).

18.Uma tradição melhor: a resistência do racional

[p.256] A afirmação de Einstein sobre "o deus de Spinoza" pode ser encontrada em Jennifer Michael Hecht, *Doubt: A History* (Nova York: HarperCollins, 2003), p. 447. Edição brasileira: *Dúvida: Uma história* (Rio de Janeiro: Ediouro, 2005).

Ver também Ronald W. Clark, *Einstein: The Life and Times* (Nova York: Avon, 1984), p.502.

[P. 256] A citação de Heinrich Heine pode ser encontrada em Jennifer Michael Hecht, *Doubt: A History*, p. 376. Ver também Heine citado na introdução de Joseph Ratner a *The Philosophy of Spinoza: Selections from His Works* (Nova York: Modern Library, 1927).

[p. 257] A informação sobre Pierre Bayle pode ser encontrada em Ruth Whelan, "Bayle, Pierre", em Tom Flynn, ed., *The New Encyclopedia of Unbelief* (Amherst, NY: Prometeus Books, 2006).

[p. 259] A citação de Matteo de Vincenti pode ser encontrada em Jennifer Michael Hecht, *Doubt A History*, p. 287. Ver também Nicholas Davidson, "Unbelief and Atheism in Italy, 1500-1700", em Michael Hunter e David Wootton, eds., *Atheism from the Reformation to the Enlightenment* (Oxford, UK: Clarendon 1992), p. 63.

[p. 259] A citação de Benjamin Franklin sobre o para-raios pode ser encontrada em *The Autobiography and Other WritingsM;*; (Nova York: Penguin, 1986), p. 213. Edição brasileira: *Autobiografia* (Rio de Janeiro: Ediouro, 1990).

[p. 260] A citação de Hume pode ser encontrada em Jennifer Michael Hecht, *Doubt: A History*, p. 351.

[p. 262] A informação sobre Paine e sua visão da religião foi extraída de Jennifer Michael Hecht, *Doubt: A History*, pp. 356-57.

[p. 264] A citação de Albert Einstein que começa com "Foi, claro, uma mentira" pode ser encontrada em Jennifer Michael Hecht, *Doubt: A History*, p. 447. Ver também Helen Dukas e Banesh Hofman, eds., *Albert Einstein, The Human Side: New Glimpses from His Archives* (Princeton, NJ: Princeton University Press, 1979), p. 43. A citação que começa com "Eu não acredito na imortalidade do indivíduo" pode ser encontrada em Hecht, *Doubt: A History*, p. 447. Ver também Dukas e Hoffman, *Albert Einstein, The Human Side*, p.39.

19. Para concluir: a necessidade de um novo iluminismo

[p. 274] Para a citação de Robert Lowell, ver Walter Kim, "The Passion of Robert Lowell", *The New York Passion Times*, 26 de junho de 2005.



Christopher Hitchens nasceu em 1949 em Portsmouth, na Inglaterra, e viveu por quase três décadas em Washington D.C. onde morreu em 2011. Foi educado em Cambridge e Oxford e iniciou na década de 1970 uma brilhante carreira de jornalista. Escreveu para uma variedade de publicações incluindo a Vanity Fair, The Nation, Harper's, Slate, The Atlantic e The New Yorker. Entre seus livros estão: *O Julgamento de Kissinger; Thomas Paine's "Rights of Man"; A Vitória de Orwell; Amor, pobreza e guerra;* e *Hitch-22*.

Título original
God is not Great

Copyright © Christopher Hitchens, 2006

Copyright da tradução © Ediouro Publicações S.A., 2007

Publicado em concordância com o autor / Baror Internacional, INC., Armonk, Nova York, Estados Unidos.

Capa
Rafael Saraiva

Revisão
Taís Monteiro

Produção editorial
Juliana Romeiro

ISBN 978-85-00-02231-9

Todos os direitos desta edição reservados à
Ediouro Publicações S.A.
Rua Nova Jerusalém, 345 - Bonsucesso
Rio de Janeiro - RJ - CEP 21042-235
Telefone: (21) 3882-8200
Fax: (21) 3882-8212/3882-8313
www.ediouro.com.br